

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E TECNOLOGIA**

**GISELI FREGOLENTE PATRINHANI**

**CONTEÚDOS MIDIÁTICOS DAS OLIMPÍADAS E PARALIMPÍADAS RIO 2016:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁXIS PEDAGÓGICA DIALÓGICA NA EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR**

Bauru  
2018

**GISELI FREGOLENTE PATRINHANI**

**CONTEÚDOS MUDIÁTICOS DAS OLIMPÍADAS E PARALIMPÍADAS RIO 2016:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁXIS PEDAGÓGICA DIALÓGICA NA EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em Mídia e Tecnologia sob a orientação da Profa. Dra. Maria da Graça Mello Magnoni.

**BAURU  
2018**

Patrinhani, Giseli Fregolente.

Conteúdos midiáticos das olimpíadas e paralimpíadas Rio 2016: contribuições para a práxis pedagógica dialógica na educação física escolar / Giseli Fregolente Patrinhani, 2018

257 f.

Orientadora: Maria da Graça Mello Magnoni

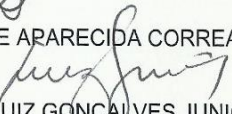
Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2018

1. Mídia. 2. Tecnologia. 3. Pedagogia dialógica. 4. Educação Física Escolar. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE GISELI FREGOLENTE PATRINHANI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E TECNOLOGIA, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.**

Aos 19 dias do mês de março do ano de 2018, às 08:00 horas, no(a) Sala de Reuniões da Seção Técnica de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profª. Drª. MARIA DA GRACA MELLO MAGNONI - Orientador(a) do(a) Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da FAAC/Unesp/Bauru / Universidade Estadual Paulista , Profa. Dra. DENISE APARECIDA CORREA do(a) Departamento de Educação Física / Câmpus de Bauru, Professor Doutor LUIZ GONÇALVES JUNIOR do(a) Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de GISELI FREGOLENTE PATRINHANI, intitulada **CONTEÚDOS MIDIÁTICOS DAS OLIMPÍADAS E PARALIMPÍADAS RIO 2016: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁXIS PEDAGÓGICA DIALÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

  
Profª. Drª. MARIA DA GRACA MELLO MAGNONI

  
Profa. Dra. DENISE APARECIDA CORREA

  
Professor Doutor LUIZ GONÇALVES JUNIOR

Dedico a conclusão desta etapa a três pessoas que se foram ao longo desse meu percurso no mestrado, minha avó Rosa Primo, meu pai José Fregolente e minha cunhada Gabriela Petricio.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Maria da Graça Mello Magnoni, pela sua disposição, atenção, paciência, incentivo e confiança. Muito obrigada por ter me escolhido para ser sua orientanda e compartilhar de suas experiências.

Aos meus familiares e amigos, por serem os responsáveis por eu chegar até aqui, sempre me incentivando e auxiliando, principalmente meu marido Leandro Patrinhani, minha filha Ana Flavia, minha mãe Claudionice Primo, meu padrasto Adilson Pauloci, meu irmão Fernando Pauloci, minha irmã de coração Fabiana Fortuna Contarini. Me desculpem pelas ausências nesse período de formação acadêmica.

Aos professores e meus colegas de turma do PPGMiT que compartilharam comigo essa experiência acadêmica, especialmente a Elizabeth Rossi de Grande, muito obrigada pela parceria.

A equipe da Seção Técnica da Pós-graduação da FAAC, especialmente Helder Cavalcanti do Carmo, Helder Gelonezi e Silvio Carlos Decimone.

A Profa. Dra. Denise Aparecida Corrêa, por ter me proporcionado a oportunidade de ter o primeiro contato com a Pedagogia Dialógica de Paulo Freire.

Ao Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Junior, que conhece e acompanha toda a minha trajetória desde a graduação em Educação Física. Muito obrigada!

A todos os meus amigos e companheiros de trabalho e de luta por uma educação pública de qualidade, especialmente o Rodrigo Cordeiro Camilo, Alexandre Freitas e Danielle Twerznik Camargo. Obrigada pelos diálogos, pela troca de experiências, por estarem sempre presentes.

Aos meus alunos, sem eles este trabalho não existiria.

A todos os professores que tive, por tudo o que me ensinaram, por darem o máximo de si e levarem um pouco de nós.

Aos professores que fizeram parte da minha banca de qualificação e defesa (Prof. Dr. Marcos Américo, Prof. Dr. Denis Porto Renó, Profa. Dra. Denise Ap. Corrêa e Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior) pelas importantes considerações e contribuições para a finalização desse trabalho.

“Na medida em que, implicando em todo este esforço de reflexão do homem sobre si e sobre o mundo em que e com que está, o faz descobrir que o mundo é seu também, que o seu trabalho não é a pena que paga por ser homem, mas um modo de amar – e ajudar o mundo a ser melhor.” (FREIRE, 2000, p. 150)

PATRINHANI, G. F. **Conteúdos midiáticos das Olimpíadas e Paralimpíadas Rio 2016**: contribuições para a práxis pedagógica dialógica na educação física escolar, 2018, 257 f. Trabalho de conclusão (Mestrado em Mídia e Tecnologia) - FAAC - UNESP, sob a orientação da Profa. Dra. Maria da Graça Mello Magnoni, Bauru, 2018.

## **RESUMO**

Os diferentes meios de comunicação veiculam inúmeras notícias que permeiam o cotidiano dos jovens e, não raro, presenciamos no cotidiano escolar comentários e discussões sobre variadas notícias. Pensando a escola como instituição que deve garantir a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado, à ciência e o necessário interesse e envolvimento dos educandos no próprio processo educativo, o cotidiano, o conhecimento empírico, factual e a aparência foram considerados e tratados como ponto de partida para a reflexão aprofundada do contexto e da leitura que fazem os educandos acerca dos fatos e das situações apresentadas pelas mídias. Tomando o “mundo” e a “leitura do mundo” realizadas pelos educandos a partir dos discursos midiaticamente construídos e propagados, planejamos e desenvolvemos uma prática pedagógica na Educação Física escolar voltada à elaboração do pensamento crítico e autônomo. Na intenção de favorecer processos de ensino e aprendizagem significativos, buscamos refletir e fundamentar uma prática pedagógica inspirada na Pedagogia Dialógica de Paulo Freire, na intenção de provocar uma criticidade nos jovens diante das mensagens disponibilizadas, impostas pela mídia, analisando mensagens midiáticas e provocando questionamentos cotidianamente através das aulas de Educação Física e de relatar as experiências de ensinar e de aprender Educação Física na escola através de recursos midiáticos e tecnológicos, pautadas em uma prática pedagógica dialogada. A pesquisa bibliográfica foi constante e possibilitou a base teórica para a intervenção, desenvolvida no cotidiano das aulas de Educação Física, caracterizando a metodologia da pesquisa participante realizada numa Escola Estadual de Bauru/SP, utilizando-se das produções midiáticas veiculadas durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Os diários de aula constituíram-se instrumentos de coleta de dados e de pesquisa. A intenção do presente estudo é contribuir para o debate sobre a atuação docente frente aos recursos midiáticos e tecnológicos, situação que tem se constituído desafio para a educação escolar.

**Palavras-Chave:** Mídia. Tecnologia. Pedagogia dialógica. Educação Física escolar.



PATRINHANI, G. F. **Conteúdos midiáticos das Olimpíadas e Paralimpíadas Rio 2016**: contribuições para a práxis pedagógica dialógica na educação física escolar, 2018, 257 f. Trabalho de conclusão (Mestrado em Mídia e Tecnologia) - FAAC - UNESP, sob a orientação da Profa. Dra. Maria da Graça Mello Magnoni, Bauru, 2018.

## **ABSTRACT**

The different media convey numerous news that permeate the daily lives of young people and, often, we witness in the school everyday comments and discussions on various news. Thinking about the school as an institution that must guarantee the acquisition of the instruments that allow access to elaborate knowledge, science and the necessary interest and involvement of learners in the educational process itself, daily life, empirical, factual knowledge and appearance were considered and treated as a starting point for the in-depth reflection of the context and the reading of the students about the facts and situations presented by the media. Taking the "world" and the "reading of the world" carried out by the students from the mediatically constructed and propagated discourses, we plan and develop a pedagogical practice in School Physical Education aimed at the elaboration of critical and autonomous thinking. In an attempt to favor meaningful teaching and learning processes, we seek to reflect and to base a pedagogical practice inspired by Paulo Freire's Dialogical Pedagogy, with the intention of provoking a criticality in the youths in the face of the messages made available by the media, analyzing media messages and provoking daily questions through the Physical Education classes and to report the experiences of teaching and learning Physical Education in the school through media and technological resources, based on a pedagogical practice. The bibliographic research was constant and allowed the theoretical basis for the intervention, developed in the daily Physical Education classes, characterizing the methodology of the participant research carried out in a State School of Bauru / SP, using the media productions transmitted during the Olympic Games and Paralympic Games Rio 2016. Classroom diaries were used as instruments for data collection and research. The intention of the present study is to contribute to the debate about the teaching performance in relation to the media and technological resources, a situation that has become a challenge for school education.

**Keywords:** Media. Technology. Dialogical pedagogy. School Physical Education.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Pesquisa na sala de informática da escola	96
<b>Figura 02</b> – Vivências de modalidades esportivas paralímpicas	97
<b>Figura 03</b> – Organização e execução dos eventos	101
<b>Figura 04</b> – Organização gráfica das categorias de análise	103
<b>Figura 05</b> – Educandos vestindo as camisas confeccionadas especialmente para o evento interclasses na escola	125
<b>Figura 06</b> – Cartaz confeccionado por educandos	136

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> – Recursos utilizados nas aulas	105
<b>Quadro 02</b> – Temas que emergiram nas rodas de conversa	111

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATPC	Atividade de Trabalho Pedagógico Coletivo
DE	Diretoria de Ensino
EF	Educação Física
FAAC	Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
LDB	Lei de diretrizes e bases da Educação
NIC.br	Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR
ONG	Organização não-governamental
PPGMiT	Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia
PPP	Projeto Político Pedagógico
SA	Situação de Aprendizagem
SARESP	Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
SEE/SP	Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
SESC	Serviço Social do Comércio
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
WEB	World Wide Web

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	13
<b>CAPÍTULO 1 CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO</b>	17
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	17
<b>1.1 Justificativa</b>	18
<b>1.2 Objetivo geral</b>	19
1.2.1 <i>Objetivos específicos</i>	19
<b>1.3 Estrutura do trabalho</b>	19
<b>CAPÍTULO 2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	21
<b>2 EM BUSCA DA PRÁXIS PEDAGÓGICA DIALÓGICA</b>	21
<b>2.1 A natureza e a especificidade da Educação</b>	21
2.1.1 <i>A Educação Física escolar</i>	32
2.1.2 <i>O currículo oficial do Estado de São Paulo</i>	43
<b>2.2 Mídia: a produção do espetáculo, dos signos e do imaginário</b>	47
2.2.1 <i>As funções pedagógicas da mídia</i>	52
2.2.2 <i>Educar para os meios – da hipnose à reflexão crítica</i>	54
2.2.3 <i>A mídia e a Educação Física</i>	56
<b>2.3 A desmitificação da tecnologia</b>	62
2.3.1 <i>A tecnologia em Paulo Freire</i>	64
2.3.2 <i>O conceito ideológico de “era tecnológica” como expressão de dominação</i>	66
2.3.3 <i>Tecnologias digitais na escola: tecnologia para a emancipação x tecnologia para consumo</i>	70
<b>2.4 Educação, Mídia e Tecnologia – a relação necessária</b>	73
<b>CAPÍTULO 3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA</b>	84
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	84
<b>3.1 O conteúdo da educação e as condições materiais e existenciais das massas populares</b>	86
<b>3.2 A prática social como ponto de partida para a emancipação: as rodas de conversa e os diários de aula como recursos metodológicos</b>	89
<b>3.3 Definição do local e participantes</b>	91
<b>3.4 Coleta de dados</b>	93
<b>3.5 A intervenção</b>	93
<b>3.6 Procedimento de análise</b>	102
<b>3.7 Resultados e discussões</b>	104
3.7.1 <i>Possibilidades</i>	104
3.7.1.1 <i>Amparo da TIC</i>	104
3.7.1.2 <i>Viabilização de temas</i>	110
3.7.1.3 <i>Coletividade</i>	121
3.7.1.4 <i>Reconhecimento do outro</i>	126
3.7.1.5 <i>Motivação</i>	130
3.7.2 <i>Superações</i>	133
3.7.2.1 <i>Postura diretiva e postura dialogada</i>	133
3.7.2.2 <i>Imprevisibilidade</i>	139
3.7.2.3 <i>Dificuldades no uso da TIC</i>	142
3.7.2.4 <i>Comportamento</i>	146
3.7.3 <i>Mediação do professor</i>	148

<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	158
	<b>REFERÊNCIAS</b>	161
	<b>APÊNDICE A - Cronograma previsto para as aulas</b>	170
	<b>APÊNDICE B - Situações de Aprendizagem</b>	171
	<b>APÊNDICE C - Diários de aula</b>	175
	<b>APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido</b>	257

## APRESENTAÇÃO

Meu nome é Giseli, sou casada e tenho uma filha. Eu nasci em 03 de abril de 1982 na cidade de Barra Bonita/SP e residi, toda minha infância e adolescência, em Igarapu do Tietê/SP. São cidades vizinhas, no interior de São Paulo. Cursei jardim de infância numa escola particular e o ensino fundamental I e II em escolas públicas estaduais localizadas nessas cidades. Juntamente com o ensino médio, ingressei em 1997 no curso de técnico em Processamento de dados na Escola Técnica Estadual Comendador João Rays em Barra Bonita/SP, concluindo em 1999. Fiz estágio referente a esse curso na própria escola. Pensei em cursar o técnico junto com o ensino médio para logo iniciar no mercado de trabalho. Nesse período, entre o fundamental II e ensino médio, eu fui atleta amadora de natação. Meus pais se divorciaram quando eu era criança e eu passei muito tempo da minha vida tentando superar as dificuldades vivenciadas nesse período e a Escola e a Natação acabaram se tornando a minha terapia, era onde eu me sentia bem e onde eu mais gostava de estar.

Vivendo em um ambiente de muito treinamento esportivo voltado à competição, o que me chamava a atenção era muitos de meus colegas de treinamento que estavam ali, naquele ambiente com o mesmo intuito que o meu, que pensavam em treinar e melhorar cada vez mais seu rendimento esportivo, mas também buscavam naquele ambiente um complemento para o desenvolvimento pessoal, uma busca por autoconhecimento, superação dos próprios limites, orientação comportamental, socialização, companheirismo, entre outros elementos. O que me entristecia muito era ver os técnicos de natação, durante as competições, dando somente atenção para os atletas que tinham um melhor desempenho esportivo, com grandes possibilidades de medalhas, e quando os demais atletas estavam competindo, muitos nem sequer recebiam um incentivo, um olhar de seus técnicos durante as competições, muitos interessados somente na vitória materializada, na conquista de medalhas, não valorizavam esse outro lado da busca pela prática do esporte, um lado mais humano, mais sociocultural.

Quando me formei no ensino técnico logo arrumei emprego na cidade, não era na área que eu havia estudado até então, mas eu precisava trabalhar para arcar com meus estudos futuros, então tive que deixar minha rotina de atleta e, com início em janeiro de 2000, comecei a trabalhar como auxiliar na linha de produção de uma

empresa, em Barra Bonita/SP, voltada ao desenvolvimento e fabricação de equipamentos para sonorização profissional, e para facilitar, eu tinha o intuito de cursar Educação Física numa Faculdade particular na mesma cidade, onde cheguei a fazer inscrição mas não iniciei o curso porque meu noivo, na época, me encorajou a fazer cursinho pré-vestibular e tentar novamente uma Universidade pública, pois havia prestado vestibular para nutrição na UNESP/Botucatu mas não fui aprovada. Fiz um ano de cursinho para vestibular na Academia Horácio Berlinck em Jaú/SP com o intuito de prestar nutrição na UNESP/Botucatu mas, ao final do curso, a vontade de promover a outras pessoas o que a Escola e a Natação fizeram por mim e poder continuar a vivenciar ambientes desse tipo falou mais forte, pois não queria continuar com a minha rotina de trabalho na linha de produção, onde eu enrolava fios todo o período e, para ser sarcástica, a oportunidade que tinha de exercer alguma criatividade era planejar em como conversar com meus colegas de trabalho, a fim de me animar um pouco e dar a impressão de que o tempo passava mais rápido, sem que o encarregado responsável pela vigilância da linha percebesse e nos repreendesse para ficarmos quietos.

Prestei Educação Física na UNESP de Bauru/SP, ingressando em 2001. Continuei com a rotina de trabalhar na empresa no período diurno em Barra Bonita e viajar para Bauru para estudar no período noturno. Em janeiro de 2003 solicitei à empresa que me dispensassem, pois como eu já cursava Licenciatura plena em Educação Física, queria iniciar minha trajetória profissional nessa área; Mudei-me para Bauru/SP, onde inicialmente atuei como bolsista de um projeto de extensão universitária sobre natação para pessoas com deficiência com a orientação do Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Júnior, meu orientador no curso de Educação Física. Minha atuação nesse projeto chamou a atenção e fui convidada para trabalhar em diversas academias e spa da cidade, inicialmente como estagiária e depois como profissional formada (conclui o curso de Educação Física em 2005), até ser chamada no final de 2006, através de concurso, para assumir o cargo de Professora de Educação Básica II – Educação Física na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Trabalhar com a Educação Física numa perspectiva sociocultural sempre me chamou muito a atenção e percebi na Escola uma oportunidade tanto para desenvolver um trabalho nessa perspectiva como para ter uma maior estabilidade, pois eu trabalhava em vários lugares para conseguir me manter financeiramente em Bauru e esperava conseguir trabalhar em um único lugar e ter um salário melhor, mas



logo no início de carreira percebi que, mesmo sendo professora efetiva do Estado, não iria conseguir tal objetivo. Como não haviam vagas na região, em janeiro de 2007 fui assumir o cargo e me mudei para Registro/SP, localizada na Região do Vale do Ribeira, onde residi e trabalhei por três anos em várias escolas da cidade e região, até conseguir remoção e voltar para a cidade de Bauru/SP em janeiro de 2010.

Fui muito bem acolhida pela população dessa região, no Vale do Ribeira, e aprendi muito com meus colegas de trabalho e alunos, pois tínhamos diferenciações em nossa cultura, onde, por exemplo, algumas brincadeiras e jogos que eu conhecia eram praticados de uma maneira diferente por eles, também haviam muitas oportunidades de encontro entre os supervisores de ensino, os demais professores de Educação Física das outras escolas, professores coordenadores do núcleo pedagógico da Diretoria de Ensino, onde sempre se mostravam solidários ao nosso caminhar cheio de desafios e entraves dentro da Escola, e essa troca de conhecimentos e experiências foi muito gratificante para mim, tanto no pessoal como no profissional. O currículo oficial do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2010) foi implantado nessa época, em 2008.

Quando voltei para a região de Bauru/SP, houve um estranhamento no sentido de que não havia essa sensação de aproximação e compartilhamento entre alunos e colegas de trabalho, pois os alunos eram muito resistentes à diversificação de conteúdos e temas nas aulas de EF, gestores e colegas de trabalho exerciam uma postura mais autoritária, individualista, as ações eram mais voltadas a orientações comportamentais, disciplinares, no sentido de dar ordens ou fazer cobranças. Eram raras as oportunidades de contato com supervisores e os demais professores de Educação Física de outras unidades. Ao contrário da minha experiência anterior, onde as pessoas que procuravam se aproximar, agora eu tinha que me mobilizar para buscar uma aproximação.

Iniciei especialização, em 2010, em Educação Física para professores do ensino fundamental II e ensino médio pela UNICAMP/SP, devido a demanda por estar atuando na Educação Física escolar. Conclui a especialização em 2011, juntamente cursando Pedagogia na UNESP de Bauru/SP, pois resolvi cursar porque queria entender melhor como funcionava o processo de alfabetização e gestão escolar, onde ingressei no curso em 2011 e conclui em 2015. Em 2012 assumi outro cargo efetivo, por concurso, como Professora de Educação Básica II – Educação Física, também na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Diretoria de Ensino de Bauru.

Era muito conflitante para mim essa realidade escolar, pois a minha visão de Escola, que eu havia construído ao longo da minha infância, adolescência e início de carreira já na fase adulta, era diferente do que eu estava vivenciando. Enquanto para mim a Escola foi uma das minhas maiores paixões, me angustiava ver muitos alunos tristes por estarem no ambiente escolar, muitos professores cansados, esgotados, reclamando da dura rotina escolar e não conseguindo visualizar resultados do seu trabalho, gestores sendo cobrados por instâncias superiores e retransmitindo essa cobrança para nós, professores, enfim, poderia ficar aqui listando inúmeros pontos dessa realidade. Trabalhei em diversas escolas, assim, pude ter acesso a variados contextos. Muitas vezes pensei em mudar de profissão, mas nessas muitas vezes eu lembrava das minhas experiências anteriores, do que me havia motivado a escolher estar ali, assim como de experiências positivas e motivantes, o que me permitia fazer um contraponto à diversas situações vivenciadas dentro desse contexto.

Através de um projeto de extensão, desenvolvido pela Prof. Dra. Denise Aparecida Correa do Departamento de Educação Física da UNESP/Bauru, na escola onde eu trabalhava, pude ter o primeiro contato com a Pedagogia Dialógica de Paulo Freire, e devido a minha trajetória tanto pessoal como profissional, um trabalho voltado para essa perspectiva fez muito sentido para mim.

Sempre tive interesse em seguir na pós-graduação, então tentei por dois anos consecutivos entrar no Programa de mestrado profissional em Docência para Educação Básica na FC/UNESP/Bauru e não tive êxito. Conheci o Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia através de uma conversa com uma colega de classe, quando estava cursando uma disciplina como aluna especial no Programa de pós-graduação da Comunicação na FAAC/UNESP/Bauru, e como essa temática sobre a relação das mídias com a Educação Física me interessa e se faz muito presente no meu cotidiano profissional, resolvi tentar e deu certo, ingressei no mestrado profissional em Mídia e Tecnologia na FAAC/UNESP/Bauru na turma de 2016. Desde então, fui aprendendo a conciliar o mestrado e meu trabalho nos dois cargos de Professora de Educação Básica no componente curricular Educação Física. Essa presente pesquisa, mais explicitada a seguir, foi concebida nessa desgastante, mas gratificante rotina.

## CAPÍTULO 1 CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO

### 1 INTRODUÇÃO

Em um curto espaço de tempo as tecnologias da informação e da comunicação (TIC)<sup>1</sup> transformaram o nosso cotidiano. A popularização dos dispositivos móveis resultou em novas formas de relações comunicacionais apoiadas na interatividade, em novos padrões de comportamento e em novos conceitos e adjetivações para caracterizar os usuários dos equipamentos como a de “nativos digitais”, termo cunhado pelo educador e pesquisador Marc Prensky (2001) para descrever a geração de jovens nascidos a partir da disponibilidade de informações rápidas e acessíveis na grande rede de computadores – a *Web*.

A permanente conexão é uma das situações que marca o comportamento desse grupo cada vez mais numeroso que “perde não somente o chão”, mas o mundo, o mundo virtual, quando apartados dos seus conteúdos, dos acontecimentos, das linguagens veiculadas e instantaneamente acessadas. Diante dos equipamentos portáteis, carregados de fatos, lugares e pessoas, percebemos que a escola apresenta um quadro, estático, monocromático, onde são escritos os conteúdos desvinculados do meio que é técnico, científico e informacional.

A incorporação de novas tecnologias na nossa sociedade tem modificado o modo como as pessoas interagem entre si, a maneira como se comunicam, como se desenvolvem, como atuam no mundo, logo, a formação para esse contexto tem que acompanhar essas transformações. A expansão do universo midiático vem gerando mudanças expressivas nas formas de produção, recepção, acesso aos conteúdos, perceptíveis no espaço social, porém, no ambiente educativo escolar, as tecnologias digitais e os conteúdos veiculados raramente são temas abordados, discutidos e desenvolvidos. Assim, colocamos como questão central para a presente investigação a aproximação e a utilização das mídias e dos seus recursos como meios para a identificação e análise crítica dos conteúdos voltados aos jovens, expressa na seguinte indagação: é possível elaborar nas aulas de Educação Física escolar uma

---

<sup>1</sup> “Conjunto de aparatos virtuais e reais que têm o principal objetivo de proporcionar e facilitar a troca de informação e comunicação a toda população por diversos meios.” (FERREIRA; DARIDO, 2014, p. 629).

análise das ideologias<sup>2</sup> alienantes, das concepções preconceituosas e dos modelos impositivos veiculados pelas mídias, no sentido de construir coletivamente uma contra-ideologia?

O pensamento do educador Paulo Freire (2000, 2007), ao propor aos educadores uma práxis marcada na ação e na reflexão sobre a realidade como princípio básico para a transformação, deixou-nos como referência uma pedagogia que valoriza a Escola como espaço para a construção da autonomia e uma metodologia que tem “a leitura de mundo” como princípio básico. Freire (2000, 2007) considerava a Educação como essencialmente comunicação, diálogo, na medida em que não é transferência do saber, mas um encontro de sujeitos que buscam a significação dos significados.

A presente pesquisa é voltada à análise e discussão da relação estabelecida entre os conteúdos do universo midiático e os conteúdos da Educação Física escolar abordando os conceitos Educação, Mídias, Tecnologias, Pedagogia Dialógica, Ensino de Educação Física, Práticas pedagógicas midiaticizadas.

## 1.1 Justificativa

Nos dias atuais, os diferentes meios de comunicação veiculam instantaneamente informações acessadas com a mesma rapidez pelas crianças e adolescentes e, não raro, presenciamos no cotidiano escolar os comentários e discussões sobre esses variados fatos, situações, pessoas que expõem as intensas relações que estabelecem com os meios em decorrência da sintonia, atualidade e posicionamentos sobre os conteúdos postados. A computação ubíqua<sup>3</sup>, que além de conectar dispositivos, conectam pessoas e grupos por elas formados, marca o espaço escolar, como percebemos em nosso cotidiano vivenciado dentro da escola. Entretanto, a educação escolar não a considera como possibilidade, como recurso para a abordagem dos conhecimentos que constituem a essência da sua existência.

A popularização dos dispositivos móveis, o acesso em banda larga ao mundo virtual da *web*, modificou o universo, criou uma nova realidade para uma

---

<sup>2</sup> Ideologia é, segundo Chauí (2008, p 7), “um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política”. Para Freire (1996), a ideologia está relacionada com a ocultação da realidade através do uso da linguagem.

<sup>3</sup> Termo usado para descrever a presença integrada da informática no cotidiano das pessoas.

geração denominada “geração digital”, porém a escola organizada para atender esses jovens não tem considerado os novos paradigmas que norteiam o comportamento destes. Notamos no ambiente escolar uma batalha contra a aprendizagem colaborativa, batalha essa que contraria as relações comunicacionais apoiadas na interatividade.

Considerando os vínculos com o contexto um dos elementos fundamentais para o trabalho educativo, buscou-se propor e elaborar uma prática pedagógica edificada a partir do diálogo entre educandos e educador, entre os conteúdos escolares e os conteúdos da comunicação interativa que é múltipla, complexa, sensorial, participativa, o que implica em conceber uma escola que considere e explore esses mesmos elementos no processo educativo.

## **1.2 Objetivo geral**

O objetivo geral da pesquisa é analisar, discutir e avaliar as possibilidades do uso dos recursos tecnológicos e midiáticos na educação escolar como possibilidade para uma práxis pedagógica dialógica, tomando como referência a prática cotidiana no componente curricular de Educação Física.

### *1.2.1 Objetivos específicos*

Os objetivos específicos da pesquisa são:

- Analisar com os educandos as mensagens midiáticas na intenção de provocar a crítica aos conteúdos veiculados;
- Organizar e relatar uma prática pedagógica para o ensino da Educação Física a partir da proposta dialógica, voltada ao debate sobre o uso das mídias e tecnologias como instrumento educativo;
- Desenvolver o ensino da Educação Física crítica rompendo com a visão estereotipada em relação a esse componente curricular.

## **1.3 Estrutura do trabalho**

O capítulo 1 engloba a introdução, caracterizando o trabalho, descrevendo a justificativa, os objetivos e a estrutura do trabalho. O capítulo 2 remete ao referencial

teórico, iniciando com a área da Educação, caracterizando a educação pública como espaço da ciência, da cultura e da emancipação, abordando um contexto onde se visa a construção coletiva da escola pública, buscando valorizar a pedagogia dialógica de Paulo Freire. Na sequência, será iniciado a temática da Educação Física, analisando a reestruturação produtiva contemporânea e sua influência para o contexto da Educação Física, focando na práxis legitimadora da Educação Física na escola e seguindo os princípios pedagógicos da Educação Física escolar na perspectiva crítica.

Em seguida, abordaremos o contexto das mídias, esclarecendo sobre suas especificidades, sua relação com a Educação Física, sempre voltando o olhar para suas funções pedagógicas, visando uma educação crítica. Logo após, apresentamos uma desmitificação da tecnologia, refletindo sobre seu conceito, as tecnologias digitais na escola, tratando sobre a relação entre o uso da tecnologia para a emancipação ou para o consumo, abordando o conceito ideológico de “era tecnológica” como expressão de dominação.

Para finalizar o capítulo 2, será tratado sobre a relação da educação, mídia e tecnologia frente às perspectivas para o século XXI. No capítulo 3 será relatado como foi o desenvolvimento da pesquisa, sua metodologia e seu desenrolar, esclarecendo sobre a intervenção, seus resultados e discussões, e no capítulo 4, serão apresentadas as considerações finais.

## **CAPÍTULO 2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2 EM BUSCA DA PRÁXIS PEDAGÓGICA DIALÓGICA**

#### **2.1 A natureza e a especificidade da Educação**

Ao discutirmos ou pensarmos a Educação, precisamos identificar as várias vertentes e concepções filosóficas que a embasam, assim como as concepções pedagógicas decorrentes. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394/96 (BRASIL, 1996):

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

O processo de educação, em suas origens, era regido por chefes de tribos ou por todos da comunidade, predominava a imitação de práticas, propagação de tradições culturais, a fim de atender às necessidades de segurança, alimentação e sobrevivência. O aprendiz construía seu aprendizado conforme os desafios que iam surgindo no seu dia-a-dia, de uma forma lenta e contínua (MACHI, 2002). Segundo Freire (2000), o que diferencia o ser humano das outras espécies de animais, que agem padronizadamente por instinto ou reflexo, é que nós, ao aprendermos, não somente nos adaptamos, mas também interagimos com o ambiente, podendo agir na sua transformação e lhe acrescentando algo.

A educação, então, vem a ser um processo contínuo, que se estende por toda a vida, englobando vários elementos, tem a ver com conhecimentos, valores, símbolos, ideias, hábitos, atitudes, entre outros. Essa educação pode ser tanto no âmbito escolar, que ocorre em espaços escolarizados, sendo exercida de uma maneira intencional, como também não-escolar, idem à intencionalidade mas realizada por uma organização diferente da instituição escolar, como por exemplo os projetos do Serviço Social do Comércio (SESC), de Organizações não governamentais (ONG), Escoteiros, etc., assim como também pode ser verificada no cotidiano vivenciado pelo indivíduo, suas experiências, transmitidas de geração para geração através da família etc.

Brandão (2013, p. 9) destaca que não existe único modelo de educação, “o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”. Segundo o autor:

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos (BRANDÃO, 2013, p. 10).

Para Brandão (2013, p. 12), a força da educação se encontra na sua participação no “processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades”. Em contrapartida, o autor aponta que sua fraqueza é pensar estar agindo em favor de uma atuação autônoma e livre e acabar a serviço de interesses políticos envolvidos nessa atuação. Então:

[...] sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e de outros [...] Mas, na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer [...] (BRANDÃO, 2013, p. 12).

Do modo como a exercemos em nossa sociedade contemporânea, surgiu na Grécia e se estendeu para Roma, herdamos desses povos a estrutura do nosso sistema de ensino e, “até mesmo as sociedades capitalistas mais tecnologicamente avançadas têm feito poucas inovações” (BRANDÃO, 2013, p. 36). A educação exercida no âmbito escolar, historicamente falando, é considerada uma recente invenção da humanidade. Segundo Brandão (2013, p. 16):

Quando um povo alcança um estágio complexo de organização da sua sociedade e de sua cultura, quando ele enfrenta, por exemplo, a questão da divisão social do trabalho e, portanto, do poder, é que ele começa a viver e a pensar como problema as formas e os processos de transmissão do saber. E é a partir de então que a questão da educação emerge à consciência e o trabalho de educar acrescenta à sociedade, passo a passo, os espaços, sistemas, tempos, regras de prática, tipos de profissionais e categorias de educandos envolvidos nos exercícios de maneiras cada vez menos corriqueiras e menos comunitárias do ato, afinal tão simples, de ensinar-e-aprender.



Se estabelece a escola e a figura do aluno e professor quando a educação se submete ao campo da pedagogia, criando situações específicas, produzindo métodos, estabelecendo regras e tempo e definindo especialistas (BRANDÃO, 2013).

Falando especificamente da Educação Escolar, no Brasil, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), ela é dividida em dois níveis: o ensino básico (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e o ensino superior. É dessa Educação, exercida no âmbito escolar, que vamos tratar nesse trabalho, mais especificamente fazendo referências à educação básica pública.

Para Machi (2002) o foco primordial da escola é promover um convívio de liberdade e respeito entre os seres e sua realidade, auferindo conhecimentos para subsidiar essa compreensão e manipulação. O formato de escola como instituição social foi criado para atender as necessidades sociais e está extremamente impregnado por ideologias dominantes, que, com o passar do tempo, vão sofrendo influências históricas, sociais, econômicas, culturais e políticas. Segundo Rossi (2002, p. 122):

A Educação é prática social desenvolvida desde o surgimento do homem no planeta. O homem vem transformando a Natureza, produzindo meios para sua subsistência, e conseqüentemente acumulando saberes a respeito desta prática. A partir do momento que esta sociedade evolui para a cultura letrada, a escola passa a ser o local privilegiado para a transmissão do saber sistematizado. A escola caminha historicamente como acervo da cultura letrada para a elite dominante até a Idade Moderna.

Foi na Idade Média que o espaço escolar começou a adquirir características mais próximas das que temos hoje. O foco nos conhecimentos orientados ao trabalho, às atividades de produção do conhecimento e formação técnica e a opção pelo foco religioso exerceram influências diretas nas formas de trabalho e produção nas instituições de ensino. Na revolução industrial começou-se a pensar num ensino básico para todos, onde a escola foi se identificando com as características do trabalho, adquirindo uma visão de treinamento. Neste contexto o professor estava responsável por treinar o aluno para que ele atingisse os objetivos educacionais almejados. Vem a ser relevante trazer aqui a fala de Brandão (2013, p. 62-63):

Não é raro que aqui, como em toda parte, a fala que idealiza a educação esconda, no silêncio do que não diz, os interesses que pessoas e grupos têm para os seus usos. Pois, do ponto de vista de quem a controla, muitas vezes

definir a educação e legislar sobre ela implica justamente ocultar a parcialidade desses interesses, ou seja, a realidade de que eles servem a grupos, a classes sociais determinadas, e não tanto “a todos”, “à Nação”, “aos brasileiros”. Do ponto de vista de quem responde por fazer a educação funcionar, parte do trabalho de pensá-la implica justamente desvendar o que faz com que a educação, na realidade, negue e renegue o que oficialmente se afirma dela na lei e na teoria. Mas a razão de desavenças é anterior e, mesmo entre educadores, ela tem alguns fundamentos na diferença entre modos de compreender o que o ato de ensinar afinal é, o que o determina e, finalmente, a *que* e a *quem* ele serve.

Desse modo, pode-se dizer que:

Nas últimas décadas, a escola tem sido assolada por reformas constantes que tencionam adequá-la às transformações econômicas e sociais atuais, pois, filha privilegiada do Iluminismo, foi pensada por um pequeno grupo de intelectuais para garantir às gerações futuras melhores condições de vida e universalizar os conhecimentos e valores da elite e, por meio dela, validá-los. Essa condição fez e continua fazendo da instituição educativa um espaço poderoso de exercício e afirmação etnocêntrica da civilização ocidental e dos ideais econômicos da burguesia. No lugar da razão e do progresso, o que se vê é o paradoxo que marca a função da escola atual: ao mesmo tempo em que a sociedade torna-se mais escolarizada, os problemas de ordem social e ambiental crescem em progressão geométrica (NEIRA; NUNES, 2009, p. 16).

Pensando na nossa sociedade contemporânea, esse foco predominante no controle, na “disciplina”, atrelado a modelos homogeneizadores dentro de um padrão globalizante de currículo, de práticas e de conhecimentos, enfim, este modelo de educação acrítica faz da escola um mero espaço de transmissão do conhecimento historicamente gerado pela humanidade. Esse foco disciplinar da escola precisa ser alterado. O universo do educando ampliou-se em todos os sentidos e hoje a escola necessita abraçar novas causas que vão muito além do saber e da ciência, inclusive questionamentos de concepções/vertentes desse saber e ciência. Vale lembrar que:

Diante do panorama de políticas públicas e práticas docentes versus a presença da multiplicidade cultural na escola, com todos os problemas e conflitos que o caracterizam, o que se nota é a crescente tensão entre a cultura veiculada pela escola, a cultura midiática e o patrimônio e as práticas culturais apresentados pelos seus novos frequentadores. Em razão dos desafios lançados por esse quadro, o currículo vem assumindo a posição central nos debates escolares, acadêmicos e governamentais, mesmo que, cada setor, ao seu modo, defenda posições distintas (NEIRA; NUNES, 2009, p. 18).

Segundo Neira e Nunes (2009), a escola é palco de conflitos de diversas culturas, com distintos significados para educando e educadores, onde o confronto de

ideias é inevitável no processo educativo a partir das produções simbólicas que são construídas e reconstruídas para novas significações. Para Rossi (2002, p. 123):

A escola também é cidadela política. Creio que o nosso maior desafio atual como educadores seja inverter o foco de atenção do ensino por competências para centrarmos as luzes sobre a finalidade da vida e do ser humano no planeta. As competências seriam meios de realizarmos nosso projeto de cidadania nacional e global.

Para seguir adiante, se faz necessário uma análise mais detalhada do contexto educativo, que recebe diversas influências.

Segundo Marques (2002), não há processo de escolarização sem contradições, pois esse processo está sempre condicionado ao contexto sócio histórico da sociedade, sendo que isso não desqualifica o papel da escola, uma instituição mediadora da inserção social do indivíduo.

Refletindo sobre o contexto histórico de nossa sociedade contemporânea, quando Apple (2007, p. 181), fala que “a educação não passa de um fornecedor de ‘capital humano’ para o setor privado”, ele traz à tona a finalidade que vem se atribuindo à Educação nesse contexto vivenciado por nós, ainda exposto as ideias do neoliberalismo. A proposta do neoliberalismo vem aclamar a organização da sociedade em função do mercado e dos interesses privados e empresariais. Sobre a inserção dessa ideologia no contexto educativo, Magnoni Júnior (2002, p. 97) comenta que:

A ideologia neoliberal ganhou impulso sobre a educação brasileira com a promulgação da nova LDB em 1996, introduzindo no país um projeto de educação nefasto, visando através da maldadada “flexibilização”, desarticular a organização de professores e de demais profissionais da educação, com a intenção de transformá-los em seres humanos despolitizados, apáticos e acrílicos e conseqüentemente, adequar as universidades e escolas públicas às regras do jogo do livre mercado. Diante de tantas desigualdades sociais produzidas pelo neoliberalismo na atualidade, para evitar a conscientização do povo e manter o “status quo”, as escolas devem ser organizadas pela óptica do mercado, transformando os educadores em meros transmissores de conhecimentos (“construir” certas competências e habilidades), desvinculados das verdadeiras finalidades da educação.

Pensando no contexto escolar sob essa visão neoliberal, os membros da comunidade escolar são meros consumidores e o direito à educação é uma mercadoria, daí podemos notar essa influência neoliberal na forma como a escola vem

sendo organizada. Se referindo a posição do Estado frente à escola, Souza (2002, p. 61) diz:

Eu o tenho, isto sim, como regulador a serviço de todos aqueles que manipulam o capital, de todos aqueles que ganham com a globalização. E é a partir disso que se estabelece a relação entre o Estado Nacional e a Escola Pública. O Estado Nacional, por conta disso tudo, tem hoje expectativas muito diferentes em relação à Escola Pública, a qual deve, em primeiro lugar, desenvolver o discurso do consumismo. Não é mais uma escola que prepara ou deva preparar os seus frequentadores para algo diferente da proposta de consumir mercadorias.

Para Souza (2002), é por isso que ocorre a diferenciação entre escolas públicas e particulares, pois como a escola pública não interessa à elite:

[...] ela “enxuga” suas vagas, da mesma forma que procede de tal modo que atua como empresa, engajando-se num sistema preso à produtividade, que significa, no caso de seus professores, de seus funcionários, o ter de criar, criar fórmulas para que se produza bastante, utilizando poucas pessoas. E, nesta linha do “muito que se deve produzir”, encaminha-se a produção na direção do ser eficaz para o consumo. E o caráter crítico, a “casquinha de criticidade” que é atribuída ao ensino público, na atualidade, é, na verdade, uma crítica de palavras, mas que não pressupõe atos, não pressupõe ações concretas. A cidadania é discurso, a igualdade é discurso, a preocupação com os grandes problemas que cercam nossos alunos é discurso, mas não é prática, porque a prática não interessa; o discurso disfarça, o discurso mascara (SOUZA, 2002, p. 61).

Trabalhando o Estado em função desse processo de globalização, introduz na escola essa preparação e iniciativa para o consumo e, para esse fim, “a força do discurso torna-se muito importante, e é por isso que as disciplinas e os conteúdos que privilegiam o discurso são as disciplinas e os conteúdos preferidos na Escola Pública” (SOUZA, 2002, p. 61).

Silva (2007) denuncia a questão de que a informática também faz parte dessa relação educação-mercado, apontando que as escolas servem para contribuir com a expansão e lucros da comercialização de produtos, tanto *hardware* como *software*, da indústria informática. A cidadania, nesse contexto, vem a ser transformada, onde o agente político se transforma em agente econômico e o cidadão em consumidor. Vale ressaltar que o foco central do projeto neoconservador e neoliberal é “a criação de um espaço em que se torne impossível pensar o econômico, o político e o social fora das categorias que justificam o arranjo social capitalista” (SILVA, 2007, p. 13-14). Ainda, é possível destacar que:

O neoliberalismo se caracteriza por pregar que o Estado intervenha o mínimo na economia, mantenha a regulamentação das atividades econômicas privadas num mínimo e deixe agir livremente os mecanismos do mercado. O neoconservadorismo é constituído por aqueles grupos que pregam uma volta aos antigos, tradicionais e “bons” valores da família e da moralidade. [...] É fácil ver que tipo de conhecimento, de currículo e quais métodos dominarão a cena pedagógica quando o livre funcionamento dos mecanismos de mercado na educação permitirem uma “livre” escolha feita num clima de predomínio de moralismo e repressão cultural. Neoliberalismo e neoconservadorismo convergem então para moldar um cenário educacional em que as possibilidades de construir uma educação pública como um espaço público de discussão e exercício da democracia ficarão cada vez mais distantes (SILVA, 2007, p. 26).

Frente a esse paradigma, se faz necessário refletir sobre o contexto educacional segundo os ideais de Paulo Freire:

O antídoto a esta manipulação está na organização criticamente consciente, cujo ponto de partida, por isto mesmo, não está em depositar nelas o conteúdo revolucionário, mas na *problematização* de sua posição no processo. Na *problematização* da realidade nacional e da própria manipulação (FREIRE, 2007, p. 169).

A Educação, em Paulo Freire (2000, 2007), se caracteriza como um ato político, é um ato de conhecimento e também de criação, sempre com um olhar sobre a realidade vivenciada a fim de intervir, sendo o fator mais determinante a práxis<sup>4</sup>, a ação mais a reflexão. No contexto da relação pedagógica, o educador não somente transmite os conteúdos ao educando passivo, um ato alienado e alienante, o que Freire (2007) chama de “educação bancária”<sup>5</sup>, mas estabelece um diálogo com os educandos, onde ambos constroem esse processo educativo, educador e educando, aprendendo uns com os outros. O diálogo vem a assumir não simplesmente uma finalidade de comunicação entre pessoas, mas um processo de problematização, reflexão, de ação coletiva, sobre si e sobre a realidade vivenciada, a fim de uma atuação crítica, para uma transformação nessa realidade. A finalidade da Educação, em Paulo Freire, seria a liberdade, permitindo que todos sejam reconhecidos como sujeitos de sua própria história. Para isso, a educação deve permear uma leitura crítica do mundo. Sendo assim:

---

<sup>4</sup> Segundo Chauí (2008, p. 11) a práxis é a atividade ética e política, “própria dos homens livres, dotados de razão e de vontade para deliberar e escolher uma ação”.

<sup>5</sup> Educação bancária, segundo Freire (2001, p. 119) caracteriza-se numa “relação em que o educador transfere o conhecimento em torno de a ou b ou de c objetos ou conteúdos ao educando, considerado como puro recipiente”.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2007, p. 46).

É oportuno destacar ainda que:

Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de ser mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem (FREIRE, 2007, p. 59).

Segundo Freire (2007), a “educação bancária”, que somente deposita o conteúdo, diminui ou até mesmo anula a criatividade dos educandos, promovendo ingenuidade e não criticidade, satisfazendo aos interesses dos opressores, pois, o que pretendem “é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os dominem” (FREIRE, 2007, p. 69). Contrariando a “educação bancária”, a educação problematizadora valoriza a comunicação, pois:

A “bancária”, por óbvios motivos, insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como estão sendo os homens no mundo e, para isto, mistifica a realidade. A problematizadora, comprometida com a libertação, se empenha na desmitificação. Por isto, a primeira nega o diálogo, enquanto a segunda tem nele o selo do ato cognoscente, desvelador da realidade. A primeira “assistencializa”; a segunda, critica. A primeira, na medida em que, servindo à dominação, inibe a criatividade e, ainda que não podendo matar a intencionalidade da consciência como um desprender-se ao mundo, a “doméstica”, nega os homens na sua vocação ontológica e histórica de humanizar-se. A segunda, na medida em que, servindo à libertação, se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeiras dos homens sobre a realidade, responde à sua vocação, como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora” (FREIRE, 2007, p. 83).

Quando Brandão (2013, p. 103-104) fala sobre “reinventar a educação”, ele explica que:

O mais importante nesta palavra, “reinventar”, é a ideia de que a educação é uma invenção humana e, se em algum lugar foi feita um dia de um modo, pode ser mais adiante refeita de outro, diferente, diverso, até oposto. Muitas vezes um dos esforços mais persistentes em Paulo Freire é um dos menos lembrados. Ao fazer a crítica da educação capitalista, que ora chamou também de “educação bancária”, ora de “educação do opressor”, ele sempre quis desarmá-la da ideia de que ela é maior do que o homem. De que as pessoas são um produto da educação, sem que ela mesma seja uma

invenção das pessoas, em suas culturas, vivendo as suas vidas. Ele sempre quis livrar a educação de ser um fetiche. De ser pensada como uma realidade supra-humana e, por isso, sagrada, imutável, e assim por diante. Ao contrário do que acontece com os deuses, para se crer na educação é preciso primeiro dessacralizá-la. É preciso acreditar que, antes, determinados tipos de homens criam determinados tipos de educação, para que, depois, ela recrie determinados tipos de homens. Apenas os que se interessam por fazer da educação a arma de seu poder autoritário tornam-na “sagrada” e o educador, “sacerdote”. Para que ninguém levante um gesto de crítica contra ela e, através dela, ao poder de onde procede.

Nesse interim, a escola vem a ser um espaço privilegiado para também tornar-se possível a construção conjunta desse processo educativo, levando em consideração que a “educação e investigação temática, na concepção problematizadora da educação, se tornam momentos de um mesmo processo” (FREIRE, 2007, p. 118). O processo educativo, baseado na concepção problematizadora, apoia-se no diálogo entre todos os envolvidos, onde juntos vão desvelando sua realidade, desmitificando-a, a fim de transformá-la. A educação problematizadora se alicerça na crítica, na criatividade, na reflexão e na ação dos envolvidos nesse processo sobre sua realidade, e é com base na análise dessa realidade que obteremos os conteúdos a serem trabalhados nesse processo educativo, pois, de acordo com Freire (2007, p. 114), “investigar o tema gerador é investigar, repetamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis”. Ele ainda complementa que:

É preciso que nos convençamos de que as aspirações, os motivos, as finalidades que se encontram implicitados na temática significativa são aspirações, finalidades, motivos humanos. Por isto, não estão aí, num certo espaço, como coisas petrificadas, mas estão sendo. São tão históricos quanto os homens. Não podem ser captados fora deles, insistamos (FREIRE, 2007, p. 115).

Entretanto, Brandão (2013, p. 99-100) nos alerta que não é dado oportunidade para que as pessoas diretamente ligadas à esse processo educativo exerçam uma participação ativa, onde:

A educação que chega à favela chega pronta na escola, no livro e na lição. Os pais favelados dos alunos são convocados a matricular os seus filhos como se aquilo fosse um posto de recrutamento. Não são convocados, por exemplo, a debaterem com os professores como eles pensam que a escola da favela poderia ser uma verdadeira agência de serviços à sua gente. Mesmo que fossem, as suas ideias por certo não sairiam do caderno de anotações da diretoria. Mas não são só os pais e as crianças faveladas os que não têm direitos de pensar na educação da favela. Mesmo os cidadãos

ricos e letrados não têm poder algum sobre as ideias que determinam a educação de seus filhos, e a imensa massa dos próprios educadores da linha de frente do trabalho pedagógico (professores, diretores de escola, orientadores, supervisores educacionais) tem o poder do exercício da reprodução das ideias prontas *sobre* a educação e dos conteúdos impostos à educação. Mas não têm nem o direito nem o poder de participar das decisões político-pedagógicas sobre a educação que praticam. Elas estão reservadas aos donos do poder político e às pequenas confrarias de intelectuais constituídas como seus porta-vozes pedagógicos. Poucos espaços de trabalho social são hoje tão pouco comunitários e democratizados entre os seus diferentes praticantes como a educação.

A teoria pedagógica, fazendo parte da teoria social, não pode deixar de compreender os fatores estruturais, políticos e ideológicos que sempre afetaram diretamente os sistemas escolares. A questão central da teoria pedagógica é compreender o contexto da formação humana, os processos civilizatórios e culturais (ARROYO, 1998). Qual o papel do educador nesse contexto? Para Silva (2007, p. 29):

Educadoras e educadores precisam, mais do que nunca, assumir sua identidade como trabalhadoras/es culturais envolvidas/os na produção de uma memória histórica e de sujeitos sociais que criam e recriam o espaço e a vida sociais. O campo educacional é centralmente cruzado por relações que conectam poder e cultura, pedagogia e política, memória e história. Precisamente por isso é um espaço permanentemente atravessado por lutas e disputas por hegemonia. Não assumir nosso lugar e responsabilidade nesse espaço significa entregá-lo a forças que certamente irão moldá-lo de acordo com seus próprios objetivos e esses objetivos podem não ser exatamente os objetivos de justiça, igualdade e de um futuro melhor para todos.

Freire (1996, p. 19-20) evidencia o poder persuasivo do neoliberalismo quando diz que:

A ideologia fatalista e imobilizante que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com seus ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou virar “quase natural”. Frases como “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada.

Souza (2002, p. 62) frisa a importância da análise e reflexão do educador frente esse paradigma caracterizado acima para sua atuação profissional:

Essa reflexão se faz necessária para que saibamos se somos agentes ou simplesmente atores. E, nesse processo camuflado exercido pelo Estado



como regulador, está, certamente, explicitado que devemos ser prioritariamente atores. Daí ser necessário que sejamos nós todos reguladores por uma série de instrumentos que nos são apresentados como facilitadores de nosso trabalho ou colocados para nos orientar, mas que, na verdade, são o próprio elemento regulador. São identificados por nomes pomposos e atraentes, como Parâmetros Curriculares Nacionais, avaliações externas – ENEM, SARESP e uma plêiade de tantos outros rótulos que subsidiam esta regulação do Estado sobre o Ensino Público, a serviço da expansão do capital. E nesses instrumentos, com absoluta segurança, estão garantidos os scripts de nossos papéis de atores.

Magnoni Júnior (2002) aponta que os educadores que visam uma educação libertadora e transformadora terão que lutar contra esse projeto neoliberal que visa dar a massa trabalhadora uma formação tecnicista. Ter um outro olhar sobre a educação, como ela sendo uma prática mediadora, trabalhada com uma devida criticidade, vem a ser a peça fundamental para um processo amplo de transformação social. Ainda, complementa o autor que, se não houver um entendimento do contexto, “não teremos em nossas mãos os instrumentos vitais e necessários para a busca da transformação econômica, política e social que pretendemos ver no país, no decorrer do século XXI” (MAGNONI JÚNIOR, 2002, p. 101).

Pensando em uma metodologia que atenda as expectativas de nossos tempos, nos deparamos com Freire (2000, 2007), que defende uma educação problematizadora através do diálogo. Trabalhando com círculos de cultura podemos buscar o conteúdo programático do processo educativo (temas geradores) e assim também desenvolver as aulas, se opondo a “educação bancária”, buscando a práxis, ação e reflexão dos educadores e educandos sobre sua realidade para transformá-la. Há de existir, então, uma construção coletiva com base no diálogo, pois:

O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente. Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que pretendam impor silêncio. Dos que, em nome da liberdade, matam, em si e nele, a própria liberdade (FREIRE, 2000, p. 58-59).

Para isso, Freire (2000, p. 104-105) aponta o que é preciso ocorrer para alavancar uma mudança no contexto educativo:

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos

aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção.

Para efetivação desse ideal, é necessário repensar a herança de papéis impostos no ambiente escolar. O educador já não tem apenas a função de educar, mas utilizando-se da dialogicidade, também aprende, tornando-se ambos, educador e educando, sujeitos ativos no processo educativo, onde, segundo Freire (2007, p. 79), “os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas”. Sendo assim:

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos (FREIRE, 2007, p. 79).

A escola pública deve se tornar hoje um espaço coletivo de construção, visando formar indivíduos livres, autônomos, criativos e críticos, para se pensar numa melhoria na nossa sociedade. A partir dessa afirmação, destacamos:

Porque assim é, a educação a ser praticada pela liderança revolucionária se faz co-intencionalidade. Educador e educandos (liderança e massa), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento. Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes. Deste modo, a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudoparticipação, é o que deve ser: engajamento (FREIRE, 2007, p. 64).

Os ideais defendidos por Paulo Freire servem de inspiração para se pensar numa transformação da realidade vivenciada por nós dentro das escolas públicas frente as perspectivas para o século XXI.

### *2.1.1 A Educação Física escolar*

Na busca por identificar abordagens da Educação Física escolar que tenham pontos em comum com o que buscamos para um trabalho voltado à uma

Educação Física crítica, encontramos Darido (1998), que volta nossa atenção à importância de considerar, na Educação Física, as questões biológicas numa dimensão sociocultural. Para Darido (2003, p. 15), “uma Educação Física crítica estaria atrelada às transformações sociais, econômicas e políticas, tendo em vista a superação das desigualdades sociais”.

O ser humano não é algo que pode ser dividido, onde o corpo é separado da consciência, mas sim ele é um ser totalitário, unificado. Essa visão dualista desmantelou-se na nossa contemporaneidade. Vem a ser relevante o que diz Betti (2002, p. 238-239):

É fundamental assinalar que a integração que possibilitará ao aluno o usufruto da cultura corporal de movimento há de ser plena – é afetiva, social, cognitiva e motora. Vale dizer, é a integração da sua personalidade [...], mesmo porque não se pode educar o corpo – pode-se fortalecê-lo, torná-lo mais habilidoso etc. – mas somente a personalidade é objeto da educação [...] Portanto, a Educação Física precisa orientar seus objetivos não diretamente para o corpo, mas indiretamente através da ação sobre a personalidade. [...] Por isso, num processo de longo prazo, a Educação Física deve levar o aluno a descobrir motivos e sentidos nas práticas corporais, favorecer o desenvolvimento de atitudes positivas para com elas, levar à aprendizagem de comportamentos adequados na sua prática, levar ao conhecimento, compreensão e análise de seu intelecto os dados científicos e filosóficos relacionados à cultura corporal de movimento, dirigir sua vontade e sua emoção para a prática e a apreciação do corpo em movimento [...].

Seguindo as ideias de Kunz (2004), os conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física dentro da escola não devem ser apenas praticados, mas sim também estudados. Há uma grande riqueza nas experiências e no entendimento de “mundo” das pessoas. Para agir com liberdade e autonomia, desafios postos como objetivos para serem desenvolvidos na Educação Física no âmbito escolar, é necessário além da capacidade de saber praticar, a capacidade da interação social e comunicativa. Portanto:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. Ao contrário da “bancária”, a educação problematizadora, respondendo à essência do ser da consciência, que é sua *intencionalidade*, nega os comunicados e existência a comunicação. Identifica-se com o próprio da consciência que é sempre *ser consciência de*, não apenas quando se intenciona a objetos, mas também quando se volta sobre si mesma [...] Cisão em que a consciência é consciência de consciência (FREIRE, 2007, p. 77).

Segundo Mello (2014, p. 69), a consciência “é um desdobramento do distanciamento entre sujeito e objeto ocorrido no salto ontológico a partir do trabalho”. Ao se desenvolver a consciência vai se ganhando um domínio maior sobre o corpo. Para Guareschi e Biz (2005, p. 19), a busca infinita por respostas se caracteriza como consciência, onde “as respostas conseguidas a essas perguntas formam sua consciência, com possibilidades infinitas de ampliação: é o processo de conscientização”.

Voltando à busca por abordagens, o estudo de Oliveira (1997) complementa nossa pesquisa tratando de outras propostas metodológicas com tendências progressistas críticas, e a que mais nos identificamos foi a Crítico-emancipadora, a qual tem Elenor Kunz como seu principal difusor. Resumidamente, a crítico-emancipadora, segundo Oliveira (1997), define seu objeto de estudo ao movimento humano e suas transformações sociais, na busca por um movimento consciente. Os conteúdos básicos são o movimento pelo esporte, dança e atividades lúdicas, usando como estratégia didática as categorias de ação trabalho, interação e linguagem. As relações interativas fundamentam-se na ação comunicativa problematizadora. Mais adiante vamos adicionar mais elementos dessa abordagem com base nos referenciais de Kunz (2004, 2006). Ressaltamos que há muitos olhares sobre a Educação Física escolar<sup>6</sup> e, por mais que sigam caminhos e proposições teórico metodológicas diferentes, o fundamental é a comunhão do pensamento de que a Educação Física tem importância fundamental na formação do indivíduo e deve oferecer conteúdos significativos.

A função social que a escola tem assumido na contemporaneidade vem ao encontro de formar o cidadão para atuar criticamente na vida pública, visando à construção de uma sociedade mais democrática. A tensão sofrida pela Educação Física perante a influência das diversas correntes históricas desse componente acaba inferindo nessa função (NEIRA; NUNES, 2009).

Segundo Bracht (1988), é importante reconhecer a Educação Física orientada para objetivos como a preservação da “saúde física”, mas esse objetivo não pode se tornar exclusivo e isolado, o que, segundo ele, seria um equívoco pedagógico.

---

<sup>6</sup> Como nos apresentam os estudos de Ghirdelli Junior (1988), Darido (1998; 2003), Oliveira (1997).

O que ocorre muitas vezes na área da Educação Física é a valorização do físico e menosprezo pelas questões psicossociais.

Para Bracht (1988, p. 23) “a Educação é ao mesmo tempo – determinada e determinante da estrutura social”, e como nossa sociedade brasileira é capitalista, a educação é “fator de reprodução ou manutenção da sociedade de classes” (p. 24). Segundo Mello (2014), a Educação Física é uma produção das relações capitalistas, portanto, foi originada e se transforma com ele. Então:

A sociedade capitalista, na qual vivemos, com o auxílio do mito da liberdade (individual) e da igualdade de oportunidades, mantém uma estratificação social extremamente injusta. Para a manutenção de seus privilégios a classe dominante necessita que sejam aceitos como normais e desejáveis determinados valores, como por exemplo, a competição ou concorrência baseadas na ideia de igualdade de oportunidades, o que leva ao culto do individualismo. O esporte na escola não deixa de veicular e reproduzir esta ideologia (BRACHT, 1988, p. 37).

Essa ideologia de igualdade de oportunidades, onde todos têm a mesma chance não leva em consideração as condições sociais e econômicas. Bracht (1988) aponta que uma saída é se basear no diálogo visando a relação do professor e aluno, pois somente focar no ensino dos gestos técnicos ou nas regras desportivas internacionais, por exemplo, não irá desenvolver uma visão crítica do esporte, sem que seja feita uma permanente relação com a realidade e interesses dos educandos.

Entretanto, a marca progressista da educação popular vem se firmando ao longo da história da Educação Física escolar, entendendo a educação dentro da escola, segundo Ghiraldelli Junior (1988), como uma contribuição para a ampliação da consciência social e crítica dos alunos, tendo em vista sua participação ativa na prática social (política, profissional, cultural e desportiva). Para tanto:

Um professor de Educação Física, ao planejar suas aulas, deve se perguntar: que conteúdos e habilidades podem ajudar o aluno a ser um cidadão participativo? Em que as condições materiais de vida, experiências, conhecimentos, valores afetam o desenvolvimento das aulas? Como a educação do corpo, do movimento e os esportes podem contribuir para o exercício de uma prática social consciente e menos alienada? Por que a Educação Física higienista, militarista, pedagoga ou competitivista não são suficientes ou impróprias para um bom programa de Educação Física e esportes? (LIBÂNEO, 1988, p. 11)

Ghiraldelli Junior (1988, p. 53) ressalta que, frente à influência de muitas tendências da Educação Física, “ao professor de Educação Física coube, então, o destino, talvez pouco confortável, de transportar a hegemonia para o conjunto

complexo da individualidade humana”. Nessa perspectiva, sendo as pessoas seres de relações sociais, não é possível pensar no movimento humano, foco do estudo da educação física, como algo exclusivamente técnico, biomecânico, fisiológico, mas sim, se faz necessário pensar na sua relação com movimentos sociais. Para Mello (2014, p. 154), alguns educadores assumiram que a educação mantém uma estreita relação com os processos de construção da sociedade, “fosse para conservar ou para transformar radicalmente as relações sociais capitalistas”.

Para Betti (2002, p. 238):

[...] a Educação Física é uma área de conhecimento e intervenção que lida com a cultura corporal de movimento, objetivando a melhoria qualitativa das práticas constitutivas daquela cultura, mediante referenciais científicos, filosóficos e pedagógicos.

Os jogos, os esportes, as ginásticas, as atividades rítmicas e expressivas, as lutas, entre outras atividades fazem parte da cultura corporal de movimento. Segundo Belbenoit (1976), citado por Betti (1998), o esporte, por exemplo, é um instrumento de cultura e libertação do indivíduo moderno, pois exerce influência nas funções biológicas e sociocultural, servindo para preservação da saúde e também participação e expressão. Contudo, o esporte não é educativo em si, se faz necessário a intervenção do educador para fazer do esporte “ao mesmo tempo um objeto e um meio de educação” (p. 26).

Neira e Nunes (2009) nos trazem uma reflexão crítica sobre o panorama encontrado dentro das escolas frente à tentativa de mudança no componente curricular da Educação Física:

A teorização crítica estabelecida pelas ideias freireanas influenciou o ensino da Educação Física, fazendo surgir novos encaminhamentos metodológicos, sem, no entanto, efetuar qualquer análise dos conteúdos de ensino, que continuaram os mesmos. As propostas desenhadas com esse espírito promoviam o ensino do esporte ou das habilidades motoras por meio de situações didáticas que propusessem a reflexão acerca do processo de construção de dada prática corporal. Acreditava-se que, se no contexto educacional a imposição externa das regras fosse substituída pela construção dialogada, as condições sociais de dominação apresentadas pelas práticas da cultura dominante seriam superadas. É verdade que tais propostas procuram deslocar os estudantes da condição de “receptores passivos” do conhecimento apresentado pelos docentes e transformá-los em autores. Entretanto, fazem-no sem a necessária reflexão sobre as condições sociais de produção daquelas práticas corporais, mantendo-as como conhecimento verdadeiro a ser ensinado nas aulas de Educação Física. Essas modificações de cunho estritamente metodológico e que pretendiam envolver todos ou promover a autonomia e o comportamento crítico dos

alunos passaram a ser implementadas como alternativa às propostas curriculares tecnicistas. Entretanto, ao serem reproduzidas sem a devida reflexão por parte dos professores ou sem que os alunos fossem instados a repensar os valores sociais que permeiam as formatações originais dos conteúdos ensinados e contribuir com sua cultura, aquelas “concepções abertas” transformaram-se em cartilhas, como se, apenas com mudanças de estratégia, o ensino do componente promovesse a formação de pessoas que poderiam assumir a condição de sujeitos das transformações sociais (NEIRA; NUNES, 2009, p. 122).

Os autores nos trazem uma visão de como deverá ser esse processo educativo dentro da escola seguindo os ideais pós-modernos:

[...] um currículo pós-crítico de Educação Física, ao apoiar-se nos referenciais pós-modernos, valoriza a produção, a criação do que ainda não foi pensado, contesta as estéticas canônicas, não se amarra em métodos rígidos e verdadeiros, planos previsíveis e tecnocráticos, descentraliza o poder do conhecimento do professor oriundo da cultura acadêmica e abre as portas para os conhecimentos de outros campos discursivos, do senso comum e para as práticas da cultura popular e da cultura paralela à escola. Afirma a diferença por meio da valorização de múltiplas identidades. Não se preocupa com o controle e a regulação. Com base nas influências pós-modernistas, no currículo pós-crítico da Educação Física, a incerteza abre portas para a fabulação, a invenção e a construção coletiva, para a análise do efêmero e do passageiro. No pensamento pós-moderno, o saber não é um meio de emancipação, mas uma possibilidade de compreender a complexidade da vida e de torná-la mais complexa (NEIRA; NUNES, 2009, p. 167).

Sendo assim, para os autores, o conhecimento eminentemente disciplinar deve se caracterizar como temático, onde “a realização de qualquer investigação emprega quantos campos discursivos forem necessários para produzir o conhecimento exigido por um projeto particular” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 167-168).

Ao longo do percorrer histórico da Educação Física, verificamos que ela buscou a sua legitimação na escola permeando sua contribuição para o desenvolvimento físico e saúde, para o desenvolvimento integral da criança, mais especificamente sobre o domínio psicomotor, para padronização esportiva e detecção de talentos e, seu tratamento especial em relação ao estudo do movimento e dos jogos (MELLO, 2014). Para exemplificar, especificamente nesse momento em que essa nossa pesquisa está sendo redigida, novamente sua legitimidade é questionada e se levantam movimentos advindos de autoridades governamentais a fim de sua exclusão no ensino médio, afligindo muitos profissionais da área, o que nos leva a reavaliar as suas contribuições para seu reestabelecimento efetivo dentro da escola.

Libâneo (2002, p. 163) nos ajuda a iniciar o entendimento da relação entre o contexto contemporâneo vivenciado por nós e a instituição escolar:

O mundo contemporâneo vem se caracterizando por intensas transformações econômicas, políticas, sociais, geográficas, culturais. Elas dizem respeito a quatro fenômenos associados, - os avanços científicos e tecnológicos, a globalização econômica e política, o novo paradigma produtivo e as políticas neoliberais – que repercutem no sistema de produção e no aparato político-cultural da sociedade, afetando as escolas de várias formas. É inegável que estamos diante de um novo paradigma produtivo – também chamado de reestruturação produtiva – que combina o emprego maciço de novas tecnologias e a produção flexível – gerando mudanças no processo de produção, na organização do trabalho, no perfil de trabalhador necessário. Com consequências evidentes para o sistema de qualificação profissional. É daí que se chega às escolas.

Segundo Landau (2006, p. 145), os avanços tecnológicos também têm impactado o contexto de movimento das pessoas, onde “o progresso técnico eliminou do homem, em muitas dimensões da vida, o trabalho corporal mais pesado”. Para o autor, os ambientes vivenciados pelos seres humanos oferecem cada vez menos possibilidades de movimento, onde as áreas do esporte formal e das academias acabam sendo as únicas atuantes contra essa nossa realidade. “Não se verifica apenas uma quantidade reduzida de movimentos pela falta de estímulos, mas os movimentos que se realizam mudaram bastante, também, na sua qualidade” (LANDAU, 2006, p. 154).

Essas transformações midiáticas e tecnológicas em nossa sociedade exerceram grande influência sobre o desenvolvimento da infância (BUCKINGHAM, 2007; LANDAU, 2006; POSTMAN, 2011). Segundo Postman (2011, p. 18) “as brincadeiras de criança, antes tão visíveis nas ruas das nossas cidades, também estão desaparecendo”, e o autor ainda nos alerta que “à medida que a infância desaparece, desaparece também a concepção infantil de brincar” (p. 145). Há a necessidade de ainda se refletir muito sobre essa atual condição e, todo esse contexto faz com que a escola tenha um papel decisivo para atingir qualitativamente essa realidade, onde:

[...] Para atacar o problema da carência de movimentos e de experiências corporais, deve-se exigir uma mudança consciente na própria forma de pensar as condições que limitam essas possibilidades na infância, incluindo, nesta questão, a própria escola (LANDAU, 2006, p. 156).

A diversidade de nossa cultura corporal de movimento foi incorporada como divulgação pelos diversos meios de comunicação e, cada vez mais, está se tornando produtos de consumo, onde muitas produções são dirigidas ao público infanto-juvenil



ocorrendo o contato precoce desse público com práticas específicas do mundo adulto, nem sempre com o rigor técnico-científico que seria desejável. O novo estilo de vida da população, influenciado por diversas condições socioeconômicas, resultou no aumento excessivo do sedentarismo, estresse, alimentação inadequada, etc. Betti (2002, p. 238) alerta que devido a esse novo contexto histórico, há a necessidade de repensar “a concepção de Educação Física e seus objetivos na escola”, assim como “a correspondente transformação em sua prática pedagógica”.

Betti (1998) traz à tona a questão das novas tecnologias que vêm provocando mudanças nas nossas condições de vida, na maneira do indivíduo se relacionar com a natureza e entre seus pares, na forma de perceber o mundo e a si próprio. Se faz necessário refletir sobre esse novo contexto vivenciado pelo homem contemporâneo para que a Educação Física possa se antecipar em tarefas educativas e proporcionar ações que possam intervir nessa realidade atual. Pois:

Assistimos hoje, desde as últimas décadas do século passado, à ascensão da cultura corporal e esportiva (que denominaremos, de maneira mais ampla, “cultura corporal de movimento”) como um dos fenômenos mais importantes nos meios de comunicação de massa e na economia (BETTI, 2002, p. 237-238).

Para Pich (2014, 163), o conceito de cultura corporal de movimento “veio representar a dimensão histórico-social ou cultural do corpo e do movimento”. Segundo Betti (2002, p. 239), a Educação Física não pode ser um “discurso sobre a cultura corporal de movimento, sob pena de perder a riqueza de sua especificidade”, mas sim “constituir-se como uma ação pedagógica com aquela cultura”, sendo ela rica de vivências onde se possa sentir e relacionar-se. A Educação Física deve ser um ambiente propício para reflexões críticas a fim de levar o aluno “à autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento”.

O currículo da Educação Física escolar, influenciado pelo paradigma emergente das Ciências Humanas, voltou-se a formar indivíduos para usufruírem, participarem e reconstruírem a cultura corporal de movimento. Sendo assim, houve um enfático movimento em criticar o tecnicismo presente nos currículos esportivos, surgindo novos pensamentos sobre conteúdos e orientações didáticas.

Seguindo uma metodologia dialógica, com base nesse novo pensamento de currículo, situações pedagógicas poderiam proporcionar aos educandos oportunidades de análises críticas dos “parâmetros sociais que configuravam e

delineavam a existência sócio histórica da brincadeira, esporte, dança, ginástica, luta e demais manifestações da cultura corporal” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 82). Para Funke-Wieneke (2006, p. 55):

[...] o desenvolvimento social pressupõe uma predeterminação pouco transparente e, normalmente, pouco consciente, e ocorre pela própria socialização da existência humana. Tomando isso como base para um currículo que visa à aprendizagem social, então estamos falando de uma pedagogia que se preocupa em auxiliar os jovens a terem uma consciência esclarecida desta predeterminação social e a capacitá-los, assim, a se autodeterminarem e determinarem a sociedade em que vivem, em vez de serem determinados por ela. Ou, de outro modo: é a “emancipação social” que constitui o objetivo central da aprendizagem social. Trata-se de libertar o ser humano do seu status de objeto (objeto do poder e dos mecanismos sociais) e ajudá-los a se tornarem sujeitos dentro dessa mesma sociedade.

Para Kunz (2004, p. 79) “movimento é sempre uma conduta para algo. Neste sentido o movimento passa a ser visto como ‘diálogo entre Homem e Mundo’”. O autor ainda acrescenta que “esse movimento consiste sempre em uma totalidade de relações que envolvem situações concretas e sentidos/significados para quem individual ou coletivamente o pratica” (KUNZ, 2004, p. 103). Portanto, sendo o movimento humano “o conteúdo principal do trabalho pedagógico da Educação Física Escolar” (KUNZ, 2004, p. 107), é relevante pensar que:

[...] o trabalho docente nessa área deve buscar: ao invés do condicionamento à ordem social, formar um aluno crítico e participativo; ao invés do adestramento físico, a compreensão e uso sadio do corpo; ao invés do esporte-espetáculo e ufanista, o esporte educativo; ao invés da disciplina imposta e da repetição mecânica de ordens do professor, o autodomínio, a formação do caráter, a autovalorização da atividade física; ao invés do corpo-instrumento, o corpo como ser social (LIBÂNEO, 1988, p. 14).

O “se-movimentar” é um fenômeno relacionado com o ser humano e o mundo, é uma espécie de diálogo, nunca é neutro, é um meio e pré-condição para experiências humanas. “Uma de nossas melhores linguagens de relacionamento nos diferentes contextos socioculturais, portanto, realiza-se via movimento” (KUNZ, 2006, p. 21). Kunz (2014, p. 610) explica que há diferenças sobre o movimento humano, pois em geral são análises funcionais e mecânicas, o “movimento como deslocamento em que as intenções e referências são externamente colocadas, apresentando-se como uma ação alienante para o executor”, mas o se-movimentar é o movimento próprio, o sujeito que Se-Movimenta, “o movimento de forma consciente”, onde

exerce-se um efeito sobre si e o mundo, numa referência pessoal-situacional, uma relação dialógica, considerando “um sujeito que se relaciona a algo exterior a ele”.

A Educação Física, entendida em uma perspectiva sociocultural, permeia alguns princípios pedagógicos gerais que devem direcionar o trabalho pedagógico: Princípio da Inclusão; Princípio da Diversidade; Princípio da Alteridade (BETTI, 2002). Os educandos devem ter acesso pleno a todos os conteúdos propostos nas aulas de Educação Física, devendo-se adotar estratégias adequadas para isto; é preciso considerar o outro numa relação de totalidade, reconhecendo-o não como um objeto, mas como um sujeito humano, devendo respeitá-lo, ouvi-lo, conhecê-lo; tem que haver uma integração das dimensões corporal, cognitiva e afetivo-social (BETTI, 1999).

Para Pires (2002, p. 127), o processo educativo escolar precisa também abranger a apropriação da competência social, decorrente essa da interação. Abrange reflexões sobre a constituição das normas das relações socioculturais, reconhecimento e respeito às diferenças, exploração das contradições, combate às discriminações, todos aspectos relevantes a serem trabalhados num plano educacional crítico, buscando um “agir social solidário, participativo e cooperativo, típicos da cidadania emancipada”.

Sobre o currículo e o papel dos educadores perante esse novo contexto vivenciado nas escolas, segue fundamentação de Neira e Nunes (2009, p. 241):

No caso dos docentes, uma vez familiarizados com o referencial e experiência pedagógica pós-críticos, sua vida profissional poderá sofrer fortes modificações. Na nova posição de produtores de conhecimento, os profissionais iniciam a construção do currículo ao valorizar a experiência dos alunos e promover seus pontos de vista sobre as forças sociais, econômicas e culturais que configuraram suas vidas, no caso da Educação Física, a construção histórico-social das práticas corporais às quais tiveram/têm acesso na cultura paralela à escola. No caminhar do currículo pós-crítico, tanto os alunos quanto os professores, gradativamente, vão se blindando contra as investidas homogeneizantes e reprodutoras do currículo moderno e monocultural. Todos constroem práticas e saberes, todos escrevem o currículo.

Para Kunz (2004), o conhecimento técnico, cultural e social pode ser compreendido, sem ser imposto, através da interação e da linguagem, valorizando o “mundo vivido” e respeitando os participantes desse processo, onde essa estrutura comunicativa deve permear não apenas conteúdos informativos, mas principalmente formas de relacionamento social. Estimulando essa competência social haverá um

favorecimento de ações solidárias e cooperativas, levando os participantes a compreenderem diferentes papéis sociais no contexto esportivo, preparando-os para exercer diferentes funções nesse contexto. Para isso, é necessário muita reflexão e comunicação em aula (competência comunicativa), estabelecendo estruturas que favorecem interações humanas.

Sobre os conteúdos e estratégias trabalhadas por uma Educação Física que visa não fragmentar o ser humano segue:

[...] Auto-testagem ou teste, jogos de competição e cooperação, sequências pedagógicas, demonstração, descobrimento guiado, resolução de problemas, jogos de mímica e expressão corporal, grandes jogos, jogos simbólicos, jogos rítmicos, exercícios em duplas, trios, grupos, com e sem material, circuito, aulas com música, aulas historiadas, jogos pré-desportivos, gincanas, campeonatos, festivais. A esse conjunto devem somar-se outras estratégias quando se tem em vista o plano cognitivo: discussões sobre temas da atualidade ligados à cultura corporal de movimento, leituras de textos, dinâmicas de discussão em grupo, matérias de jornais e revistas, uso de vídeo/TV (produções específicas ou gravações de programas da TV), “mural” de notícias e informações sobre esporte e outras práticas corporais, organização de campeonatos pelos próprios alunos, trabalhos escritos, pesquisas de campo etc. É oportuno observar que na Educação Física não há delimitação clara entre conteúdos e estratégias; muitas vezes, elas se confundem. É o caso do “jogo” que, enquanto sinônimo de lúdico, pode tanto ser visto como um conteúdo ou como uma estratégia de ensino. Esse rico acervo de estratégias e conteúdos, usado criativa e coerentemente pelo professor, em função de seus conteúdos e objetivos específicos, do contexto e das características e necessidades de sua clientela, possibilita à Educação Física a construção de metodologia de ensino singular face às outras disciplinas, favorecendo em muito o desenvolvimento pleno do educando – afetivo, social e motor (BETTI, 2002, p. 241-242).

Voltando aos ideais de Paulo Freire (2000, 2007), visando uma prática educativa libertadora e não mais “bancária”, não é tarefa somente do educador escolher os conteúdos e formas de trabalho dentro da escola, seguindo currículos que atendam ao poder hegemônico, mas deve-se propor uma relação de diálogo. Portanto:

É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos, educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de *universo temático* do povo ou o conjunto de seus *temas geradores* (FREIRE, 2007, p. 101).

Para avaliar o processo educativo da Educação Física na escola, Betti (2002, p. 242) comenta que “a avaliação deve servir para problematizar a ação

pedagógica, e não apenas para atribuir um conceito ao aluno”. A avaliação deve ser contínua, compreendendo as fases diagnóstica, formativa e somativa; Deve englobar os domínios cognitivo, afetivo ou emocional, social e motor; deve referir-se às habilidades motoras básicas, ao jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, atividades rítmicas/expressivas e dança, lutas/artes marciais, práticas alternativas; deve referir-se à qualidade dos movimentos apresentados pelo aluno, e aos conhecimentos a ele relacionados; tem que levar em conta os objetivos específicos propostos pelo programa de ensino (BETTI, 2002; BETTI; ZULIANI, 2002). Ainda, segundo Betti (2002, p. 243), “é também importante informar ao aluno quais são os momentos de avaliação formal, e quais aspectos serão avaliados e transformados em conceito”.

### 2.1.2 *O currículo oficial do Estado de São Paulo*

Algumas diretrizes elencadas em diferentes referenciais teóricos discutidos nesse trabalho (BETTI, 1998; BETTI; ZULIANI, 2002; FERES NETO, 2003; KUNZ, 2004, 2006) também estão contidas no Currículo Oficial do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2010). O currículo do Estado de São Paulo, a princípio, parece que entrelaça várias tendências da Educação Física escolar, mas, analisando mais aprofundadamente, ele tende para uma abordagem culturalista, onde a Educação Física tem que trabalhar com o aluno a apropriação crítica da cultura corporal de movimento, que os alunos tenham possibilidade de usufruir dessa cultura, produzir, compartilhar, criar determinados elementos da cultura corporal de movimento, onde a Escola deve oferecer diversidade, possibilidades de escolha para os alunos sobre como relacionar-se com variados elementos dessa cultura. Esse seria o legado da Educação Física para o aluno, para que quando ele sair da Escola, ele possa ser um bom apreciador crítico dessa cultura, que possa usufruir dela, por exemplo, nos seus momentos de lazer, que possa saber conceituar as diferentes formas de relacionamento com essa cultura, que possa analisar criticamente todos esses variados elementos da cultura corporal de movimento.

Por um lado, a equipe de professores que construíram o currículo do Estado de São Paulo do componente curricular Educação Física embasaram-se nessa concepção culturalista, mas por outro lado, tiveram que, de certa forma, adaptar as proposições da Educação Física às concepções dos outros componentes

curriculares, pois no geral é um currículo só, onde todos os componentes curriculares presentes na Escola tem que coadunar com seus referenciais, então teve que haver uma adaptação dessa abordagem culturalista à essa concepção de trabalho visando habilidades e competências, exigida para o currículo, onde o aluno tem que desenvolver as habilidades e competências propostas baseadas nos princípios gerais do currículo. As equipes de cada componente curricular tiveram esse trabalho de adaptar a concepção própria do componente com essa ideia mais geral do currículo, tendo isso afetado diretamente o desenrolar da Educação Física dentro da Escola seguindo esses moldes.

O currículo, no geral, foi planejado para que todos os alunos, de várias regiões do Estado, pudessem fazer o mesmo percurso de aprendizagem, para isso, foram elencados conteúdos, competências, habilidades, estratégias metodológicas e o que se espera dos alunos. O currículo deixa claro que o foco central é a competência leitora e escritora para todos os componentes curriculares. Em São Paulo (2010, p. 10), encontramos seus princípios norteadores, intitulados como “princípios para um currículo comprometido com seu tempo”:

a escola que aprende; o currículo como espaço de cultura; as competências como eixo de aprendizagem; a prioridade da competência de leitura e de escrita; a articulação das competências para aprender; e a contextualização no mundo do trabalho.

O componente curricular Educação Física foi incorporado, dentro desse currículo, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, juntamente com os componentes curriculares Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna e Arte. Há um documento básico curricular e outros conjuntos de documentos (caderno do gestor, caderno do professor e caderno do aluno). Esses cadernos, como material de apoio, são apontados como recursos didáticos para auxiliar a prática pedagógica, orientando a implementação do currículo nas escolas. São Paulo (2010, p. 26) se refere ao ensino de Educação Física descrevendo que:

[...] é fundamental compreender o sujeito mergulhado em diferentes realidades culturais nas quais não se dissociam corpo, movimento e intencionalidade. Seu estudo não se reduz mais ao condicionamento físico e ao esporte, quando praticados de maneira inconsciente ou mecânica. O aluno deve não só vivenciar, experimentar, valorizar e apreciar os benefícios advindos da cultura de movimento e deles desfrutar, mas também perceber e compreender os sentidos e significados das suas diversas manifestações na sociedade contemporânea.

O currículo expõe que tem como expectativa um relacionamento ativo da Educação Física com os outros componentes curriculares.

Precisamos discernir a concepção de currículo que está presente nos materiais, mesmo porque o próprio material se automeia como material de apoio ao currículo (documentos com orientação pedagógica) e não currículo em si, pois o próprio material de apoio tem contido a sua concepção de currículo. O currículo é o que acontece na escola, as experiências escolares, deve dar sentido, significado e conteúdo à Escola, deve levar em conta variados elementos do cotidiano, e um material escrito não seria suficiente para contemplar toda a demanda advinda do cotidiano escolar, o material de apoio não é um currículo, frisamos que o currículo é o que acontece na escola, então entendemos que o material vem a ser um recurso de apoio mesmo.

Por isso, é preciso discernir concepção do currículo proposto e como esse currículo é compreendido por quem vai colocá-lo em prática, no caso, por exemplo, de alguns supervisores de ensino que usam esse material como uma forma de cobrança e vigilância ao trabalho dos professores, atrelando-se a ideia mercadológica de resultados, uma ideia empresarial de educação, e essa ideologia culminou também no entendimento de alguns professores de ver o material de apoio como uma apostila que tem que ser cumprida, completada, e a partir do momento que se tem um choque de realidade, onde o conteúdo dessa apostila não atende automaticamente as necessidades da Escola, se tem um conflito, e esse conflito gera críticas sobre o material. Ao refletir melhor, esse material também pode estar sendo usado errado, isso não significa que os materiais são perfeitos, mas se fazemos uma leitura atenta no material do currículo, temos as expectativas de aprendizagem dos alunos, ideia da situação de aprendizagem, pois o próprio conceito de situação de aprendizagem já nos leva a pensar, pois não é situação de ensino, mas sim situação de aprendizagem, pois o mais importante é o que é apreendido desse processo, a ação não pode ser centralizada no ensino e no professor, mas que seja focado a busca do conhecimento por ambos, ensino e aprendizagem, professor e aluno. O conflito deve ser considerado algo positivo, visto como uma oportunidade, pois, de acordo com Apple (2006, p. 141), “ele executa a tarefa considerável de apontar as áreas que necessitam de retificações”.

Essa discussão trazida anteriormente é importante, pois existe uma diferença em como esse material é percebido por gestores e professores, e se analisar o material, não há conteúdo que afirme que ele deva ser usado como uma forma de controle ou vigilância, daí vem a questão ideológica do uso desse material, a favor de quem, contra quem, com qual objetivo, entre outras perguntas. Essa cobrança e vigilância de instâncias superiores vem a ser uma forma simplista de fazer com que os professores implantem o currículo.

Outro ponto que gostaríamos de destacar e que está muito presente em discussões sobre o currículo referente ao componente curricular Educação Física é que a equipe de professores que construiu o caderno do professor não foi a mesma que construiu o caderno do aluno, o qual veio posteriormente, abrindo possibilidades de divergência de concepções de trabalho, por isso, derivou-se queixas de inúmeros professores, onde afirmam que esses materiais não convergem, considerando que isso seja um fator dificultador para uso desses dois materiais de apoio na prática cotidiana escolar.

Pensamos que o professor tem o material de apoio do currículo e pode usar os temas contidos no currículo, mas esse material não pode inflexibilizar seu trabalho. O professor deve ter a liberdade de executar seu trabalho de acordo com as singularidades de sua escola. Pois, como ressalta Apple (2006, p. 84), as escolas são “instituições que incorporam tradições coletivas e intenções humanas”, sendo elas derivadas de “ideologias sociais e econômicas identificáveis”. Devemos sempre questionar de onde vem “os significados coletados e distribuídos por meio dos currículos abertos e ocultos”, pois “o currículo das escolas responde a recursos ideológicos e culturais que vêm de algum lugar e os representa”. Sendo assim, é fato que muitas visões, de diferentes grupos, não estão sendo expostas, “nem os significados de todos os grupos recebem respostas”.

A educação tem que ser um processo que considere a história, a cultura, tem que reconhecer um novo perfil de aluno, um aluno imerso em tecnologias digitais, a escola tem que acompanhar o seu tempo, e é por essa visão que o currículo tenta atender essa ideia de integração com o mundo midiático e tecnológico (SÃO PAULO, 2010).

Vem a ser um grande desafio pensar em como trabalhar com a divergência do currículo imposto e com os ideais libertadores de Paulo Freire, mas elucidamos



que, como já dissemos, foi um desafio, o qual aceitamos e nos propomos a desenvolver uma intervenção voltada para esse fim.

## **2.2 Mídia: a produção do espetáculo, dos signos e do imaginário**

Segundo Betti e Pires (2014), “a mídia refere-se aos meios de comunicação, no sentido de comunicação humana mediada por algum aparato”. Para Guareschi e Biz (2005, p. 38), “a mídia é o coração da sociedade de informação [...] E a informação é o novo modo de desenvolvimento responsável pela produtividade do sistema capitalista nos dias de hoje”.

Quando Guareschi e Biz (2005, p. 63) diz que “a comunicação é o principal ator hoje na criação social da realidade”, estão realçando a questão de que a mídia tem o poder de selecionar e veicular somente o que lhe convém. Assim:

A mídia não só diz o que existe e, conseqüentemente, o que não existe, por não ser veiculado, mas dá uma conotação valorativa, de que algo é bom e verdadeiro, à realidade existente. É nessa instância que são criados e legitimados determinados valores (GUARESCHI; BIZ, 2005, p. 42).

Lima (2011) chama a atenção para a necessidade de explicar com mais precisão alguns termos usados nessa temática, explicando suas diferenciações, pois a imprecisão conceitual é uma das dificuldades teóricas desse campo. Lima (2011, p. 152) explica a grande mídia como “o conjunto das instituições que utiliza tecnologias específicas para intermediar a comunicação humana”, onde possuem duas características na comunicação, a unidirecionalidade e produções centralizadas, integradas e padronizadas dos seus conteúdos. Sobre a nova mídia, o autor (LIMA, 2011, p. 152) a define como “comunicação realizada através da rede mundial de computadores, isto é, a internet”, onde a característica comunicacional é a interação, através das interfaces utilizadas o emissor e o receptor interagem entre si.

Temos as mídias consideradas tradicionais, como por exemplo jornais, revistas, televisão, rádio, como também as chamadas novas mídias que envolvem as digitais. Quando falamos em velhas e novas mídias parece que umas se sobrepõe as outras, mas na verdade elas se complementam, pois cada uma apresenta potencialidades e limites, onde “esses não são nunca idênticos de uma mídia à outra, de modo que na rede das mídias, cada uma terá funções diferenciais” (SANTAELLA, 1996a, p. 37).

Para Santaella (1996a), as mídias são como redes que se interligam, onde cada mídia exerce uma função específica, sendo assim, o aparecimento de novas mídias redimensionam a função das outras. Historicamente falando, cada novo surgimento resulta para o ser humano novas formas de interações sociais, novas formas de pensar, de perceber e atuar no mundo.

O que falar da convergência? Mídias diferentes trabalham produtos comuns que se encontram em um novo ambiente, com novas narrativas. Jenkins (2009) nos dá exemplos de convergência, onde a série de livros de Harry Potter, da autora J. K. Rowling, gerou filme, virou fenômeno na internet, fãs criaram blogs, comunidades, trocam conhecimentos e experiências entre si, virou um negócio bem rentável, venda de produtos, jogos, entre outras situações advindas dessa história.

Segundo Santaella (2007), a cultura, em cada período histórico, é dominada pela técnica e tecnologia de comunicação mais recente, sendo assim, elas acabam se sobressaindo, onde:

É isso que vem sucedendo com as mídias digitais que instauraram a cibercultura, cuja expressão mais visível encontra-se na internet e mais recentemente nos aparelhos móveis. Contudo, esse domínio não é suficiente para asfixiar o funcionamento das formações culturais preexistentes. É a atual convergência das mídias no mundo ciber, na coexistência com a cultura das mídias e com a cultura das massas, juntamente com as culturas precedentes, a oral, a escrita e a impressa, todas ainda vivas e ativas, que tem sido responsável pelo nível de exacerbação que a densa rede de produção e circulação de bens simbólicos atingiu nos nossos dias e é uma das marcas registradas da cultura digital (SANTAELLA, 2007, p. 130).

Segundo Gentili e Silva (2007, p. 17-18), pensando na compreensão do que seria “cultura de massa”, os meios de comunicação não seriam propriamente meios de comunicação em si, no sentido de representação da realidade, mas sim “meios de fabricação da representação e de envolvimento afetivo do/a ‘espectador/a’ e do/a ‘consumidor/a’”. Belloni (2009) aponta que o acesso as mídias recentes pode provocar tensões entre as gerações, que a absorvem de maneiras diferentes, criam uma “diversidade cultural intergeracional e interclasses”, não somente referente as tecnologias, mas também valores e questões éticas, por exemplo.

Santaella (1996a) alerta sobre a simultaneidade semiótica das mensagens, onde encontramos numa mesma mensagem misturas verbais e não-verbais, onde:

Isso tende a aumentar a imponderabilidade da informação transmitida e a diminuir a possibilidade de controle do emissor sobre aquilo que os

receptores poderão porventura captar como informação na mensagem. São mensagens aparentemente pobres no conteúdo, mas complexas semioticamente, isto é, ricas na mistura de códigos que concorrem para compor a mensagem. Na maior parte das vezes, julgam-se as mensagens de massa como inevitavelmente pobres e pasteurizadas porque apenas um código (geralmente o verbal) é levado em consideração, esquecendo-se da profusão de sinais, processos sógnicos e códigos que estão ali coexistindo (SANTAELLA, 1996a, p. 33-34)

Isso nos faz pensar em quão é importante variar os meios de comunicação, ampliando a multiplicidade de pontos de vista.

As mídias fazem parte do nosso cotidiano, nos bombardeando constantemente com diversas informações, essas informações não são neutras e são responsáveis por construir uma interpretação de mundo (BETTI, 2001b, 2003; GUARESCHI; BIZ, 2005; SANTAELLA, 1996a). Santaella (1996a) faz menção até mesmo a um surgimento de uma nova cultura, “a cultura das mídias”, e ela mesma complementa que:

[...] foi a multiplicação das mídias e dos processos de recepção que elas engendram que preparam a sensibilidade dos usuários para a chegada dos meios digitais, cuja marca principal está na busca dispersa, alinear, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação. Portanto, a cultura das mídias constitui-se em um período de passagem, de transição, funcionando como uma ponte entre a cultura de massas e a mais recente cibercultura (SANTAELLA, 2007, p. 125).

Segundo Santaella (2007, p. 129), a cultura das mídias é a “cultura do disponível” e a cibercultura é a “cultura do acesso”. Para Santaella (2007, p. 232):

[...] quando uma nova mídia é criada e socialmente introduzida, adotada, adaptada e absorvida, ela faz crescer em torno delas práticas e protocolos sociais, culturais, políticos, jurídicos e econômicos. Isso tem recebido o nome de “ecologia midiática” que implica a total integração de uma mídia nas interações cotidianas. Embora haja uma tendência a pensar as mídias apenas como meios de conexão e transmissão de mensagens de um ponto a outro, elas, na realidade, alteram de modo significativo os ambientes em que vivemos e a nós mesmos como pessoas.

Pensando no poder de influência da mídia sobre a população, vem a ser relevante o que diz Santaella (1996b, p. 215):

Sabemos que toda formação social, para sobreviver, deve reproduzir as forças produtivas e as relações de produção existentes. A condição da produção é, portanto, a reprodução das condições dessa mesma produção. Numa sociedade de classes, a ideologia da classe dominante busca conformar os homens à imutabilidade do sistema para garantir sua reprodução e preservação. O papel mais saliente da ideologia é o de

cristalizar as cisões da sociedade, fazendo-as passar por naturais. Desse modo, a ideologia não aclara, ou melhor, não diz a realidade, nem procura dizê-la, mascara-a, homogeneizando os indivíduos aos clichês, slogans, termos abstratos, signos ocultos, que têm por função fazer passar por eternas condições sociais que são históricas e relativas.

Segundo Pires (2002), a expansão dos aparatos tecnológicos converteu a mídia, na sociedade contemporânea, no principal meio de veiculação de discursos, de ideologias dominantes, até mesmo passando a ser não somente veiculadora, mas também produtora devido a sua relação com as esferas de poder político e econômico. Assim sendo:

[...] por discurso midiático pode-se entender a expressão característica da linguagem – imagética, sonora e simbólica – dos meios de comunicação de massa, através da qual conseguem silenciar, publicizar ou recriar evidências, fatos ou expectativas que constituem a cotidianidade da cultura contemporânea, a partir da visão dos interesses ideológicos hegemônicos da sociedade (PIRES, 2002, p. 36).

Essa expansão da abrangência dos meios de comunicação, alcançando variados lugares do mundo, dando maior alcance às suas mensagens impregnadas de valores, normas, comportamentos, dando a oportunidade de um compartilhamento de ideias e aproximação de identidades comuns, pode até mesmo resultar em aproximação de alguns povos, em contrapartida, pode levar a um distanciamento das tradições locais e regionais rumo a globalização, passando a ser influenciados pelos ideais do consumismo, onde populações se reconhecem pelo consumo comum de determinados elementos da cultura derivados da “fábrica global”, dando uma sensação de pertencimento, contribuindo para a construção de identidades virtuais. Esse efeito de virtualização das identidades que a mídia promove atende a uma necessidade da espécie humana de se socializar, fazer parte de algo, como também sustenta uma produção de material simbólico em escala mundial que corresponde a um mercado de consumo global que sustenta os processos de globalização da economia e mundialização da cultura (PIRES, 2002). Como relata Pires (2002, p. 79), “esse é, em síntese, o processo da semiformação cultural, como consequência direta da transformação da cultura em mercadoria que, como já se afirmou, mais do que adquirir um valor de troca, torna-se veículo de ideologia”.

Segundo Santaella (1996b, p. 220), os homens “conferem estatuto de realidade, portanto, às vestimentas ideológicas e mistificadoras que o sistema

produz”. Para refletir sobre o poder das mídias e ideologias veiculadas na mídia, Freire (2007, p. 158) chama a atenção que:

[...] os opressores se esforçam por matar nos homens a sua condição de “admiradores” do mundo. Como não podem consegui-lo em termos totais, é preciso, então, mitificar o mundo. Daí que os opressores desenvolvam uma série de recursos através dos quais propõem à “ad-miração” das massas conquistadas e oprimidas um falso mundo. Um mundo de engodos que, alienando-as mais ainda, as mantenha passivas em face dele. Daí que, na ação da conquista, não seja possível apresentar o mundo como problema, mas, pelo contrário, como algo dado, como algo estático, a que os homens se devem ajustar.

Freire (2007, p. 160) ainda especifica que:

Todos estes mitos e mais outros que o leitor poderá acrescentar, cuja introjeção pelas massas populares oprimidas é básica para a sua conquista, são levados a elas pela propaganda bem organizada, pelos slogans, cujos veículos são sempre os chamados “meios de comunicação com as massas”. Como se o depósito deste conteúdo alienante nelas fosse realmente comunicação. [...] Já as elites dominadoras da velha Roma falavam na necessidade de dar “pão e circo” às massas para conquistá-las, amaciando-as, com a intenção de assegurar a sua paz. As elites dominadoras de hoje, como as de todos os tempos, continuam precisando da conquista como uma espécie de “pecado original”, com “pão e circo” ou sem eles. Os conteúdos e os métodos da conquista variam historicamente, o que não varia, enquanto houver elite dominadora, é esta ânsia necrófila de oprimir.

As notícias veiculadas pelas mídias são transformadas em espetáculo, exercendo grande influência no imaginário das pessoas, dominando representações e discursos, e quem controla as mídias tem o poder de controlar as pessoas, pois a opinião pública é fortemente modelada pela mídia. Daí deriva a globalização cultural, onde há universalização de modelos de vida social, criam-se padrões de consumo e estética, ocorre não a informação, mas a manipulação, vemos nascer o consumidor e não o cidadão, como diz Libâneo (2002, p. 164) “a informação cria a democracia do mercado, o sujeito-cliente, não a democracia do sujeito-cidadão”. Vemos aí a importância de se educar para as mídias.

Libâneo (2002) comenta que perante nossa sociedade, repleta de novas tecnologias da comunicação e informação, os educadores necessitam prestar atenção nas mídias, no papel que ela vem desempenhando e como fazer uso delas em sala de aula, no sentido de transformarem-se em consumidores críticos das mídias para contribuírem numa formação de educandos que também possam relacionar-se criticamente com as mídias.

Segundo Santaella (2007), a comunicação móvel derrubou os obstáculos materiais que bloqueavam o caminhar dos signos e troca de informações. A autora apresenta um resumo da multiplicidade de características da atual paisagem midiática:

a. Inovativa: um período de mudanças tecnológicas profundas e prolongadas em que novas mídias são criadas, dispersadas, adotadas, adaptadas e absorvidas em ritmo dramático. b. Transformativa: há uma fase de experimentações estéticas e sociais enquanto a sociedade vai absorvendo e muitas vezes antecipando novas tecnologias midiáticas. c. Convergente: a comunicação se organiza no cruzamento de múltiplos canais tanto corporativos quanto de origem popular. d. Multimodal: o mesmo conteúdo pode ser encontrado em múltiplas representações. e. Global: as mídias permitem interações entre pessoas em torno do mundo, o que produz impactos positivos e negativos nas culturas locais. f. Em rede: as tecnologias das mídias estão interconectadas de modo que as mensagens fluem de um lugar a outro. g. Móvel: as pessoas podem levar com elas as suas tecnologias comunicacionais. h. Apropriativa: novas tecnologias facilitam o arquivamento, anotação, apropriação e recirculação do conteúdo midiático. i. Participativa: borra-se a linha divisória entre consumidor e produtor com ênfase crescente nas afiliações sociais e engajamento ativo em torno do conteúdo da mídia. j. Colaborativa: a emergência de novas estruturas de conhecimento e criatividade depende de deliberações e soluções de problemas compartilhadas. k. Diversificada: os muros entre as comunidades culturais são quebrados à medida que as mídias fluem através de vários lugares de produção e consumo no contexto de uma sociedade multicultural. l. Domesticada: as mídias estão inteiramente integradas nas interações sociais cotidianas. m. Geracional: existem diferenças agudas entre gerações em termos de acesso ao conhecimento, gostos e interesses culturais e formas de participação e aprendizagem. n. Desigual: o acesso às tecnologias, habilidades, oportunidades de participação é desigualmente distribuído entre a população (SANTAELLA, 2007, p. 122-124).

Se faz necessário administrar a sobrecarga de informações recebidas atualmente para que ela se transforme em conhecimento, ajustando-o ao contexto vivenciado (SANTAELLA, 2007).

### *2.2.1 As funções pedagógicas da mídia*

Encontramos em Guareschi e Biz (2005, p. 93), quando falam do contexto das políticas de comunicação, “que há um preceito constitucional determinando que se dê preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”, mas sabemos que a mídia não as prioriza, acarretando ainda mais para a escola o peso dessa responsabilidade. Os autores apontam que somente através do conhecimento e consciência é que vão derivar ações para que se exija o cumprimento desse preceito constitucional.

Segundo Belloni (2009), duas áreas de estudo e pesquisa que ainda estão confusas entre si vem se desenvolvendo desde os anos de 1970: a mídia-educação ou educação para as mídias, que permeia a dimensão de objeto de estudo e tem como objetivo uma formação ativa, crítica e criativa perante as tecnologias da informação e comunicação, e a comunicação educacional, voltada mais para a dimensão de ferramenta pedagógica. Já Pires (2002, p. 264) esclarece que:

[...] não há nenhuma incompatibilidade de fundamentos entre a pedagogia da comunicação e a educação para a mídia. Ocorre que, enquanto aquela configura-se como uma tendência educativa que valoriza o diálogo pedagógico entre a escola e os meios técnicos, esta é voltada para a formação do receptor crítico.

Segundo Belloni (2009), a mídia-educação foi reconhecida como um direito fundamental da humanidade que visa preparar toda a população para exercer plenamente sua cidadania. Segundo Betti e Pires (2014), o objetivo da mídia-educação é a formação de sujeitos ativos, críticos e criativos em relação às TIC.

As novas tecnologias criaram novos desafios para a mídia-educação, pois a cultura midiática dos jovens é muito mais interativa e participativa, há novos modos de ver o mundo, novas maneiras de aprender e fazer política e abriu um leque de possibilidades para participação democrática. Tudo isso pode ser positivo ou negativo, depende do modo como o usuário vai se relacionar com as mídias.

Vem a ser relevante a contribuição de Libâneo (2002, p. 166):

Leitura pedagógica ou posicionamento pedagógico significa dar uma direção de sentido às práticas educativas tendo como critérios um posicionamento político e ético. Fazer uma leitura pedagógica dos meios de comunicação é verificar a intencionalidade dos processos comunicativos (política, ética, psicologia, didática) presentes nas novas tecnologias da comunicação e da informação e nas formas de intervenção metodológica e organizativa. [...] Nesse sentido, educação escolar significa prover os meios de compreender o mundo, compreender a realidade, e de transformá-la. É isso que caracteriza a educação.

Segundo Libâneo (2002, p. 168), para ir “contra uma ideia linear e mecânica sobre o uso das mídias”, professores e alunos precisam elaborar e transformar “ideias, sentimentos, atitudes, valores, utilizando articuladamente múltiplas mídias, escolares e não-escolares”.

Devido à elevação no nível de consumo das mídias e sua importância ideológica não há como ignorá-las, devendo ser incorporada na escola, sendo esta

considerada um ambiente propício na contribuição para a inclusão digital. A TIC deve ser incorporada na escola de forma criativa, crítica e competente, exigindo transformações radicais na formação de professores, metodologias de ensino, recursos, investimento em recursos e materiais e muita criatividade. A TIC pode servir como ferramenta pedagógica para fins de melhoria e expansão do ensino, mas ao mesmo tempo exige abordagens criativas, críticas e interdisciplinares (BELLONI, 2009).

Segundo Guareschi e Biz (2005), ao se trabalhar com uma educação para a comunicação, é imprescindível dar condições para que os indivíduos conheçam a natureza dos processos comunicacionais em que eles estão inseridos, assim como o descobrimento dos mecanismos que a sociedade utiliza para exercer o poder e manipulação, sempre voltando o olhar desse trabalho para práticas comunicacionais democráticas e libertadoras.

Para ocorrer essa fusão das mídias com as práticas pedagógicas, encontramos em Belloni (2009) um esclarecimento quando ela explica sobre a mediatização, um contexto onde se codifica as mensagens pedagógicas, se elaboram meios para potencializar as virtudes comunicacionais, possibilitando aprendizagens autônomas. O desafio para se trabalhar nesse contexto é: a seleção de meios apropriados para determinadas situações de ensino e aprendizagem, as características dos alunos e acessibilidade aos meios e elaboração de um discurso pedagógico adequado aos componentes e características técnicas dos meios escolhidos.

### *2.2.2 Educar para os meios – da hipnose à reflexão crítica*

Magnoni (2002, p. 171) nos traz um alerta quando cita:

Considero que o deslumbramento fútil pelos meios informacionais tenderá a escravizar os incautos pela exclusão daquilo que mais caro parece ao ser humano: a racionalidade, a capacidade intelectual de pensar, avaliar e prever.

Para Libâneo (2002, p. 165), a informação por si só não propicia o conhecimento, ela é um meio para se chegar ao conhecimento, “ela precisa ser analisada, interpretada, retrabalhada”. Ele ainda nos ilumina que “podemos resistir ao domínio da informação, à colonização da informação, pelo conhecimento, pelo



pensamento”. Assim, ele aponta que a educação e as escolas exercem um papel insubstituível de dar condições intelectuais para uma avaliação crítica “das condições de produção e da difusão do saber científico e da informação” (p. 166). Pires (2002, p. 80) comenta que:

[...] para destravar a formação cultural, é necessário que seja retomada a tensão entre os dois momentos constitutivos da cultura, a autonomia e a adaptação, o que significa recuperar o caráter crítico da primeira, já que adaptar a cultura à lógica das leis de mercado é tudo de que se tem ocupado a indústria cultural.

Assim como Freire (2007) aponta que o caminho contrário a essa manipulação é a problematização da realidade, Pires (2002, p. 119) também chama a atenção para a necessidade de ser desenvolvida a capacidade de autorreflexão crítica “no ideário político-pedagógico de uma categoria profissional que precisa fazer da perseguição à utopia iluminista da educação para a emancipação humana o seu motor próprio”. Uma educação para a reflexão crítica infere em dar condições para que o indivíduo desenvolva relações coerentes e críticas com os conteúdos midiáticos e a sua realidade. Para Pires (2002, p. 120):

[...] esclarecendo e capacitando-se mutuamente a agir na perspectiva do esclarecimento é que se pode ousar transgredir a lógica linear determinada pelo modelo de produção da realidade difundido pela e através da indústria cultural.

Freire (2007) sugere um recurso didático prático, com foco numa visão problematizadora, a utilização das mídias, leituras e discussões de artigos de revistas, jornais, capítulos de livros, onde ele orienta que deve-se começar falando sobre os autores, depois ler trechos do texto, em seguida, realizar um debate sobre o conteúdo da leitura.

Como diz Guareschi e Biz (2005, p. 40), “a Internet pode dar todas as respostas, mas não consegue fazer a pergunta”. Os autores explicam que, das mídias, “o público recebe informações curtas, em fragmentos, sem uma contextualização ou um fio condutor” (p. 116). Para sair de uma postura passiva, de hipnose, para buscar reflexões críticas se faz necessário questionar o que lhe é dado. A escola, na figura do educador, pode contribuir nesse processo de conscientização, onde, segundo os autores, “o papel do educador não é dar respostas, mas sim fazer a pergunta, uma pergunta que liberta” (p. 22).

### 2.2.3 A mídia e a Educação Física

Segundo Betti (2003), a mídia ganhou extrema importância nos dias atuais e exerce grande influência no contexto da cultura corporal de movimento, sendo assim, surge então uma questão norteadora para a Educação e a Educação Física: “como compreender tal fenômeno do ponto de vista teórico, como lidar com ele no cotidiano profissional, particularmente na Escola?” (p. 12).

Betti (2001b) comenta que a mídia proporcionou um compartilhamento de informações sobre a cultura corporal de movimento, nem sempre confiáveis, sendo um problema pedagógico para a Educação Física. A predominância das mídias é a espetacularização do esporte. Elas priorizam o espetáculo e o entretenimento, longe de preocupações educativas formais, não tem uma verdadeira comunicação, as informações são desconexas, sem contexto, recaindo a responsabilidade à escola para educar para os meios, “porque a escola deve ser um lugar de conexões, de comunicação entre os homens, enfim, lugar de reflexão crítica coletiva” (p. 126). Ele aponta o professor como um mediador entre as mídias e alunos, onde o trabalho deve pautar-se primeiro na emoção (das mídias) e depois a reflexão (intervenção escolar).

Betti (2001b) denuncia que cada vez mais crianças e adolescentes tomam contato com a cultura corporal de movimento como telespectadores e não praticantes (imagem e não vivência), diferente do contexto de antigamente e a nova tarefa pedagógica para a educação física escolar é a formação crítica perante as mídias, mas tal proposição só tem sentido numa determinada concepção de Educação Física.

Em relação a esse novo contexto midiático e tecnológico, é preciso refletir sobre o papel da Educação Física na contemporaneidade, onde vem a ser relevante, segundo Betti (2003), a ideia de que a Educação Física é uma prática pedagógica que tem como objetivo ao longo de sua intervenção proporcionar uma apropriação crítica da cultura corporal de movimento. Betti (2003) comenta que diariamente somos bombardeados com informações advindas de diversos meios de comunicação, e que essas informações e meios não são neutros, possuem ideologias que acabam se tornando dominantes. Isso afeta diretamente a escola e assim também o componente curricular Educação Física. Isso nos faz pensar que a escola deve levar em consideração os conteúdos midiáticos que estão presentes no cotidiano dos membros da comunidade escolar, devendo ser tratado de uma maneira contextualizada e

crítica. Há necessidade de se preparar o professor para atuar nesse contexto. Para Betti (2003), a “escola deve tornar-se, explícita e intencionalmente, mais um contexto de mediação que se interpõe entre os alunos e as mídias” (p. 96). A Educação Física Escolar, segundo Betti (2003, p. 97):

[...] tem por finalidade introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, visando instrumentalizar e formar o cidadão que possa usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais do exercício da motricidade humana.

Vem a ser importante uma visão de “totalidade humana”, no sentido de que essa integração deva abranger as dimensões físico-motora, afetiva, social e cognitiva. Na contemporaneidade, as mídias devem ser incorporadas no contexto educacional “visando instrumentalizar o aluno para manter uma relação crítica e criativa” com elas (BETTI, 2003, p. 98). Para Betti, (2003, p. 96), para se ter bons resultados pedagogicamente e conseguir relacionar-se criticamente com as mídias, a Educação Física precisa ser concebida “como articulação pedagógica entre vivência corporal/conhecimento/reflexão, referenciando-se ao conceito de cultura corporal de movimento”.

Segundo Betti (2002, p. 239), a Educação Física escolar deve estimular a incorporação das diversas práticas da cultura corporal de movimento pelo aluno, para que ele seja um praticante lúcido e ativo, que possa analisar a qualidade do que lhe é oferecido por diferentes instituições e identificar práticas que melhor se adequem à ele, assim como “é preciso preparar o leitor/espectador para analisar criticamente as informações que recebe nos meios de comunicação sobre a cultura corporal de movimento [...]”.

Betti (2001a) responde à pergunta: quais as contribuições que esse esporte da mídia pode dar para a Educação Física escolar? Ele nos aponta que são oportunidades de questionamentos, oportunidade de trabalhar uma contraideologia partindo da mídia. Para Neira e Nunes (2009, p. 254-255):

Quando um currículo pós-crítico da Educação Física analisa como os meios de comunicação contribuem para a degradação do corpo, das práticas corporais e dos sujeitos nelas envolvidos, todos rebaixados a objetos de compra e venda na sociedade de consumo e, simultaneamente, exalta as manifestações da cultura corporal popular que persistem aos ataques neoliberais, está a proporcionar não apenas experiências afirmativas para os estudantes pertencentes à cultura subordinada, mas a oportunidade de

análise e desconstrução das situações nas quais foram posicionados por atos e discursos.

Betti (2003, p. 97) aponta a influência da mídia no âmbito da cultura corporal de movimento, onde ela constrói novos significados, inventa novas modalidades, com foco voltado ao entretenimento e consumo, especialmente no conteúdo do esporte, onde a TV criou o esporte telespetáculo, que se caracteriza como:

[...] realidade textual relativamente autônoma em face da prática “real” do esporte, construída pela codificação e mediação dos eventos esportivos efetuados pelo enquadramento das câmaras televisivas, a edição das imagens e os comentários e sons (música, efeitos sonoros) que se acrescentam a elas, e que interpretam para o telespectador o que ele está vendo.

O esporte é considerado o foco prioritário das mídias, mas outras manifestações da cultura corporal de movimento estão ganhando espaço nesse processo de espetacularização, como, por exemplo, as ginásticas que antes eram voltadas para a participação de todos visando a saúde e agora também foi profissionalizada, com federações e diversas competições. Assim, também os esportes radicais, que antes eram marginalizados e agora estão “em alta” na mídia, ganhando o gosto dos jovens, como o skate e o surf, bem televisionados pelo canal de TV OFF, por exemplo.

A partir de sua virtualização, se abriu um leque de possibilidades para vivenciar o esporte. O esporte na contemporaneidade é valorizado e ganhou espaço na mídia, se tornando também uma mercadoria, como também alguns inacessíveis e elitizados, restando para algumas pessoas somente o papel de telespectadores (FERES NETO, 2003).

Porém, não é só o discurso sobre a imprensa esportiva que se caracteriza como uma “nova” modalidade esportiva. A própria assistência ao esporte telespetáculo torna-se, de certo modo, uma nova prática (FERES NETO, 2003, p. 78).

Interessa, para Feres Neto (2003), saber como isso contribui na formação humana, focando na atuação profissional da Educação Física. Segundo o autor, novos jogos sociais estão presentes nas experiências das modalidades, onde predominam características marcantes como embaralhamento entre assistir e praticar e a intensificação da experiência vital. Segundo Feres Neto (2003), um caminho para a

Educação Física contribuir na produção de novas subjetividades é incorporar nas aulas experiências de interação com diversas mídias, sempre vinculando com a prática, a fim de produzir material audiovisual sobre o esporte seguindo uma perspectiva crítica e criativa. A virtualização possibilita a interação de diferentes abordagens, sendo assim, o autor aponta que a virtualização do esporte nos leva ao âmbito interdisciplinar dentro da escola, havendo a necessidade de ser encarado como tal.

Betti (2003, p. 98) aponta que para utilizar as mídias no ensino da Educação Física escolar, primeiramente deve-se “interpretar o discurso das mídias sobre a cultura corporal de movimento, buscando decifrar os sentidos nele presentes, e refletir criticamente sobre suas repercussões na Educação Física Escolar” e, posteriormente, “pesquisar e propor metodologias adequadas para a efetiva incorporação, de modo crítico e criativo, das produções das mídias ao ensino da Educação Física”.

Pires (2003) foca na questão da formação acadêmica dos profissionais de Educação Física, que deve levar em consideração as transformações midiáticas e tecnológicas visando uma formação que prepare o profissional para que possa atuar nesse contexto de forma crítica e emancipada, e que isso possa se estender para seus respectivos alunos. Para Pires (2003, p. 32):

[...] a tarefa teórica e prática da Educação Física deve ser a do esclarecimento, visando desvelar pela crítica e pela razão o conjunto de objetivos e interesses que configuram a mensagem midiática sobre esporte.

Pires (2002, p. 220) nos apresenta em sua pesquisa, preocupada com a formação de professores para atuar no âmbito da Educação Física, um caminho para se trabalhar com as mídias, como segue:

O objetivo central desta unidade temática, qual seja, o de despertar a atenção dos alunos para uma leitura mais cuidadosa e criteriosa da mídia esportiva cotidiana, tinha ainda propósito didático de significativa importância e evidente vínculo com o marco referencial da proposta teórico-metodológica sugerida para inserção da temática da mídia esportiva na formação acadêmica em Educação Física: a utilização da própria mídia, através das produções de seus veículos, como material didático a ser ressignificado na prática pedagógica do educador. Efetivamente, esta estratégia didática atende ao preconizado pela corrente pedagógica da educação para a mídia, que entende serem os produtos de seus veículos (rádio, jornal, televisão, revistas) a matéria-prima sobre a qual deve-se debruçar o pedagogo para a construção de estratégias didáticas que, partindo de uma situação reconhecida e já significada pelos alunos (a mensagem midiática), possibilite-

lhes transcender leituras e versões de senso comum, produzindo entendimentos cientificamente elaborados [...]

Para isso, o currículo deve abranger os âmbitos da interação e comunicação para que haja reflexões dialógicas sobre os temas.

Betti (2003), citando Ferrés (1996), comenta que as dimensões sensitiva e emocional são as primeiras a serem mobilizadas pela comunicação audiovisual, e o professor, no processo educativo, acaba deixando de lado essas dimensões e valorizando somente as dimensões de caráter lógico e racional. Para Ferrés (1996), citado por Betti (2003), a questão é chegar à reflexão por meio da emoção, nesse interim, o trabalho nesse caminho deve ser iniciado interrogando os alunos sobre suas reações perante as mídias, por exemplo, “o que acharam?”, “qual a sensação que causou em vocês?” A partir daí se deve firmar um diálogo, um confronto de ideias, para conseqüentemente se concluir com a análise, reflexão dessa experiência. Sendo assim:

Para Ferrés, o método compreensivo é útil para escolas não só para que o processo ensino-aprendizagem seja mais motivador e coerente, mas também para que o aluno aprenda, fora da escola, “a transformar as emoções em reflexões, o prazer em oportunidade para a análise [...]” (BETTI, 2003, p. 103).

Para Betti (2003), sendo feita dessa maneira a incorporação das produções das mídias no ensino da Educação Física, provoca motivação nos alunos, conseqüentemente incitando ao debate e reflexão, sendo que as produções audiovisuais conseguem se destacar mais perante as informações transmitidas pelo próprio professor que, às vezes, não conseguem ter tanta repercussão, assim como ocorre um ganho de tempo perante aulas expositivas e com textos escritos. Os recursos audiovisuais vêm a acrescentar ao processo educativo, causando impacto nos alunos, pegando-os pela emoção, para então o professor fazer a mediação a fim de se chegar numa racionalização, no objetivo de uma educação crítica, tão necessária aos nossos dias com avalanches de informações.

Segundo Betti (1998, p. 149):

A consciência crítica, a humanização, a elevação dos patamares de civilização só podem ser propostas às novas gerações com base no seu contexto de vida, na sua linguagem, nas suas novas formas de comunicação e compreensão do mundo, que incluem a tecnologia audiovisual.

De acordo com Betti (2003, p. 92-93), a escola deve trabalhar com produções midiáticas, pois já fazem parte do nosso cotidiano, mas esses recursos não devem ser utilizados como fins em si mesmos, mas como meios “subordinados aos objetivos e conteúdos do ensino, [...] de modo crítico e contextualizado”. Para o autor:

A incorporação das produções das mídias, [...] ao ensino da Educação Física na perspectiva da vivência/conhecimento/reflexão, traria muitas vantagens: (1) motiva ao debate e à reflexão, por tratar de assuntos atuais e polêmicos, sobre os quais em geral os alunos já possuem informações; (2) a linguagem jornalística é atraente para os alunos, é mais sintética e muitas vezes conjugada com imagens e recursos gráficos; (3) as produções audiovisuais conseguem dar destaque e importância para informações que às vezes o próprio professor transmite, mas não obtém repercussão satisfatória; (4) facilita o desenvolvimento de conteúdos conceituais e atitudinais (5) os vídeos podem sintetizar muito conteúdo em pouco tempo, e substituir com vantagem aulas expositivas ou textos escritos; (6) no caso da televisão, a *imagem* nos atinge primeiro pela emoção, e a partir desse primeiro impacto, que *co-move* o aluno, o professor pode mediar uma interpretação mais racionalizada e crítica (BETTI, 2003, p. 111).

Para acrescentar um exemplo prático, no trabalho de Zylberberg (2003) podemos notar a preocupação da autora com esse contexto que atinge o público infantil e adolescente, onde mensagens impostas pelas mídias nem sempre são corretas e confiáveis, mas muitas vezes são tidas como “verdades imutáveis e inquestionáveis, que urgentemente precisam ser questionadas e isso exige dos profissionais conhecerem um pouco mais sobre o poder da imagem” (ZYLBERBERG, 2003, p. 52). A Educação Física, ao longo de sua história, vem sofrendo influências de diversas correntes, onde, segundo Zylberberg (2003), os referenciais biológicos ou higienistas contribuem de uma maneira bem incomoda para promover ideais de exclusão em nossa sociedade, estigmatizando os corpos e levando a um senso comum que determinadas atividades não são para determinadas pessoas, enfim, criando mitos que acabam “excluindo pessoas da oportunidade e do direito de ter acesso à cultura corporal” (p. 49). Para a autora, o “modelo do mito divulgaria a ideia de que existe um modelo a ser copiado, desconsiderando o estilo próprio, o que dificulta a descoberta da potencialidade individual” (p. 50). Ela aponta que a mídia contribui para promover esses ideais mitológicos, também que as informações apresentadas pelos meios de comunicação de massa são limitantes e reduzidos, sendo necessário buscar alternativas que contribuam para romper com esse paradigma. Em seu estudo, Zylberberg criou oito personagens, a “Turma da

(in)formação”, que interagem com as crianças e adolescentes explicando diversos assuntos e auxiliando no processo educativo por meio de *website*.

### **2.3 A desmitificação da tecnologia**

A tecnologia foi pensada pela humanidade para atender as suas necessidades, é criada, inventada e fabricada a fim de solucionar os dilemas do cotidiano. O avanço tecnológico mantém uma relação direta com o desenvolvimento da sociedade, mais especificamente falando de sua força produtiva, o trabalho humano (KENSKI, 2007; PINTO, 2005).

Para Kenski (2007, p. 20), para sobreviver aos desafios da natureza, a humanidade aderiu as formações grupais, sendo que “a fragilidade do homem, diante das outras espécies, era superada por sua inventividade e pela capacidade de agregação social. As ferramentas eram criadas e utilizadas em grupo”. Esse conhecimento tecnológico se inseriu e se constituiu nas culturas de diversos povos, sendo levadas adiante e aperfeiçoadas, de geração em geração. Essa evolução não é somente voltada a manipulação de novos aparatos, mas também causa modificação no comportamento humano, tanto individual como no grupo social.

Pinto (2005, p. 49) aponta que ao se pensar na tecnologia sem levar em conta seus alicerces, o desenvolvimento das forças produtivas, “exclui a significação do homem e de seu esforço intelectual em racionalizar os dados da realidade para se aproveitar dos recursos oferecidos, tira-lhe toda a objetividade”. Assim sendo, “a técnica torna-se não um substantivo, categoria gramatical, mas uma substância, categoria física, um ser, uma coisa” (p. 50).

O fato primordial do contexto tecnológico é “a relação produtiva do homem com o mundo”, fazendo da “história um produto da técnica” (PINTO, 2005, p. 50). A compreensão do significado humano da tecnologia deve ter seu início no estudo da “máquina”, sendo esta invenção produzida pela inteligência humana, desde o início da evolução humana, onde “a máquina, assim como a técnica, é coetânea ao homem. Representa uma das manifestações do processo de criação do homem por si mesmo” (p. 54).

É necessário analisar a adaptação x projeção para compreender a razão pela qual a técnica coincide com a práxis de todo o desempenho humano. De acordo com Pinto (2005, p. 54-55):



O homem projeta de fato o seu ser, mas não pelo cultivo dessas especulações metafísicas e sim mediante o trabalho efetivo de transformações da realidade material, tornando-se o outro que projeta ser em virtude de haver criado para si diferentes condições de vida e estabelecido novos vínculos produtivos com as forças e substâncias da natureza. Daí resulta um outro mundo, de tal forma que viver nele significa para o homem ser distante do que era no contexto anterior.

Segundo Pinto (2005, p. 55), o projeto é “a percepção mental das possibilidades de conexões entre as coisas”. A adaptação nos animais irracionais é semelhante ao projeto consciente dos humanos, onde a adaptação é passiva, o ser se modifica para se adequar ao mundo, sem a capacidade de modificar o mundo. “A adaptação é a forma inferior do encontro da matéria viva com o mundo. O projeto representa a forma mais elevada” (p. 56). Sendo assim, para Pinto (2005), ao analisar filosoficamente a capacidade do ser humano de criar, tanto no sentido geral como na fabricação, a análise de projeto, fundamentada tanto no biológico como no social, tem que ser a base, onde ele explana que o verdadeiro projeto humano se concretiza nas novas relações com o mundo, especialmente no trabalho.

Pinto (2005, p. 61) explica que o ser humano acaba perdendo sua capacidade de “produtor”, assumindo a postura de “consumidor”, “porque se inclui numa estrutura de existência que se encarrega de obter esses resultados para ele”. Entretanto, somente quando a pessoa exerce a função de produtor ele “se constitui em ser plenamente humano, com a superioridade distintiva que possui”. Para o autor, “na oposição entre consumidor e produtor está o caráter distintivo do salto qualitativo que gerou o homem, e lhe dá o sentido pelo qual se define, tanto ele quanto seus atos”. No entanto:

Dois aspectos distinguirão esse caminho seguido pelo homem. O primeiro é que a condição para ter ingressado nesta segunda via [...] foi adquirir a capacidade de projetar. O segundo é o de se ter tornado um ser social justamente para poder, por este modo, produzir (PINTO, 2005, p. 62).

Assim, o projeto fecunda-se e desenvolve-se na produção, “em forma de trabalho socialmente organizado” e, “o homem, tornando-se o ser que se produz a si mesmo, constituiu-se simultaneamente em animal técnico. A técnica está presente por definição em todo ato humano” (PINTO, 2005, p. 62).

Já Santaella (2007, p. 258), ao diferenciar a técnica da tecnologia, explica que “a técnica é um saber fazer, cuja natureza intelectual se caracteriza por

habilidades que são introjetadas por um indivíduo, a tecnologia, como um conhecimento acerca da própria técnica, avança além desta”. A autora ainda aponta que apesar da grande dimensão “de possibilidades, questões e desafios que as estéticas tecnológicas contemporâneas apresentam”, há um fator inquestionável nesse contexto, “o caráter processual de inacabamento em que o artefato já não existe em uma versão final, mas apenas em processos permanentes e cada vez mais acelerados e mutáveis de vir a ser” (SANTAELLA, 2007, p. 283).

Kenski (2007) nos alerta que quando falamos em tecnologia, não podemos ligar nosso pensamento somente a equipamentos, pois a tecnologia pode ser também elementos não palpáveis, como por exemplo, a linguagem, criada para viabilizar a comunicação entre as pessoas; também verificamos na obra de Foucault (2003) que ele apontou a “disciplina” como sendo uma tecnologia. Nesse caminho, para Kenski (2007, p. 23), “o conceito de tecnologias engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso, suas aplicações”.

### *2.3.1 A tecnologia em Paulo Freire*

Alencar (2005) estudou o pensamento de Paulo Freire sobre a tecnologia, onde ele explica que, para Freire, a tecnologia era uma expressão da criatividade humana e faz parte do seu desenvolvimento natural. Para ele, a nova tecnologia não se sobrepõe ao velho, mas nasce dele, se aperfeiçoando. A tecnologia tem um caráter político, por ser uma prática humana, e é impregnada de ideologias, sendo assim, há de se ter uma preparação para utilizar-se das tecnologias.

Para incorporar a tecnologia na prática, tem que se pensar em alguns caminhos a trilhar, apontados por Paulo Freire, os quais estão citados nos estudos de Alencar (2005): refletir sobre a intencionalidade de seu uso; saber usar e compreendê-la; deve ser contextualizada, pois muitas vezes ela é introduzida por fatores externos que não levam em consideração os fatores internos, pensando nas necessidades do grupo; a atitude perante a tecnologia deve ser sempre crítica, temos que usar a tecnologia e não ser manipulados por ela.

Para Freire (1996, p. 33), “divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado”. A questão crucial é sempre manter em pauta as perguntas de Paulo Freire: para quê, como, a favor de

quem, contra quem... essas perguntas são tanto para fazer uso da tecnologia como para analisar sua entrada na escola.

No pensamento de Freire, apontado nos estudos de Alencar (2005), a tecnologia é natural do ser humano e não deve ser mitificada. A tecnologia apresenta benefícios e perigos, depende de quem a serve e de como vai ser utilizada. Há grandes riscos no seu uso irracional, como a bomba atômica jogada em Hiroshima, por exemplo. Uma crítica de Freire é sobre a necessidade de superação do dualismo tecnologia x humanismo, onde as tecnologias são criações do ser humano que foram progredindo ao longo da história, não devendo ser colocada num alto patamar de solucionadora de todos os problemas, pois é o ser humano o ponto chave da questão, um não exclui o outro.

Outra questão relevante apontada por Alencar (2005) sobre o pensamento de Freire e a tecnologia, é a ética sobre seu uso. Freire critica o uso da tecnologia muitas vezes a serviço da produção capitalista, visando o consumo, sendo urgente voltar o olhar para um uso mais humano. Uma grande preocupação é o uso da tecnologia pelos opressores para manutenção do poder, para inculcar suas ideologias dominantes na população. Para Freire, a tecnologia deve ser usada para um efeito contrário, servir aos oprimidos na sua luta por uma transformação social. Portanto:

O que me parece fundamental para nós, hoje, [...] é a assunção de uma posição crítica, vigilante, indagadora, em face da tecnologia. [...] Nunca, talvez, a frase quase feita – exercer o controle sobre a tecnologia e pô-la a serviço dos seres humanos – teve tanta urgência de virar fato quanto hoje, em defesa da liberdade mesma, sem a qual o sonho da democracia se esvai (FREIRE, 2001, p. 133).

Sobre as possibilidades, nos estudos de Alencar (2005), encontramos que Freire aponta para as tecnologias como fonte de pesquisas, maior motivação, uma maximização do tempo e possibilidade de transmissão, onde por exemplo, em situações onde ele não pode estar presente, mandou mensagem de áudio ou vídeo, superando as limitações territoriais.

Freire e Guimarães (2000, p. 40-41) apontam que:

Hoje você já pode desmontar, num certo sentido, tudo isso e dizer: "Mas por que é que eu preciso sofrer dessa maneira para aprender a geografia do mundo? Por que eu tenho que suar frio diante de um professor porque eu não sei o nome das capitais? Não, eu tenho outras maneiras!" E aí, a meu ver, a nova tecnologia também ajudou muito, permitindo que os meios de comunicação – como recursos alternativos de filmar, de fotografar, de fazer

videotexto, de botar em computador, por exemplo – facilitassem o contato entre os indivíduos e a matéria a ser conhecida. E tudo isso tornando possível que, sofrendo menos, o indivíduo avance mais! O que há é que nós ainda estamos num mundo em transição – e sempre haverá alguém que dirá que nós estamos eternamente, desde que o homem é homem, em transição – entre um ou vários sistemas de dominação, de manipulação das pessoas e das coisas, que resistem ferozmente à emergência de um outro mundo com pessoas diferentes, que vivam sem pisar nos outros, mais fraternas, mais humanas, mais alegres e mais felizes!

Alencar (2005) explica que Freire, em tempos onde ainda não era recorrente a temática da “inclusão digital”, já mostrava sua preocupação com a necessidade de ampliação do uso das tecnologias para todos, a fim de diminuir a distância entre ricos e pobres, promovendo acessibilidade e empoderamento para os excluídos. Encontramos em Freire (1996, p. 87) sua posição sobre esse contexto:

Nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabolizo, de outro. Por isso mesmo sempre estive em paz para lidar com ela. Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas desfavorecidas. Não foi por outra razão que, enquanto secretário de educação da cidade de São Paulo, fiz chegar à rede das escolas municipais o computador.

Analisar a tecnologia, sob o olhar de Paulo Freire, vem a contribuir para uma visão mais democrática e ética sobre seu uso.

### *2.3.2 O conceito ideológico de “era tecnológica” como expressão de dominação*

Para discutir sobre essa temática recorreremos aos estudos do filósofo Álvaro Vieira Pinto e sua grande contribuição com o livro “O conceito de tecnologia”. Para Pinto (2005, p. 35), “o que distingue o maravilhar-se atual do antigo é que agora o homem se maravilha não diante da natureza, mas diante de suas próprias obras”. Com o passar do tempo a humanidade foi aprimorando suas habilidades, exercendo melhor “domínio sobre as forças naturais e criou artefatos tão espantosos”. Ele explica que ocorreu uma forma de alienação que “afeta especialmente os eruditos, privados de consciência crítica”, onde:

O homem maravilha-se diante do que é produto seu porque, em virtude do distanciamento do mundo causado pela perda habitual da prática de transformação material da realidade, e da impossibilidade de usar os resultados do trabalho executado, perdeu a noção de ser o autor de suas obras, as quais por isso lhe parecem estranhas (PINTO, 2005, p. 35)

Como sempre ocorreu na história da humanidade, cada vez que o ser humano vai criando e produzindo mais artefatos, desenvolvendo-se e se maravilhando com seus feitos, também resulta em novas concepções filosóficas relacionadas ao universo, a vida e a essência do indivíduo. Pinto (2005) denuncia uma intenção oculta de, ao enaltecer as proezas extraordinárias da ciência atual, vem impregnado ideais de propaganda de feitos e valores de grandes nações metropolitanas, pois:

À medida, porém, que vão sendo compreendidos os processos naturais e descobertas as forças que os movimentam, com a conseqüente possibilidade de utilização delas pelo homem, para produzir artefatos capazes de satisfazer novas necessidades, e essa fabricação se multiplica constantemente, o mundo deixa de ser simplesmente o ambiente rústico espontâneo e se converte no ambiente urbano, [...] Com isso, a função cosmogônica transfere-se da natureza para o homem. É este que cada vez mais cria a natureza, ou antes aquilo que para ele começa a lhe aparecer como natural (PINTO, 2005, p. 37).

Para Pinto (2005, p. 37), “se no início era o mundo espontaneamente constituído, agora que o civilizado consegue cercar-se de produtos fabricados pela arte e pela ciência, serão estes que formarão para ele a nova ‘natureza’”. Sendo assim, os menos favorecidos economicamente, não reconhecem a “verdadeira natureza” porque são induzidos a pensar que o natural é a representação ideológica de percepção de mundo dos grupos dominantes, das regiões industrializados. Atualmente nos maravilhamos com o conjunto de objetos e procedimentos artificiais presentes no nosso cotidiano, “daí a fácil conversão dessa atitude em ideologia” (p. 38). As pessoas se mantêm entusiasmadas com a constante substituição desses elementos tecnológicos. A natureza do mundo perdeu espaço para as coisas do homem.

A questão primordial é ter uma consciência crítica, valorizar e enaltecer sim esse avanço de domínio sobre a natureza, mas não ser ingênuo a “tornar absolutos os modos de existência de cada época, as criações humanas nela possíveis” (PINTO, 2005, p. 39), convertendo-se em ideologia a valorização do presente, tão abraçada pelos grupos dominantes.

O conceito de “era tecnológica” carrega consigo a ideologia dominante de incutir na consciência das massas que vivemos nos melhores tempos, dando um valor moral a essa civilização técnica, onde as classes dominantes trazem para si a criação dessas obras, incutindo nas classes menos favorecidas que elas prestam serviços à

humanidade, controlando todo o sistema. O saber que antes significava poder agora também se alia ao valer. Aos defensores dessa ideologia dominante, convém tomar a realidade em blocos para manter a euforia da população, porque se o todo for analisado, essa inculcação pode cair por terra. Quando denunciarmos que essa “era tecnológica” é para poucos, que nem todos podem ter acesso as tecnologias emergentes, pois a sociedade está dividida em classes sociais, ressaltando as desigualdades econômicas e culturais de diversos setores da sociedade, e indo mais adiante, a diferença entre as nações, onde umas tornaram-se dependentes das outras, acabamos minando esse campo de beleza da “nova era”.

Há uma falsa ideia de que todos participam “em pé de igualdade da mesma “civilização tecnológica” que os “grandes”, na verdade os atuais “deuses”, criaram e bondosamente estendem a ricos e pobres sem distinção” (PINTO, 2005, p. 43), na tentativa de conter manifestações políticas das massas. Não evidenciam que as grandes criações, que tem o poder de dar rumos diferenciados ao progresso e a produção dos utensílios, tem sua origem em territórios dominantes, governados “por grupos economicamente privilegiados, que delas auferem todos os proveitos”, mas sim buscam promover as nações periféricas que isso “é o mecanismo natural e inevitável do progresso”. Os países subdesenvolvidos acabam incorporando-se de forma passiva a esse ideal tecnológico, exercendo o papel de consumidores, imitadores ou no máximo fabricantes. O controle do universo das técnicas está nas mãos dos dominantes que distribuem depois aos demais, onde se promove o falso ideal de que todos estão ingressando na “era tecnológica”. Essas potências exploradoras inibem a capacidade criadora nativa dessas regiões.

Segundo Pinto (2005, p. 63), toda a nossa história se caracteriza como “era tecnológica”, onde “desde que o homem se constitui em ser capaz de elaborar projetos e de realizar os objetos ou as ações que os concretizam. Sempre aqui no sentido uniforme de solucionar a contradição existencial com a natureza”, com o olhar para a realidade social, mas para isso a pessoa deve se tornar produtora. O fato é que “a tecnologia pertence ao comportamento natural do ser que se humanizou” (p. 64).

O ponto relevante da diferença entre as “eras”, apontado por Pinto (2005), é que atualmente temos mais tempo, liberdade e amplitude de escolha sobre os aparatos tecnológicos do que antigamente, onde a preocupação com os afazeres da subsistência demandava mais tempo, denominando numa “sociedade tecnocrática”. As técnicas de cada período histórico da produção humana são de tipos diferentes,

no sentido de que no desenrolar da produção caminham “para um plano qualitativamente novo”, sendo assim, “o conteúdo das eras sucessivas muda constantemente” (p. 68).

Para Pinto (2005, p. 69), “toda época é por definição única e possui a tecnologia a que pode ter acesso”, e ele ainda complementa que:

A criação tecnológica de qualquer fase histórica influi sobre o comportamento dos homens, sem por isso entretanto haver o direito de considerá-la o motor da história. Apenas explica um estado de assombro e desnorteamento, e a correlata “crise dos valores”, por motivo das profundas modificações nos hábitos sociais, nas formas de convivência e comunicação e nas respectivas maneiras de pensar (PINTO, 2005, p. 69-70).

Resumindo, para Pinto (2005), a humanidade sempre viveu numa era tecnológica, a tecnologia sempre existiu, em todos os cantos do mundo e classes sociais, pois a tecnologia foi pensada para facilitar a vida. O indivíduo, no desenrolar de sua existência, com sua capacidade de pensar, foi reatualizando a sua existência pelas relações sociais e invenções técnicas. Segundo Pinto (2005), técnica, produção e conhecimento são indivisíveis. A técnica dá sentido de humanidade às pessoas. O ser humano age sobre a natureza enquanto transforma sua própria percepção de mundo, sendo que o uso da técnica faz essa mediação. Qualquer povo, sem distinção, tem a capacidade de criar suas tecnologias.

Pinto (2005) diz que toda tecnologia tem um conteúdo ideológico, voltado as ações humanas, com relação ao trabalho. A ideia de “era tecnológica” é uma faceta ideológica de grupos dominantes que querem dominar a história, querem dar um sentido de que estamos vivendo seu auge. A classe dominante impregna um pensamento ideológico de “mito” para a tecnologia, dando a entender que os problemas das classes menos favorecidas são advindos de imperfeições tecnológicas, apresentando uma forma de dominação, como um vir-a-ser, inculcando uma passividade na população, na espera de que a tecnologia vai chegar, vão ser proporcionados programas para incorporação da tecnologia, e assim vai seguindo o processo de dominação.

### *2.3.3 Tecnologias digitais na escola: tecnologia para a emancipação x tecnologia para consumo*

Segundo Belloni (2009, p. 21) a TIC é “resultado da fusão de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas”. Kenski (2007, p. 44) relata que “usamos muitos tipos de tecnologias para aprender e saber mais e precisamos da educação para aprender e saber mais sobre as tecnologias”. A autora aponta que “a maioria das tecnologias é utilizada como auxiliar no processo educativo”, onde as tecnologias se fazem presentes “em todos os momentos do processo pedagógico, desde o planejamento das disciplinas, a elaboração da proposta curricular até a certificação dos alunos [...]”. A autora frisa que a tecnologia tem o poder de alterar a natureza do processo educativo, assim como o modo de se comunicar dos participantes, portanto, a escolha da tecnologia deve ser levada com seriedade. Para Kenski (2007, p. 57), quando não se adequa o tipo de tecnologia com o conteúdo e propósito do ensino, acarreta-se em um problema, pois “cada tecnologia tem a sua especificidade e precisa ser compreendida como um componente adequado no processo educativo”. Ela exemplifica que muitas escolas foram equipadas com diversos aparatos, tais como TV e computadores, e não tiveram retorno na aprendizagem. Muito disso ocorreu por causa de se usar a inserção da tecnologia na escola como uma estratégia econômica e política, com o discurso de que se ia resolver os problemas da educação, mas escondendo as verdadeiras intenções mercantilistas.

A inserção da TIC no ambiente escolar, segundo Belloni (2009, p. 18), “ocorreu sobretudo como resultado da pressão do mercado”, pois a escola se mostra em grande “defasagem com relação às demandas sociais e à cultura das gerações mais jovens”. A autora fala que para conseguir compreender o impacto dessas tecnologias é preciso olhar para os sujeitos como protagonistas e não como meros receptores e consumidores.

Segundo Belloni (2009), a escola deve integrar as novas tecnologias da informação e comunicação porque elas já fazem parte de todas as esferas da vida social e, vem se atribuindo à escola um papel decisivo para amenizar as desigualdades sociais e regionais, se referindo a inclusão digital. Para isso, essas tecnologias devem ser integradas na escola de uma maneira crítica e criativa, exigindo



grandes transformações no que envolve formação de professores, metodologias de ensino, materiais didáticos, entre outros.

Para Libâneo (2002, p. 168), “as tecnologias e meios de comunicação cumprem três funções pedagógicas articuladas: comunicar conteúdos, desenvolver habilidades e atitudes profissionais, constituir-se em meios de comunicação docente”. Arroyo (1998, p. 165) aponta que “a teoria pedagógica e a relação trabalho-educação se empobrecem quando seu foco deixa de ser as pessoas, as relações sociais e passam a privilegiar as técnicas, as tecnologias, os métodos, os conteúdos inculcados”.

Libâneo (2002, p. 165) aponta que uma grande parte da população utiliza a tecnologia, mas com uma postura passiva ou baixa capacidade de leitura crítica, em outras palavras, segrega a população, pois “a revolução tecnológica atinge a todos, mas de modo diferente. As mesmas pessoas que estão à margem da economia, também estão à margem das tecnologias”. De acordo com Libâneo (2002, p. 168):

O grande objetivo a ser atingido com a integração das tecnologias da informação e comunicação nas escolas é o de contribuir para a democratização de saberes socialmente significativos e desenvolvimento de capacidades intelectuais e afetivas, tendo em vista a formação de cidadãos contemporâneos. Mais precisamente, contribuir para aprimoramento das capacidades cognitivas, estéticas e operativas dos alunos, ou seja, favorecer domínio de estratégias de aprendizagem, capacidade de transferência e comunicação do aprendido, análise e solução de problemas, capacidade de pensar criticamente etc.

Souza (2002, p. 61) denuncia que quando a tecnologia é introduzida nas escolas públicas são para atingir objetivos “de ensinar, de iniciar o educando no consumo. Esta é, na verdade, a função que é atribuída à Escola Pública”. Soares (2006, p. 36) esclarece que:

Ao privilegiar, na formação, o desenvolvimento de habilidades técnicas, num reforço do fazer sobre o pensar, instala-se uma condição que agrava e dificulta a compreensão dos sistemas informatizados presentes no cotidiano das relações. Em alguns casos, a complexificação das tecnologias, e do uso que se faz dela, contribui para que a população em desvantagem social se mantenha no universo daqueles vistos como defasados para operar tecnologia, ou seja, um novo analfabeto.

Segundo Chaves (1988), citado por Soares (2006, p. 36), “na sociedade informatizada, o analfabeto não é aquele que não sabe ler e escrever, mas o que não sabe utilizar a tecnologia no seu dia-a-dia e em benefício de suas necessidades”. Para

Soares (2006, p. 63), a apropriação da tecnologia e seus benefícios faz parte do processo de cidadania, entendida como “participação ampla, ativa e consciente dos indivíduos na sociedade e nos processos de decisão”. O autor observa que os projetos pedagógicos das escolas resistem a mudanças comportamentais que poderiam desenvolver uma cidadania digital, tanto para professores como para alunos. Mesmo os professores capacitados para tal enfrentam dificuldades quando se deparam com a tradicional organização do sistema escolar, “rotinas pedagógicas, conteúdos, Parâmetros Curriculares Nacionais, aos compromissos com os sistemas de avaliação”, e o autor complementa que devido a isso, os professores “deixam para um segundo plano as inovações e a autonomia que a informática poderia trazer ao seu trabalho” (SOARES, 2006, p. 113). O autor ainda explica que:

O ciberespaço constituído de informações acessíveis pela rede Internet é composto de tecnologia e de gente. É um sistema que possui, como o sistema educacional, um currículo que se mostra na vitrine virtual, e se oculta na comunicação e no produto dela. Os objetivos nem sempre são claros e explícitos. Os fins atendem a um determinado objetivo na maioria das vezes e quase sempre comercial, lucrativo ou de disseminação de valores e tendências. Tanto quanto a educação escolar, a aprendizagem através dos mecanismos da Internet, seus conteúdos e liberdade de trânsito em hipertextos, deve ser tomada pela pedagogia problematizadora, desafiando, interrogando, desvendando relações de interesses, poder e desigualdades sociais, privilégios e restrições, subordinações tecnológicas e ferramentais em nome da indústria de *software* e da dominação cultural (SOARES, 2006, p. 128).

Soares (2006, p. 128) aponta que para conseguir se beneficiar da tecnologia e contribuir para uma educação de qualidade, é preciso desmistificar seu uso, torná-la um objeto de estudo, e somente as pessoas que dominam seus mecanismos de acesso tem essa facilidade. Se faz necessário “postar-se em atitude de criticidade seletiva que ocupa, resguardadas as proporções e contextos históricos, o mesmo lugar da alfabetização crítica promovida pelo pensamento de Paulo Freire”. O autor ainda complementa que “o letramento digital soma os conceitos de alfabetização crítica, pautados na leitura do mundo que precede a leitura da palavra e a apreensão dos fenômenos que permeiam as relações sociais”.

Canclini (2006) nos traz contribuições positivas para refletirmos sobre o contexto do consumo. Ele aponta onde devemos interferir para mudar esse paradigma detectado em nossa sociedade:

Pela imposição da concepção neoliberal de globalização, na qual os direitos são desiguais, as novidades modernas aparecem para a maioria apenas como objetos de consumo, e para muitos apenas como espetáculo. O direito de ser cidadão, ou seja, de decidir como são produzidos, distribuídos e utilizados esses bens, se restringe novamente às elites (CANCLINI, 2006, p. 42).

Segundo Canclini (2006, p. 60), “o consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos”, onde ao consumir, se participa “de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo” (p. 62).

Para Canclini (2006, p. 63), “no consumo se constrói parte da *racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade*” e, mais adiante, nos dá uma esperança ao se pensar no contexto do consumo quando cita que “consumir é tornar mais inteligível um mundo onde o sólido se evapora”, explicando melhor, ele propõe que “além de serem úteis para a expansão do mercado e a reprodução da força de trabalho, para nos distinguirmos dos demais e nos comunicarmos com eles, [...] ‘as mercadorias servem para pensar’” (CANCLINI, 2006, p. 65). Há de se tirar algo bom desse contexto persuasivo de consumir. Como exemplo, os aparatos que escolhemos fazer uso, as roupas que consumimos, como também as músicas que ouvimos e divulgamos, podem servir para “dar voz” à nossa personalidade e apoiar ideias e pensamentos que acreditamos e defendemos, dando uma maior visibilidade. O que queremos dizer é que o consumo pode ser um meio para atingirmos objetivos voltados à cidadania. Esse pensamento tem que estar atrelado à nossas escolhas tecnológicas, tanto para uso de aparatos dentro da escola como para uma formação de educandos voltada à autonomia e cidadania.

## **2.4 Educação, Mídia e Tecnologia – a relação necessária**

Segundo McLuhan (2005, p. 13), “nós estamos entrando na nova era da educação, que passa a ser programada no sentido da descoberta, mais do que no sentido da instrução”. Entretanto, é oportuna a afirmativa de que:

Nada ou quase nada existe em nossa educação, que desenvolva no nosso estudante o gosto da pesquisa, da constatação, da revisão dos “achados” – o que implicaria no desenvolvimento da consciência transitivo-crítica. Pelo contrário, a sua perigosa superposição à realidade intensifica no nosso estudante a sua consciência ingênua (FREIRE, 2000, p. 102).

As pessoas são bombardeadas diariamente com inúmeras informações, mas como está ocorrendo a apropriação destas informações? Qual a responsabilidade da instituição escolar nessa situação? Qual a responsabilidade de todos nós que vivemos em sociedade? Como as mídias e as tecnologias podem influenciar positivamente ou negativamente? São questões necessárias a se pensar.

Com o avanço tecnológico, novas formas de comunicação estão sendo instauradas, modificando o modo como as pessoas se relacionam, como afrontam o mundo. A tecnologia em si é uma criação humana para se fazer uso de métodos, recursos, que venham a facilitar o cotidiano das pessoas. Como Pinto (2005) abordou, isso sempre ocorreu no decorrer da história da humanidade, não é algo específico somente de nossa época. Mas, e a instituição escolar? Será que evoluiu?

Nossos questionamentos são sobre as relações, os métodos utilizados nessa instituição tão antiga que ainda prevalece na nossa sociedade como se os tempos não tivessem mudado, como se fossemos os mesmos de antigamente. Parece que a escola parou no tempo, ainda temos as mesmas estruturas arquitetônicas de antigamente, vemos hoje em dia professores se utilizando dos mesmos métodos considerados conservadores, vemos os mesmos processos avaliativos que classificam os seres humanos em notas, algarismos que definem seu rendimento escolar, relações autoritárias de mesmo sentido, será que não está na hora de mudarmos esse paradigma? Parece que a escola se atém mais a manter a disciplina e em “normalizar” os indivíduos, do que em promover conhecimento, e o essencial nessa atual fase vivida por nós, criar e ressignificar todo esse contexto educativo. Não é de se admirar o aumento de casos de indisciplina e de violência vivenciados dentro das escolas, como podemos acompanhar pelas mídias atualmente. Vamos acrescentar mais questões para reflexão: será que a escola está preparada para atender essa demanda da atual sociedade em que vivemos? Será que não está na hora de repensar a maneira de usar essa tecnologia na escola? Os membros da comunidade escolar estão conscientes de seus direitos e deveres, ou melhor, esses direitos e deveres ainda são os mesmos de antigamente ou foram atualizados? O que estamos fazendo para que obtenhamos sucesso nesse processo educativo, não culpabilizando somente professores, mas pensando globalmente, pois uma escola não se faz somente com professores, mas com o apoio de toda a sociedade?

Para Jenkins (2009, p. 257), “a escola ainda está presa num modelo de aprendizagem autônoma que contrasta nitidamente com a aprendizagem necessária

aos estudantes à medida que eles entram nas novas culturas do conhecimento”. Nossos alunos não são os mesmos de antigamente, nossa sociedade evoluiu e não podemos olhar para o processo educativo da mesma forma de décadas atrás. A mudança é imprescindível, novos olhares para a Educação são essenciais, mas a mudança provoca medo, insegurança, é mais fácil já fazer uso do que conhecemos do que se aventurar no desconhecido, do que não sabemos quais são os resultados, e esse conflito se faz necessário para a Educação, é extremamente necessário se arriscar em metodologias diferentes, em estruturas diferentes, só assim conseguiremos resultados diferentes, pois trabalhando da mesma forma que sempre trabalhamos vamos ter os mesmos resultados já então tão conhecidos, e para termos resultados diferentes precisamos nos arriscar em testar meios diferentes. Temos indivíduos extraordinários que passam pela escola sem ter a oportunidade de mostrarem, de desenvolverem suas habilidades, sem ter um olhar diferenciado para eles, resultando muitas vezes em uma grande perda para o desenvolvimento tanto individual como coletivo, tanto para a pessoa como para a própria sociedade.

Soares (2006) explica que o perfil dos sujeitos da sociedade contemporânea é de impaciência, pois esperam respostas rápidas, instantâneas, ficam incomodados com ações demoradas. As pesquisas síncronas são novas situações vivenciadas no aprendizado. Essa nova geração tem facilidade em fazer várias coisas ao mesmo tempo, como por exemplo, ler um livro e ouvir música, comer e estudar, enquanto trabalha manter uma conversa por bate-papo virtual, etc. Segundo Santaella (2004, p. 33):

Não é mais tampouco um leitor contemplativo que segue as seqüências de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multidisciplinar multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, música, vídeo, etc.

A interatividade vem a ser uma característica muito presente nos usuários digitais, onde se espera a participação em todo o processo, a passividade não é algo que se espera dessa nova geração. Para atender essa nova expectativa, os meios de comunicação estão se adaptando. O que vemos hoje em dia são as mídias convencionais como o rádio, a televisão, as revistas e jornais, se unificando com a internet, criando perfis no facebook, disponibilizando sites com suas informações,

entre outros, tentando se adaptar a esse meio. O fenômeno da comunicação com o uso da internet é grandioso, e a velocidade da informação é extrema. Por exemplo, um site se liga com outro, e mais outro, uma informação vai puxando outra, e quando se vê se está perante muitas possibilidades, o *Google* vem a ser um exemplo disso.

Segundo Manovich, (2013), vivemos em uma cultura onde a produção, distribuição e recepção da maioria dos conteúdos estão mediadas por software.

Na cultura do software já não existem os “documentos”, “trabalhos”, “mensagens” ou “fitas” como no século XX. Em vez de documentos fixos cujo conteúdo e significado podiam ser estudados com uma análise de sua estrutura e conteúdo (um método típico de análise e teoria cultural do século passado, a partir do Formalismo Russo até o Darwinismo Literário), agora interagimos com “atos dinâmicos do software”. E uso a palavra “ato” porque o que estamos vivenciando está sendo construído pelo software em tempo real. Ainda que exploremos um site, joguemos um jogo ou usemos um aplicativo de um celular para localizar lugares ou amigos próximos, estamos vivendo com resultados dinâmicos de computação em tempo real do nosso dispositivo ou servidor e não com documentos estáticos com conteúdo pré-definido (MANOVICH, 2013, p. 31, TRADUÇÃO NOSSA).<sup>7</sup>

A Web 2.0 foi a maior revolução depois da prensa de Gutenberg, modificando a comunicação e a sociedade. Revolucionou a relação do usuário, onde agora os usuários não são somente receptores do conteúdo como antigamente, mas também produtores, podem interagir entre si simultaneamente com muita facilidade, estimulando a colaboração, a interação. Os meios sociais, blogs, são alguns exemplos disso. Imaginem nossos alunos da atualidade, que estão acostumados com toda essa interatividade, mobilidade, principalmente na realidade da nossa educação básica, sentados por horas dentro de uma sala de aula organizada por fileiras com o professor falando e escrevendo na lousa com giz. Esse mesmo conteúdo que o professor escreve na lousa com giz para o aluno copiar, ele pode ter acesso em livros impressos, em e-books, em vídeos disponibilizados no *youtube*, etc., não apenas como consumidor, mas como criador de canais no *youtube* e *blogs*, por exemplo. Há novas formas de se consumir e produzir conteúdos. Para Manovich (2013):

---

<sup>7</sup> Citação original: “En la cultura del software ya no existen los “documentos”, “trabajos”, “mensajes” o “grabaciones” como en el siglo XX. En lugar de documentos fijos cuyos contenidos y significados podían estudiados con un análisis de su estructura y contenido (un procedimiento típico del análisis y teoría cultural del siglo pasado, desde el Formalismo Ruso hasta el Darwinismo Literario), ahora interactuamos con “actos dinámicos del software”. Y uso la palabra “acto” porque lo que estamos experimentando está siendo construido por el software en tiempo real. Ya sea que exploremos un sitio Web, juguemos un videojuego o usemos una app en un teléfono móvil para localizar lugares o amigos cercanos, estamos conviviendo con resultados dinámicos de la computación en tiempo real de nuestro aparato o servidor y ya no con documentos estáticos con contenido predefinido”.

O objetivo dos inventores dos meios computacionais não foi simplesmente criar simulações de mídia física. Foi para criar “um novo meio com novas propriedades” que permitiriam que as pessoas se comuniquem, aprendam e criem de novas maneiras. A aparência destes novos meios pode parecer semelhante ao antigo, mas não devemos nos enganar. A novidade não está no conteúdo ou na aparência mas sim nas ferramentas de software usadas para criar, editar, visualizar e compartilhar o conteúdo. Então, ao invés de observar o “resultado” de práticas culturais baseadas no software, devemos considerar o software em si, é ele que nos permite trabalhar com meios de maneiras até então desconhecidas. Novamente: a aparência dos meios digitais podem ser que se remedeie e represente formas anteriores, mas o software e o ambiente em que se “vive” é muito diferente (MANOVICH, 2013, p. 73, TRADUÇÃO NOSSA).<sup>8</sup>

Segundo Pinochet (2014), a informação em si não tem ética, por isso é obrigação de quem a usa manter a ética na forma como geri-la. A tecnologia cria as oportunidades para que ocorram mudanças individuais, sociais e políticas, no entanto, quem faz uso da informação tem a responsabilidade pelos seus resultados. Para Soares (2006, p. 122):

O ambiente criado pelo ferramental da informática e das telecomunicações, sintetizado na Internet, constituída, por sua vez, de *sites* e *home sites* portadores de informações, estabelece uma nova comunicação, exigindo, conseqüentemente, uma nova postura do leitor e usuário desse ambiente.

Para Toyama (2010), a tecnologia e a democracia são ferramentas poderosas, mas é a força humana que vai determinar como serão os seus usos, o ponto crucial é fazer uma boa utilização desses meios. A tecnologia é apenas um ampliador das intenções e da capacidade humana, não substitui a ação humana. Por exemplo, em alguns casos, é usada por grupos sociais dominantes que pretendem substituir mão de obra de grupos populares gerando mais desemprego, mais alienação, menor acesso à tecnologia para manter a dominação. A tecnologia tem efeitos positivos apenas na medida em que as pessoas estão dispostas e capazes de utilizá-la de forma positiva. Trazendo as considerações de Toyama (2010) para o

---

<sup>8</sup> Citação original: “el objetivo de los inventores de medios computacionales no era simplemente crear simulaciones de médios físicos. Se trataba de crear “un nuevo medio con nuevas propiedades” que permitiera a la gente comunicarse, aprender y crear de formas nuevas. La apariencias de estos nuevos medios puede parecer similar a los viejos, pero no debemos dejarnos engañar. La novedad no está en el contenido o en la apariencia sino en las herramientas de software usadas para crear, editar, ver y compartir dicho contenido. Por eso, en lugar de observar el “resultado” de las prácticas culturales basadas en software, debemos considerar el software mismo, es él quien permite a la gente trabajar con medios de maneras previamente desconocidas. Una vez más: la apariencia de los medios digitales puede ser que sí remedeie y represente formas anteriores, pero el software y ambiente en el que “vive” es muy diferente.”

contexto político, por exemplo, por trás das mídias e da tecnologia há intenções humanas e se faz necessário conseguir entendê-las, conseguir caracterizá-las no contexto social, para transformar essa informação em conhecimento, para se ter uma visão crítica sobre isso. Por exemplo, a escola pode fazer uso das mídias e tecnologias para fins educacionais, e a escola pode trabalhar no sentido de uma contra ideologia, com o intuito de contribuir para uma consciência crítica e cidadã.

Segundo Gumucio-Dragon (2003), as Tecnologias da Informação e Comunicação não são necessárias ou benéficas em si, mas o desafio aqui é transformá-las em algo que possa contribuir para o desenvolvimento. Mas devemos ter cuidado com o engodo, com a ideologia do desenvolvimento e seus adjetivos (sustentável, econômico, humano, etc.), que justificam certos meios, mas que não atingem os fins prometidos, apenas mantêm a dominação de um certo grupo humano (minoritário) sobre outro (majoritário em número de pessoas, mas pequeno em acesso a direitos). Para Gumucio-Dragon (2003), as comunidades devem adaptar as tecnologias às suas necessidades e à sua cultura, e não o contrário. O envolvimento da comunidade é essencial para o êxito de um projeto, não bastando somente a disponibilidade das tecnologias. A questão é a conscientização da comunidade e apropriação social do projeto. Gumucio-Dragon (2003) ainda sinaliza que as comunidades raramente são homogêneas ou plenamente democráticas, como qualquer grupo ou sociedade humana, são influenciados por interesses econômicos e sociais. O desafio é se apoiar no diálogo, com um processo democrático de participação. Salienta-se que:

[...] já estamos vivendo em uma cultura da convergência. Já estamos aprendendo a viver em meio aos múltiplos sistemas de mídia. As batalhas cruciais estão sendo travadas agora. Se nos concentrarmos na tecnologia, perderemos a batalha antes mesmo de começarmos a lutar. Precisamos enfrentar os protocolos sociais, culturais e políticos que existem em torno da tecnologia e definir como utilizá-los (JENKINS, 2009, p. 292).

Para Gumucio-Dragon (2003), a tecnologia deve seguir no sentido de serviço em benefício das pessoas como cidadãos e não como consumidores, pode ajudar os grupos marginalizados a ter mais controle sobre a sua existência e até mesmo dar-lhes um sentido forte de identidade.

Qual é o papel da escola nesse novo contexto?



[...] tanto a escola em um sentido mais abrangente quanto a prática pedagógica deverão funcionar como esferas públicas democráticas, transformando-se em locais onde os estudantes e professores tenham a oportunidade de exercer as habilidades democráticas da discussão, da participação e do questionamento dos pressupostos do senso comum disponíveis na vida social. Para validar esse espaço, elabora o conceito de “voz”, por intermédio do qual indica a importância da escuta dos desejos e pensamentos dos alunos e, conseqüentemente, a valorização dos seus posicionamentos em tomadas de decisões nos cenários da sala de aula e da escola. Fazendo uso da voz, um novo papel é conferido à participação dos alunos e alunas, um papel que contesta as relações de poder que historicamente suprimiram as vozes discentes (NEIRA; NUNES, 2009, p. 116-117).

A postura assumida pelo professor perante esses novos desafios é determinante para o direcionamento que esse contexto vai tomar, pois os indivíduos em formação passam grande parte da vida dentro da escola, e as relações vivenciadas dentro desse ambiente os influenciam diretamente. Nesse caminhar:

Cada vez mais, educadores estão começando a valorizar o aprendizado que ocorre nesses espaços recreativos informais, especialmente educadores que são contra as restrições ao aprendizado impostas por políticas de educação, que aparentemente só valorizam aquilo que pode ser calculado em exames padronizados. Se as crianças devem aprender as habilidades necessárias à plena participação em sua cultura, podem muito bem aprendê-las envolvendo-se em atividades como a edição de um jornal numa escola imaginária, ou ensinando umas às outras as habilidades necessárias para se sair bem em jogos para múltiplos jogadores, ou quaisquer outras coisas que pais e professores atualmente consideram ocupações sem importância (JENKINS, 2009, p. 249).

De acordo com Straubhaar e Larose (2004, p. 275) “a estrutura das indústrias de mídia afeta o conteúdo de nossa cultura”. Sendo a instituição escolar uma das instituições sociais que promove a cultura, que transmite cultura, produz cultura, ressignifica a cultura, esse ambiente é afetado diretamente pelas mídias.

A revolução tecnológica obriga a reestruturar planos de ensino e expõem os profissionais a constantes transformações e adaptações. Necessita-se de metodologias inovadoras e novos papéis aos docentes, não somente focando no papel de detentores do saber, mas também sendo facilitadores, mediadores, tutores, observadores, no sentido de que, assim como os educadores podem ensinar, eles também podem aprender com os educandos. O educador que vive essa transição deve adaptar-se aos novos entornos, se ater a novas técnicas e metodologias de ensino, aprender a desaprender. Deve-se transformar o campo de atuação profissional em lugares de estudo, de tentativas, de provas, de erros, devido as

tecnologias emergentes, desenvolver a investigação aplicada. A evolução da formação envolve a interdisciplinaridade dos conhecimentos. Desenvolver um projeto nem sempre é sinônimo de êxito, mas se ganha experiência. Deve-se arriscar provando novos modelos com tecnologias emergentes. A formação deve fomentar a interdisciplinaridade e a cooperação, se contrapondo ao sentido que estamos indo, para o individualismo. O trabalho em equipe vem a ser essencial, a junção de várias habilidades pode resultar em trabalhos extraordinários.

Segundo Pires (2002, p. 169), a instituição escolar, mais especificamente o profissional que atua na educação, precisa se entranhar no processo de apropriação dos meios midiáticos e tecnológicos, sendo capaz de atuar criticamente com seus conteúdos e recursos veiculados, assumindo papel de agente mediador, pois esses meios “já estão na sala de sala, tanto como recurso técnico-didático quanto na forma de tema dos diálogos informais do cotidiano, inseridas na cultura midiaticizada dos estudantes”.

A escola tem função primordial em promover essa educação para os meios, tanto no ambiente vivenciado dentro da escola como também servir de base para atuação dos educandos nos outros ambientes vivenciados por eles. Segundo Santaella (2007, p. 80):

O princípio que rege a interatividade nas redes, seja em equipamentos fixos, seja em móveis, é o da mutabilidade, da efemeridade, do vir-a-ser em processos que demandam a reciprocidade, a colaboração, a partilha. A interatividade ciberespacial não seria possível sem a competência semiótica do usuário para lidar com as interfaces computacionais. Essa competência semiótica implica vigilância, receptividade, escolha, colaboração, controle, desvios, reenquadramentos em estados de imprevisibilidade ou de acasos, desordens, adaptabilidades, que são, entre outras, as condições exigidas para quem prevê um sistema interativo e para quem o experimenta.

Quando Belloni (2009, p. 22) fala da relação da tecnologia com a educação, ela aponta que a nossa sociedade contemporânea exige novos tipos de indivíduos, com características peculiares para atuarem profissionalmente em diversos setores: “um indivíduo dotado de competências técnicas múltiplas, habilidade no trabalho em equipe, capacidade de aprender e de adaptar-se a situações novas”. Para isso, Belloni (2009, p. 23) aponta que são desafios significativos para os sistemas educacionais, onde na formação inicial será preciso uma mudança radical nos currículos e metodologias, voltando o foco para “a aquisição de habilidades de aprendizagem e a interdisciplinaridade”. O sentido a percorrer para atender as novas demandas é

“aumentar a oferta de oportunidades de acesso e, ao mesmo tempo, diversificar esta oferta” rumo a adaptação.

Belloni (2009, p. 24) alerta que há sim a necessidade de integrar a TIC à educação, mas essa inserção não pode ser voltada ao simples uso “indiscriminado da tecnologia por si e em si, ou seja mais pelas suas virtualidades técnicas do que por suas virtudes pedagógicas”. A autora aponta a escola e a mídia como as instituições mais importantes no controle social, pois difundem valores hegemônicos, assim “elas podem ser consideradas como instâncias reprodutoras das estruturas dominantes na sociedade e como produtoras de hegemonia” (p. 33). Nesse interim, a caracterização de uma educação voltada à cidadania encontra fundamentos no resgate dos “ideais de democratização do conhecimento e da informação como instrumentos de emancipação. Isto implica acreditar na emancipação sem absolutizar o progresso” (BELLONI, 2009, p. 48).

De acordo com Belloni (2009, p. 92):

[...] a simples introdução de um suporte tecnológico não significa inovação educacional. Esta só ocorrerá quando houver transformação nas metodologias de ensino e nas próprias finalidades da educação. (Quando a educação deixar de ser considerada como mera formadora de recursos humanos para o mercado de trabalho).

Segundo Canclini (2006, p. 60), “a comunicação não é eficaz se não inclui também interações de colaboração e transação entre uns e outros”. O uso da internet, com seus programas e aplicativos, abriu o leque de possibilidades da comunicação, formando novos atores nesse contexto comunicativo. Por exemplo, as pessoas podem se tornar produtoras construindo blogs, podem atuar como comentaristas no facebook, nos blogs, nos vídeos do youtube, podem se tornar membros participativos de comunidades virtuais, ou se preferirem podem ser apenas observadores de todo esse esquema virtual, as possibilidades abertas ao público são inúmeras. Para Canclini (2006, p. 190), “só a multiplicação de atores pode favorecer o desenvolvimento cultural democrático e a representação de múltiplas identidades”.

Betti (2003) chama a atenção que não é praxe pensarmos a educação envolta num processo de comunicação, pensamos nela como transmissão de conteúdos. Para existir comunicação é necessário uma interlocução entre pessoas, um diálogo. Abraçando a causa de que educação é um constante processo de comunicação, há de se pensar em “dinamizar o processo de comunicação usando

todos os meios, desde os tradicionais aos mais modernos – ‘da lousa à internet’, expressão inspirada em Machado (1988)” (BETTI, 2003, p. 111).

Como pudemos observar, vivemos numa sociedade onde nosso cotidiano é repleto de interações comunicacionais advindas de diversos tipos de mídia e isso requer para a educação um foco voltado para apropriações críticas dos recursos midiáticos e tecnológicos em busca de uma transformação social para nossa sociedade tão envolta por ideais capitalistas. De acordo com Soares (2006, p. 15):

O elo entre educação e comunicação se materializa ao questionar não apenas o compromisso político-pedagógico da mensagem, forma e conteúdo e intenção explícita de comunicar. Mas, também ao questionar o potencial dos ambientes criados a partir de tecnologias educacionais informatizadas em sua capacidade de promover a integração e a participação democrática de todos os indivíduos aos benefícios que produzem.

Mais adiante o autor ainda complementa que:

A lucidez pedagógica chama a atenção para a interdisciplinarização das tecnologias de informação e comunicação numa disseminação do caráter didático do ferramental, como meio de elevação das relações ensino e pesquisa educacionais, autonomia nos processos de estudos e de produção de conhecimento multidisciplinar (SOARES, 2006, p. 19).

Por que não educadores e educandos agindo de mãos dadas para trilhar um novo caminho na educação? Por que não romper com esse padrão dominante de escola? Ressalta-se que:

Na concepção freireana, é a própria experiência dos educandos que se torna fonte primária de busca dos “temas significativos” ou “temas geradores” que constituirão o conteúdo programático do currículo. Como decorrência, o conteúdo é sempre resultado de uma pesquisa do universo existencial dos próprios educandos, os quais são também envolvidos na pesquisa (NEIRA; NUNES, 2009, p. 120).

Segundo Gomez e Franco (2015, p. 20), “a arte de educar envolve a comunicação e o diálogo comprometendo o corpo, consciente de não ser puro sujeito, nem puro objeto, mas a intersubjetividade com o mundo”. Sendo assim, as relações pedagógicas devem estar impregnadas de sentidos. Partindo-se do cotidiano vivenciado pelos sujeitos envolvidos no processo educativo em busca de uma transformação social, baseando-se nos ideais de Paulo Freire, esse processo transforma-se em conscientização.

Procuramos fazer reflexões acerca do contexto comunicacional, tecnológico e educacional, campos que tem muito a contribuir entre si, e que ainda tem muito a se desvelar, muito a se pesquisar e, se arriscar em meio ao novo se faz necessário, se contrapondo ao tradicional, pois o mundo está em constante transformação e não podemos ficar estagnados perante essa evolução. Portanto:

Em um mundo em constante mudança, a educação escolar tem de ser mais do que uma mera assimilação certificada de saberes, muito mais do que preparar consumidores ou treinar pessoas para a utilização das tecnologias de informação e comunicação. A escola precisa assumir o papel de formar cidadãos para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe. Preparar cidadãos conscientes, para analisar criticamente o excesso de informações e a mudança, a fim de lidar com as inovações e as transformações sucessivas dos conhecimentos em todas as áreas (KENSKI, 2007, p. 64).

Os recursos midiáticos e tecnológicos podem servir de caminho para colocar a escola em situação de diálogo com outras instâncias da sociedade. Ainda:

A educação escolar não deverá servir apenas para preparar pessoas para exercer suas funções sociais e adaptar-se às oportunidades sociais existentes [...] A escola deve, antes, pautar-se pela intensificação das oportunidades de aprendizagem e autonomia dos alunos em relação à busca de conhecimentos, da definição de seus caminhos, da liberdade para que possam criar oportunidades e serem os sujeitos da própria existência (KENSKI, 2007, p. 66)

Para Kenski (2007, p. 67), “as inovações tecnológicas podem contribuir de modo decisivo para transformar a escola em um lugar de exploração de culturas, de realização de projetos, de investigação e debate”.

## CAPÍTULO 3      DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

### 3      Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa tem caráter qualitativo e fez uso de pesquisa bibliográfica, pesquisa participante e pesquisa documental.

Segundo Stumpf (2011, p. 51), a pesquisa bibliográfica “é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas”, onde há uma seleção dos documentos que são referentes ao tema estudado, esses documentos são lidos e fichados, organizando anotações que podem ser utilizadas na elaboração do trabalho científico. Na intenção de ampliar o universo conceitual, iniciamos a pesquisa investigando a bibliografia disponível relacionada aos conceitos necessariamente abordados ao optar pela temática que envolve a relação entre a educação, educação física, as práticas educativas e os recursos tecnológicos digitais e midiáticos.

A intenção em desenvolver os estudos a partir das questões que se colocam à realidade escolar cotidiana levou-nos à opção pela pesquisa participante como meio de conhecimento das questões a serem coletivamente trabalhadas e, como instrumento dialógico de aprendizado partilhado. A pesquisa participante foi instaurada na América Latina nos anos 1970 e 1980 e possui vinculação histórica com movimentos sociais populares e projetos de transformação social emancipatória (BRANDÃO, 2006). Pois:

Nasce no Terceiro Mundo, por oposição ao discurso desenvolvimentista nascido em e para a defesa dos interesses dos países opressores e exploradores. Esse contradiscurso postula uma organização e uma estrutura de conhecimento para que os países dominados e explorados possam articular – e defender – sua postura sociopolítica e econômica, com base em seus próprios valores e capacidades. É um processo que combina a pesquisa científica e a ação política para transformar a realidade social e econômica, para construir o poder popular em favor dos explorados [...] (GABARRÓN; LANDA, 2006, p. 113-114).

A pesquisa participante se baseia num processo de discussão e troca de experiências entre pesquisadores e a comunidade, onde os resultados da pesquisa também são debatidos e utilizados por todos os envolvidos, estimulando a capacidade crítica a fim de transformar sua realidade (BRANDÃO, 1988). Portanto:

O pesquisador, como o educador, o líder político ou religioso e o dirigente sindical também precisam ser educados e esta educação só pode vir no bojo de sua prática dentro de uma realidade social que não tem nada de fria, estática e imutável. Apreender a rede de relações sociais e de conflitos de interesse que constitui a sociedade, captar os conflitos e contradições que lhe imprimem um dinamismo permanente, explorar as brechas e contradições que abrem caminho para as rupturas e mudanças, eis o itinerário a ser percorrido pelo pesquisador que se quer deixar educar pela experiência e pela situação vividas (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1988, p. 25).

A pesquisa participante se caracteriza por uma criação coletiva de conhecimentos, onde diferentes indivíduos estão envolvidos na construção de saberes, valorizando o saber de cada um, onde se predomina o diálogo, resultando em ações sociais transformadoras. Sendo assim:

A pesquisa participante não cria, mas responde a desafios e incorpora-se em programas que colocam em prática novas alternativas de métodos ativos em educação e, de maneira especial, de educação de jovens e adultos; de dinâmicas de grupos e de reorganização da atividade comunitária em seus processos de organização e desenvolvimento; de formação, participação e mobilização de grupos humanos e classes sociais antes postas à margem de projetos de desenvolvimento socioeconômico ou recolonizadas ao longo de seus processos (BRANDÃO, 2006, p. 25).

Segundo Gabarrón e Landa (2006, p. 111):

O objeto de estudo é a realidade social vivida pelas pessoas numa relação dialética, com vistas à conscientização popular e à participação. Incorpora-se gradualmente a comunidade dentro do processo de pesquisa dirigido para a mudança e se convertem seus membros em participantes da transformação. O referente é sua própria problemática ou as condições de vida socioeconômica, política e psicossocial.

Brandão e Streck (2006, p. 18) explicam que “pode-se então organizar a metodologia, no caso, estruturada em cinco momentos: partir da prática, sistematizar a prática, teorizar a prática, aprofundar a prática e voltar à ‘nova prática’”. Para Brandão (2006, p. 43), a “investigação, a educação e a ação social convertem-se em momentos metodológicos de um único processo dirigido à transformação social”.

Em relação à pesquisa documental, segundo Moreira (2011, p. 269), “na Educação, a análise documental é ao mesmo tempo fonte de informação e indicador de metas ou dificuldades encontradas no âmbito do ensino, nas áreas da docência, da aprendizagem e da didática”. Os diários de aula de professores são fontes primárias, documentos essenciais para consulta, análise e interpretação do que ocorre no cotidiano escolar, dando subsídios para refletir sobre a prática pedagógica,

analisando-os criticamente para verificar acertos e erros e repensar a prática. Zabalza (1994, p. 98) comenta sobre como podemos utilizar os diários:

[...] utilizamos o diário para captar o pensamento habitual dos professores no desenvolvimento das suas aulas, [...] utilizamos o diário como fonte de dados para investigar o andamento real das aulas dos professores que o realizam [...] utilizamos o diário como instrumento de desenvolvimento profissional dos professores, [...] (há que pensar que o diário é isso mesmo, um longo processo de narrações sucessivas e distanciadas no tempo), [...]

A pesquisa documental, realizada nesse trabalho a partir da análise e avaliação das práticas pedagógicas registradas entre o grupo pesquisado no decorrer da investigação, ampliou a concreticidade ao disponibilizar o registro dos fatos cotidianos como fonte direta para a pesquisa (ZABALZA, 1994, 2004).

### **3.1 O conteúdo da educação e as condições materiais e existenciais das massas populares**

Pinto (2010, p. 39) nos esclarece que a educação, por ser um acontecimento humano, é histórica porque é o desenvolvimento de sua existência. Segundo ele, “a espécie e a extensão da educação distribuída por uma sociedade a seus membros são função de seu estado de desenvolvimento material e cultural”. Isso é que vai determinar a qualidade e a quantidade da educação, sendo que o lugar que o indivíduo ocupa no contexto social vai definir o seu tipo de educação.

O pensamento mais comum, alienado, define o conteúdo da educação como “as disciplinas, o currículo do curso, aquele que enche as lições e são objeto da aprendizagem” (p. 44). O grande problema, apontado por Pinto (2010, p. 45), entre educação humanista e a tecnológica, é o pensamento do tipo de pessoa que se quer formar, onde o educador tem papel fundamental nesse direcionamento. Primeiramente, é fato que a educação não deve se reduzir ao simples ato de transmitir conhecimentos e o foco de seu conteúdo não pode ser simplesmente a “matéria”, “mas incorpora a totalidade das condições objetivas que concretamente pertencem ao ato educacional”, sendo assim, o conteúdo da educação engloba as condições individuais e sociais dos sujeitos envolvidos no processo, a infraestrutura da escola, os recursos materiais utilizados, entre outros, caracterizando o conteúdo como algo



dinâmico e não estático, é variável e é específico de cada ação educativa, sendo extremamente necessário um tratamento crítico desse conteúdo. Então:

O conteúdo da educação – tal como a forma -, tem caráter eminentemente social e, portanto, histórico. É definido para cada fase e para cada situação da evolução de uma comunidade. Por conseguinte, deve atender primordialmente aos interesses da sociedade. Se esta é democrática, os interesses dominantes têm que ser os do povo, e se consideramos um país em esforço de crescimento, tem que ser o de suas populações que anseiam por modificar sua existência (PINTO, 2010, p. 46).

Questões primordiais apontadas por Pinto (2010) são as desigualdades de oportunidades na educação, e nesse contexto, o educador precisa manter consciência crítica sobre seu papel, sobre sua ação dentro desse contexto, e a finalidade da educação deve ser a transformação social, onde “o homem que adquire o saber, passa a ver o mundo e a si mesmo deste outro ponto de vista. Por isso se torna um elemento transformador de seu mundo” (p. 52-53).

O conteúdo da educação deve ser voltado aos interesses das massas populares:

Porém, como não se pode alterar a existência do homem do povo sem alterar os fundamentos dessa existência, é atuando sobre as condições econômicas do país, sobre as condições sociais do trabalho, que a educação irá adquirir o caráter de autenticidade, de desalienação que assegurará sua utilidade para o bem do homem (PINTO, 2010, p. 60).

O educador, dotado de uma consciência crítica<sup>9</sup>, deve buscar metodologias que melhor se adequem às necessidades de seus educandos. Como sistematizar e viabilizar essa prática num ambiente tão adverso como as escolas de ensino básico públicas?

Pensando no cotidiano vivenciado dentro dessas escolas, podemos verificar a precariedade de condições as quais os membros da comunidade escolar estão expostos. Belloni (2009, p. 18) aponta a defasagem da cultura escolar em

---

<sup>9</sup> Consciência crítica, segundo Pinto (2010, p. 62), “é a representação mental do mundo exterior e de si, acompanhada da clara percepção dos condicionamentos objetivos que a fazem ter tal representação. Inclui necessariamente a referência à objetividade como origem de seu modo de ser, o que implica compreender que o mundo objetivo é uma totalidade dentro da qual se encontra inserida. Refere-se a si mesma sempre necessariamente no espaço e no tempo em que vive. É pois, por essência, histórica. Concebe-se segundo a categoria de processo, pois está ligada a um mundo objetivo que é um processo e reflete em si esta objetividade nas mesmas condições lógicas que definem um processo”.

relação à cultura das novas gerações, onde frisa que “diz respeito tanto às questões éticas (conteúdos, mensagens) quanto aos aspectos estéticos (imagens, linguagens, modos de percepção, pensamento e expressão)”. A autora afirma que:

A escola pública brasileira está falida. Professores desestimulados pelas péssimas condições de trabalho e alunos claramente desinteressados – encarando a escola como um espaço onde nada se aprende, tudo é monótono e sem graça – parecem viver as agruras da incomunicação (BELLONI, 2009, p. 89).

Mais especificamente falando dos professores de escolas públicas, os quais nos remete, segundo Venditti Júnior (2014, p. 187), à antigos questionamentos sobre sua situação precária, tais como “fatores fisiológicos (cansaço, dores, saúde e estresse cotidianos) e emocionais”, os quais “são afetados pelos exemplos de atributos advindos com a ideia de instituições públicas” onde esse profissional atua: “elevada carga horária, dificuldades do sistema de ensino, distância em relação ao domicílio do professor, quantidade de turmas e alunos por sala, desgaste e (des)valorização do profissional de educação, etc”.

De acordo com Belloni (2009, p. 89), as ações de introduzir novas metodologias, assim como o uso de tecnologias inovadoras, a fim de melhorar a qualidade do ensino se chocam com “obstáculos pedagógicos e institucionais que as condenam ao fracasso”. Na pesquisa do NIC.br (2016) temos exemplos práticos dessas limitações. O estudo acompanhou mudanças nos processos pedagógicos e administrativos decorrentes do uso da TIC em doze escolas brasileiras e identificaram várias barreiras no uso da TIC, tais como: falta de confiança e habilidade para usar os equipamentos, recursos materiais insuficientes, problemas com a manutenção dos equipamentos, regras impostas pela gestão escolar, baixa qualidade de conexão com a internet, divergência de visão quanto ao uso da TIC pela equipe escolar. Apontaram que um posicionamento crítico e aprimoramento de professores, coordenadores e diretores frente as TIC, juntamente com o ato de refletir coletivamente, também com os alunos, são essenciais para encontrar melhores estratégias de uso das TIC no processo pedagógico.

Como conseguir uma melhor visualização desse processo? Se faz necessário refletir sobre esse contexto a fim de buscar soluções para os entraves encontrados ao longo do processo educativo. No tópico a seguir vamos refletir sobre um possível caminho.

### **3.2 A prática social como ponto de partida para a emancipação: as rodas de conversa e os diários de aula como recursos metodológicos**

Na busca por compreender o contexto de práticas sociais, encontramos em Oliveira et al (2009, p. 5) que:

[...] elas se constroem em relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla, num contexto histórico de nação e, notadamente em nossos dias, de relações entre nações, com objetivos como: repassar conhecimentos, valores, tradições, posições e posturas diante da vida; suprir necessidades de sobrevivência, de manutenção material e simbólica de pessoas, grupo ou comunidade; buscar o reconhecimento dessas necessidades pela sociedade; controlar, expandir a participação política de pessoas, de grupos, de comunidades em decisões da sociedade mais ampla; propor e/ou executar transformações na estrutura social, nas formas de racionalidade, de pensar e de agir ou articular-se para mantê-las; garantir direitos sociais, culturais, econômicos, políticos, civis; corrigir distorções e injustiças sociais; buscar reconhecimento, respeito, valorização das culturas e da participação cidadã de grupos sociais, étnico-raciais marginalizados pela sociedade; pensar, refletir, discutir e executar ações.

Como observar e analisar essa prática social da Educação Física escolar a fim de compreender os processos educativos ali presentes, verificar seus dilemas e refletir sobre possibilidades de atuação que favoreçam ações de transformação da realidade? Visualizamos a metodologia de roda de conversa e o registro da intervenção com base em diários de aula como possibilidades para tal ação.

A metodologia de roda de conversa tem suas origens nos estudos de Paulo Freire. A roda de conversa, entendida como diálogo entre variados sujeitos, se caracteriza como um espaço de partilha, de interação, confronto de ideias, um espaço coletivo de reflexão. A estratégia metodológica de roda de conversa alicerça a aproximação com o outro, para juntos evoluírem (MOURA; LIMA, 2014; SAMPAIO et al, 2014; SILVA, 2012). Segundo Apple (2006, p. 241), “as conversas podem ser formas produtivas de comunicação, que ampliam as conexões entre as pessoas”.

Segundo Sampaio et al (2014, p. 1301):

As rodas são mais do que disposição física (circular) dos participantes e bem mais que uma relação custo-benefício para o trabalho com grupos. Elas são uma postura ético-política em relação à produção do conhecimento e à transformação social, efetivando-se a partir das negociações entre sujeitos. O espaço da roda de conversa intenciona a construção de novas possibilidades que se abrem ao pensar, num movimento contínuo de

perceber – refletir – agir – modificar, em que os participantes podem se reconhecer como condutores de sua ação e da sua própria possibilidade de “ser mais”.

Como a nossa busca é por uma construção dialógica do processo educativo na escola, usar a metodologia de roda de conversa, devido as suas características, vai contribuir para esse objetivo. Também, de acordo com Moura e Silva (2014), as rodas de conversa produzem dados ricos em conteúdos e significados. Assim, a roda de conversa, segundo os autores, é um instrumento de produção de dados e favorece achados científicos.

Com relação aos registros documentais, nos estudos de Zabalza (1994) podemos verificar a ação de escrever diários das aulas como fonte para analisar e interpretar a prática social, detectar dilemas, resolver problemas, viabilizar mudanças, encontrar outros caminhos para atingir os objetivos, reavaliar a atuação docente, entre outros. Através dos diários, se tem acesso aos significados que os próprios professores dão as suas práticas, o autor relata ainda que:

a hermenêutica descreve três componentes como configuradores do processo de penetração compreensiva num evento: a estrutura de conceitos a partir da qual se aborda o facto, a compreensão actual e a interpretação (ZABALZA, 1994, p. 22).

Quando falamos em diários de professores, os próprios professores tornam-se investigadores do seu trabalho, passam por todos os papéis, narradores, observadores, participantes, analistas (ZABALZA, 1994). É assim que os professores vão evoluindo na sua profissão, popularmente falando, aplicando e vendo o que vai dando certo ou não. Portanto:

[...] o professor elabora o seu conhecimento prático não a partir do nada, mas sim a partir dos esquemas, mais ou menos assumidos, da sua própria experiência como aluno, do seu conhecimento teórico e das aprendizagens diferidas que adquire (ZABALZA, 1994, p. 51).

O diário proporciona vivenciar um processo educativo contínuo, onde se ganha mais conhecimento a cada análise, cada avaliação, onde se tem que pensar na ação exercida e no que pode ser feito para melhorá-la, como diz Freire (2001, p. 127), “[...] compreender mais criticamente a sua prática para melhorar a futura prática”.

Zabalza (1994, p. 93) cita “que o facto de escrever arrasta consigo toda uma série de operações que o aproximam muito do processo de aprender”. O fato de

o professor escrever sobre a sua prática já inicia uma construção do conhecimento, pois “a narração constitui-se em reflexão” (ZABALZA, 1994, p. 95). Analisar as perspectivas do professor é fundamental para detectar os dilemas. Os diários podem servir para organizar a estrutura das aulas, descrever as tarefas, expressar as características dos alunos e professores, como também pode ser misto e abranger todos esses elementos, pois:

São diários nos quais se integra de tal maneira o referencial e o expressivo, que o leitor pode ter acesso, através do diário, não só ao que se faz na aula, mas também ao modo como o professor vê essa dinâmica e ao modo como tudo isso o afecta a ele e aos alunos (ZABALZA, 1994, p. 110-111).

Os professores que elaboram diários podem se tornar mais reflexivos e autocríticos pois, ao analisar as diferentes situações do seu cotidiano descritas nos diários, acabam tendo uma melhor perspectiva dos processos educativos.

No início, o ato de escrever nos diários, depois de um longo dia de trabalho, pode ser cansativo, desgastante, mas ao insistir nesse ato vai se acostumando, tornando um hábito. Quando se analisa e, posteriormente, consegue enxergar os resultados de seu trabalho, reconhecendo a sua grande utilidade, acaba-se dando mais sentido a essa prática de registro em diários, valorizando-a.

Os estudos de Oliveira (2014) contribuem de uma maneira prática para elucidação de como os diários de aula podem ser contributos para auxiliar qualitativamente o processo educativo, dando exemplos de como professores constroem os diários e como o processo de problematização coletiva pode ser positiva para fazer as análises e viabilizar soluções para os dilemas encontrados. Para Oliveira (2014), o simples fato de levantar questões não caracteriza o processo de problematização, mas sim o aprofundamento no contexto verificado com as questões. A autora aponta que a própria experiência é base para esclarecer o contexto social que vivenciamos e escrever sobre ela ultrapassa o âmbito da contação do ocorrido, muitas vezes irrelevante, pois a questão crucial é a convocação ao debate, à análise.

### **3.3 Definição do local e participantes**

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi selecionada uma escola pública do Estado de São Paulo da cidade de Bauru/SP. Essa escola foi escolhida por ser

uma das escolas em que a pesquisadora atua profissionalmente e porque os membros dessa comunidade escolar (gestão, professores, funcionários e alunos) estavam dispostos a apoiar o acompanhamento, pelos meios de comunicação, dos eventos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, que foram o foco inicial da coleta de informações para serem utilizadas nas aulas de Educação Física. Como esses eventos podem ser acompanhados por bilhões de pessoas através de diversos meios de comunicação de massa, pensamos em contribuir para um melhor usufruto desses eventos culturais.

De acordo com o PPP dessa escola estadual, ela é localizada num bairro antigo e considerado de boa infraestrutura e urbanização na cidade de Bauru/SP, possui os anos finais do ensino fundamental no período da tarde e ensino médio no período da manhã. Ela é considerada pelos membros da comunidade escolar como sendo de ótima qualidade, sendo uma das escolas públicas mais valorizadas da cidade. Ela atende crianças e adolescentes de diversos bairros. A escola segue o Currículo Oficial do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2010), então procuramos selecionar as turmas em que os conteúdos previstos pelo currículo para o segundo semestre (o “Esporte” estava previsto para todas as turmas e “Organização de eventos” estava previsto para os 9º anos) pudessem ter relação com o evento escolhido como recorte para a intervenção da pesquisa (Jogos Olímpicos e Paralímpicos).

Foram selecionadas para a pesquisa quatro turmas do período da tarde com trinta alunos em cada sala, 8º ano A e B e 9º ano C e D, pois somos em duas professoras efetivas de Educação Física na escola e essas turmas são as de responsabilidade da pesquisadora. A faixa etária desse segmento varia aproximadamente entre treze a quinze anos de idade. Portanto:

O aperfeiçoamento em habilidades específicas e a aprendizagem de habilidades mais complexas deve ser buscado nas 7ª e 8ª séries, quando também pode iniciar-se um trabalho voltado para a aptidão física, entendida como o desenvolvimento global e equilibrado de capacidades físicas (resistência aeróbica, resistência muscular localizada e flexibilidade). Na segunda fase inicia-se também a associação entre a vivência e o conhecimento, bem como a inter-relação com outras matérias (em especial ciências, história e estudos sociais) (BETTI, 2002, p. 241).

Segundo Betti (2002), nesse segmento escolar é possível fazer um trabalho interdisciplinar, que é característica dos conteúdos trabalhados nas aulas.

### 3.4 Coleta de dados

A intervenção da pesquisa foi realizada no 2º semestre de 2016, onde envolveu o 3º e 4º bimestres escolares. Seu início foi concomitante com a agenda dos eventos escolhidos para acompanhamento (Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016). Foi solicitado aos educandos que se interessassem de informações sobre os eventos dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, para que essas informações coletadas nos diversos meios de comunicação embasassem o desenvolvimento das aulas e suas respectivas discussões.

O cotidiano de todas as aulas foi registrado em forma de diários, escritos pela professora das turmas ao final de cada dia letivo. Os diários de aula (ZABALZA, 1994, 2004) foram utilizados para analisar e avaliar as práticas pedagógicas utilizadas nas aulas de Educação Física, transformando o registro dos fatos do cotidiano numa fonte direta da pesquisa. Os nomes utilizados nos diários, que se encontram na íntegra no Apêndice C, são fictícios e escolhidos de maneira aleatória.

### 3.5 A intervenção

Como expomos, a inspiração para essa intervenção foi a concepção filosófica e a proposta metodológica de Paulo Freire (2000, 2007), alicerçadas no diálogo sobre os fatos e situações do contexto, como ponto de partida para a “descodificação”, ou seja, para a derrubada dos códigos impostos em direção à elaboração e a descoberta de novos significados. O educando, através do processo de comunicação entre seus pares, encaminha-se para uma “tomada de consciência” rumo à construção da sua autonomia e emancipação. As rodas de conversa proporcionam oportunidades de diálogo, de problematização do/com o mundo a fim de transformá-lo. Como explica Freire (2007, p. 46):

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Ressaltamos a citação de Zabalza (1994), pois dela coadunamos com a nossa ideia de co-participação:

[...] o que caracteriza a investigação qualitativa é que ela recupera aquela quinta audiência, muito pouco tida em consideração pelos outros modelos: os próprios participantes na investigação são a audiência preferida. Não se trabalha sobre ela, mas com ela e para ela (ZABALZA, 1994, p. 27).

Nessa intervenção, procuramos encontrar caminhos que apontem uma construção conjunta do conhecimento, com base no diálogo sobre diversas notícias advindas das mídias sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio 2016, que nos levaram a refletir sobre nosso contexto vivenciado e sobre propostas de mudanças a fim de uma transformação social. A ideia foi romper com a tradicional educação onde os conteúdos já estão programados e definidos e abrir espaço para um currículo aberto, construído em comunhão, buscando um processo que seja mais significativo e democrático. Freire (2007, p. 64) define esse processo educativo como aquele em que educador e educandos estão co-intencionados, ambos sendo sujeitos nesse processo, onde “a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudoparticipação, é o que deve ser: engajamento”.

Em relação à área de conhecimento específica, a Educação Física, seguimos destacando a visão de Betti (2002), quando frisa que a Educação Física não pode somente se transformar num discurso sobre a cultura corporal de movimento, mas tem que aliar-se a sua especificidade (vivências). Kunz (2004) também defende que os conteúdos não devem ser somente praticados, mas estudados.

Para iniciar a intervenção, foi organizado um termo de consentimento livre e esclarecido, contido no Apêndice D, e disponibilizado para os educandos e seus responsáveis, onde ficamos à disposição para eventuais dúvidas sobre nossa intervenção. Para uma melhor visualização da estrutura do trabalho e do tempo necessário, elaboramos inicialmente um planejamento com um cronograma, contido no Apêndice A, que foi se adequando ao longo da intervenção. Foram organizadas, para atender as demandas advindas do processo e registrar o resultado da intervenção, três “situações de aprendizagem”, contidas no Apêndice B. A opção pela expressão “situação de aprendizagem” decorreu da intenção de utilizar a nomenclatura utilizada no cotidiano escolar.



A Situação de Aprendizagem 01 – “Entrando no mundo olímpico” (SA01), localizada no Apêndice B, resultou de dez aulas de Educação Física para cada turma, as quais eram distribuídas em aulas duplas semanais, que foram concomitantes com o período dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Seguiu-se a trajetória consecutiva de trabalhar com os educandos as seguintes etapas: pesquisas em diversos meios de comunicação, trabalho individual/grupal, roda de conversa e vivências de modalidades esportivas olímpicas.

A Situação de Aprendizagem 02 - “Aprendendo com as diferenças” (SA02), localizada no Apêndice B, foi resultado de oito aulas de Educação Física para cada turma, as quais também eram distribuídas em aulas duplas semanais, que foram concomitantes com o período dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 (mês de setembro). Foi seguido a trajetória consecutiva da pesquisa em diversos meios de comunicação, trabalho individual/grupal, roda de conversa e vivências (dinâmica de grupo “rótulos” e modalidades esportivas paralímpicas).

A Situação de Aprendizagem 03 – “Colocando em prática” (SA03), localizada no Apêndice B, foi desenvolvida ao longo do 4º bimestre do ano letivo, onde os educandos organizaram e realizaram eventos na escola (interclasses, festa e ações de melhoria na escola) e fizemos a avaliação de toda a intervenção.

Resumindo, esse processo educativo foi permeado pelas fases de diagnóstico e pesquisas, baseadas na constatação da realidade, na problematização dessa realidade no grupo e fases de produção (atuação na realidade escolar).

Os recursos disponibilizados pela escola foram a TV aberta, onde ficou montado um telão no salão de eventos da escola, o Jornal da Cidade de Bauru/SP, cujo exemplar diário fica exposto e disponível na biblioteca e outro no pátio da escola, a sala de informática da escola que possui oito computadores com acesso à internet, disponíveis a partir do agendamento prévio e acompanhamento do professor, seguindo as regras da escola. Como alguns educandos possuíam celulares com acesso à internet, também utilizamos desse recurso.

A atividade de realizar pesquisas na sala de informática da escola sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos (origem, símbolo, modalidades esportivas, países participantes, atletas famosos, etc.) tinha como meta envolver inicialmente os educandos em assuntos referentes à temática esportiva, às condições de pessoas com deficiência, oportunizando o contato com situações e exemplos de superação através do esporte, ampliação de conhecimentos sobre diferentes esportes e sua

dinâmica de jogo, assim como acesso à informações históricas sobre os Jogos, conseqüentemente, estimulando sua autonomia, contrariando o modelo conservador onde o educador expõe o conteúdo em aulas expositivas e os educandos as absorvem, a chamada “educação bancária” tão criticada por Freire (2000, 2007).

**Figura 01** – Pesquisa na sala de informática da escola.



Fonte: arquivo de imagens da intervenção captados pela educadora.

O processo de pesquisa foi constante, no espaço da escola e extraescolar, pois estendeu-se como tarefas domiciliares aos educandos e educador, já que todos deveriam acompanhar, através dos diversos meios de comunicação, o andamento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio 2016, com o objetivo de embasar nossas discussões durante as aulas. Os educandos deveriam organizar as pesquisas em casa, apresentando-os na forma de registros escritos, cópia de notícias referentes aos eventos e comentários obtidos através dos diversos meios a serem analisados e discutidos nos momentos coletivos das rodas de conversa. A partir das situações expostas, comentadas e analisadas no grupo, as futuras intervenções pautadas nos objetivos eram estrategicamente definidas e planejadas, para então, depois utilizarmos nas nossas rodas de conversa na escola, organizar e entregar em forma

de trabalhos, que poderiam ser individuais ou em grupo, para contribuir para o registro da intervenção.

A metodologia de roda de conversa<sup>10</sup> foi pensada para socializar sobre as pesquisas dos educandos e sobre as notícias trazidas por eles com relação aos Jogos do Rio 2016, estimulando o diálogo e dando base para uma construção conjunta do conhecimento, onde iniciamos a fase de problematização. As rodas de conversa serviram também para termos um retorno das experiências durante esse processo educativo, promovendo reflexões cotidianamente nas aulas de Educação Física.

Seguimos a ideia de Freire (2007, p. 139), onde ele ressalta que é essencial, para um processo educativo libertador, que “os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros”.

Assim como os educandos contribuíam, alimentando nossas discussões em sala de aula, também foi na quadra esportiva da escola, com as vivências esportivas, onde a cada semana, por votação, escolhíamos a modalidade esportiva que seria praticada com inspiração nas modalidades contidas nas Olimpíadas e Paralimpíadas, o combinado era diversificar, a cada semana, as modalidades escolhidas.

**Figura 02** – Vivências de modalidades esportivas paralímpicas.



Fonte: arquivo de imagens da intervenção captadas pela educadora.

Ao longo da intervenção no 3º bimestre, com base nas modalidades olímpicas e paralímpicas, foi escolhido pelos educandos vivenciar o futebol,

---

<sup>10</sup> Nos inspiramos na metodologia proposta por Paulo Freire, onde o educador exerce o papel de “animador” do círculo, um “coordenador de debates”, sempre promovendo interrogações e questionamentos como estímulos (BRANDÃO, 1986; FREIRE, 2007; GOMEZ; FRANCO, 2015).

basquetebol, voleibol e handebol, assim como o futebol de 5, goalball e vôlei sentado, mas sobre as modalidades paralímpicas, por intervenção da educadora, vivenciamos a corrida com guia e o futebol de 5, pela facilidade em praticar essas modalidades dentro da nossa escola, pois o espaço que tínhamos para a prática não era apropriado para atividades em contato direto com o chão (temperatura do piso muito elevada devido exposição ao sol). Além das vivências das quatro modalidades esportivas coletivas, fizemos as vivências das duas modalidades esportivas paralímpicas: o atletismo (corrida com guia) e o futebol de 5, a fim de, além de conhecer modalidades esportivas paralímpicas, vivenciar as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência nas ações do cotidiano. Para finalizar, foi realizada uma roda de conversa.

Sobre os meios de comunicação que utilizaram para acompanhamento dos jogos, houve o predomínio da TV, onde citaram os principais canais da TV aberta (Globo, Band, Record) e da TV fechada (SporTV, ESPN, Fox Sports, TV NBA). Logo após vem o uso da internet (rede social facebook, site oficial do evento, site do g1 e busca google) e por último alguns casos de uso de jornais impressos.

Relatando também sobre a Situação de Aprendizagem 03 – Colocando em prática (SA03), localizada no Apêndice B, que foi aplicada no 4º bimestre do ano letivo, logo em seguida das SA01 e SA02 do 3º bimestre que abrangeram um contexto mais global de evento, foi possível visualizar na SA03 a atuação dos envolvidos em todo o processo educativo sobre a sua realidade vivenciada dentro da Escola.

Esse período da SA03 foi iniciado com a retomada dos conteúdos e temas do 3º bimestre (SA01 e SA02), nos situando sobre de onde partimos, onde estamos e para onde vamos, lembrando que no 3º bimestre, os encontros 01 até 05 foram trabalhados com base nos Jogos Olímpicos, os encontros 06 até 09 foram trabalhados com base nos Jogos Paralímpicos, seguindo as etapas metodológicas: pesquisas, trabalhos, rodas de conversa e vivências esportivas. O cronograma previsto das aulas encontra-se no Apêndice A e as Situações de aprendizagens encontram-se no Apêndice B.

Retomando, no 8º ano A, os resultados das aulas dos Jogos Olímpicos foram resumidamente: o futebol se destacou, comentaram sobre questões de gênero, sobre a mídia focar na rivalidade entre Brasil x Alemanha, e para concluir sobre mudar esse paradigma, comentaram que é preciso estudar mais e permearam sobre assuntos de política, sobre a necessidade de cada cidadão fazer seu papel e não culpar tanto somente os políticos. Os resultados das aulas das Paralimpíadas foram

resumidamente: a maioria disse que nada os marcou, comentaram que o futebol de 5 chamou a atenção, dificuldade de ser cego, superação, e concluíram que faltou a mídia dar mais atenção, comentaram sobre preconceito e da importância de variar as mídias e da possibilidade de sermos produtores de conteúdo na mídia.

No 8º ano B, os resultados das aulas dos Jogos Olímpicos foram resumidamente: o futebol se destacou, comentaram sobre influência cultural, que era um esporte barato e que achavam necessário mais acesso à informação. Os resultados das aulas das Paralimpíadas foram resumidamente: o que chamou mais a atenção foi a morte do ciclista iraniano, comentaram que tragédias chamam a atenção, que não é normal num evento como esse, que faltou investimento e mais notícias na mídia sobre as Paralimpíadas e concluíram que deveria haver mais incentivo à leitura e variar mais os meios de comunicação.

No 9º ano C, os resultados das aulas dos Jogos Olímpicos foram resumidamente: o futebol se destacou, comentaram que é devido a mídia e influências familiares, influência social e cultural e a proposta da turma foi de mais projetos sociais sobre outros esportes para variar esse contexto. Os resultados das aulas das Paralimpíadas foram resumidamente: a maioria disse que nada os marcou dos jogos, houve falta de interesse da maioria dos educandos, comentaram que a mídia não divulgou como fez com as Olimpíadas, faltou investimento e a proposta da turma era que devia investir mais e haver meios de sensibilização, como disponibilizar vivências no contexto das deficiências.

No 9º ano D, os resultados das aulas dos Jogos Olímpicos foram resumidamente: o futebol se destacou, focando na rivalidade entre Brasil e Alemanha devido a Copa do Mundo de 2014. Comentaram que é devido a influência cultural e que a proposta da turma seria estudar mais e variar conteúdos. Os resultados das aulas das Paralimpíadas foram resumidamente: a maioria disse que nada os marcou dos jogos, houve falta de interesse da maioria dos educandos, comentaram que a mídia não divulgou como fez com as Olimpíadas, citaram a questão do preconceito e o fechamento foi de variar os meios de comunicação e a importância de se trabalhar com o tema respeito.

Refletimos que por trás desses eventos estudados (Jogos Olímpicos e Paralímpicos e suas representações nas diversas mídias) sempre tem ideologias, objetivos, onde se criam algo para exercer alguma função, etc. Retomamos as pesquisas da origem desses eventos, e por fim pensamos na situação da nossa

escola, na realidade vivenciada por nós, e foi solicitado aos educandos que dessem uma ideia para um evento na escola que atendesse às necessidades da nossa comunidade escolar. Foi pedido para que fizessem uma autoavaliação sobre o processo educativo até esse momento e que para seguir no 4º bimestre, escrevessem no papel o que ficou do 3º bimestre, qual a ideia de tema que eles tinham para se trabalhar nas aulas, qual seria o evento ideal para atender as necessidades de nossa escola. Para Freire (2007, p. 114), “investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis”. Seguem alguns trechos dos diários:

*“[...] Sobre os temas geradores os resultados foram: integração, diversão, interação, respeito, alegria, cultura, convivência, estímulo artístico, ajudar, aprofundamento no esporte e desenvolver melhor. Perguntei se daria para trabalhar com esses temas num interclasses, que era o evento que havia sido mais votado, eles disseram que sim. [...]” (Diário 03/SA03/8ºA)*

*“[...] Os temas geradores foram: cooperação, convivência, diversão, esforço, respeito, preconceito, melhoria, cultura, vida saudável, bondade, lazer, caridade, variedade, colaboração e alimentação. Perguntei para a turma como trabalhar esses temas geradores focando a necessidade da escola que apontaram, sobre melhorias na escola. Comentei que já havia ocorrido um mutirão de pintura da escola com a participação de alunos e professores num sábado de reposição de aula, então a pintura já foi feita. O José e o Lucas comentaram sobre ajudar na limpeza, não jogar papel no chão, deixar a sala em ordem, mas eu perguntei o que poderia ser feito para atingir todos da escola, não somente pensar na turma da sala, disseram fazer cartazes, e eu perguntei se somente os cartazes colados no pátio iriam dar resultados, responderam que não, que muitos nem vão ler. Fui questionando sobre mais ideias, não tinham mais ideias, nesse meio termo o Loiro comentou que isso deveria ser feito no começo do ano e não agora, eu falei: “antes tarde do que nunca” e eles riram, [...] Voltei sobre o assunto das ideias e a aluna nova Dana e o José falaram de a turma fazer uma música, uma paródia com base em melhorias na escola, eu perguntei como seria a aplicação, se iriam cantar pra escola, passar de sala em sala, mas eles fecharam em fazer um cartaz com a paródia para colar no pátio. [...]” (Diário 02/SA03/8ºB)*

*“[...] Anotei na lousa as palavras que os alunos registraram como tema gerador: experiência, mudança, caridade, humildade, sensibilização, paz, respeito, educação, relaxar, reconhecimento, curiosidade, honra, valor a vida, felicidade, sagacidade e oportunidade. Perguntei se seria possível trabalhar esses temas num evento, disseram que sim, e estavam empolgados perguntando se realmente iríamos fazer o evento, como a maioria escolheu o interclasses, se eles iriam organizar de verdade, eu disse que sim, [...]” (Diário 02/SA03/9ºC)*

*“[...] Anotei na lousa as palavras que os alunos registraram como tema gerador: união, confraternização, diversão, cultura, mudança, diversidades, respeito, felicidade, lazer,*

*fantasia, convivência. Perguntei se seria possível trabalhar esses temas num evento, disseram que sim, e estavam empolgados perguntando se realmente iríamos fazer o evento, como a maioria escolheu uma festa, se eles iriam organizar de verdade, eu disse que sim [...]” (Diário 02/SA03/9ºD)*

Na nossa intervenção, os educandos foram os sujeitos participantes dessa investigação temática. Ao fazer uma análise posterior da intervenção, percebemos que perdemos a oportunidade de, nesse momento da intervenção, também viabilizar um processo de problematização entre os demais membros da comunidade escolar (funcionários, gestores, professores, familiares), pois eles também poderiam contribuir delimitando temas para nossa ação, o que seria considerado ainda mais uma investigação colaborativa, abrangendo mais sujeitos, como apontam os ideais de Freire (2007).

**Figura 03** – Organização e execução dos eventos.



Fonte: arquivo de imagens da intervenção captadas pela educadora.

Resumindo, fazendo uma análise geral dos eventos mais indicados pelos educandos, ficou definido que as turmas 8º ano A e 9º ano C iriam organizar um interclasses, o 8º ano B focou em atividades para melhorias na escola e o 9º ano D

organizar uma festa. Após a organização e execução dos eventos, realizamos uma avaliação final da intervenção.

Nossa intervenção permeou o que foi exposto por Betti (2002), conteúdos e estratégias de uma Educação Física que não visa somente o aspecto motor, mas também o afetivo e social dos educandos.

### **3.6 Procedimento de análise**

Os diários foram submetidos à uma análise qualitativa, versando sobre as práticas pedagógicas e suas perspectivas, dilemas, sobre os temas derivados das discussões em aula e sobre as possibilidades de reflexão a partir dos temas detectados. Segundo Zabalza (1994):

No caso concreto dos diários, segui este sistema: uma leitura inicial genérica de penetração global no campo (ainda que sempre com o propósito de lá encontrar esquemas de actuação prática e dilemas), uma segunda leitura de identificação dos tópicos e situações donde iam parecendo os dilemas e uma terceira leitura de estabelecimento de relações semânticas e práticas entre cada uma das componentes dos dilemas e cada uma das fases da sua evolução (ZABALZA, 1994, p. 24).

Sobre a análise dos dados contidos nos diários, Zabalza (1994, p. 189) chama a atenção que:

Como não podia acontecer por menos, uma pessoa nunca está de todo segura quanto à validade e à confiabilidade plena das suas especificações. Eu estou convencido que qualquer pessoa que lesse os diários poderia encontrar neles outros aspectos que a mim me terão passado despercebidos e poderia, igualmente, fazer um tratamento diferente dos conteúdos das narrações. Mas essa é a grandeza e a limitação das investigações qualitativas, esse é o contexto de incerteza em que o investigador aceita situar-se.

Para apresentar os resultados da nossa prática cotidiana, retomamos os objetivos e os questionamentos apresentados na introdução da presente dissertação, expostos através dos objetivos de utilizar conteúdos midiáticos nas aulas a fim de, juntamente com os educandos, analisá-los criticamente, rompendo com uma visão tecnicista do componente curricular Educação Física, rumo à uma Educação Física crítica e, por fim, organizar e relatar uma prática pedagógica para o ensino da



Educação Física a partir da proposta dialógica, voltada ao debate sobre o uso das mídias e tecnologias como instrumento educativo.

Pensando em como analisar os resultados para fazer as discussões, voltamos aos objetivos da pesquisa, que remetem ao uso de recursos midiáticos e tecnológicos como possibilidade para uma práxis pedagógica dialógica. Sendo assim, se faz importante categorizar analisando as “Superações” e “Possibilidades” do uso dos recursos midiáticos e tecnológicos na educação escolar, mais especificamente no componente curricular da Educação Física, apontando os erros e acertos da prática pedagógica, refletindo sobre o que poderia ser melhorado.

Para analisar os sessenta e oito (8ºA → 16 + 8ºB → 16 + 9ºC → 18 + 9ºD → 18 = 68) diários de aula resultantes desse trabalho, que foram divididos em três situações de aprendizagem (SA01, SA02 e SA03), contidos no Apêndice C, fizemos várias leituras dos diários, sempre com o olhar voltado aos objetivos dessa pesquisa, o que resultou em três grandes campos, “Possibilidades”, “Superações” e “Mediação do professor”, onde as “Possibilidades” integram cinco temas (amparo da TIC, viabilização de temas, coletividade, reconhecimento do outro, motivação), as “Superações” integram quatro temas (postura diretiva e dialogada, imprevisibilidade, dificuldades no uso da TIC, comportamento), sendo temas relevantes para a discussão. Há a existência de um elo entre os campos “Possibilidades” e “Superações”, que foi nomeado de “Mediação do professor”.

**Figura 04** – Organização gráfica das categorias de análise.



Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.7 Resultados e discussões

Agora, vamos analisar, discutir e avaliar as possibilidades dos usos dos recursos midiáticos e tecnológicos na educação escolar como possibilidade para uma práxis pedagógica dialógica, tomando como referência a prática cotidiana no componente curricular Educação Física. Como já explicamos no capítulo referente à metodologia, categorizamos para organizar nossa análise em três campos, as “Possibilidades”, as “Superações” e a “Mediação do professor”, pois este último foi considerado o elo entre os outros dois, por exercer grande influência nos resultados destes, em dar um sentido positivo ou negativo para sua prática pedagógica.

#### 3.7.1 Possibilidades

##### 3.7.1.1 Amparo da TIC

No decorrer da intervenção fizemos uso de diversos aparatos midiáticos e tecnológicos para auxiliar na aquisição e compartilhamento de ideias, assim como no registro da intervenção, fator importante para uma constante avaliação da prática pedagógica. A lousa e giz foram utilizados em todas as aulas como recursos auxiliares para anotações, assim como papel, caneta, lápis, entre outros utensílios escolares. O “caderno do aluno” e “caderno do professor” (referentes aos 3º e 4º bimestres dos 8º e 9º anos), materiais de apoio do Currículo Oficial do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2010) também serviram de recursos auxiliares para nossa intervenção, onde, para exemplificar, o conteúdo referente às fases de organização de um campeonato esportivo deu base para os educandos executarem o evento interclasses na escola.

A busca por informações não foi definida especificamente o local, ficando aberto às sugestões de pesquisa para utilização de qualquer mídia, tanto analógica como digital. Após todas as aulas, o *word* no notebook da professora era utilizado para digitação dos diários das aulas. No quadro a seguir estão apontados mais recursos utilizados para auxiliar nas aulas:

Quadro 01 – Recursos utilizados nas aulas.

Recursos	Diários
<b>Computadores com acesso à internet (sala de informática da escola)</b>	01/SA01/8°A
	01/SA02/8°A
	01/SA01/8°B
	01/SA02/8°B
	01/SA01/9°C
	01/SA02/9°C
	01/SA01/9°D
	01/SA02/9°D
<b>Youtube (acesso pelo computador ou smartphone na escola)</b>	01/SA01/8°A
	01/SA02/8°A
	01/SA03/9°D
<b>TV (na escola)</b>	03/SA01/8°A
	03/SA01/8°B
<b>Skype (domicílio de educandos)</b>	01/SA01/8°B
	03/SA01/8°B
<b>Whatsapp</b>	02/SA03/8°B
<b>Smartphone (Messenger – para falar com educando que havia faltado)</b>	09/SA03/9°C
<b>Smartphone (consulta a informações)</b>	04/SA01/8°B
	03/SA01/9°C
	01/SA01/9°D
	01/SA02/9°D
	01/SA03/9°D
<b>Aparelho de som portátil</b>	03/SA03/9°C
	04/SA03/9°C
	08/SA03/9°C
	02/SA03/9°D
	03/SA03/9°D
	04/SA03/9°D
	05/SA03/9°D

<b>Caixa de som com entrada para pendrive</b>	08/SA03/9°C
<b>Jornal</b>	03/SA01/9°D

Fonte: Diários de aula da educadora.

A TV, os computadores e *smartphones* com acesso à internet foram utilizados também fora da escola, no domicílio de alguns educandos.

Como podemos verificar, os educandos usaram o *smartphone* para terem acesso aos conteúdos e trazerem as discussões para a aula (Diário 03/SA01/9°C, Diário 01/SA01/9°D, Diário 01/SA02/9°D), assim como a educadora utilizou do recurso da pesquisa no *smartphone* para responder às perguntas (Diário 04/SA01/8°B). O *smartphone*, tanto da educadora como dos educandos foram usados no registro das aulas: fotos, filmagens, compartilhamento pelo whatsapp (Diário 02/SA03/8°B, Diário 03/SA03/8°B). Quando os registros se acumulavam, fazíamos uso de recursos disponíveis, como na situação registrada no diário:

*[...] Deixei um pendrive meu com a Serena para ela copiar as fotos que a turma tirou do evento, ela disse que depois de copiar ela iria deixar no meu armário na sala dos professores. [...]*” (Diário 08/SA03/9°D)

O *smartphone* ajudou também a educadora acessar um educando para retorno sobre a avaliação (ele faltou da escola, fez contato por Messenger, via facebook):

*“[...] Perguntei para o Will, que era um dos alunos que estava com a camisa no dia do evento, por mensagem pelo facebook, pois ele não havia vindo para a aula, sobre o porquê deles terem feito as camisas e de quem foi a ideia, ele respondeu por mensagem de voz que “seguinte sora, quando a gente foi fazer a camiseta, a gente teve ideia, antes de fazer o tema gerador, a gente já teve a ideia de fazer a camiseta, só que a gente não sabia que frase que a gente ia colocar, e nisso a gente pensou nas frases, que a gente colocou no papel, a gente colocou, que a gente passava em sala em sala falando que esse era o tema, daí a gente foi lá colocou na camiseta, a ideia foi ainda quando a gente foi no Dezoito, quando eu fui no Dezoito lá chamar ele, aí a gente chegou lá no cara, o cara perguntou assim: sobre o que que é? Interclasses, aí ele falou assim: E se a gente colocar as frases? Aí eu falei: tá bom, vamos colocar as frases. Eu fui lá e coloquei as frases que eu achava que era, entendeu, parte do negócio”. Em outra mensagem de voz após essa ele disse: “Foi eu, o Dezoito e o Luiz que teve a ideia”. E em outra mensagem de voz ele disse: “Eu, o Dezoito e o Luiz teve a ideia, e nisso a gente passava em cada integrante do time perguntando qual frase*

*ele se identificaria, entendeu, tipo eu quis respeito, o Luiz quis a igualdade, e cada um foi escolhendo a sua". [...]" (Diário 09/SA03/9°C)*

No diário 01/SA03/9°D algumas educandas retiraram ideias de coreografias através de vídeos acessados pelo *smartphone* no *youtube*. No diário 08/SA03/9°C verificamos o uso de aparelhos de som portátil (no início aparelho de mão e depois caixa de som com entrada para *pendrive*) para ouvir música na festa, assim como foi usado em várias outras aulas para ensaio de coreografias.

O tradicional jornal impresso também foi utilizado:

*"[...] A Serena perguntou da quantidade de medalhas, a Paula respondeu que foram 6 de ouro (pesquisei depois para confirmar e foram 7 medalhas), 19 no total, disse que saiu no Jornal da Cidade hoje, está no pátio. [...] foi a primeira aula que comentaram sobre o Jornal da Cidade, pois a escola deixa o jornal exposto no pátio para fácil acesso pelos alunos." (Diário 03/SA01/9°D)*

Sobre o uso da sala de informática, a maioria dos educandos recorreu à busca no Google e no site oficial dos Jogos ([www.rio2016.com](http://www.rio2016.com)). Foi disponibilizado também o Jornal da Cidade de Bauru/SP na sala de informática para auxiliar na pesquisa, mas os educandos não o utilizaram:

*"[...] Deixei à disposição dos alunos o caderno de Esportes do Jornal da Cidade (Bauru/SP) para consulta, onde trazia notícias sobre os primeiros jogos da modalidade futebol masculino e feminino, mas os alunos não se interessaram em consultar, somente focaram no uso da internet, até comentei e mostrei os cadernos durante a aula, mas não houve interesse. [...]" (Diário 01/SA01/8°A)*

Como apontado por Soares (2006), a aprendizagem se utilizando desses recursos tecnológicos digitais, deve ser baseada na problematização, a fim de desvendar as relações de interesses, poder e desigualdades sociais. As tecnologias digitais foram utilizadas na nossa intervenção com intenção de servir de meios para atingir esses fins. Mas é relevante pensar que, para Kenski (2007), uma reformulação da educação não se faz baseada no uso de novas tecnologias, mas na disposição de aprender juntos dos sujeitos diretamente envolvidos nesse processo educativo.

Adiante seguem alguns apontamentos como exemplos, para uso dos recursos na intervenção ou elucidações para futuros usos da TIC na escola.

Foi notado que o surgimento de novos jogos é um fator estimulante e pode contribuir para um diálogo maior entre educador e educandos, aproximando-os de sua

realidade, estimulando troca de experiências, podendo ser um fator mais motivante para uso nas aulas:

*“[...] O aluno João estava falando sobre o novo jogo Pokémon GO, perguntou se eu conhecia e se eu iria jogar, falei que ouvi falar mas não possuía, anotei na agenda o nome e ouvi ele comentando “Ela vai procurar, você vai ver” com os colegas. [...]” (Diário 02/SA01/8ºA)*

Na nossa intervenção, esse novo jogo (na época), ficou restrito ao comentário, mas poderia ter sido aberto para toda a turma a discussão e verificação sobre a possibilidade de ser utilizado nas aulas.

Apontamos o uso de recursos audiovisuais, como a TV ou vídeos na internet, por exemplo, no auxílio a compreensão de especificações de modalidades esportivas:

*“[...] Durante a pesquisa o João comentou que nunca tinha ouvido falar em badminton, pois ele estava vendo que era uma modalidade esportiva presente nos jogos. [...]” (Diário 01/SA01/8ºB)*

*“[...] O grupo da Ginástica Rítmica comentou que assistiram algumas provas na escola pela TV Globo, a Mick disse que uma menina derrubou o aparelho e perdeu ponto e que o negócio parece de boliche, eu expliquei que era a maça, [...]” (Diário 03/SA01/9ºD)*

Os materiais utilizados na modalidade de ginástica rítmica, por exemplo, não são materiais usuais encontrados nas escolas públicas, sendo que muitas vezes os educandos não têm contato com os materiais oficiais desse esporte. O que ocorre muitas vezes são adaptações que fazemos na escola, usando material reciclado. Sendo assim, o uso do recurso audiovisual é uma contribuição para uma melhor visualização dos recursos materiais oficiais, utilizados nas competições oficiais, assim como uma melhor percepção de como é praticada essa modalidade esportiva de acordo com as regras oficiais. Feres Neto (2003) defende o processo de virtualização do esporte como fator facilitador para a interdisciplinaridade dentro da escola, e isso precisa ser reconhecido.

A TV foi o meio de comunicação mais citado pelos educandos na nossa intervenção. Segundo Batista e Betti (2005, p. 136):

[...] toda essa informação audiovisual contribui para os estudantes formarem conceitos e valores a respeito do esporte e das demais práticas corporais, interferindo decisivamente na maneira como as vivenciam.

Segundo Eco (1970), citado por Batista e Betti (2005), existem dois pensamentos sobre a TV e suas possibilidades na sociedade, a TV vista como um meio conservador e alienante, para dominar as massas e a TV como um meio de ampliação do mundo, chamando a atenção para a forma como é utilizado esse meio. Nesse interim, podemos ver a necessidade de se trabalhar a consciência crítica dos educandos nas escolas para que possam encarar a influência das mídias para sua formação. Segundo Ferrés (1996), citado por Batista e Betti (2005), a exposição à linguagem audiovisual atinge a todos, independente se tem o domínio dessa linguagem ou não, diferente da exposição à leitura escrita que é só para quem sabe ler.

Verificamos que o conteúdo da discussão sobre mitologia grega, em uma aula, se mostrou significativo, posto que o educando assimilou com um jogo praticado por ele, onde chamou a atenção e ele prestou mais atenção na aula:

*“[...] Quando citei a parte do significado da tocha olímpica, que envolvia a mitologia grega, percebi o João comentando com alguns alunos sobre um jogo de RPG que eles jogam que envolve a temática da mitologia grega e começaram a prestar mais atenção. [...]” (Diário 05/SA01/8º A)*

Na nossa intervenção, ficou somente no comentário, mas uma boa alternativa seria abrir a discussão ao grupo sobre esse jogo, podendo até mesmo aproveitar seu uso nas aulas se fosse possível.

Tanto os recursos analógicos já conhecidos, e usualmente utilizados na escola, como os recursos digitais, facilitaram a pesquisa e a comunicação entre seus pares e se fazem presentes como complementares, confirmando a fala de Santaella (1996a), aumentando o acesso à informação, também sendo ferramentas que auxiliam no trabalho tanto domiciliar como também no ganho de tempo dentro da escola, como sugeriram alguns educandos:

*“[...] Alguns alunos queriam ir para a quadra e pediram para fazermos um acordo de terminar a pesquisa em casa, o João afirmou que o grupo dele poderia se reunir por Skype para pesquisarem, eu acordei dizendo que na próxima aula faríamos as discussões sobre as pesquisas e pedi para ele me informar como foi o encontro pelo Skype, fiquei curiosa se daria certo. [...]” (Diário 01/SA01/8ºB)*

Em outro diário encontramos a resposta positiva sobre esse uso do Skype (03/SA01/8°B).

Sobre a substituição de recursos tecnológicos, Pinto (2005, p. 65) explica que “a escolha dos materiais e a forma a eles dada obedecem às finalidades a que os objetos se destinam, as quais por isso só podem ser aquelas efetivamente proveitosas, apenas abandonadas quando se descobrem outras de maior proveito”.

### *3.7.1.2 Viabilização de temas*

Segundo Kenski (2007), as pessoas atribuem a educação escolar uma oportunidade de formação para absorver maiores conhecimentos e qualidade de vida. Muitas vezes não reconhecem que a escola é promotora das ideologias dos dominantes, do poder governamental, que procura controlar os conteúdos trabalhados dentro da escola, definindo os currículos. Pode haver uma quebra desse paradigma, desde que haja ações coletivas dos membros da comunidade escolar para esse foco, podendo os recursos tecnológicos servirem de facilitadores para esse processo.

As tecnologias digitais contribuíram para o enriquecimento do contexto das nossas rodas de conversa, como apontou Belloni (2009), a TIC realmente viabiliza isso, mas o ponto crucial é como tornar seu uso mais efetivo? Parafraseando as perguntas de Paulo Freire: o que fazer com isso? Como utilizar? A favor de quem? Contra quem? Entre tantos questionamentos, direcionando nosso pensar para uma formação crítica, aprofundando os temas, abrindo caminhos para análises mais aprofundadas sobre diversos contextos, cultural, social, político, ético, econômico.

A metodologia dialogada, com o auxílio de recursos midiáticos e tecnológicos, abre um leque de possibilidades para imprevisíveis temas que podem aparecer ao longo do diálogo. No quadro a seguir podemos verificar os diversos temas que permearam as aulas da nossa intervenção:



Quadro 02 – Temas que emergiram nas rodas de conversa.

<b>Temas</b>	<b>Diários</b>
<b>Desempenho das equipes e atletas</b>	02/SA01/8°A 03/SA01/8°A 04/SA01/8°A 02/SA01/8°B 04/SA01/8°B 02/SA01/9°C 03/SA01/9°C 02/SA01/9°D 03/SA01/9°D
<b>Política</b>	05/SA01/8°A 05/SA01/9°D
<b>Gênero</b>	05/SA01/8°A 04/SA03/9°C 06/SA03/9°C
<b>Copa do mundo de 2014</b>	05/SA01/8°A 05/SA01/8°B 05/SA01/9°C 05/SA01/9°D
<b>Vida pessoal de atletas</b>	05/AS01/8°A 03/SA01/9°C
<b>Funcionamento da mídia</b>	03/AS02/8°A 03/SA02/8°B 03/SA02/9°C 03/SA02/9°D
<b>Protestos tocha olímpica</b>	05/AS01/8°B
<b>Hegemonia 4 modalidades coletivas</b>	05/SA01/8°B 05/SA01/9°C 05/SA01/9°D
<b>Olimpíadas x Paralimpíadas</b>	03/SA02/8°A 03/SA02/8°B 03/SA02/9°C 01/SA02/9°D 03/SA02/9°D
<b>Dinheiro</b>	03/SA02/8°B 05/SA01/9°C 06/SA03/9°C 06/SA03/9°D
<b>Machismo</b>	03/SA02/8°B
<b>Situação da mulher</b>	03/SA02/8°B 02/SA01/9°D
<b>Formação do indivíduo</b>	03/SA02/8°B
<b>Diversidade humana</b>	03/SA02/8°B
<b>Diferenças entre países</b>	02/SA01/9°C
<b>Hegemonia dos EUA</b>	02/SA01/8°A 02/SA01/9°C 03/SA01/9°C
<b>Violência no esporte</b>	02/SA01/9°C

	09/SA03/9°C 03/SA01/9°D
<b>Comparação futebol masc. x fem.</b>	05/SA01/8°A 02/SA01/9°C 02/SA01/9°D
<b>Falação esportiva e criação de ídolos</b>	02/SA01/9°C 05/SA01/9°C 02/SA01/9° D
<b>Veracidade de informações na mídia</b>	03/SA01/9°C
<b>Análise do esporte skate</b>	05/SA01/9°C
<b>Superação e adaptação das pessoas</b>	02/SA02/8°A 03/SA02/8°A 02/SA02/8°B 04/SA02/8°B 01/SA02/9/C 02/SA02/9°C 02/SA02/9°D 03/SA02/9°D
<b>Acidentes no esporte</b>	02/SA01/8°B 04/SA01/8°B 03/SA02/8°B 03/SA01/9°D
<b>Histórico dos jogos olímpicos</b>	01/SA01/8°A 05/SA01/8°A 01/SA03/8°A 01/SA01/8°B 05/SA01/8°B 01/SA03/8°B 01/SA01/9°C 05/SA01/9°C 01/SA01/9°D
<b>Histórico dos jogos paralímpicos</b>	01/SA02/8°A 01/SA03/8°A 01/SA02/8°B 03/SA02/8°B 01/SA03/8°B 01/SA02/9°C 01/SA02/9°D
<b>Cultura brasileira</b>	05/SA01/8°A 05/SA01/9/C 05/SA01/9°D
<b>Análise do futebol</b>	05/SA01/8°A 05/SA01/8°B 05/SA01/9°C
<b>Suicídio</b>	05/SA01/8°A
<b>Adaptação de materiais para aula</b>	02/SA02/8°B 04/SA02/8°A 04/SA02/8°B 04/SA02/9°C 04/SA02/9°D

<b>Organização de eventos</b>	02/SA03/9°C
	03/SA03/9°C
	04/SA03/9°C
	05/SA03/9°C
	06/SA03/9°C
	07/SA03/9°C
	08/SA03/9°C
	09/SA03/9°C
	02/SA03/9°D
	03/SA03/9°D
	04/SA03/9°D
	05/SA03/9°D
	06/SA03/9°D
	07/SA03/9°D

Fonte: Diários de aula da educadora.

Ao fazer uma análise geral das discussões realizadas ao longo da intervenção, já podemos perceber um grande foco no esporte futebol, não é de se admirar, pois o futebol, desde há muito tempo, é destacado na mídia brasileira (GIGLIO, 2007). Giglio (2007) fala que o futebol faz parte da vida cotidiana dos brasileiros, onde estudos mostram que a paisagem do campinho de futebol é tão encontrada nos municípios como as igrejas e, dentre as atividades esportivas desenvolvidas nos municípios, o futebol fica no topo da lista. O futebol é visto como uma atividade de lazer de fácil acesso para a maioria da população brasileira, e uma boa parcela dos meninos brasileiros sonham em se tornar jogadores profissionais de futebol devido ao status que a nossa sociedade atribui a eles. O futebol é o esporte que mais ocupa espaço nos noticiários esportivos e lidera as transmissões ao vivo brasileiras. O futebol acaba transformando a vida do brasileiro, afetando à toda população. Ainda:

Em época de Copa do Mundo as pessoas são dispensadas mais cedo do trabalho e da escola para assistir aos jogos da seleção brasileira. No entanto, esse fato somente acontece com esse evento futebolístico, pois a rotina da cidade segue inalterada e não há mudança no horário laboral quando o país disputa uma Olimpíada (GIGLIO, 2007, p. 35).

Os outros esportes coletivos, como basquetebol, voleibol, handebol, que também sempre ganharam um espaço privilegiado dentro das escolas acabaram sendo os esportes mais votados para a prática, depois, claro, do aclamado futebol. Segundo Tubino (1999), os esportes coletivos são a vocação esportiva do Brasil, sendo essa afirmação comprovada pelo número de participantes e pelos resultados

obtidos internacionalmente pelo país. Sobre a relação de eventos esportivos/mídia/práticas esportivas, Tubino (1999) comenta que geralmente depois de um evento, como as Olimpíadas, cresce o número de participantes das modalidades que foram mais divulgadas pela mídia.

O esporte que mais se destacou nos relatos das Paralimpíadas foi o futebol de 5. Não é de se admirar, pois como já vimos acima, existe essa ligação com o futebol como cita Giglio (2007). Segundo Mello e Winckler (2012, p. 115):

Não há como negar a influência do fenômeno futebol para o desenvolvimento dessa prática esportiva também para as pessoas com deficiência visual. O peso dessa influência pode ser demonstrado pela busca das próprias pessoas com deficiência visual, por adaptações ao jogo de futebol, antes mesmo da regulamentação da modalidade.

Seguindo em diante, para discutir a constante comparação entre a prática do esporte feminino e masculino presente na mídia e muito comentada pelos educandos, Kugelmann (2006) explica que, há poucos anos atrás, a imprensa esportiva não se interessava por esportes praticados por mulheres, mas hoje elas estão ganhando visibilidade midiática. Foram muitos os obstáculos e lutas superados pelas mulheres para mudar esse paradigma. Ela chama a atenção que:

As reportagens esportivas da mídia ressaltam e dedicam mais tempo, nas suas programações, ao atleta masculino que ao feminino. As mulheres, quando aparecem, são, muitas vezes, comparadas aos rendimentos dos homens (KUGELMANN, 2006, p. 85).

As notícias comentadas pelos educandos serviram para incitar discussões e pensamentos sobre as diferenças culturais e sociais de diferentes países, assim como papel da mulher nas diversas culturas e a exploração da mídia à sensualidade feminina através dos uniformes utilizados pelas jogadoras, como no voleibol por exemplo. Também conseguiram aferir à prática de esportes e sua visibilidade na mídia uma possibilidade de ascensão ao público feminino.

Ao comentarem sobre a situação da mulher, relacionaram nosso conteúdo debatido em aula com o conteúdo de outro componente curricular, o de Geografia. Isso pode ser considerado um avanço, pois Kenski (2007) faz críticas sobre o uso da TIC na escola, que isso acaba sendo um trabalho isolado do professor e sua disciplina, sem conseguir articular com temas e assuntos de outras disciplinas, com outros

professores responsáveis. Verificamos que, na nossa intervenção, foram os educandos que apontaram uma relação entre os componentes curriculares:

*“[...] os alunos comentaram que o professor de Geografia levou a turma deles para assistir o jogo de basquetebol masculino e que ao longo do jogo viram alguns lances sobre o tênis de campo na TV Globo. [...] A Estrela comentou que as mulheres estão mais focadas nos jogos, que estão melhores. O Luka comentou que o futebol masculino sofre muita pressão e a Estrela discordou falando que a pressão é no geral. A Estrela comentou em seguida do vôlei de praia feminino que classificou para outra fase e que viu umas atletas islâmicas que jogaram com muitas roupas, cobertas e que elas quebraram tabus. Eu perguntei por qual meio de comunicação estavam acompanhando e a Bia disse pela TV Globo, a Estrela pelo SporTV e Programa Fantástico e a Duda pelo facebook. O Fernando corrigiu a Estrela dizendo que o termo correto era “muçulmanas” ao invés de islâmicas. O Gui comentou que o professor de Geografia comentou na aula sobre a questão da mulher não ter poder, e a Estrela disse que esse fato da roupa nos jogos parece que deu poder para as mulheres, e eu complementei comentando que ela queria dizer que houve um empoderamento das mulheres, ela concordou. [...]” (Diário 02/SA01/9°D)*

Para Martino (2014), os meios de comunicação são os principais meios de ligação entre os indivíduos e o mundo, e podemos notar que o foco da mídia estava voltado em destacar determinados atletas como o Usain Bolt e o Neymar, por exemplo, verificando que experiências particulares e pessoais da vida social dos atletas também se sobressaíram além do seu desempenho esportivo dentro do período do evento. A postura dos atletas também é foco, os educandos acabam fazendo análises sobre alguns comportamentos durante o evento, sendo este influenciado e facilitado sua visualização pelos meios de comunicação. Os comportamentos dos atletas, observados pelos educandos, afetam também seus comportamentos dentro das vivências no ambiente escolar, como por exemplo, o comportamento agressivo de atletas nos jogos de futebol são reproduzidos nos jogos escolares pelos educandos, como podemos observar ao longo de nossa experiência educacional escolar, assim também como a postura de se manter forte perante as adversidades e as lesões. Foi percebido que os esportes e atletas mais focados pela mídia são os que estavam se sobressaindo nas falas dos educandos.

O jogador de futebol Neymar foi um dos atletas mais comentados pelos educandos. Nos estudos de Ferraz (2014), podemos verificar a situação do Neymar na mídia brasileira:

No triênio (2010/2011/2012), os anos em que o jogador realmente ratificou a posição como grande jogador de futebol, inúmeros foram os programas de televisão, portais da internet, jornais impressos e revistas, que notabilizaram a vida pessoal e profissional de Neymar, culminando na criação de uma vigorosa celebridade midiática. Evidentemente, a comoção e o sentimentalismo do público só confirmam a ideia que a mídia conseguiu projetar Neymar para fora de seus domínios. Portanto, entre o ídolo esportivo, o *sex symbol* e o homem de sucesso, temos a criação de uma celebridade total – das celebridades como produto da mídia (FERRAZ, 2014, p. 125).

Sobre temas predominantes nas discussões, podemos perceber como ficou marcado entre os jovens a derrota do Brasil para a Alemanha por 7 x 1 na Copa do Mundo de 2014. Costa (2016) trata dessa “novela”, como a própria autora intitula, a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014. No seu estudo, podemos verificar como a mídia televisiva brasileira, em especial a Rede Globo, tratou desse episódio esportivo, tornando um marco na cobertura do jornalismo esportivo, sendo considerado o momento mais vergonhoso da história da seleção brasileira de futebol. É essa mídia que nossos educandos estão expostos e que exerceram grande influência, sendo provado nos comentários encontrados na nossa intervenção. Segundo Costa (2016, p. 124):

A derrota do Brasil para a Alemanha, pelo largo placar de 7 x 1, rendeu uma novela de grande repercussão e, provavelmente, assim se manterá por longo tempo, já que ela foi compreendida como a maior humilhação sofrida pela seleção brasileira.

A narrativa dessa fatídica derrota feita pelas mídias ganhou um patamar de mito, algo que se converteu e segue ainda assombrando os brasileiros. Nos estudos de Campos (2015), podemos notar essa convergência, como essa derrota se transformou numa figura simbólica com grande potencial comunicativo, dialogando com vários aspectos da cultura brasileira. Ao que parece, pelos resultados da pesquisa, todo esse estardalhaço midiático perante essa derrota atingiu muito a memória dos jovens.

Pudemos perceber também, no caminhar das rodas de conversa, nos comentários dos educandos, como o contexto de crise política brasileira muito bem ressaltada pela mídia estava afetando-os. Como a instituição escolar poderia agir diante desse contexto?

*“[...] Chamei a atenção para o panorama das argumentações da turma que eu havia registrado na lousa e questionei como poderíamos mudar esse paradigma social,*

*cultural, o Gabriel disse que “o problema do Brasil é a corrupção, a ganância”, eu perguntei o que poderia ser feito para melhorar isso, o Ryan disse “sair do Brasil”, o Gabriel respondeu “ir pra onde?”, o Ryan disse “então cometer suicídio”, eu perguntei para a turma se cometer suicídio era uma saída viável, se iria resolver alguma coisa, responderam que “não, claro que não”. Ouvi comentários que a culpa era do presidente, o Gabriel disse “quem está à frente de tudo tem que usar a cabeça”, eu perguntei se seria só o presidente o responsável, o Gabriel respondeu que “quem tá à frente de tudo é todo mundo, a polícia, professor, político”, ouvi comentários do tipo, “culpa da Dilma”, “é esse PT corrupto”, principalmente do Mago, eu perguntei se era somente o PT o problema da corrupção, e os outros partidos políticos? Disseram que eram todos os partidos, não só o PT, daí o Clark disse “a mídia foca só no PT”, eu perguntei se era uma opinião dele ou se ele tinha ouvido falar em algum lugar, ele disse que ouviu o irmão dele falando isso. Então questionei qual seria a solução então para fechar nosso raciocínio na aula, o Gabriel disse que “a única solução são as crianças” e o Alex disse “estudar”. [...]” (Diário 05/SA01/8ºA)*

*[...] perguntei o que poderia ser feito para mudar esse panorama, o João disse “mudar de país”, eu perguntei se iria resolver alguma coisa, fizeram com a cabeça que não, a Paula disse que deveria ser dado mais oportunidade para os jovens, perguntei em que sentido, ela disse “estudar”, o Gui disse que é necessário mais investimentos do governo, ouvi alguém dizer que “precisava passar por outra ditadura”, perguntei “como assim?”, começaram a criticar o governo, falar de corrupção, eu perguntei se o problema era somente o governo, pensaram e responderam que não, chamei a atenção de que tudo era interligado, se deu para eles visualizarem a influência cultural e social nas escolhas da turma, frisei que tudo é interligado, perguntei se eles imaginavam que a partir de uma discussão sobre os Jogos Olímpicos iríamos chegar onde chegamos, fizeram com a cabeça que não. [...] Perguntei sobre o que poderia ser feito para mudar esse panorama detectado com as falas deles escritos na lousa, responderam “estudar”, “evoluir”, o Lucas finalizou “tentar saber um pouco de tudo”. [...]” (Diário 05/SA01/9ºD)*

Isso nos leva a refletir com as contribuições de Paulo Freire (1996, p. 77):

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar.

Segundo Freire (1996, p. 77), “constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela”. Ao se atentar no decorrer do processo educativo relatado, partindo da realidade vivenciada pelos educandos e educador, foi procurado se pensar no paradigma detectado e numa mudança qualitativa, sempre em busca de questionamentos, no sentido de estimular

interrogações para obter respostas, assim como a valorização do trabalho em grupo, onde todos contribuem para esse processo educativo.

Como podemos perceber nos relatos dos educandos e educador, o contexto escolar acaba sendo diretamente influenciado pela sociedade em que está inserido, entretanto, “as teorias críticas consideram a relação educação-sociedade como uma relação de mão dupla”, pensando assim, então, “a escola é influenciada pela sociedade em que se insere, porém, dialeticamente, pode também influir nessa sociedade” (SILVA, 2007, apud NEIRA; NUNES, 2009, p. 104).

Seguem alguns trechos elementares como exemplo, que destrincham o desenrolar de nossas rodas de conversa, onde foi perguntado para cada turma, se baseando no panorama geral das nossas rodas de conversa, analisando as falas individuais, o que mais havia se destacado perante a turma dos Jogos Olímpicos do Rio 2016, e por quê isso ocorreu, e os resultados foram:

*“[...] verificamos que foi o ouro inédito do Brasil no futebol masculino, [...] disseram que isso lembrava a derrota do Brasil por 7 x 1 para a Alemanha na Copa do mundo de 2014, disseram que essa notícia teve grande repercussão, o Lucas disse que “o desempenho do Brasil na Copa do mundo foi uma merda”, o Alex disse que “o Brasil precisava se vingar”, foi tipo uma vingança esse resultado nas Olimpíadas. Também comentaram da grande repercussão na mídia de que o futebol feminino estava indo melhor do que o futebol masculino, e que eles acabaram dando a volta por cima. Eu perguntei por que o esporte futebol tinha se sobressaído, responderam que “era porque a sala tem mais meninos e meninos gostam de futebol”, a Anna disse “mas tem meninas que gostam também, eu gosto, a Bia gosta”, e a Bia concordou, perguntei se tinham mais argumentos, o Gabriel disse “o Brasil é o país do futebol”, comentaram que era “porque a cultura brasileira gosta de futebol”, disseram também “vem do sangue”, o Ryan comentou que “passa de pai para filho”, o Alex disse que era como uma herança, e eu insistia em mais argumentos do por que o futebol se sobressaia no Brasil, disseram também que muita gente enriqueceu com o futebol, por exemplo o Neymar, que era um meio das pessoas pobres melhorarem de vida, o João disse que era porque “é um esporte barato, só precisa de bola”, alguns alunos deram risada dele dizendo que estava falando bobagem, mas o Ryan disse “é verdade mesmo, ele acertou”. [...]” (Diário 05/SA01/8ºA)*

*“[...] perguntei para a turma por que a notícia do ouro do Brasil no futebol masculino foi tão marcante e se destacou. Responderam que era porque o Brasil nunca havia ganho ouro no futebol nos Jogos Olímpicos e porque lembravam da notícia da derrota do Brasil para a Alemanha por 7 x 1 na Copa do Mundo de 2014. Perguntei por que se sobressaiu o esporte futebol perante os outros esportes, José respondeu que “futebol tá no sangue brasileiro” e “passa de geração para geração”. Perguntei por que o futebol é mais praticado no Brasil? O Lucas respondeu que “é influência do Estado, do governo, é mais barato”, disseram que realmente só precisa de uma bola para jogar, de fácil acesso. Citei os esportes que foram escolhidos por eles por votação*



*para serem vivenciados durante as aulas (futebol, basquetebol e voleibol) e perguntei por que foram esses os esportes escolhidos, o Lucas respondeu que foi “porque são esportes mais fáceis para praticar na escola e são os esportes mais conhecidos” e o José disse que é “por causa do trabalho em equipe, quebra as panelinhas”. [...]” (Diário 05/SA01/8ºB)*

*“[...] a notícia mais citada foi o ouro do Brasil no futebol masculino, [...] foi uma reviravolta, que lembrava a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014. Também foi citado que “os jogadores estavam sendo muito contestados”, eu perguntei por quem, disseram “pela torcida, pelos comentaristas na TV”, entre outros. Questionei a turma do porquê do futebol se sobressair sobre os outros esportes, responderam que “o futebol é o esporte mais conhecido”, que “o Brasil tem mais títulos nesse esporte”, “porque tem Neymar que é muito conhecido”, porque “o Brasil é o país do futebol” e o João disse “não precisa de muita coisa para praticar”. O João disse que “hoje em dia, o que vale é empresário bom, não precisa de muito talento, se tiver dinheiro joga”, o Will já contestou que é preciso jogar bem, ter habilidade, mas o João insistiu reforçando que o dinheiro interfere bem. Sobre o futebol ser tão praticado no Brasil, citaram também que “regiões pobres joga mais futebol”, “é cultura do Brasil” e que no Brasil existem muitos projetos sociais relacionados ao futebol. Relembrei os esportes que haviam sido escolhidos pela turma por votação para serem vivenciados nas aulas (basquetebol, futebol e voleibol) e perguntei o porquê dessas escolhas, responderam que era porque são esportes mais conhecidos e mais fáceis de se praticar na escola. [...]” (Diário 05/SA01/9ºC)*

*“[...] Chamei a atenção para o resultado da turma na lousa e perguntei o porquê da rivalidade do Brasil e Alemanha ter chamado tanto a atenção, responderam que lembrava a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014, o Ryan disse “nada a ver, o time era diferente”, a Paula disse “a Alemanha não jogou com todos os titulares”, o Gui comentou que as regras dos campeonatos são diferentes, que nas Olimpíadas tem limite de idade, por isso o time não é o mesmo da Copa, então concluíram a partir daí que a questão não era quem jogava melhor, porque os jogadores eram diferentes, mas a questão era sobre honrar o nome em si. Perguntei porque o futebol sobressaiu sobre os outros esportes, Gabriel respondeu que era “porque o Brasil é o país do futebol”, o Gui disse que era “porque o Brasil nunca havia ganhado ouro nas Olimpíadas”, também comentaram que o Brasil tem mais história, mais resultados no esporte futebol, o Luka disse “não tem outra saída”, eu perguntei o porquê disso, ele explicou dizendo que “o brasileiro só tem duas opções, ser campeão de rodeio ou jogador de futebol”, e o Ryan complementou “ou traficante”, a turma ficou alvoroçada e riram, eu perguntei porquê disso, como podemos mudar isso, o Luka disse que “os brasileiros não tem vontade de mudar”. Lembrei dos esportes que a turma escolheu por votação para vivenciarem nas aulas práticas (futebol, basquetebol e handebol) e perguntei o porquê desses esportes serem escolhidos, responderam que “são mais fáceis”, “são mais jogados”, “por causa do espaço”, perguntei se queriam dizer sobre a estrutura da escola, a quadra, concordaram. Comentei que no currículo do Estado de São Paulo haviam esportes como esgrima, boxe, esportes radicais como conteúdos para o Ensino Médio e que quando estivessem no Ensino Médio iriam vivenciar, percebi que alguns ficaram pensativos, outros animados. [...]” (Diário 05/SA01/9ºD)*

Também foi percebido pelos educandos a diferença de tratamento pelos diversos meios de comunicação entre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, e os argumentos levantados por eles foram que:

*“[...] a Karen disse que “não passou muito na TV”, o Clark disse que “o que eles tinham que mais dar atenção não deram”, eu perguntei por que deveriam dar mais atenção, ele disse que lá haviam histórias de superação, [...]” (Diário 03/SA02/8°A)*

*“[...] Chamei atenção sobre a quantidade de votação no “nada”, por que disso, o Lucas e Gui disseram “porque quase ninguém assistiu”, o José disse “porque não tinha jogador que enfatiza tanto como na Olimpíada”, a Ju e a Bia comentaram que não tinha muito interesse em se cobrir as Paralimpíadas, o Lucas comentou que isso é um preconceito, não dar tanta importância as Paralimpíadas, ele comentou que a TV Globo cobriu toda a Olimpíada mas a Paralimpíada não, e voltamos as discussões de que havia interesse, comentaram que não dava lucro, o Loiro até citou que o público quase equiparou com as Olimpíadas, mas eu chamei a atenção de que os valores dos ingressos eram mais acessíveis nas Paralimpíadas do que nas Olimpíadas. [...]” (Diário 03/SA02/8°B)*

*“[...] O Cição voltou ao tema de pouca visibilidade das Paralimpíadas, comentando que havia desigualdade social, o Vitor disse em seguida “simples motivo: dinheiro”, a Bia citou a palavra “bullying”, concordaram que foi dado menos importância para as Paralimpíadas, discutimos sobre a questão da relação audiência/patrocinadores/mídias. [...]” (Diário 03/SA02/9°C)*

*“[...] A Jhu disse “porque ninguém assistiu”, a Rosa disse “não passou na televisão”, o Gui complementou “não passou na TV aberta”, a Serena citou a palavra “desinteresse”. [...] O Gui e a Mimi comentaram que a Paralimpíada não foi tão divulgada como a Olimpíada. A Jhu disse “só porque são deficientes, ninguém quer assistir” com um tom de indignação, e o Gabriel comentou que não gostam de “ver pessoas sofrendo, fazendo esforço”, a Serena citou a palavra “preconceito”. Eu comentei que nas Olimpíadas os atletas também sofrem e fazem grandes esforços, assim como nas Paralimpíadas e que muitos paraatletas tiveram resultados melhores do que atletas das Olimpíadas, ouvi alguns alunos concordando, dizendo que era verdade, balançando a cabeça afirmativamente. [...]” (Diário 03/SA02/9°D)*

O intuito de nossa intervenção foi, através do diálogo sobre esses temas baseados inicialmente no contexto atual midiático e derivados da nossa construção conjunta nas rodas de conversa, pudéssemos problematizá-los em busca de críticas, a fim de colaborar com a análise e a possibilidade da transformação pessoal e social nesse contexto. Chamamos a atenção que esse processo educativo foi se mostrando significativo, visando a relação do conteúdo da aula dentro da escola com o cotidiano dos educandos, onde proporcionou-se oportunidades para se pensar criticamente sobre as mensagens disponibilizadas nas mídias. Alguns temas poderiam ter sido

mais aprofundados e desmembrados, como registramos no espaço relativo à categoria “Superações”, no tema Imprevisibilidade.

Como reforça Neira e Nunes (2009, p. 167), “a incerteza abre portas para a fabulação, a invenção e a construção coletiva, para a análise do efêmero e do passageiro”, essa é característica marcada na pós-modernidade. Os conteúdos surgidos nesse interim não são mais específicos de cada componente curricular, são agora temáticos, abordando outros campos. Aí vemos a caracterização e a necessidade de um trabalho multidisciplinar. Nesse caminhar, o currículo é construído por todos.

### *3.7.1.3 Coletividade*

Sobre o título escolhido “coletividade”, queremos deixar claro que nesse processo buscamos encontrar soluções conjuntas, onde todos eram sujeitos importantes, suas falas e ideias contribuíram para se pensar em soluções para os entraves detectados na nossa realidade. Pois, como diz Freire (2011, p. 37), uma característica relacionada a visão crítica da educação é a necessidade do “reconhecimento óbvio de que nenhum de nós está só no mundo. Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros”.

Segundo Neira e Nunes (2009, p. 183-184):

Quando as atividades pedagógicas que configuram o currículo recorrem ao diálogo, e não à tolerância, para desconstruir representações dominantes e construir outras, contribuem para uma melhor compreensão do processo de construção da representação dominante e com isso transformam tanto os estudantes quanto o sentido da representação. É o que se pode denominar de negociação por sentido. A condição hierárquica privilegiada inicial com a qual o sujeito atribui significado a um signo poderá ser substituída, mediante o diálogo, por outra.

Podemos verificar nesse processo educativo, que foi iniciado pelas notícias veiculadas nos diversos meios de comunicação, que houveram, ao longo da intervenção nas fases de problematização, construções conjuntas, de argumentações e soluções, através do diálogo, como por exemplo nos diários 05/SA01/8°A, 05/SA01/8°B, 05/SA01/9°C, 05/SA01/9°D, 03/SA02/8°A, 03/SA02/8°B, 03/SA02/9°C, 03/SA02/9°D, 02/SA02/8°A, 02/SA02/8°B, 02/SA02/9°C, 02/SA02/9°D.

Seguindo a linha do pensamento de Paulo Freire (2000, 2007), estimulando hábitos baseados na práxis, baseando-se no paradigma detectado no decorrer de

nossas aulas, onde diversos temas surgiram e dilemas foram detectados, como vimos anteriormente, foi questionado aos educandos sobre propostas de mudanças, como segue nos exemplos adiante:

*“[...] Chamei a atenção da turma sobre o panorama anotado na lousa sobre as nossas discussões e perguntei como poderíamos mudar esse paradigma, o José respondeu “abrindo os olhos da população” e eu perguntei como, o Lucas respondeu “mais acesso à educação”. [...]” (Diário 05/SA01/8ºB)*

*“[...] questionei sobre o que poderia ser feito para mudar esse panorama futebolístico, responderam que há a necessidade da mídia focar outros esportes, citaram também que as escolhas pela prática desses esportes sofrem muita influência da família, que passa de geração para geração esse gosto pelo esporte, também citaram a necessidade de mais projetos sociais sobre outros esportes. [...]” (Diário 05/SA01/9ºC)*

Outro exemplo, foi perguntado para os educandos o que poderia ser feito para ter mais acesso à informação:

*“[...] Pedi para que pensassem sobre as possibilidades dentro da escola, o Gabriel disse a sala de informática como havíamos usado para pesquisa, perguntei se eles tinham acesso quando quisessem, disseram que somente vão quando um professor reserva para a aula, mas o Gabriel também disse que na biblioteca tem o Jornal da Cidade, eu lembrei da Emy que havia dito que acompanhou pelo Jornal da Cidade e perguntei se ela havia visto na escola ou em casa, ela respondeu “na minha casa”. Frisei que haviam vários meios de comunicação para se ter notícias e que depende de nós procurarmos. [...]” (Diário 03/SA02/8ºA)*

*“[...] o José disse “incentivo à leitura”, eu perguntei se os professores da escola não faziam isso, eles disseram que sim, mas que faltava vontade por parte dos alunos, o Lucas comentou sobre ter acesso ao Jornal da Cidade na escola, eu aproveitei para comentar que mesmo a escola disponibilizando o Jornal da Cidade, ele não foi citado por nenhum aluno da sala, que ninguém o procurou para saber sobre notícias dos jogos, percebi uma mudança na feição de alguns alunos, como se tivessem interiorizado que tinham oportunidade mas que deixavam passar. [...]” (Diário 03/SA02/8ºB)*

*“[...] A Jhu e o Gui comentaram que a Paralimpíada devia ter passado em canais de maior expressão, perguntei quais, responderam “Globo, Record, Band, SBT”, o Gui disse que “deveriam dar mais atenção para pessoas que realmente merecem” e o João disse que se devia “respeitar o estilo de vida de qualquer pessoa”, eu complementei que qualquer pessoa tem potencialidades e dificuldades e a Jhu disse que “não devemos ligar pra opiniões que não levam pra frente”. [...]” (Diário 03/SA02/9ºD)*

Trazendo a ideia dos educandos, “a televisão é, sem dúvida, um poderoso meio para acelerar a incorporação das subculturas esportivas à cultura esportiva dominante” (BETTI, 1998, p. 122). Esta perspectiva parece dominar em relação a obtenção de informação pela população em geral conforme aponta Scoralick (2009).

Esses relatos nos levam à raiz do pensamento de Betti (1998, p. 45), onde cita que “a postura do homem de cultura diante do novo meio deve ser a de reconhecer as possibilidades culturais da televisão e compreender a necessidade de integrá-la numa função de denúncia e convite à discussão”, e ele ainda complementa que isso “exige, sem dúvida, uma ação política consciente”.

Foram apontadas ideias que contribuíram para adaptação de determinadas modalidades esportivas à nossa realidade escolar, como por exemplo adaptar o futebol de 5, que é jogado por cegos, ou o futebol de 7:

*“[...] o Lucas disse o futebol de 5, eu perguntei mas como adaptar para nós, ele disse que podemos vendiar os olhos, amarrar os braços para jogar, alguns alunos concordaram, [...]” (Diário 02/SA02/8°B)*

No diário 03/SA02/8°A podemos verificar ideias na busca pelo uso de vários programas digitais para ajudar na divulgação de notícias, onde os educandos mostram que podem ser produtores de conteúdos midiáticos:

*“[...] o Alex disse que poderíamos ter ido nas Paralimpíadas e gravar imagens, fazer um canal no youtube e divulgar, eu comentei que para isso era necessário dinheiro, até comentei que eu gostaria muito de ter ido mas que não tinha condições financeiras para isso, [...] o Gui falou que poderíamos seguir famosos, que foram nas Paralimpíadas, pelas redes sociais e compartilhar, eu perguntei por quais lugares, ele disse “pelo facebook, instagram e snapchat, por exemplo” [...]. (Diário 03/SA02/8°A)*

No diário 03/SA02/9°C surgiu a ideia, por parte de educandos, de mais vivências para “sentir na pele” como são as deficiências, que veio ao encontro com pensamento já formulado da educadora para atividade em aula:

*“[...] O Cijo fez dois comentários “ter mais mídia” e “deixar questão social de lado”, o Will disse “emissoras maiores, tipo Band, Globo, Record, deveriam dar mais importância”, o Luiz disse “deixar o preconceito de lado”, pedi para explicar melhor, ele explicou sobre nivelar a importância, como por exemplo, o futebol e o futebol de 5. A Bia disse “dar mais importância para os atletas paralímpicos”. Perguntei para a turma como viabilizar isso que eles apontaram, o Vitor disse “ter mais propaganda, investir em mais divulgação” e o Will disse que se deveria ter a oportunidade de mais*

*experiências, vivências, relacionadas aos esportes paralímpicos e o Luiz complementou “sentir na pele como é a deficiência”. Comentei que eu havia planejado para a próxima aula atividades relacionadas a isso, eles ficaram contentes. [...]” (Diário 03/SA02/9°C)*

Verificamos que foi um educando que chamou a nossa atenção sobre questionar a veracidade da informação das mídias:

*“[...] O Luiz mostrou uma foto no celular dele que ele pegou do facebook, disse que parece que era a chave da Copa do Mundo, até comentou “verdadeiro grupo da morte” e ele iria pesquisar se era verdade ou mentira aquela foto que estava rolando no facebook, se a chave era verdadeira. [...]” (Diário 03/SA01/9°C)*

Notamos também a autonomia entre os educandos, melhorando técnicas, definindo táticas de jogo, se preparando para o evento do interclasses:

*“[...] Depois saímos para a quadra para treinar para o interclasses. Deixei-os à vontade para jogar futsal, fiquei observando, jogaram por um tempo e depois começaram a treinar passes e ficaram combinando jogadas para executarem no dia do interclasses. [...]” (Diário 07/SA03/9°C)*

Os educandos trouxeram à tona o novo perfil dos jovens atualmente, onde pensaram em utilizar manobras visuais para promover seus ideais no evento interclasses:

*“[...] O que mais chamou a minha atenção foi o time do 9°C aparecerem no evento com camisas levando algumas palavras: #Amor, #Atitude, #Igualdade, #Paz, #Humildade, #Respeito, #Alegria. A Bia disse que resolveram fazer as camisas “pra dar exemplo, pros outros times não brigar”, [...]” (Diário 09/SA03/9°C)*

**Figura 05** – Educandos vestindo as camisas confeccionadas especialmente para o evento interclasses na escola.



Fonte: arquivo de imagens da intervenção captadas pela educadora.

Os educandos do 9º ano C deram um belo exemplo do que falamos anteriormente no referencial teórico sobre o consumo cidadão com base em Canclini (2006), se utilizando da confecção de camisetas para usá-las no dia do interclasses a fim de atingir os seus objetivos, levar temas que são considerados por eles importantes para uma melhor convivência entre seus pares dentro do ambiente que vivenciam.

Houve troca de informações entre educadora e estagiário, como segue:

*“[...] Fizemos a votação para escolher o esporte olímpico que iríamos vivenciar na quadra, ganhou o handebol. O estagiário de Educação Física estava na aula, trocamos informações sobre as regras pois eu também tinha dúvidas sobre as regras do handebol, expliquei na quadra sobre as regras para todos e apitei o jogo. [...]” (Diário 04/SA01/9ºD)*

Coadunando com a ideia de coletividade, segundo o NIC.br (2016, p. 102):

O posicionamento crítico e o aprimoramento dos professores, coordenadores e diretores frente as TIC são essenciais também para que esses atores possam refletir junto com os alunos sobre as melhores estratégias de uso das TIC.

Um caso se destacou, sobre a dificuldade em se ter acesso a alguns recursos midiáticos e tecnológicos propostos, caso que será mais discutido no campo das “Superações” mais adiante, e uma educanda pensou numa solução para o colega ter acesso:

*“[...] Frisei que os Jogos estavam acabando e que os grupos deveriam já ir finalizando os registros para entregar os trabalhos na próxima semana, o Zóio se manifestou dizendo que não tinha como acompanhar os Jogos do Rio 2016 porque não via TV, falei para ele pesquisar na internet, ele disse que também não tinha acesso, [...]. A Emy disse para ele que na escola tinha a sala de informática e que ele poderia usar na escola. [...]” (Diário 03/SA01/8ºA)*

Também percebemos a contribuição do convívio familiar no acesso à informação:

*“[...] Em relação ao grupo de Basquetebol, a Fofa disse que viu pela internet e o pai dela comentou que o Brasil perdeu. Perguntei onde na internet e ela respondeu que num canal do youtube, que o nome do canal tem a ver com esporte, basquetebol masculino, mas não lembrava ao certo. [...]” (Diário 02/SA01/9ºC)*

*“[...] O grupo só sabia que o Brasil perdeu para a Croácia porque o pai da Fofa assiste pelo SporTV e comenta com ela. [...]” (Diário 03/SA01/9ºC)*

No geral, foi verificada colaboração entre todos, a fim de aumentar o acesso à informação, como nas orientações sobre busca de informações referentes ao tema e iniciativas de sanar dúvidas e solucionar eventuais problemas ocorridos nesse processo.

#### 3.7.1.4 Reconhecimento do outro

Para Kenski (2007), se faz necessário pensar na utilização da TIC para fins de processos educativos voltados ao diálogo e participação de todos. Essa possibilidade de interação que o uso da TIC proporciona para os sujeitos envolvidos no processo educativo acaba criando novos vínculos. Percebemos, ao longo da intervenção, na constante aprendizagem em saber ouvir uns aos outros, que ocorreram amostras de valorização e reconhecimento entre seus pares. Vamos dar alguns exemplos a seguir:

Um educando reconhecendo o trabalho da educadora e fazendo um elogio:

*“[...] Depois disso já foram arrumando a sala alvoroçados para irem para a quadra, e o Gabriel veio perto de mim e disse que eu me daria bem em outras matérias, disse “foi legal, muito bom” e saiu. [...]” (Diário 05/SA01/8ºA)*



Isso ao mesmo tempo fez pensar sobre o legado histórico da Educação Física escolar, onde não era praxe se estimular discussões nas dimensões socioculturais e somente visava-se o treinamento do físico, e na assimilação de que outros componentes curriculares é que seriam os responsáveis por tais discussões, pois o educando elogiou a professora de Educação Física por estar provocando discussões que abordam temas que vão muito além da “inocente” prática tão aguardada e visada nas aulas de Educação Física escolar.

Verificamos também uma busca em ajudar ao próximo, tanto funcionários responsáveis pela limpeza (Diário 03/SA02/8°A), como aos colegas (Diário 04/SA02/8°A, Diário 01/SA03/8°B, Diário 01/SA02/9°C, Diário 03/SA02/9°C). No diário 08/SA03/9°D vemos que o processo educativo realizado entre as turmas definidas para a pesquisa acabou influenciando outras turmas existentes na escola que não eram as escolhidas para participar da pesquisa, pois uma educanda de outra turma comentou que ajudou a organizar a festa. Seguem trechos dos diários para exemplificar:

*“[...] O Luiz, quando estava pesquisando sobre as modalidades, perguntou “mas como tem futebol para cego, como eles jogam?” e o João disse que tinha sim e que a bola fazia barulho para ajudar, [...] o João comentou do futebol de 5 e de 7 também, explicando para o Luiz, pois ele já havia acabado a pesquisa dele e o ajudou. O Luiz ficou surpreso e comentou que deve ser muito difícil jogar sem enxergar. [...]” (Diário 01/SA02/9°C)*

*“[...] Comentei sobre a decoração, elogiei, haviam cadeiras para todos e estava montado uma mesa com as comidas e bebidas, enfeitaram com bexigas e cartazes. O estagiário estava lá e ele comentou que ajudou os alunos com a decoração, carregou a mesa, limpamos a quadra, etc. Ficamos à vontade conversando, comendo e bebendo, havia um grupo de alunos que estava no canto, com vergonha, não queriam ir pegar na mesa a comida e bebida, então, às vezes, eu levava para eles alguma coisa, algumas alunas do 9°D também. Uma aluna de outro 9° ano que eu não dou aula comentou comigo que ajudou o pessoal do 9°D na organização. Comentei que então o evento havia envolvido todos mesmo e rimos. No final da festa, a Jhu do 9°D organizou a atividade “dança das cadeiras” para finalizar a festa. [...]” (Diário 08/SA03/9°D)*

*“[...] Na aula também foi comentado sobre a questão do atraso de iniciar o evento porque estavam cortando a árvore da quadra, faltou um time que não apareceu no dia do evento, comentamos sobre o Dezoito não ter se comportado bem, ele ficou nervoso por estar perdendo e acabou discutindo no evento, querendo arrumar briga, tentamos acalmar o Dezoito, a turma conversou com ele para acalmá-lo, lembraram dos temas geradores, que deveriam dar exemplo, comentaram da premiação, que mesmo que a Bianca, que estava responsável por trazer as medalhas não apareceu, mas o Will*

*trouxe, e no final deu certo, perdemos o cadeado da quadra, procuramos juntos e depois achamos. Comentei que depois do evento, vi comentários nas fotos do evento postadas pelos alunos no facebook, onde eles reconheciam que o time que ganhou jogou melhor, etc. [...]* (Diário 09/SA03/9°C)

No diário 05/SA01/9°C há uma referência interessante sobre o formato das novas relações professor x aluno que buscamos:

*“[...] Chamei a atenção da turma para todos os relatos anotados na lousa sobre nossa conversa e os questioneei sobre o que poderia ser feito para mudar esse panorama futebolístico, responderam que há a necessidade da mídia focar outros esportes, citaram também que as escolhas pela prática desses esportes sofrem muita influência da família, que passa de geração para geração esse gosto pelo esporte, também citaram a necessidade de mais projetos sociais sobre outros esportes. Fiquei surpreendida com o retorno dos alunos, na verdade, na escola, estamos acostumados a nós, os professores, apontarem caminhos e soluções, e estou gostando muito de atribuir essa função aos alunos. [...]*” (Diário 05/SA01/9°C)

No trecho a seguir verificamos uma mudança de postura, um reconhecimento do conhecimento do outro:

*“[...] o João disse que era porque “é um esporte barato, só precisa de bola”, alguns alunos deram risada dele dizendo que estava falando bobagem, mas o Ryan disse “é verdade mesmo, ele acertou”. [...]*” (Diário 05/SA01/8°C)

No diário 07/SA03/9°C, o funcionário que é cuidador de um educando cadeirante enalteceu o processo citando feliz o envolvimento dos educandos nas aulas:

*“[...] O cuidador do aluno com deficiência física (cadeirante) até comentou comigo que a turma estava levando bem a sério o treino para o interclasses, concordamos que sim, ele estava gostando de ver a empolgação da turma. [...]*” (Diário 07/SA03/9°C)

Gostaríamos de destacar um recorte específico desse trabalho, com base nas Paralimpíadas Rio 2016, como segue na Situação de Aprendizagem 02 - “Aprendendo com as diferenças” (SA02), localizada no Apêndice B, podemos notar que houve uma contribuição desse trabalho para que ocorresse nos educandos uma mudança na sua visão de mundo, não só para com as pessoas com deficiência, mas à todas as formas de diferenças (individuais, culturais, sociais, éticas, etc.), como também para se acrescentar uma visão crítica sobre os meios de comunicação. Para

esclarecer, seguem alguns trechos dos diários. Foi perguntado para os educandos sobre qual conclusão chegaram para finalização da roda de conversa sobre a dinâmica de grupo vivenciada (“Rótulos”):

*“[...] O Didi disse que “as pessoas com deficiência são iguais a nós, até fazem coisas melhores”, a Ana disse que “não devemos julgar as pessoas” e a Bia comentou sobre o poder do querer, da força de vontade, “se elas gostam e querem fazer, elas conseguem”.*” (Diário 02/SA02/8°A)

*“[...] O José disse que temos que dar uma chance para as pessoas, os outros alunos concordaram. [...]”* (Diário 02/SA02/8°B)

*“[...] a Bia disse “todo mundo consegue fazer o que quiser” e o Will disse “a gente tem que parar de reclamar da vida”. [...]”* (Diário 02/SA02/9°C)

*“[...] a Ana disse “nada é impossível, se você tem força, você consegue, a Mimi disse “tudo é possível”, o João disse “o meio de adaptação do ser humano é muito alto” e a Paula disse “deficiência não importa, você só tem que fazer o melhor para atingir seu objetivo”. [...]”* (Diário 02/SA02/9°D)

Foi notado, através dessa dinâmica e roda de conversa que, inicialmente, os educandos tinham uma visão estereotipada para com as pessoas com deficiência, mas através dos diálogos ocorridos, troca de experiências, houve uma mudança da visão dos educandos, não só para com as pessoas com deficiência, mas a todos igualmente.

*“[...] o Clark disse que “o que eles tinham que mais dar atenção não deram”, eu perguntei por que deveriam dar mais atenção, ele disse que lá haviam histórias de superação, que era mais difícil para pessoas com deficiência, a Ana disse que depende, perguntei do que dependia, a Ana disse “das modalidades”, o Didi disse “do tipo de deficiência”, o Rick disse “os caras não tem perna e quer jogar bola”, eu pedi para ele explicar melhor, ele comentou que demora mais para adaptar, eu reforcei que era preciso então um período de adaptação, mas questionei-os a pensar se era somente as pessoas com deficiência que precisavam disso ou todas as pessoas, concluíram que eram todas, fechamos então que a questão essencial era a adaptação as mudanças e que qualquer pessoa passa por isso. [...]”* (Diário 03/SA02/8°A)

As vivências disponibilizaram aos educandos a oportunidade de “sentir na pele”, como um deles mesmo citou, como é ter uma deficiência. Se colocar no lugar de outra pessoa, tentar entender como é ser o outro, incorpora o leque de possibilidades para se compor uma sociedade mais inclusiva.

Confessamos que inicialmente havia um pré-conceito, onde predominava o pensamento de que os educandos não estão preparados para analisar criticamente as mídias e que a escola e o educador são os “salvadores”, responsáveis por criar essa capacidade nos educandos. Mas, reconhecemos que os educandos têm sim essa capacidade, o que os falta é oportunidades, espaços para que eles desenvolvam essa prática. Sendo assim, quando Libâneo (2002) aponta que a educação e as escolas devem dar condições intelectuais para uma avaliação crítica das mídias, resultando em produção e difusão do saber, devemos partir desse princípio, dar oportunidades, abrir espaços, estimular a participação e aproveitar o que os educandos tem a oferecer.

### 3.7.1.5 Motivação

Uma das questões mais desafiadoras para as aulas de Educação Física escolar é a motivação, como fazer com que os educandos sejam participativos nas aulas e se sintam motivados, sem fazer uso de meios disciplinares? A saída que apontamos é se apoiar no diálogo. No relato dos diários a seguir podemos verificar como foi essa questão.

Alguns educandos não queriam praticar futebol, a educadora tentou dialogar, mas não teve êxito, então voltou seu foco a aproveitar a observação do jogo dos colegas e estimular análises técnicas e táticas:

*“[...] Fomos para a quadra, algumas meninas não quiseram jogar futebol, mesmo eu insistindo e tentando convencê-las, não jogaram, só ficaram observando os meninos e outras colegas meninas jogarem. [...]” (Diário 03/SA01/9°C)*

*“[...] fizemos uma votação para escolher o esporte olímpico para vivenciar na quadra, ganhou o futebol, ouvi o João comentando que votou no futebol porque não queria jogar mesmo, ele quase nunca participa das aulas práticas, eu sempre peço para ele jogar mas ele reclama, diz que não gosta. Na quadra, enquanto alguns alunos jogavam fiquei conversando com alguns alunos que não queriam jogar, tentando convencê-los da importância das vivências, mas se recusavam dizendo que futebol não iam jogar, não gostavam, e que quando fosse outro esporte que eles gostassem iriam jogar, comentei que iríamos variar toda semana e que deveriam participar de todos, mas não teve jeito, então ficaram observando os colegas jogarem e eu comentando sobre algumas técnicas e táticas do jogo e discutindo com eles.” (Diário 04/SA01/8ºA)*

Também na atividade da dinâmica de grupo houve diálogo para estimular os educandos à participação:

*“[...] a Mimi não queria participar, falei que era uma dinâmica educativa, que todos deveriam participar, o Lucas também não queria, mas deixaram colar, o Tody reclamou que iria estragar a camisa dele, o durex, não queria, mas consegui convencê-los a participar. [...]” (Diário 02/SA02/9°D)*

A interação com a educadora e demais educadores da escola durante os jogos, participando efetivamente da dinâmica do jogo, também foi um fator que se mostrou motivante aos educandos, como segue:

*“[...] nessa aula foi escolhido pela maioria dos alunos o Basquetebol. Me pediram para eu praticar junto com eles e eu também joguei, atendendo aos pedidos.” (Diário 02/SA01/8°A)*

*“[...] Pediram para jogar voleibol no restante final da aula, pois queriam chamar o professor de língua portuguesa da escola para jogar com eles, pois ele havia chego mais cedo e dava tempo de participar da aula antes de ele entrar para dar aula, eu deixei. Fomos para a quadra e, atendendo aos pedidos, eu joguei junto com eles. O professor e eu ficamos orientando os alunos durante o jogo sobre o posicionamento correto na quadra, sobre o rodízio, regras, etc. [...]” (Diário 01/SA02/8°B)*

Também, na divisão dos grupos das comissões para organização do evento na escola, um educando não queria participar dessa organização, então dialogamos valorizando a importância do trabalho coletivo e deu certo:

*“[...] O João disse que não queria, que não iria participar, eu disse que seria um trabalho em conjunto com a sala toda e que todos deveriam participar, que iríamos necessitar da ajuda de todos para o evento, então ele ficou analisando as funções das comissões para escolher uma. [...]” (Diário 04/SA03/9°C)*

O diário 04/SA01/9°C chamou a atenção, pois alguns educandos não queriam participar, a educadora dialogou, mas não vieram, depois de um tempo observando o jogo, houve uma mudança na postura dos educandos, eles jogaram e gostaram:

*“[...] Antes de ir para a quadra fizemos a votação para a modalidade esportiva olímpica que iríamos vivenciar na quadra, ganhou o voleibol. Alguns meninos reclamaram, queriam futsal, se recusaram a jogar, mas ao longo da aula na quadra, observando os*

*colegas jogarem, se enturmaram no jogo e também acabaram jogando. No final ouvi comentários positivos sobre ser legal jogar voleibol. [...]” (Diário 04/SA01/9°C)*

Temos que considerar que fatores externos podem contribuir para motivar os educandos à participação, mas a questão do querer também é essencial, tem que partir deles, a motivação interna é decisiva para se ter sucesso nessa questão. A motivação é, segundo Venditti Júnior (2014, p. 103), “uma forma de expressão do ser humano que está interligada a uma grande variedade de condições e que depende da interação de fatores pessoais e ambientais”. Venditti Júnior (2014, p. 78) chama a atenção ao fato que “não temos a capacidade de motivar as pessoas, mas apenas de influenciá-las com estratégias adequadas e estímulos possíveis”.

Alguns diários nos trazem reflexões sobre a questão de assistir x discutir os jogos televisionados, pois alguns educandos na aula, quando estavam assistindo jogos ao vivo não prestavam muita atenção, mas depois entre seus pares e até mesmo nas rodas de conversa durante outras aulas se mostravam interessados:

*“[...] Também comentaram que viram alguns jogos na TV Globo, escondido durante outras aulas na escola, pelo celular de um colega que tem TV. [...]” (Diário 03/SA01/8ºA)*

*“[...] No horário da nossa aula estava passando ao vivo na TV Globo o jogo de futebol feminino do Brasil x Canadá, disputando a medalha de bronze dessa modalidade nos jogos olímpicos, então assistimos, pois a escola já deixa um telão montado para acompanhamento dos Jogos olímpicos para quem tiver interesse. Havia outras turmas lá também assistindo com outros professores. Durante o jogo, alguns alunos da turma não prestaram atenção, só ficaram conversando entre eles, enquanto alguns alunos vibravam a cada lance. Durante o jogo, havia alguns flashes de notícias sobre a prova da marcha atlética que também estava acontecendo e eu ouvi alguns comentários sobre o andar engraçado dos atletas nessa modalidade. Alguns alunos ficaram tristes porque o Brasil perdeu. [...]” (Diário 03/SA01/8ºB)*

*“[...] A Jhu comentou que o jogo do Brasil e Honduras que eles assistiram na escola já foi uma gritaria, imagina se tivessem assistido na escola o outro jogo, “o Neymar é demais”. [...]” (Diário 03/SA01/9ºD)*

Verificamos que para alguns foi significativo assistir aos jogos em companhia dos colegas, onde muitos trocavam ideias sobre os conteúdos assistidos, mas para outros foi uma distração estar assistindo na companhia de inúmeras outras turmas da escola. Isso nos leva a pensar sobre essa relação dentro do ambiente escolar, assistir x discutir: qual é o melhor? Para sanar essa dúvida poderia ter sido

desenvolvido uma roda de conversa com todos os participantes da pesquisa sobre essa questão, mas na nossa intervenção deixamos passar essa oportunidade.

As vivências da intervenção foram significativas para os educandos e eles estavam, cada um a seu tempo, se adaptando às novas situações propostas. Foi notado motivação por parte deles para experienciar essas novas situações, constatando-se desafiadoras. Trabalhando nesse sentido, reconhecendo os educandos, trabalhando com eles, estimulando uma maior participação deles no processo educativo, como defende Freire (2000, 2007), vamos ao encontro dos “novos” perfis da nossa contemporaneidade, voltado à interatividade, participação no processo, ávidos por descobertas, entre outras características, como apontado por Buckingham (2007), Santaella (2004) e Soares (2006).

### 3.7.2 *Superações*

Encontramos, ao longo da intervenção, como se refere Freire (2001), “situações-limites”, que se constituem em obstáculos, dificuldades, e nossa atitude foi de tentar superá-las, por isso foi assim nomeado essa categoria de análise. De acordo com Freire (2001, p. 93), “a prática da procura desses novos encontros ou a história dessa prática, dessa tentativa, pode tornar-se objeto ou conteúdo de estudo [...]”.

#### 3.7.2.1 *Postura diretiva e postura dialogada*

Gostaríamos de iniciar o campo das superações explicitando que, como já era nossa intenção, houve a necessidade de uma transição na prática pedagógica de diretiva para a dialogada para se trabalhar com a metodologia proposta, como segue nas análises a seguir. Quando se dispõe a incluir dentro do ambiente escolar conteúdos e recursos midiáticos, não há como escapar do diálogo, pois a base desses recursos é incondicionalmente a comunicação humana.

Há a necessidade de um policiamento constante na postura e no discurso do educador a fim de uma ruptura nos vícios<sup>11</sup> adquiridos no decorrer da atuação profissional dentro do espaço escolar, assim como o educador precisa, através da sua

---

<sup>11</sup> O que chamamos de vícios são métodos disciplinares, como, por exemplo, se utilizar do discurso do “valer nota” a fim de obrigar os educandos a participar, como também fazer uso de premiações para hierarquizar, etc.

prática e do seu exemplo, romper com paradigmas tradicionais, até mesmo referentes ao modo de lidar com o sistema escolar, suas relações com a gestão e demais membros da comunidade escolar.

Como já discutido e criticado anteriormente com base nos referenciais freireanos, no diário 01/SA01/8°A podemos verificar a busca por uma transição, onde, por exemplo, a ferramenta disciplinar do “valer nota” tem que perder espaço para o diálogo:

*“[...] Eu expliquei sobre nosso trabalho relacionado aos Jogos Olímpicos do Rio 2016, que iríamos pesquisar a origem dos jogos, significado dos símbolos, modalidades esportivas, etc. O Didi não queria fazer e eu respondi que iria valer nota, mas depois fiquei pensando que não deveria ter enfrentado a situação dessa forma, comentei que era importante saber sobre o evento que estava ocorrendo em nosso país. [...]”*

No diário 05/SA03/8°B e 04/SA02/8°A podemos verificar a tensão relacionada ao fechamento de notas que o sistema escolar produz, assim como a famosa chamada que toma um significativo tempo de todas as aulas, e que deve ser melhor pensado e explorado para uma mudança no sentido em que queremos que a escola siga. Também nos diários 03/SA03/9°C e 04/SA03/9°D verificamos a influência do SARESP para organizar o calendário na escola, resultando também em tensão na escola. Souza (2002) nos incita ao debate quando cita a importância de questionarmos essa regulamentação do Estado sobre o ensino público, vigiando nosso trabalho na escola para verificar se estamos trabalhando de acordo com seus ideais de expansão do capital. É visível o incômodo sentido pelos educadores em relação a isso, mas ainda faltam mobilizações nesse sentido.

Nos diários 04/SA01/8°A, 05/SA01/8°A, 03/SA02/8°B, 04/SA01/9°C, 04/SA01/9°D e 05/SA01/9°D notamos também a “cobrança” por entrega de trabalhos e os “sermões” da professora, termos que devem ser modificados visando a transição para uma prática dialógica. Por exemplo:

*“[...] Cobrei os trabalhos dos Jogos Olímpicos e as notícias marcantes e ninguém da turma trouxe. Dei um sermão sobre a importância de cumprir com os compromissos, de fazer trabalhos, perguntei por que isso havia ocorrido, as Bias disseram que eles eram “vagabundos”. Pedi para que não esquecessem de trazer na próxima aula sem falta. Iniciei nossa discussão com o histórico sobre os Jogos Olímpicos, até utilizei um trabalho entregue pela outra sala para citar alguns dados para dar uma motivada na entrega de trabalhos por eles. [...]” (Diário 05/SA01/8°A)*



Ao invés de registrar as pesquisas em forma de trabalhos escritos ou impressos para entregar, poderia se pensar em blogs, pois só iria mudar a plataforma, os registros ainda se manteriam, e como os recursos digitais chamam mais a atenção dos jovens poderia ser feito essa troca como estímulo motivacional. Mas a saída dada no momento foi que a educadora solicitava as notícias pesquisadas pelos educandos com suas respectivas fontes em forma de escrita e eles não haviam trazido para a aula, pensou-se então na forma oral, como verificamos nos diários 05/SA01/8°A, 03/SA02/8°A, 05/SA01/8°B, 03/SA02/9°C e 03/SA02/9°D, onde segue alguns trechos para exemplificar:

*“[...] Devido à não terem trazido documentado as notícias marcantes com suas fontes como eu solicitei, fui perguntando oralmente as notícias mais marcantes dos Jogos Olímpicos e anotando na lousa, [...]” (Diário 05/SA01/8°A)*

*“[...] Como eles não trouxeram documentado as notícias mais marcantes dos jogos, foi feito oralmente, onde cada aluno dizia sua notícia marcante e eu ia anotando na lousa, [...]” (Diário 05/SA01/8° B)*

A educadora embasou as rodas de conversa com as notícias trazidas oralmente pelos educandos e para registrar o conteúdo das discussões usava o apoio da lousa e giz e, posteriormente, celular para tirar foto da lousa.

Nos diários 02/SA02/9°C e 04/SA02/8°A verificamos a “cobrança da apostila para visto”. A preocupação da educadora, ao realizar essa ação, é verificar se os conteúdos das respostas estão coerentes com o que foi comentado em aula, mas o uso das expressões “cobrança” e “visto” remetem ao tão criticado modelo tradicional da educação.

Nota-se também o hábito dos educandos em querer a resposta pronta, advinda dos modelos tradicionais de educação onde o professor tem a resposta e o aluno a recebe:

*“[...] Expliquei que iríamos fazer o mesmo esquema que fizemos com os Jogos Olímpicos com as Paralimpíadas, e que havia reservado a sala de informática para pesquisa sobre a origem das Paralimpíadas, significado dos símbolos, modalidades esportivas paralímpicas, etc. A Serena já foi perguntando a resposta para mim, eu disse que era para pesquisar na sala de informática, que eu não iria dar a resposta pronta. [...]” (Diário 01/SA02/9°D)*

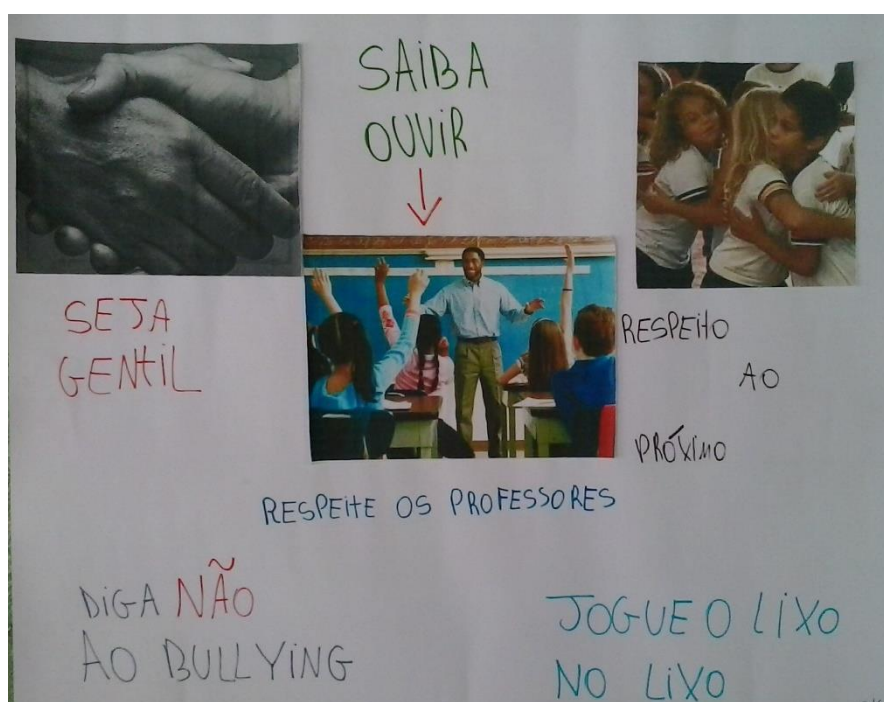
Uma educanda traz à tona o fato do uso das apostilas (no caso, os cadernos do aluno, material de apoio do Currículo Oficial do Estado de São Paulo) já ser algo mecânico, sem ter um significado marcante no processo educativo:

*“[...] Muitos alunos não estavam com o caderno do aluno, passei comentando que deveriam trazer material para a escola, me chamou a atenção da Paula dizendo “depois eu pego as respostas na internet”. [...]” (Diário 02/SA02/9°D)*

Como notamos em Freire (2011, p. 52), a pretensão em utilizar recursos didáticos, como textos contidos em um material, por exemplo, como os cadernos, é que “eles se entreguem à curiosidade crítica dos educandos e não que sejam lidos mecanicamente” e ele ainda complementa que “qualquer que seja o texto, terminada a sua leitura, é indispensável a discussão em torno dele” (p. 63). Um diálogo sobre isso entre educandos e educador seria ideal para uma mudança nesse contexto.

Um ponto que dificultou a metodologia dialogada foi o comportamento de alguns educandos, muitas conversas paralelas e brincadeiras, falta de respeito com colegas e professores (Diário 03/SA01/8°A, 04/SA01/8°A, 04/SA02/8°A, 03/SA03/8°A, 04/SA03/8°A, 04/SA02/8°B e 03/SA03/9°D), mas esse ponto foi reconhecido pelos educandos como um fator negativo e que deveria ser melhorado (Diário 05/SA03/8°A). Alguns educandos até confeccionaram um cartaz para colar na escola.

**Figura 06** – Cartaz confeccionado por educandos.



Fonte: arquivo de imagens da intervenção captadas pela educadora.

No diário 02/SA03/8ªA notamos a falta de comunicação que ocorre na escola, onde havia uma programação especial e a educadora não sabia, então teve que adiar a aula planejada. Assim como nos diários 02/SA03/9ªC e 02/SA03/9ªD foi verificado problemas de comunicação entre gestão, funcionários e educadora, relatada como autoritarismo, o que afetou o emocional dos envolvidos e atrapalhou o andamento da aula planejada.

*“[...] Fomos para a quadra, entrei na sala dos materiais da educação física e quando saí com as bolas percebi que alguns funcionários da escola estavam nos olhando na quadra, duas agentes de organização escolar mandaram a gente voltar para a sala, mas não gostei do jeito que nos abordaram, de uma maneira autoritária, então fui perguntar para a diretora sobre o porquê do ocorrido, pois não foi a primeira vez que fui abordada dessa maneira, no caminho uma das agentes de organização escolar me abordou querendo saber onde eu ia, eu falei que estava indo conversar com a diretora, ela não queria deixar eu passar, mas eu fui mesmo assim e falei com a diretora sobre o que estava havendo, ela também mandou eu voltar para a sala por causa do ocorrido na hora da entrada, sobre um homem estranho entrar na escola e se informaram de que ele estava fugindo da polícia, por isso passou por dentro da escola e pulou o muro, mas que os policiais ainda estavam a procura dele, ela mandou eu voltar para a sala e dar alguma atividade teórica para os alunos dentro da sala. Eu argumentei que já havia dado a aula teórica e que o ocorrido foi no horário da entrada da escola, e que eu gostaria de seguir com meu plano de aula prática na segunda aula, comentei que os alunos iriam apresentar resistência em voltar para a sala, mas de uma maneira autoritária também ela me mandou voltar para a sala, então eu obedeci, cheguei na quadra e expliquei para os alunos que tínhamos que voltar para a sala por causa do ocorrido no horário da entrada da escola, eles argumentavam que fazia tempo, que foi na entrada, e por que deveríamos ficar presos na sala por isso, que então também na hora do intervalo não poderíamos sair para fora da sala, eu disse que estava seguindo orientações da direção da escola e que se quisessem poderiam ir lá para conversar com a direção. [...]” (Diário 02/SA03/9ªC)*

No diário 07/SA03/9ªD também encontramos problema de comunicação sobre o dia da festa, quando os gestores da escola mudaram o dia em conversa com os educandos sem informar a educadora diretamente relacionada, sendo necessária a exposição pela educadora sobre a importância da festa para seu trabalho pedagógico, que faz parte da intervenção e não somente uma confraternização para encerrar o ano.

*“[...] Conversamos sobre o evento, durante a semana houve divergências nas informações sobre o evento, fiquei sabendo pela professora de História e pela aluna Jhu, que a direção não havia deixado mais fazer no dia 05, que era para fazer na outra semana, e que alguns alunos estavam falando que se alguém não pudesse trazer*

*nada para contribuir não deveria nem vir no dia do evento. Então antes de ir para a sala do 9º ano D, eu já havia conversado com a direção junto com os alunos da comissão de organização da festa e expliquei que teria que ser no dia 05 porque eu necessitava de mais uma semana para fazer a avaliação e o fechamento de notas, que não era somente uma confraternização, mas que fazia parte de todo um processo de intervenção educacional, então autorizaram manter dia 05. [...]” (Diário 07/SA03/9ºD)*

Muitas decisões no ambiente escolar são tomadas sem serem discutidas com todo o grupo ou com os sujeitos diretamente relacionados à situação. Em alguns casos isso poderia ser reparado mudando a postura ou o modo de se comunicar com seus pares, assim como poderia ter mais espaço nos horários de ATPC dentro da escola para discutir questões relativas ao cotidiano escolar, pois o que acontece muito nos ATPC é uma preocupação em cumprir com o roteiro de formação continuada e esclarecimento sobre procedimentos e padrões que advém de instâncias superiores, como as Diretorias de Ensino (DE), por exemplo. Essa temática de organização escolar requer uma melhor atenção e pesquisas, que envolvem interlocução com diferentes instâncias (leis, instruções normativas, supervisores, gestão, professores, enfim, todos os envolvidos com a comunidade escolar) e que não vamos nos prolongar aqui nesse estudo. A saída aqui tomada foi “se apegar” ao diálogo com os envolvidos, para amenizar as situações de embate e solucionar os entraves.

Sobre a avaliação final de todo o processo educativo, destaca-se visões positivas sobre a experiência de se trabalhar com uma metodologia dialogada, como segue nos trechos dos diários:

*“[...] eu pedi para que se organizassem em círculo para conversarmos, fazermos uma avaliação final das aulas oralmente. Perguntei o que eles acharam de trabalhar com rodas de conversa, com diálogo, os alunos disseram que acharam melhor trabalhar com roda de conversa, que interage mais, não precisa escrever, a Bia disse que “a gente se sente melhor conversando do que escrever”, a Emy disse “a gente fica conhecendo todo mundo”, eu complementei frisando que seria a troca de ideias. Perguntei sobre as dificuldades, a maioria disse que não teve nenhuma, a Ana falou do pessoal ficar conversando com os outros, no sentido de atrapalhar a conversa. Disseram que dariam 8 de nota por causa do comportamento dos alunos, que muitas vezes não colaboravam no comportamento. [...]” (Diário 05/SA03/8ºA)*

*“[...] Perguntei o que eles acharam de trabalhar com rodas de conversa, com diálogo, acharam melhor porque não precisa copiar, o José disse “é muito mais interessante”, acharam mais fácil, mais rápido, aprende mais, o José disse “dá uma ideia geral do que todo mundo pensa”. [...] A turma deu nota 10 para nossas aulas. [...]” (Diário 05/SA03/8ºB)*

*“[...] Perguntei sobre a nossa disciplina no geral, as metodologias trabalhadas, qual era a opinião deles, o João disse que “foi meio enrolado mas no fim deu tudo certo”, perguntei se eles acharam melhor trabalhar de forma dialogada em contraposição a seguir a apostila e dar provas, etc., a Bia disse, se referindo a forma dialogada, que gostou mais porque “todo mundo participa, todo mundo dava uma ideia, uma opinião pra fazer, as coisas saíram diferente, mais da hora eu acho”. [...]” (Diário 09/SA03/9°C)*

*“[...] Perguntei o que eles acharam de trabalhar de uma forma dialogada, a Estrela disse “da hora!”, a Jhu disse “foi legal, foi bem participativo, todo mundo colaborou, barra quase todo mundo ajudou assim a brincar na dança das cadeiras... tem preço? Não tem preço isso, enfim sora, foi muito legal”. Perguntei para eles qual metodologia eles achavam melhor de trabalho, a Jhu disse “trabalhar em equipe”, a Duda disse “em equipe pra gente conversar”, a Jhu disse “comer sora, comer”, perguntei o que teve de positivo, ouvi ao fundo “interagir”. [...] Perguntei se eles acharam que as aulas contribuíram de alguma forma, a Jhu disse “sim”. [...]” (Diário 08/SA03/9°D)*

Esse tema de transição da prática diretiva para dialogada foi introduzido nas superações porque, como pudemos verificar ao longo do discorrer do tema, houveram fatores dificultadores para o bom andamento da intervenção devido a essa transição, mas que quando corretamente direcionada e incorporada na prática, pode mostrar caminhos para uma mudança positiva dentro da escola, como apontaram os educandos na avaliação final. Mas relembando, como critica Neira e Nunes (2009), somente mudar a metodologia, sem analisar criticamente os conteúdos trabalhados, não é suficiente para o desenvolvimento de uma educação crítica como alternativa às influências tecnicistas. É necessário também reflexão sobre as condições sociais que envolvem a produção das práticas corporais estudadas nas aulas de Educação Física.

### *3.7.2.2 Imprevisibilidade*

Ao se optar por trabalhar com recursos e conteúdos midiáticos e tecnológicos de uma forma dialogada, há sempre um fator que assombra esse contexto, o imprevisível. É difícil prever o que vão resultar da fala de outras pessoas, quais notícias e temas vão surgir para serem desenvolvidos nas aulas, se os equipamentos vão funcionar adequadamente, fatores extremamente desafiadores para os educadores.

O fator da imprevisibilidade dos temas que podem surgir para serem discutidos em aula trazem à tona a postura do educador, pois a sensação é de insegurança e nem sempre ele pode estar preparado, embasado teoricamente para

falar sobre esse tema, mas pode-se buscar orientação para trabalhar posteriormente, ou acontece de o educador não estar atento e deixar passar oportunidades que poderiam ser mais aprofundadas, fazer mais críticas a determinados temas.

Por exemplo, na nossa intervenção, poderia ter sido mais questionado a hegemonia das quatro modalidades mais praticadas (futebol, voleibol, basquetebol e handebol), a hegemonia dos EUA, a questão da mídia não trabalhar com outros âmbitos do esporte e só focar na competição e a busca pela vitória, poderia ter “prego um gancho” com o tema do skate trazido pelos educandos e estimular discussões sobre o que realmente o caracteriza como esporte, entre outros. Algumas temáticas que surgiram nas aulas poderiam ter sido mais desenvolvidas e acabaram ficando na superficialidade. O leque de possibilidades é grande, como podemos verificar, como exemplo, em alguns trechos dos diários.

A hegemonia dos EUA foi citada, mas essa discussão não foi muito desmembrada para se realmente entender o porquê de ocorrer essa hegemonia:

*“[...] Sobre o Atletismo, o Dezoito comentou que a Jamaica está dominando e eu questionei o porquê, ele respondeu que se prepararam mais para isso, que no país deles tem que correr para sobreviver. Eu pedi para ele explicar melhor e ele disse que a Jamaica é menos desenvolvida que os EUA. Comentou também que o porte físico do Usan Bolt é melhor. [...]” (Diário 02/SA01/9°C)*

*“[...] O grupo do basquetebol foi o próximo a comentar, citando que os EUA era a melhor equipe. Eu questionei sobre o porquê de eles serem melhores e o Alex disse que os EUA são mais focados nesse esporte. [...] O aluno Alex se mostrou o mais engajado em todas as discussões e comentou que “os EUA está dominando os jogos”, comentou que eles estão mais concentrados e focados na competição, não querem só fazer “mídia” como, por exemplo, o futebol do Brasil. [...]” (Diário 02/SA01/8ºA)*

*“[...] Quando chamei o grupo do Basquetebol para se manifestar, o Will, que não era do grupo disse “EUA monstro, monstro, monstro...”. [...]” (Diário 03/SA01/9°C)*

*“[...] Dezoito e Luiz disseram também “os monstros” e eu perguntei quem eram os monstros, comentaram que eram os EUA que ganhou praticamente tudo e o Bolt. [...]” (Diário 03/SA01/9°C)*

Assim como não foi muito questionado a hegemonia das quatro modalidades esportivas coletivas, sempre muito escolhidas pelos educandos (Diários 05/SA01/8ºB, 05/SA01/9°C, 04/SA03/9°C, 05/SA01/9ºD). No geral, daria para desvelar mais sobre a temática das várias faces do esporte e sobre a mídia focar na

competição e não valorizar outros âmbitos, entre outras considerações como desafia Betti (2001a, p. 3):

Todavia, num exercício de imaginação (e esperança...) o que deveríamos ler, ouvir e olhar se houvesse um outro lado, o do esporte *na* mídia? : - a cobertura de várias modalidades esportivas, inclusive as que ainda são predominantemente amadoras; - a presença de informações/conteúdos científicos (biológicos, socioculturais, históricos) sobre a cultura esportiva; - análises aprofundadas e críticas a respeito dos fatos, acontecimentos e tendências nas várias dimensões que envolvem o esporte atualmente (econômica, administrativa, política, treinamento, tática etc), considerando o passado, o presente e o futuro; - as vozes dos atletas (profissionais e amadores) enquanto seres humanos integrais, e não apenas como máquinas de rendimento, nos falando sobre a *experiência global* de praticar esporte; - uma maior interação com os receptores, considerados indivíduos singulares, instaurando um verdadeiro processo de *comunicação*. E tudo isso adaptado às características de cada mídia, preservando a forma espetacular que atrai o leitor, o ouvinte, o telespectador. Quem se arrisca a tentar?

Também poderia ter sido problematizado mais, na nossa intervenção, os comportamentos e atitudes relacionadas à questão de gênero, entre outros. Tudo isso recai sobre o importante papel do educador e sua responsabilidade em instigar ao pensar crítico pelos educandos, requerendo um olhar mais atento as oportunidades que vão surgindo ao longo do processo educativo na busca por estimular uma maior criticidade aos conteúdos veiculados.

Segundo Pinto (2005, p. 67), “não sabendo de antemão o que irá resultar da transformação dos hábitos, do acréscimo de poder oferecido por uma nova conquista do conhecimento”, os sentimentos acarretados predominantes são angústia e insegurança, mas é o preço que se paga para promover descobertas capazes de revolucionar a relação do homem com o mundo e entre seus pares. Vamos aprendendo através da nossa prática social, verificando os erros e acertos, a fim de dar novos direcionamentos, e apontamos a importância do registro e análise da prática cotidiana como essencial para embasar esse processo. Na nossa intervenção, só foi possível verificar todos esses elementos que estamos discutindo e avaliando o que ficou a desejar, através do hábito de registrar as aulas nos diários, como defende Zabalza (1994, 2004).

Portanto, apontamos o hábito de registrar o cotidiano como um aliado frente à essa imprevisibilidade, pois há aí uma oportunidade de avaliação, assim como um aprendizado para intervenções futuras. Também remetemos nosso pensamento à importância da formação do profissional que atua na educação, devendo ser essa

formação, para atender as demandas da nossa sociedade contemporânea, uma formação multidisciplinar (BELLONI, 2009; PIRES, 2002), para que o educador possa trabalhar com qualidade em conteúdos que avancem além do seu componente curricular.

### *3.7.2.3 Dificuldades no uso da TIC*

Para Kenski (2007, p. 105-106), o grande desafio do contexto das limitações no uso da TIC não está somente na dificuldade de dominar as competências para utilizá-las, mas:

[...] em encontrar formas produtivas e viáveis de integrar as TICs no processo de ensino-aprendizagem, no quadro dos currículos atuais, da situação profissional dos professores e das condições concretas de atuação em cada escola.

Ao longo da nossa intervenção fizemos uso de variados recursos midiáticos e tecnológicos. Belloni (2009, p. 25) lembra que as novas TIC “não são necessariamente mais relevantes ou mais eficazes do que as mídias tradicionais em qualquer situação de aprendizagem”, porém são as que exercem mais presença no cotidiano dos jovens, daí vem a necessidade de utilizá-las nas aulas. Foram encontradas algumas dificuldades, as quais vamos discutir a seguir.

Iniciando com a questão do uso da sala de informática, no caso da nossa escola em questão, são poucos computadores existentes, apenas oito computadores para uma turma de trinta educandos, e a regra para utilizar a sala de informática é que só pode ser usada com o acompanhamento do educador e agendado previamente, fatores que são importantes para a organização da rotina escolar. Belloni (2009) aponta como um desafio para a mediatização a acessibilidade aos meios. Implícito nessas regras tem a preocupação em manter a sala em ordem, manter a integridade dos materiais e a questão da vigilância sobre os educandos que fazem uso desse lugar. Ocorre, muitas vezes, de o educador deixar de usar esse recurso para não correr o risco de passar por situações conflitantes, como por exemplo, lidar com educandos que apresentam mal comportamento dentro do ambiente da sala de informática, sendo o educador diretamente responsabilizado por algum dano ao equipamento, como também a questão de não saber utilizá-los corretamente, entre



outros, como notamos no nosso cotidiano escolar através da fala de alguns educadores.

De acordo com o NIC.br (2016, p. 40), “é plausível supor que tais regras foram criadas provavelmente com o intuito de evitar danos aos equipamentos, ou mesmo por insegurança dos gestores e docentes sobre como utilizá-los”. Soares (2006, p. 39-40) também fala sobre as dificuldades em utilizar os recursos tecnológicos da escola:

O laboratório de informática na escola pública de ensino fundamental e médio tem se mostrado distante de ser um lugar como a sala de aula, a biblioteca e demais espaços de estudos e atividades didático-pedagógicas. Situação que desvela o distanciamento entre a formação escolar e as exigências sociais, reforçando a ideia de o uso da tecnologia ser algo complexo, inacessível, difícil, arriscado em sua fragilidade e prejuízos. Para algumas direções de escola, deixar o laboratório fechado é mais seguro e evita que os alunos danifiquem os computadores. No entanto, os alunos fora da escola convivem e manipulam o ferramental na Internet, como lazer ou trabalho, numa experiência que a escola não chega a incorporar em seus laboratórios ou atividades de aula.

Soares (2006, p. 113) confirma que os alunos ficam dependentes da disponibilidade do professor e da gestão para ter acesso ao laboratório de informática e ainda complementa trazendo à tona a reclamação de famílias onde apontam que mesmo tendo “laboratório na escola, têm ainda que pagar cursinho de iniciação à informática básica em escolas particulares, nem sempre comprometidas com a cidadania e a inclusão social [...]”.

Há de se pensar em saídas para que o uso desse recurso seja facilitado para os educandos, verificamos essa necessidade também no caso do diário 03/SA02/8ºA, onde educador e educandos buscavam alternativas para ter mais acesso aos conteúdos midiáticos dentro da escola, e como já relatado anteriormente, um educando não tinha acesso à recursos no local onde residia, onde uma colega propôs de ele contornar essa situação fazendo uso na escola:

*“[...] Frisei que os Jogos estavam acabando e que os grupos deveriam já ir finalizando os registros para entregar os trabalhos na próxima semana, o Zóio se manifestou dizendo que não tinha como acompanhar os Jogos do Rio 2016 porque não via TV, falei para ele pesquisar na internet, ele disse que também não tinha acesso, daí a Emy disse que ele morava na cadeia, por isso não dava, ele concordou, daí lembrei que no ATPC (Atividade de Trabalho Pedagógico Coletivo) foi comentado que tínhamos um aluno nessa turma que era L.A. (Liberdade Assistida). A Emy disse para ele que na*

*escola tinha a sala de informática e que ele poderia usar na escola. [...]” (Diário 03/SA01/8ºA)*

*“[...] Eu expliquei sobre nosso trabalho relacionado aos Jogos Olímpicos do Rio 2016, que iríamos pesquisar sua origem, significado dos símbolos, modalidades esportivas, etc., a Duda disse que não tinha internet na casa dela e então eu comentei que havia reservado a sala de informática para pesquisa sobre os jogos. [...]” (Diário 01/SA01/8ºB)*

Esses casos foram encontrados em nossa intervenção, mas temos que pensar em quantos educandos, em diferentes regiões do mundo não tem oportunidade de acesso à recursos tecnológicos, o que faz com que essa questão seja inserida na categoria de mais relevantes para a inclusão digital, tão em alta na nossa contemporaneidade.

Também, alguns educandos tentaram, durante a pesquisa, ouvir músicas por vídeos via *youtube*, mas não tiveram êxito, como segue:

*“[...] alguns alunos queriam ficar ouvindo música (Wesley Safadão) enquanto pesquisavam, e ligaram usando o site youtube, eu não comentei nada, ouviram um pouco e logo desistiram porque o vídeo travava e não estava dando certo, daí só se concentraram na pesquisa. [...]” (Diário 01/SA01/8ºA)*

A questão do acesso à banda larga também é um fator limitante, pois geralmente nas escolas encontramos baixa qualidade de conexão com a internet, acarretando lentidão no carregamento de vídeos, podendo ocasionar desmotivação nesse uso. Outro fator também é que a escola possui *wi-fi*, mas não disponibiliza para uso entre educadores e educandos, sendo que esse fator acaba prendendo ainda mais ao uso da sala de informática para ter acesso à internet. Esses fatores negativos vão ao encontro dos resultados da pesquisa do NIC.br (2016).

Tivemos problemas com o uso de recursos para ouvir música no evento da festa, como verificamos nos diário 08/SA03/9ºC e diário 08/SA03/9ºD. A potência do som do aparelho de mão é inferior ao da caixa de som, sendo essa última muito concorrida para uso na escola. Reservamos a caixa de som para o dia da festa, mas no dia verificamos que ela estava sendo utilizada em outra atividade escolar, então, após o término dessa atividade que pudemos fazer uso da caixa e, ao final do evento da festa, verificamos que a ponta de um cabo estava danificado, onde tivemos que repor por outro cabo.

Sobre a dificuldade com os registros escritos das pesquisas como já comentado anteriormente, onde muitos educandos traziam oralmente, foi perdido uma ótima oportunidade de fazer uso de tecnologias digitais. Uma estratégia poderia ser escreverem blogs, ou fazerem vídeos, ou seja, fazer uso efetivo das tecnologias digitais, onde os educandos e educador poderiam ir alimentando esses dados ao longo da intervenção.

Também, no período que foi feita a intervenção, havia a lei n.º 12.730/2007, proibindo o uso de celular na sala de aula, fator esse que provocou alguns desconfortos na busca pela inserção desse recurso para auxiliar pedagogicamente nas aulas, como verificamos nos diários:

*“[...] Deu o sinal para o intervalo, eu queria tirar foto da lousa mas a bateria do meu celular tinha acabado e eu estava com receio de colocar para carregar na sala devido a outro ocorrido anteriormente em outra ocasião, então a Dani se ofereceu para tirar foto com o celular dela e me mandar por whatsapp depois, eu aceitei, fomos para o intervalo. Sobre o ocorrido, já tive problemas com o uso do meu celular na escola, pois sempre registro minhas aulas com fotos e vídeos, por exemplo, gosto de escrever na lousa um resumo sobre as discussões e fotografar para registrar, mas uma agente de organização escolar viu e foi reclamar para a gestão da escola que eu fazia uso de celular na sala de aula, que tinha cartaz pela escola toda que não podia usar celular na escola, que a escola tinha máquina fotográfica e eu não precisava do meu celular. Com esse ocorrido, já tive uma conversa com a direção da escola sobre como eu fazia uso do meu celular, então liberaram para eu usar na sala de aula. [...]” (Diário 02/SA03/8ºB)*

Para Pinto (2005), a coação no uso das novas técnicas tem por base tabus e ritos criados/cultivados pelos membros da sociedade. Toda proposta de mudança que infere em alterações das normas em vigor, as quais o grupo já estão condicionados, reflete perigo. É um risco que se corre, pois podemos ter um duplo resultado, contribuições positivas ou negativas.

Um avanço para mudar esse paradigma foi que a Assembléia legislativa do Estado de São Paulo aprovou o projeto de lei 860/2016 que libera o uso de celular para fins pedagógicos dentro das escolas estaduais, que altera a lei anterior da proibição, facilitando o uso dessa tecnologia dentro das escolas.

Reiteramos os pensamentos de três autores pesquisados: acrescentamos à lista de exigências de Belloni (2009), sobre incorporação da TIC na escola (de forma criativa, crítica, competente; exige transformações radicais na formação de professores, metodologias de ensino, recursos, investimento em recursos e

materiais), assim como ela aponta que um meio para potencializar o uso das mídias na educação é a crítica social aos conteúdos; a fala de Neira e Nunes (2009), de não somente focar na abordagem e no recurso material, mas também priorizar a crítica ao conteúdo que a TIC facilita o acesso. Essas exigências também vêm ao encontro dos pensamentos de Betti (2003).

A pesquisa do NIC.br (2016, p. 58) aponta que o uso da tecnologia não ocupa posição central nos Projetos Político Pedagógicos (PPP) das escolas, na maior parte nem são mencionadas. Defendem que “o ponto de vista da equipe pedagógica em relação à aplicação das TIC na educação é fundamental para definir a maneira como a tecnologia é utilizada na escola”. Sendo assim, a construção coletiva do PPP pode ser considerada uma oportunidade para acordar sobre o uso da tecnologia na escola.

#### 3.7.2.4 Comportamento

Ocorreram na nossa intervenção, na pesquisa na sala de informática, alguns comportamentos não esperados, como segue:

*[...] alguns alunos começaram com brincadeiras de desligar o computador para atrapalhar a pesquisa dos colegas, então precisei chamar a atenção sobre isso dizendo que poderia quebrar o computador e que iria atrasar o andamento da aula, mas não atenderam meu pedido e continuaram, por isso não deu tempo de ir para a quadra fazer aula prática. [...]” (Diário 01/SA01/8ºA)*

*[...] Num momento da aula, o Lucas se apoiou na mesa por brincadeira dos colegas e ela quebrou fazendo um barulho alto. Os alunos se assustaram e logo deu o sinal para o intervalo, alguns alunos ficaram me ajudando a arrumar a mesa e outros saíram, mas não deu para arrumar, passei o ocorrido para a coordenadora e vice-diretora. Quando voltamos do intervalo a vice pediu para liberar a sala de informática, pois já havia chamado alguém para arrumar, então fomos para a quadra e ficou acordado de terminarem as pesquisas em casa para discutirmos na próxima aula. [...]” (Diário 01/SA01/9ºD)*

O comportamento de alguns educandos, durante a nossa intervenção, foi considerado negativo porque atrapalhavam o bom andamento das aulas. Poderia ter sido mais problematizada essa questão, aberto a discussões para o grupo. Por exemplo, no diário 01/SA01/8ºA verificamos que houve brincadeiras relacionadas a desligar os computadores durante o uso na pesquisa na sala de informática, fato esse

que pode danificar os computadores, tiram o foco e acabaram atrasando a pesquisa, pois tínhamos que ligar tudo de novo e esperar a inicialização para continuar com as pesquisas. No diário 01/SA01/9°D verificamos que ocorreu o que faz com que o uso da sala de informática seja tão complicado, quebraram uma mesa da sala de informática por brincadeiras de educandos, assim como no diário 01/SA02/9°D, educandos ficaram mexendo nas coisas guardadas na sala de informática, demonstrando falta de interesse e atrapalhando as pesquisas.

*“[...] Ouvi o Tody dizer “é só quebrar uma mesa que acaba com isso”, fiquei chateada mas não falei nada, respirei fundo e fomos para a sala de informática (lembrando da última aula na sala de informática que quebraram uma mesa e rezando para não acontecer de novo). O Tody, o Messias e o Rick ficavam mexendo em outras coisas que estavam na sala de informática, tipo trabalho de Arte de alunos de outro período, tive que várias vezes chamar a atenção deles, ficavam saindo da sala toda hora, se recusavam a concentrar-se na atividade. [...]” (Diário 01/SA02/9°D)*

Nos diários 02/SA02/8°B, 02/SA02/9°C e 02/SA02/9°D pudemos observar educandos “tirando sarro”, como eles mesmos denominam, na dinâmica de grupo:

*“[...] Alguns alunos olhavam nas costas dos colegas e riam, alguns faziam caras de preocupação. [...] Alguns disseram que se sentiram mal, outros estranho, quando a Duda disse que se sentiu mal, o Loiro disse que ela quis bater nele no recreio porque ele tinha tirado sarro dela, ela fez com a cabeça que era verdade e riram. [...]” (Diário 02/SA02/8°B)*

*“[...] Alguns alunos olhavam para as costas dos colegas e riam, percebi que alguns estavam contando para estragar a dinâmica e olhei para esses alunos meio brava. [...]” (Diário 02/SA02/9°D)*

*“[...] quando atribuíram a função de fotógrafo para o Brayan que estava sentado esperando, ouvi o João dizendo “não dá, ele é cego”, mas mesmo assim colocaram [...] Quando comentávamos sobre, por exemplo, o Brayan ser fotógrafo e cego muitos alunos riram, como também o Dani e Ciço serem cozinheiros amputados, sem mãos ou um braço. [...]” (Diário 02/SA02/9°C)*

*“[...] o que mais chamou a atenção foi a Mayara ser fotógrafa e cega, a Ana ser Dj e cega, a Rosa ser garçonete e surda, se percebia risos entre os colegas. [...]” (Diário 02/SA02/9°D)*

Podemos verificar um pré-conceito formado pelos educandos, com opiniões e julgamentos sobre a incapacidade das pessoas com deficiência. Com base em Capellini e Rodrigues (2010b), quando fazemos generalizações superficiais e

distorcidas, julgando todos os membros de um grupo que apresentam características comuns, estamos criando estereótipos.

Com toda essa disponibilidade de informações que temos hoje em dia, devido aos avanços tecnológicos, podemos perceber que os educandos têm uma “bagagem” maior sobre os limites das pessoas com deficiência, deixando a desejar o acesso às possibilidades. Vemos aí a necessidade da intervenção escolar para dar um novo direcionamento para essa questão, e indicamos que, nada melhor do que o diálogo para conhecermos mais uns aos outros. Nossa situação de aprendizagem 02 – “Aprendendo com as diferenças”, serve de exemplo, pois no decorrer da intervenção foi ocorrendo uma sensibilização nesse contexto.

No diário 06/SA03/9°C verificamos reclamações sobre comportamentos de algumas educandas na divulgação do evento pela escola, sendo necessária a orientação sobre bons modos, assim como no diário 05/SA03/9°D, onde o educando não se preocupou em guardar a bola, utilizada como recurso na aula, jogou no mato e a deixou lá, tendo que a educadora intervir e orientá-lo sobre o seu comportamento.

Esses são alguns dos fatos relacionados ao comportamento e cuidado com recursos materiais, que acabam necessitando de uma maior atenção e trato dentro da escola. Acreditamos que se faz necessário sim uma preocupação e atenção em manter os poucos recursos materiais e tecnológicos que a escola possui, mas isso não pode tornar-se algo que impeça ou que dificulte o acesso a esses meios. Para intervir nessas questões relacionadas ao comportamento, apontamos como saída o diálogo e a problematização desses comportamentos.

### *3.7.3 Mediação do professor*

Deixamos o campo de análise das intervenções feitas pela educadora para o final porque podemos perceber que esse campo é o elo entre as possibilidades e as superações, sendo considerado decisivo para seguir o caminho da possibilidade ou da limitação, dependendo de como será essa intervenção profissional. Pois, como frisa Freire (2001, p. 110):

Não centra a prática educativa, por exemplo, nem no educando, nem no educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes, no uso coerente por parte do educador ou da educadora dos materiais, dos métodos, das técnicas.

Belloni (2009, p. 29) aponta que “para enfrentar estes desafios o professor terá que aprender a trabalhar em equipe e a transitar com facilidade em muitas áreas disciplinares”. De acordo com o NIC.br (2016), “a visão e a postura individuais do professor, somadas às suas habilidades e confiança para utilizar equipamentos, podem fazer a diferença, superando até as deficiências de infraestrutura”. Vamos dar alguns exemplos a seguir.

A educadora tem papel fundamental nessa metodologia dialogada, pois como encontramos em Freire (2007), Brandão (1986) e Gomez e Franco (2015), o educador pode ser um “animador do círculo de cultura”, um mediador, sempre provocando interrogações e instigando os educandos à refletirem e aprofundarem mais nas temáticas buscando um maior entendimento e soluções para sua realidade. Como já foi discutido e pudemos verificar no campo das “superações”, houveram situações na intervenção onde alguns temas poderiam ter sido mais explorados para potencializar esse processo. No diário 05/SA03/8°B verificamos a importância dessa intervenção pelo retorno dos educandos:

*“[...] Sobre as discussões das notícias, lembraram sobre a rede Globo não cobrir as Paralimpíadas como foi nas Olimpíadas, o José disse “desprezo aos paralímpicos”, perguntei se eles iriam perceber isso se a gente não tivesse trabalhado com as notícias em aula, o José disse que “ia passar batido”. A turma deu nota 10 para nossas aulas. [...]” (Diário 05/SA03/8°B)*

Nos diários 01/SA03/8°A, 01/SA03/8°B, 01/SA03/9°C e 01/SA03/9°D notamos a preocupação da educadora em situar os educandos sobre andamento da intervenção, chamar atenção para realidade escolar. Sobre a organização das pesquisas em formas de trabalho, foi necessário uma intervenção da educadora para esclarecimento:

*“[...] O Guto havia faltado na aula anterior e veio falar comigo com uma pesquisa feita por ele sobre ciclismo, pois os colegas comentaram com ele sobre nosso trabalho com os Jogos Olímpicos e ele entrou no grupo do Ciclismo. Expliquei melhor o trabalho, dei uma olhada na pesquisa dele e comentei que o que ele tinha feito até aqui era válido, faltando acrescentar na pesquisa a história dos jogos olímpicos e sobre o acompanhamento da modalidade Ciclismo durante os jogos do Rio 2016, que deveríamos continuar acompanhando para finalizar o trabalho futuramente. [...]” (Diário 02/SA01/8°B)*

*“[...] A Carol chegou com um trabalho na mão sobre a origem dos jogos olímpicos para entregar, eu comentei que ainda não era para entregar porque os jogos no Rio de Janeiro não haviam terminado, olhei o trabalho e expliquei que somente tinha o conteúdo da origem dos jogos e faltava o relatório sobre os jogos olímpicos do Rio 2016. [...]” (Diário 02/SA01/9°C)*

A mediação do educador durante as pesquisas era essencial para uma conscientização de que as pesquisas não teriam um fim em si mesmo, para somente entregar, mas um meio para embasar discussões mais críticas para aprofundamentos de estudos na temática, e também serviriam como registro da intervenção.

No diário 01/SA02/8°A verificamos o papel da educadora para direcionar a atitude dos educandos na importância de focar na pesquisa, como no diário 02/SA01/9°C lembrando os combinados, também nos diário 01/SA03/8°A, diário 03/SA02/8°B, diário 04/SA03/8°B, diário 01/SA02/9°C sobre acordos didáticos (hora certa de brincar, combinados), assim como a educadora aceitar a manifestação dos educandos, sobre também ter que ser flexível e reconhecer os desejos e vontades dos educandos. Segue alguns trechos de diários para exemplificar:

*“[...] Deu o sinal, alguns alunos não queriam que a festa terminasse, queriam ficar no intervalo lá, mas lembrei que o combinado eram as 3 primeiras aulas até o intervalo, que depois seria aula normal, que tínhamos que cumprir o combinado que foi feito até com a gestão da escola, eles aceitaram. Fomos para o intervalo. Na volta do intervalo, limpamos e organizamos a quadra e cada turma foi para sua respectiva sala. [...]” (Diário 08/SA03/9°D)*

*“[...] Fizemos uma votação para escolher qual esporte olímpico iríamos fazer na prática na quadra e foi escolhido pela maioria o Basquetebol. [...] Fomos para a quadra e alguns alunos reclamaram que queriam jogar futebol, mas eu disse que foi escolha da turma, foi votação, que na semana que vem seria outro esporte, não reclamaram mais [...]” (Diário 02/SA01/9°C)*

*“Fizemos uma votação para escolher o esporte olímpico que iríamos fazer na prática, ganhou o futebol, e ficaram felizes por ser futebol, só um aluno que veio me pedir que não queria jogar futebol, para eu deixar ele jogar basquetebol, mas eu disse que era votação, e que não poderia repetir o esporte da semana passada, ele compreendeu. (Diário 03/SA01/9°C)*

Também no diário 04/SA02/8°A houve intervenção da educadora para lembrar as regras (não tirar a venda na vivência):

*“[...] demoramos para iniciar o jogo, muitos alunos não prestavam atenção nas orientações sobre o futebol de 5, ficavam com brincadeiras de trombar de propósito,*



*andar para todos os cantos da quadra, demorou para conseguir reunir todos e iniciar o jogo. Percebi que alguns alunos não respeitavam a regra de olhos vendados durante o jogo, o Gabriel tirava a venda para olhar e os colegas reclamavam dele, eu tinha que pedir a todo momento para ele vender os olhos, o Pedro acabou fazendo o mesmo que o Gabriel. [...]” (Diário 04/SA02/8ºA)*

Nos diários 01/SA02/9ºC e 01/SA02/9ºD vemos a preocupação da educadora em auxiliar nas pesquisas, orientando os educandos, assim como no diário 05/SA03/9ºC e 05/SA03/9ºD a educadora chama a atenção para a importância do registro.

*“[...] Alguns alunos queriam ir para a quadra, insistiam que poderiam fazer em casa, mas eu falei que muitos alunos não entregaram o trabalho anterior, que muitos não iriam fazer em casa e que tínhamos que fazer na escola também com minha orientação, [...]” (Diário 01/SA02/9ºD)*

No diário 04/SA03/9ºC exemplificamos como a mediação da educadora é fundamental com relação à motivação, como já discutido no item “motivação”, onde o diálogo vem a ser essencial para estimular as participações dos educandos nas atividades.

Verificamos a preocupação com a exclusão das meninas no interclasses, onde a educadora retomou a função do evento e fez valer o princípio da inclusão (Diário 06/SA03/9ºC, 05/SA03/9ºD, 07/SA03/9ºD), assim como atuou com relação a reclamação do comportamento das meninas na divulgação, dando orientação sobre comportamento:

*“[...] Comentei que ouvi comentários de que eles estavam falando que só haveria futsal masculino e que o combinado entre nós era futsal masculino e feminino, retomei as funções do evento e temas geradores, sobre respeito, colaboração, integração, e perguntei se eles achavam certo excluir as meninas do interclasses, disseram que não, o Will comentou que não haviam muitas meninas que queriam jogar, a Bia disse que os meninos poderiam machucar as meninas na hora do jogo, eu comentei que deveria haver modalidade feminina, que deveriam montar os times com as meninas que queriam jogar, mesmo que tivesse que juntar alunas de outras salas para formar os times femininos, eles concordaram. Comentei sobre a divulgação do evento, alguns professores comentaram comigo que as alunas que estavam passando para divulgar o interclasses nas salas não estavam tendo uma boa postura, ficavam gritando na sala, não pediam licença, tumultuavam as aulas, então expliquei que se deveria ter um cuidado com isso, ter respeito, pedir licença, não gritar, etc. [...]” (Diário 06/SA03/9ºC)*

*“[...] escrevi na lousa sobre as comissões, expliquei sobre as funções e pedi para que a turma toda se organizasse, que se dividissem nas comissões e que todos da sala deveriam ter uma função, e pedi para que escrevessem num papel. A Jhu foi escrevendo, mas não colocou todos os alunos, eu reforcei que todos deveriam participar. [...]” (Diário 04/SA03/9°D)*

*“[...] Conversamos sobre o evento, durante a semana houve divergências nas informações sobre o evento, fiquei sabendo pela professora de história e pela aluna Jhu, que a direção não havia deixado mais fazer no dia 05, que era para fazer na outra semana, e que alguns alunos estavam falando que se alguém não pudesse trazer nada para contribuir não deveria nem vir no dia do evento. Então antes de ir para a sala do 9° ano D, eu já havia conversado com a direção junto com os alunos da comissão de organização da festa e expliquei que teria que ser no dia 05 porque eu necessitava de mais uma semana para fazer a avaliação e o fechamento de notas, então autorizaram manter dia 05. Já passamos falar com agente de organização escolar para reservar a caixa de som para usar no dia do evento. Sobre o comportamento, conversei com os alunos e falei que não poderia haver essa fala, de quem não contribuísse não deveria nem vir, que todos tinham o direito de participar do evento, retomei os temas que havíamos discutido em aula, sobre respeito, interação, convivência, colaboração, etc., e que a função era unir e não separar os alunos, eles entenderam e concordaram. Perguntei se havia mais alguma questão ou se do resto estava tudo bem, disseram que sim. [...]” (Diário 07/SA03/9°D)*

Nos diários 01/SA01/8°A, diário 03/SA02/8°B e diário 03/SA02/9°D notamos a preocupação na conscientização de variar meios de comunicação:

*“[...] Ouvi comentários sobre não estar passando as Paralimpíadas na TV, eu expliquei que infelizmente na TV aberta não estava passando como foi nos Jogos Olímpicos, alguns alunos comentaram que na SporTV estava passando, TV por assinatura, muitos disseram que não tem, mas eu comentei que uma alternativa seria a internet, o jornal, etc. [...] Um grupo que ficou sem computador e tinha celular com internet ficou pesquisando na mesa. [...]” (Diário 01/SA02/9°D)*

*“[...] o Cico, o Vitor e o Will comentaram que foi “porque não teve mídia”, “pouca mídia”, o Luiz disse que “não passou na TV aberta”, eu comentei sobre a TV Brasil que também estava transmitindo alguns jogos ao vivo, mas os alunos não sabiam, também chamei a atenção que a escola disponibiliza o Jornal da Cidade, deixa exposto no pátio para quem quiser ler, mas ninguém citou esse meio de comunicação, perguntei o porquê, o Luiz comentou “ler o jornal de vez em nunca” e alguns alunos deram risada, chamei a atenção deles para que aproveitassem as oportunidades que a escola disponibilizava. [...]” (Diário 03/SA02/9°C)*

*“[...] Comentei sobre a questão da escola disponibilizar o Jornal da Cidade no pátio para os alunos mas ninguém o citou na nossa conversa, perguntei por quê, a Jhu disse “ninguém tem interesse por jornal”. Eu comentei sobre a importância de diferenciar os meios de comunicação, que haviam alguns interesses por trás dos donos de alguns meios de comunicação e que não era interessante focar só em um porque não teriam uma abrangência de ideias, que deveriam diversificar e fechamos*

*na importância de se verificar vários olhares, de ter acesso aos diferentes meios de comunicação. [...]” (Diário 03/SA02/9°D)*

Essa preocupação de variar os meios de comunicação baseou-se no que diz Santaella (1996a), onde o acesso às informações é vasto, coexistindo um grande número de pontos de vistas diferenciados, conseqüentemente, quanto maior for o número de mídias consultadas e quanto mais diferenciadas e plurais forem suas linhas de compreensão, maior será a contribuição para uma visão democrática, pois essa multiplicidade de pontos de vista fornece ao indivíduo possibilidades de variadas escolhas para interpretação.

Nos diários 02/SA01/8°A e 03/SA01/9°D foi necessário a mediação da educadora sobre o comportamento de educando durante a vivência dos jogos na quadra:

*[...] “Durante o jogo percebi uma competição bem acirrada entre os times, um querendo ser melhor que o outro a qualquer custo, os alunos tentavam fazer faltas propositas no Alex porque ele era o mais habilidoso da turma nesse esporte, e no meio dos lances, eu comentava que era somente uma vivência, que não deveria haver desentendimentos entre si por causa do jogo e direcionava os olhares deles para algumas táticas de jogo para se posicionarem melhor na quadra. [...]” (Diário 02/SA01/8°A)*

*“[...] Fomos para a quadra e fizemos a votação de qual esporte olímpico iríamos vivenciar, ganhou o basquetebol. Fiquei mediando alguns conflitos, alguns alunos faziam faltas propositas com o intuito de machucar, tive que parar várias vezes para conversar sobre isso, para orientar sobre posições táticas, etc. [...]” (Diário 03/SA01/9°D)*

No diário 03/SA01/8°A, como já foi comentado em outros temas, há casos em que o educador tem que encontrar possibilidades de acesso aos conteúdos por todos os educandos. O educador é um grande responsável pela viabilização de algumas práticas que a priori parecem impossíveis de se praticar na escola. Se requer, por parte dos educadores, muita criatividade, tanto para fazer com que suas aulas sejam motivantes e significativas, como para viabilizar a execução em si. Nos diários 04/SA02/8°A, diário 04/SA02/8°B, diário 04/SA02/9°C e diário 04/SA02/9°D, temos como exemplo a adaptação da bola de futsal com sacola plástica para utilizar na vivência do futebol para cegos:

*“[...] o João disse “a bola é estranha”, se referindo a nossa adaptação de colocar sacos plásticos na bola para fazer barulho e a Bia disse “dava pra escutar onde a bola tava”. [...]” (Diário 04/SA02/8°A)*

*“[...] Perguntei sobre as adaptações dos materiais que fizemos, se havia funcionado, o Kaique disse que não dava para ouvir a bola e o Gui disse que acha que “a sacola foi até melhor que a bola oficial”. [...]” (Diário 04/SA02/9°D)*

*“[...] Uma dupla acabou soltando a mão e a cega dessa dupla acabou caindo, depois reforcei que os guias não podiam soltar as mãos, deveriam continuar toda a atividade de mãos dadas. [...]” (Diário 04/SA02/9° C)*

A mediação do educador, juntamente com a colaboração dos educandos, durante todo o processo, foi essencial para sempre retomar os objetivos propostos e direcionar o foco do trabalho para esses fins.

Segundo Oliveira (2011), os educandos têm o direito de fazerem parte como atores da prática educativa, assim como também de assumir as responsabilidades pelos seus atos, mas isso não quer dizer que eles sejam obrigados a isso se ainda não se sentirem capazes. Antes de solicitar aos educandos que se posicionem, que falem, opinem, deve-se proporcionar um ambiente favorável para o pensar e refletir. Nesse ínterim, o educador tem um papel fundamental, pois algumas coisas os educandos têm condições para deliberar e outras ainda não, dependem de um processo de conquista de sua autonomia, devendo o educador trabalhar para esse fim, frisando a perspectiva freireana, onde os sujeitos envolvidos no processo educativo se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

Por exemplo, na nossa intervenção, dialogando entre seus pares, com a mediação do educador, os educandos foram conhecendo melhor os fatores sociais e culturais que influenciaram na escolha do esporte e na frequência de sua prática, tanto no contexto escolar como nacional, caracterizando uma linha de trabalho baseada na pedagogia crítica:

A pedagogia crítica defende uma proposta de organização de conteúdos do ponto de vista da classe trabalhadora. Assim, a tarefa dos educadores críticos não é a transformação social via escolarização, mas, sim, oferecer a democratização dos saberes universais e fazer compreender o papel que as escolas representam em uma sociedade marcada por relações de poder (NEIRA; NUNES, 2009, p. 102).

Segundo Freire (1996, p. 83), “uma das tarefas fundamentais do educador progressista é, sensível à leitura e à releitura do grupo, provocá-lo bem como estimular

a generalização da nova forma de compreensão do contexto”. Segundo Freire (2000, p. 114):

Acontece, porém, que a toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação.

O olhar do educador é essencial para dar um direcionamento para essas questões, pois como relata Betti (1998, p. 147-148):

[...] os profissionais da educação física são atores sociais vivos, que constroem, mantêm e alteram significados sobre a educação física, sobre si próprios e sobre o esporte. [...] A televisão amplifica estes estereótipos, é certo, mas eles refletem crenças e valores da sociedade que são mutáveis. Devemos, portanto, sempre considerar a possibilidade da mudança e manter vivos os contra-estereótipos: não somente dinheiro e medalhas como recompensa, mas também o prazer intrínseco de participar; não só rivalidade, mas cooperação no confronto com outro ser humano; não apenas o rendimento máximo do superatleta, mas o ótimo das pessoas comuns. Na linguagem das teorias culturalistas, é preciso procurar espaços para propagar a contra-hegemonia.

Como relata Freire (1996, p. 112), a educação não “é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade”, no entanto, educadores críticos “podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica”.

É evidente que a mediação da educadora nos diferentes momentos da intervenção foi fundamental para que a atividade ocorresse com persistência temporal, envolvimento emocional dos educandos e facilitou a aprendizagem das variáveis envolvidas nos temas. As adaptações realizadas nas atividades práticas, bem como o envolvimento dos educandos em todas as fases do processo pedagógico demonstraram claramente que é possível mudar a realidade através de ações planejadas, aplicadas e orientadas. Portanto, é possível gerar um pensamento crítico nos educandos desde que transformemos nossas práticas na escola e, a mídia parece ser uma ferramenta potencializadora e necessária na sociedade atual.

Podemos verificar que os resultados atingidos pelas práticas pedagógicas relatadas reforçam as ideias de Capellini e Rodrigues (2010b, p. 46), que são atribuições necessárias de uma escola inclusiva e de um professor comprometido com esse ideal:

É compromisso da escola inclusiva: Promover mudanças de atitudes discriminatórias – a escola deverá trabalhar com quebra de tabus, estigmas, desinformação, ignorância – que levam as pessoas a terem atitudes negativas em relação aos seus alunos com deficiência. É papel do professor: Valorizar as diferenças – ser diferente e único é uma característica de todo ser humano; Descobrir e valorizar as potencialidades – cada um tem capacidades próprias; devem ser descobertas, proclamadas, cultivadas e exploradas; [...]

Sobre registro e avaliação das práticas pedagógicas, o educador exerce um papel fundamental quando volta-se para um olhar analítico desse processo, um olhar problematizador, buscando detectar as lacunas, as inconstâncias, caracterizando os elementos limitadores. Essa ação é inerente ao trabalho pedagógico e também se constitui pontos de análise, reflexão e problematização. Para Freire (1996, p. 39-40):

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve ela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também.

Segundo Kenski (2007), o desafio maior com relação ao nosso contexto contemporâneo da incorporação de novas tecnologias na escola e saber lidar com o novo perfil de alunos, ainda se foca na formação profissional do docente. As TIC podem desencadear novas interações dentro da escola. Mas a questão primordial é que “o professor precisa ter consciência de que sua ação profissional competente não será substituída pelas tecnologias” (p. 104), elas podem ampliar o campo dessa atuação competente, e depende do professor ser capaz de explorar essa possibilidade, no sentido de que, “a ação docente mediada pelas tecnologias é uma ação partilhada” (p. 105), não depende somente do professor, mas das interações possíveis entre os membros da comunidade escolar.

Romper com as limitações encontradas ao longo da prática educativa dentro da escola exige empenho tanto do educador como de toda a comunidade escolar, e acreditamos que o diálogo seja o elo entre os envolvidos nesse processo.

Esperamos contribuir, com essa pesquisa, para discussões sobre como o educador lida com as mídias e tecnologia para mudar sua realidade. O educador vem a ser uma peça fundamental para que os princípios de igualdade de oportunidades, tolerância, justiça, liberdade e confiança na comunidade passem da reflexão à ação, eliminando preconceitos e discriminações que tanto atrapalham uma vida de qualidade em nossa sociedade.

## CAPÍTULO 4      CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando às considerações finais, unindo a pesquisa bibliográfica com a experiência na atuação profissional dentro da escola, verificamos que a sociedade em que vivemos vem sofrendo grandes transformações, principalmente devido às tecnologias, que continuam velozmente em evolução. Essa incorporação tem modificado o modo como as pessoas se comunicam e atuam no mundo. Conseqüentemente, isso requer também transformações no processo educativo dentro da escola, focando na questão sobre como o docente lida com as mídias e tecnologia para uma formação crítica, o papel do educador diante das mídias e tecnologias para transformar a sua realidade.

Buscou-se neste estudo o desenvolvimento de uma Educação Física crítica, contrapondo a herança tecnicista desse componente curricular e a “educação bancária”, criticada por Freire (2007). Para isso, nos inspiramos na Pedagogia Dialógica de Paulo Freire para desenvolver nossa intervenção. Através de várias leituras dos registros da intervenção, os diários de aula, voltando sempre o olhar aos objetivos da pesquisa, emergiram para análise as possibilidades, as superações e a mediação do professor perante o uso dos recursos midiáticos e tecnológicos perspectivando uma práxis pedagógica dialógica nas aulas de Educação Física escolar. Elencamos possibilidades e superações, assim como ações do educador, que foram possíveis serem observadas por nós na intervenção, e esperamos que estes possam servir de subsídios para se refletir sobre o uso das mídias e tecnologias na educação escolar, visando uma educação libertadora. Esclarecemos que as possíveis limitações encontradas não estão distantes de serem superadas, pois a partir do momento que são detectadas, servem de referenciais para se dar um passo à frente, contribuem para reflexões que conduzem a ações visando superar tais limitações (práxis – ação – reflexão – ação) rumo a uma melhoria na nossa práxis pedagógica.

Entendemos que uma direção é dada pela mídia e outra direção pode ser dada por educador e educandos. Uma mudança na leitura do mundo, do senso comum a consciência, é possível. As mídias podem influenciar negativamente ou positivamente, dependendo das opções sociais e individuais. As tecnologias podem ser utilizadas para aumentar o acesso à informação, são oportunidades de melhoria para o processo educativo, facilitando a comunicação e a disseminação do conhecimento. O desafio consiste em articular os instrumentos, os conteúdos, a



realidade escolar e o entorno num processo que tenha como finalidade a formação para a participação e para a autonomia, considerando que o espaço e tempo da educação escolar representam parcela considerável de nossas vidas e as aprendizagens vivenciadas nesse ambiente nos influenciam e preparam para o contexto que é econômico, social, político e ideológico.

Consideramos que a práxis pedagógica dialogada foi potencializada pelos recursos midiáticos e tecnológicos através da maneira como foram utilizados (fazendo um parêntese de que sempre há algo a melhorar, tendo os registros como aliados para auxiliar nessa análise), nos remetendo ao interesse e participação dos educandos, a superação de visões de mundo marcadas pelo senso comum pela análise crítica elaborada a partir do coletivo, da participação e da exposição das várias formas de analisar, de conhecer a realidade. Realçamos os ideais de Paulo Freire (2007), de partir do contexto, de tomar a realidade como ponto de partida, trabalhar com assuntos de interesse dos jovens e que podem ser relacionados com os conteúdos do componente curricular Educação Física.

Portanto, a partir de notícias veiculadas por diversos meios de comunicação, com base nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, foi possível aqui, nesse trabalho, desenvolver uma práxis nas aulas de Educação Física escolar que permearam diversas temáticas, levando educador e educandos a uma construção conjunta de conhecimento, ambos com papel de atores nesse processo educativo, ressignificando a cultura escolar, midiática e a cultura corporal de movimento.

Para potencializar um processo educativo voltado à crítica dos conteúdos, Freire (2007) aponta para a problematização, Pires (2002) aponta condições favoráveis para o desenvolvimento de reflexões críticas sobre os conteúdos midiáticos e sua relação com o cotidiano, com a realidade e a competência do professor para aumentar essa eficácia, mas como Guareschi e Biz (2005) frisam, para um processo educativo libertador, o educador não deve dar as respostas, mas fazer as perguntas.

Apontamos que a utilização de conteúdos midiáticos e seus recursos tecnológicos, pautados numa práxis pedagógica dialogada, favorecem processos educativos voltados à construção coletiva do currículo, valorizando interesses dos educandos e dando significado ao seu cotidiano. Em relação à sua potencialidade, a fim de promover transformações na sua realidade, depende do uso que se fizer desses recursos, da eficácia em promover análises e ações críticas voltadas para esse fim.

Remetemos a atenção novamente a importante ação do registro da prática pedagógica, valorizando a prática social para fins de emancipação, pois só foi possível a avaliação das possibilidades e superações dessa prática, tendo a oportunidade de fazer apontamentos para melhoria na prática pedagógica, devido aos registros coletivos dos sujeitos envolvidos no processo. Sugerimos, então, a aquisição do hábito da escrita e análise dos diários de aula, como encontramos nos estudos de Zabalza (1994, 2004), para auxiliar nesse processo.

Apontamos um caminho para a utilização das mídias e tecnologias, caminho esse contrário ao uso linear e mecânico, tão criticado por autores pesquisados aqui (BELLONI, 2009; BETTI, 2003; LIBÂNEO, 2002; PIRES, 2002). Entendemos também que, vivendo em tempos onde discussões sobre a retirada do componente curricular da Educação Física no ensino médio voltam à tona, a Educação Física é necessária no ambiente escolar, e como pudemos observar ao longo da nossa intervenção, é um componente curricular propício para contribuir com uma educação para as mídias. Esperamos ter contribuído para elucidação de um caminho para a Educação Física escolar frente as perspectivas para o século XXI.

Gostaríamos que essa pesquisa fosse apontada como um legado do estudo dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio 2016 na Educação Física escolar.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, A. F. O pensamento de Paulo Freire sobre a tecnologia: traçando novas perspectivas. In: V Colóquio Internacional Paulo Freire. 2005, Recife. **Anais...** Recife: Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas, 2005. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/16407780-O-pensamento-de-paulo-freire-sobre-a-tecnologia-tracando-novas-perspectivas.html>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

APPLE, M. W. O que os pós-modernistas esquecem: capital cultural e conhecimento oficial. In: GENTILI, P. A. A.; SILVA, T. T. (Org.) **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 179-204.

ARROYO, M. G. Trabalho – educação e teoria pedagógica. In: FRIGOTTO, G. (Org.) **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. (Coleção estudos culturais em educação) p. 138-165.

BATISTA, S. R.; BETTI, M. A televisão e o ensino de Educação Física na escola: uma proposta de intervenção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas-SP, v. 26, n. 2, p. 135-148, janeiro, 2005. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/152/161>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 78)

BETTI, M. ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363/1065>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

BETTI, M. **A janela de vidro: Esporte, televisão e educação física**. Campinas, SP: Papirus, 1998. (Coleção Fazer/lazer)

BETTI, M. Educação física, esporte e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas-SP, v. 20, n. 2 e 3, p. 84-92, abril/set, 1999.

BETTI, M. (Org.) **Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.

BETTI, M. Fundamentos e princípios pedagógicos da educação física: uma perspectiva sociocultural. In: VALE, J. M. F. et. al (Orgs). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 237-244.

BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, Florianópolis, n. 17, janeiro, 2001a. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5929>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

BETTI, M. Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar? **Motriz**, Rio Claro-SP, v. 7, n. 2, p. 125-129, jul-dez, 2001b.

BETTI, M. PIRES, G. L. Mídia. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.) **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 457-462.

BRACHT, V. A educação física escolar como campo de vivência social. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas-SP, v. 9, n. 3, p. 23-39, 1988.

BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos)

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2013. (Coleção Primeiros Passos; 20)

BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

BRASIL. Presidência da República. Lei n.º 9.394 de 20 de dez de 1996. **Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 25 maio 2017.

BUCKINGHAM, D. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

CAMPOS, A. G. A construção do 7 x 1 como símbolo: Apontamentos sobre a gestão da imagem nos ambientes midiáticos dos Megaeventos esportivos. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: INTERCOM, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3304-1.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CAPELLINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. (Org.). **A construção do projeto político pedagógico de uma escola inclusiva**. Bauru: UNESP/FC/MEC, 2010a. (Formação de professores na perspectiva de educação inclusiva)

CAPELLINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. (Org.). **Marcos históricos, conceituais, legais e éticos da educação inclusiva**. Bauru: UNESP/FC/MEC, 2010b. (Formação de professores na perspectiva de educação inclusiva)

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção primeiros passos; 13)

COSTA, L. M. Quem matou o futebol brasileiro? A novela da copa do mundo de 2014 na cobertura do jornalismo esportivo. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura – EPTIC**, Sergipe-SE, v. 18, n. 1, p. 119 – 132, jan-abr, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/4632/pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

DARIDO, S. C. Apresentação e análise das principais abordagens da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas-SP, v. 20, n. 1, p. 58-66, setembro, 1998.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FERES NETO, A. A virtualização do esporte e suas novas vivências eletrônicas. In: BETTI, M. (Org.) **Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003. p. 71-90.

FERREIRA, A. F.; DARIDO, S. C. Tecnologias da informação e comunicação (TICs). In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.) **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 629-633.

FERRAZ, L. H. M. **O craque, o sex symbol e o homem de sucesso: a construção da imagem de Neymar no mercado brasileiro de revistas (2010/2011/2012)**. 2014. 129f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2014.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Aprendendo com a própria história II**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 22)

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura)

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FUNKE-WIENEKE, J. O que dizer sobre “aprendizagem social” no ensino de movimentos e na educação física, e o que podemos alcançar com ela. In: KUNZ, E. TREBELS, A. H. **Educação física crítico-emancipatória**: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte. Ijuí: Unijuí, 2006. (Coleção educação física). p. 49-74.

GABARRÓN, L. R.; LANDA, L. H. O que é a pesquisa participante? In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 93-121.

GENTILI, P. A. A.; SILVA, T. T. da. (Org.) **Neoliberalismo, qualidade total e educação**: visões críticas. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GIGLIO, S. S. **Futebol**: mitos, ídolos e heróis. 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação física progressista**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1988 (Coleção Espaço vol. 10)

GHIRALDELLI JUNIOR, P. A filosofia da educação na escola brasileira contemporânea. In: VALE, J. M. F. et. al (Orgs.). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 133-138.

GOMEZ, M. V.; FRANCO, M. (Orgs.). **Círculo de cultura Paulo Freire**: arte, mídia e educação. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2015. Disponível em: <[http://www.ccm.ufpb.br/redepopsaude/wp-content/uploads/2016/06/CirculoDeCulturaPauloFreire\\_ArteMidiaEducacao.pdf](http://www.ccm.ufpb.br/redepopsaude/wp-content/uploads/2016/06/CirculoDeCulturaPauloFreire_ArteMidiaEducacao.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2018.

GUARESCHI, P. A.; BIZ, O. **Mídia, educação e cidadania**: tudo o que você deve saber sobre mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GUMUCIO-DRAGON, A. Take Five: a handful of essentials for ICTs in development. In: **THE ONE to watch**: Radio, New ICTs and Interactivity. Friedrich Ebert Foundation and Food and Agriculture Organization of the United Nations. Rome, 2003.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007. (Coleção Papirus Educação)

KUGELMANN, C. Educação física e a pesquisa sobre gênero: uma perspectiva da educação física orientada para os sexos. In: KUNZ, E. TREBELS, A. H. **Educação física crítico-emancipatória**: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte. Ijuí: Unijuí, 2006. (Coleção educação física). p. 75-96.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. Ed. Ijuí: Unijuí, 2004. (Coleção educação física)

KUNZ, E. Pedagogia do esporte, do movimento humano ou da educação física? In: KUNZ, E. TREBELS, A. H. **Educação física crítico-emancipatória**: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte. Ijuí: Unijuí, 2006. (Coleção educação física). p. 11-22.

KUNZ, E. Se-Movimentar. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.) **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 608-610.

LANDAU, G. O esporte e os mundos de vida: os movimentos esportivos que se ancoram no mundo de vida e seus significados para a educação física. In: KUNZ, E. TREBELS, A. H. **Educação física crítico-emancipatória**: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte. Ijuí: Unijuí, 2006. (Coleção educação física). p. 143-161.

LIBÂNEO, J. C. Prefácio. In: GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação física progressista**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1988. (Coleção Espaço vol. 10). p. 9-14.

LIBÂNEO, J. C. As tecnologias da comunicação e informação e a formação de professores. In: VALE, J. M. F. et. al (Orgs). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 163-169.

LIMA, V. A. DE. Grande mídia vs. Nova mídia na política brasileira. In:\_\_\_\_\_. **Regulação das comunicações: história, poder e direitos**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 149-171.

MACHI, M. O público e o privado, para onde pende o pêndulo? In: VALE, J. M. F. et. al (Orgs). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 108-115.

MAGNONI, A. F. A pedagogia de multimeios como perspectiva de educação continuada. In: VALE, J. M. F. et. al (Orgs). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 170-178.

MAGNONI JÚNIOR, L. A ideologia neoliberal, o processo de globalização e a escola pública. In: VALE, J. M. F. et. al (Orgs). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 84-102.

MANOVICH, L. **El software toma el mando**. Barcelona: Editora UOC, 2013.

MARQUES, A. F. A Escola pública de qualidade, um projeto político-pedagógico de construção coletiva. In: VALE, J. M. F. et. al (Orgs). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 38-45.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)**. São Paulo: Cultrix, 2005.

MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

MELLO, R. A. **A necessidade histórica da Educação Física na escola: os impasses atuais**. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed., São Paulo: Atlas, 2011. p. 269-279.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan/jun, 2014.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NUCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR – NIC.br. **Educação e tecnologias no Brasil: um estudo de caso longitudinal sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação em 12 escolas públicas**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em: <[http://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/EstudoSetorialNICbr\\_TIC-Educacao.pdf](http://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/EstudoSetorialNICbr_TIC-Educacao.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2018.

OLIVEIRA, A. A. B. Metodologias emergentes no ensino da educação física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá-PR, v. 8, n. 1, p. 21-27, 1997.

OLIVEIRA, M. W. et. al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: 32 REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2009, v. 1, p. 1-17. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT06-5383--Int.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

OLIVEIRA, G. N. B. **Educação física escolar e autonomia: a prática pedagógica sob a perspectiva freireana**. 2011. 168f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.



OLIVEIRA, M. O. Diário de aula como instrumento metodológico da prática educativa. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa-Portugal, n. 27, p. 111-126, 2014. Disponível em: < [www.redalyc.org/articulo.oa?id=34932505008](http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34932505008)>. Acesso em: 29 jan. 2018.

OLIVEIRA, R. D. de; OLIVEIRA, M. D. de. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 17-33.

PICH, S. Cultura corporal de movimento. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.) **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 163-165.

PINOCHET, L. **Tecnologia da informação e comunicação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

PINTO, A. V. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PINTO, A. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIRES, G. L. **Educação física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Unijuí, 2002. (Coleção educação física)

PIRES, G. L. Cultura esportiva e mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física. In: BETTI, M. (Org.) **Educação Física e Mídia**: novos olhares, outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003. p. 19-44.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **On the horizon**, MCB University Press, vol. 9. N. 5. October, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 28 mai 2017.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 2011.

ROSSI, A. M. F. Educação e competência: desafio para o século XXI. In: VALE, J. M. F. et. al (Orgs). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 116-123.

SAMPAIO, J. et al. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface-comunicação, saúde e educação**, Botucatu-SP, v.18, supl. 2, p. 1299-1312, 2014.

SANTAELLA, L. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996a.

SANTAELLA, L. **Produção de linguagem e ideologia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996b.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo**: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. São Paulo: SEE, 2010.

SCORALICK, K. Mídia, cidadania, informação e direito à comunicação: A identidade dos deficientes nos telejornais. In: XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: INTERCOM, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0710-1.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

SILVA, A. **A roda de conversa e sua importância na sala de aula**. 2012. 74f. Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia), Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

SILVA, T. T. A “nova” direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: GENTILI, P. A. A.; SILVA, T. T. (Org.) **Neoliberalismo, qualidade total e educação**: visões críticas. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 09-30.

SOARES, S. G. **Educação e comunicação**: o ideal de inclusão pelas tecnologias de informação: otimismo exacerbado e lucidez pedagógica. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, A. J. O novo papel do Estado e a escola pública. In: VALE, J. M. F. et. al (Org.). **Escola pública e sociedade**. São Paulo: E. A. Lucci, 2002. p. 60-62.

STRAUBHAAR, J.; LAROSE, R. **Comunicação, mídia e tecnologia**. São Paulo: Thonson, 2004.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 51-61.

TOYAMA, K. Can technology end poverty?, **Boston Review**, November, 2010. Disponível em: <<http://bostonreview.net/forum/can-technology-end-poverty>>. Acesso em: 08 feve. 2017.

TUBINO, M. J. G. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VENDITTI JÚNIOR, R. **Autoeficácia docente e motivação para a realização de profissionais de educação física adaptada**. Curitiba: CRV, 2014.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula**: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Portugal: Porto, 1994. (Coleção Ciências da Educação)

ZABALZA, M. A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZYLBERBERG, T. P. A internet como uma possibilidade do mundo da (in)formação sobre a cultura corporal. In: BETTI, M. (Org.) **Educação Física e Mídia**: novos olhares, outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003. p. 45-70.

**APÊNDICE A - Cronograma previsto para as aulas - 2º semestre de 2016**

Aula 01 – Explicação sobre o trabalho com base nos Jogos Olímpicos Rio 2016 e pesquisa na sala de informática

Aula 02 – Acompanhamento/Discussão sobre as notícias da semana sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016 e vivências esportivas

Aula 03 - Acompanhamento/Discussão sobre as notícias da semana sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016 e vivências esportivas

Aula 04 – Acompanhamento/Discussão sobre as notícias da semana sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016 e vivências esportivas

Aula 05 – Roda de conversa (desenvolvimento das discussões, reflexões, problematizações, apontamentos)

Aula 06 - Explicação sobre o trabalho com base nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 e pesquisa na sala de informática

Aula 07 - Acompanhamento/Discussão sobre as notícias da semana sobre os Jogos Paralímpicos Rio 2016 e dinâmica de grupo (rótulos)

Aula 08 - Acompanhamento/Discussão sobre as notícias da semana sobre os Jogos Paralímpicos Rio 2016 e vivências esportivas

Aula 09 – Vivência Paralímpica e avaliação

Aula 10 – Autoavaliação

Aula 11 – Retorno das avaliações e direcionamento para trabalho no 4º bimestre (temas geradores)

Aula 12 – Roda de conversa sobre organização do evento na escola e vivências esportivas

Aula 13 – Roda de conversa sobre organização do evento na escola e vivências esportivas

Aula 14 – Roda de conversa sobre organização do evento na escola e vivências esportivas

Aula 15 – Avaliação, entrega de trabalhos finais, vivências esportivas.

Aula 16 – Evento

Aula 17 – Avaliação final

## **APÊNDICE B – Situações de Aprendizagem**

### **Situação de Aprendizagem 01 – Entrando no “mundo” olímpico**

*Conteúdos e temas:* Jogos Olímpicos; mídia.

*Objetivos:* provocar uma criticidade diante das mensagens disponibilizadas, impostas pela mídia, provocando questionamentos cotidianamente através das aulas de educação física.

*Metodologias:* pesquisas em diversos meios de comunicação, trabalho individual/grupal, roda de conversa e vivências.

*Recursos materiais:* computador com acesso à internet; jornais e/ou revistas; TV; bolas de futsal, voleibol, basquetebol e handebol.

*Desenvolvimento:*

Etapa 1 - Pesquisa sobre os conteúdos e temas propostos, no caso, os Jogos Olímpicos, sua origem, símbolo, modalidades esportivas, países participantes, atletas famosos, etc., a fim de envolver os alunos em assuntos com a temática. Organizar os registros das pesquisas para, posteriormente, serem utilizados nas rodas de conversa (organizar em forma de trabalhos individuais e/ou grupais).

Etapa 2 – Acompanhamento de evento esportivo (no ambiente escolar ou extraclasse), no caso, os Jogos Olímpicos Rio 2016, por qualquer meio de comunicação, à escolha, e registrar para posterior discussão em aula. Em seguida, roda de conversa sobre as pesquisas realizadas na etapa 1 e sobre os acontecimentos do evento para problematização e retorno das experiências durante o processo educativo.

Etapa 3 – Escolha de vivências esportivas pelos alunos, no caso, modalidades esportivas olímpicas, a fim de, além de conhecer modalidades esportivas olímpicas, vivenciá-las dentro da escola com orientação do professor.

*Avaliação:* trabalho em grupo; avaliação contínua; observação e participação das aulas; autoavaliação.

### **Situação de Aprendizagem 02 - Aprendendo com as diferenças**

*Conteúdos e temas:* Jogos Paralímpicos; mídia; inclusão.

*Objetivos:* provocar uma criticidade diante das mensagens disponibilizadas, impostas pela mídia, provocando questionamentos cotidianamente através das aulas de educação física; promover ações de sensibilização para contribuir na busca por uma educação inclusiva.

*Metodologias:* pesquisas em diversos meios de comunicação, trabalho individual/grupal, roda de conversa e vivências.

*Recursos materiais:* computador com acesso à internet; jornais e/ou revistas; TV; vendas (tecido); bola de futsal; sacola plástica; papel; caneta; fita adesiva.

*Desenvolvimento:*

Etapa 1 - Pesquisa sobre os conteúdos e temas propostos, no caso, os Jogos Paralímpicos, sua origem, símbolo, modalidades esportivas, países participantes, paraatletas famosos, etc, a fim de envolver os alunos em assuntos com a temática de pessoas com deficiência, também oportunizando a eles conhecer exemplos de superação de pessoas com deficiência. Organizar os registros das pesquisas para, posteriormente, serem utilizados nas rodas de conversa (organizar em forma de trabalhos individuais e/ou grupais).

Etapa 2 - Dinâmica de grupo “Rótulos”: escrever vários tipos de deficiência e colar os papéis nas costas dos alunos; explicar que, a priori, ninguém pode contar sobre o escrito das costas do colega, todos podem ver de todos, menos o que está nas suas próprias costas. Disponibilizar um tempo para a turma, onde devem atribuir funções para todos, com o objetivo de organizar uma festa de formatura, como por exemplo, quem iria ser o garçom, o recepcionista, o DJ, o cozinheiro, fotógrafo, etc., e ao término das escolhas, escrever na lousa os resultados para facilitar posterior discussão durante a roda de conversa sobre a dinâmica.

Etapa 3 – Acompanhamento de evento esportivo (no ambiente escolar ou extraclasse), no caso, os Jogos Paralímpicos Rio 2016, por qualquer meio de comunicação, à escolha, e registrar para posterior discussão em aula. Em seguida, roda de conversa sobre as pesquisas realizadas na etapa 1 e sobre os acontecimentos do evento para problematização e retorno das experiências durante o processo educativo.

Etapa 4 – Escolha de vivências esportivas, no caso, modalidades esportivas paralímpicas, o atletismo (corrida com guia) e o futebol de 5, a fim de, além de conhecer modalidades esportivas paralímpicas, vivenciar as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência nas ações do cotidiano. Ao término da vivência, roda

de conversa para problematização e retorno das experiências durante o processo educativo. Orientação das vivências: solicitar que se organizassem em duplas, onde um aluno assume papel de cego e o outro guia. Disponibilizar vendas ou, como alternativa, pedaços de tecidos para amarrar e vender os olhos, e um período de adaptação antes da atividade, a fim de os alunos experenciar andar pela quadra com a venda antes da corrida em si. Depois organizar todos os alunos para a corrida, onde os guias devem dar as assistências necessárias e devem correr de mãos dadas ao sinal do apito, orientando que os guias não podem soltar as mãos, devem continuar por toda a atividade de mãos dadas. Depois inverter, o guia vai fazer o papel de cego e o cego de guia e repetir a corrida. Após a vivência da corrida com guia, distribuir mais vendas para o futebol de 5. Para adaptar a atividade à escola, quando não dispõe de bola adequada (com guizo), envolver sacolas plásticas na bola de futsal para fazer barulho. Orientar os alunos a organizarem-se referente aos times, sobre as posições, quem será goleiro, guia, explicar as regras, etc.

*Avaliação:* trabalho em grupo; avaliação contínua; observação e participação das aulas; autoavaliação.

### **Situação de Aprendizagem 03 – Colocando em prática**

*Conteúdos e temas:* Revisão do 3º bimestre; Temas geradores; Organização de eventos.

*Objetivos:* Oportunizar possibilidades de problematização, reflexão e ação sobre uma realidade para transformá-la; Identificar as várias fases de organização de um evento; reconhecer a importância do trabalho em grupo.

*Metodologias:* Trabalho individual/grupal, roda de conversa e vivências.

*Recursos materiais:* Bolas de futsal; caixa de som; pendrive; cartolina; caneta; fita adesiva; câmera fotográfica.

*Desenvolvimento:*

Etapa 1 – Retomada dos conteúdos e temas do 3º bimestre (refletir de onde partimos, onde chegamos e para onde vamos). Definir os temas geradores e identificar as necessidades da realidade escolar.

Etapa 2 – Problematização, reflexão para a intervenção (agir na realidade, no caso, a Organização de um evento).

Etapa 3 – Escolha e vivências de manifestações da cultura corporal de movimento.

Etapa 4 – Realização, acompanhamento e avaliação do evento.

Etapa 5 - Retorno das experiências durante o processo educativo.

*Avaliação:* trabalho em grupo; avaliação contínua; observação e participação das aulas; autoavaliação; avaliação participativa.



**APÊNDICE C – Diários de aula****Diário - Profª Giseli - 8º ano A  
(aulas duplas na sexta-feira = 5ª e 6ª aulas)****Dia 05/08/16 - Diário 01/SA01/8º A**

Quando cheguei na sala havia uma aluna, a Amanda que estava chorando porque ia mudar de escolar, foi se despedir dos colegas e depois foi embora. Eu entrei, cumprimentei os alunos e fiz a chamada. Faltaram: Ana (3), Bia (5), Bia (7), Emy (10), João (15), Ryan (24), Bia (28) e Gabriel (30). Alguns alunos queriam ir para a quadra e ficavam colocando pressão. Escrevi a pauta na lousa (chamada, trabalho sobre jogos olímpicos Rio 2016) e iniciei com um levantamento prévio sobre o que eles sabiam sobre Jogos Olímpicos e se eles haviam ido ver a Tocha Olímpica passar em nossa cidade. Somente um aluno, o Alex, foi ver a tocha porque conhecia uma pessoa que carregou a tocha e ele citou sobre a origem dos jogos olímpicos, na Grécia, mais ninguém se manifestou. Eu expliquei sobre nosso trabalho relacionado aos Jogos Olímpicos do Rio 2016, que iríamos pesquisar a origem dos jogos, significado dos símbolos, modalidades esportivas, etc. O Didi não queria fazer e eu respondi que iria valer nota, mas depois fiquei pensando que não deveria ter enfrentado a situação dessa forma, comentei que era importante saber sobre o evento que estava ocorrendo em nosso país. Comentei que iríamos acompanhar o andamento dos jogos no Rio de Janeiro pelas mídias e perguntei como eles queriam se organizar, dividir em grupos, separar os grupos por mídias (jornal, TV, internet, etc.), ou por modalidades esportivas, entre outros, e o retorno foi que queriam organizar os grupos por modalidades esportivas. As escolhas foram: futebol, basquetebol masculino, atletismo e voleibol feminino. Fomos para a sala de informática.

Durante a pesquisa, alguns alunos queriam ficar ouvindo música (Wesley Safadão) enquanto pesquisavam, e ligaram usando o site youtube, eu não comentei nada, ouviram um pouco e logo desistiram porque o vídeo travava e não estava dando certo, daí só se concentraram na pesquisa. A maioria usava a busca do Google, também indiquei para eles o site oficial dos Jogos ([www.rio2016.com](http://www.rio2016.com)), comentei também que dava para eles seguirem as notícias durante a semana nas redes sociais, TV, jornal da cidade, etc. Ao longo da aula, durante a pesquisa na sala de informática, alguns alunos começaram com brincadeiras de desligar o computador para atrapalhar

a pesquisa dos colegas, então precisei chamar a atenção sobre isso dizendo que poderia quebrar o computador e que iria atrasar o andamento da aula, mas não atenderam meu pedido e continuaram, por isso não deu tempo de ir para a quadra fazer aula prática. Pedi para que guardassem os registros da pesquisa para posteriormente unir com registros futuros para irem organizando um trabalho final.

Deixei à disposição dos alunos o caderno de Esportes do Jornal da Cidade (Bauru/SP) para consulta, onde trazia notícias sobre os primeiros jogos da modalidade futebol masculino e feminino, mas os alunos não se interessaram em consultar, somente focaram no uso da internet, até comentei e mostrei os cadernos durante a aula, mas não houve interesse.

### **Dia 12/08/16 - Diário 02/SA01/8°A**

Cheguei cumprimentando os alunos, coloquei a pauta na lousa (chamada, discussão sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016, aula prática) e fiz a chamada. Faltaram: Ana (3), Bia (4), comentaram que elas estão viajando, Mago (13), Rick (19), Duda (29), Gabriel (30) e Zóio (34). Os alunos estavam agitados por um ocorrido com o aluno Pedro, ele veio comentar comigo que falou mal de uma aluna e de uma professora e a inspetora de alunos ouviu e ele foi encaminhado para a direção e vão chamar a mãe dele para conversar na escola, ele estava preocupado com a reação da mãe. O aluno João estava falando sobre o novo jogo Pokemón GO, perguntou se eu conhecia e se eu iria jogar, falei que ouvi falar mas não possuía, anotei na agenda o nome e ouvi ele comentando “Ela vai procurar, você vai ver” com os colegas.

Iniciamos as discussões sobre as notícias dos Jogos Olímpicos Rio 2016. O grupo do futebol foi o primeiro, onde o Lucas falou sobre o atleta Gabriel Jesus que jogou mal nos dois primeiros jogos e no último jogou bem, e ele achava que era por causa da pressão, que mexeu com o psicológico do jogador. O Lucas está acompanhando pela TV Band e Record e o Ryan pela TV Globo, Sportv e Foxsports. O grupo do basquetebol foi o próximo a comentar, citando que os EUA era a melhor equipe. Eu questionei sobre o porquê de eles serem melhores e o Alex disse que os EUA são mais focados nesse esporte. Perguntei qual meio de comunicação estão seguindo e o Gui disse a TV Globo. O grupo do Atletismo comentou que a modalidade deles iria começar amanhã e que iriam acompanhar posteriormente para discussão em aula. Em relação ao grupo de voleibol, quando questionados por mim sobre as

notícias, a Bia somente comentou que o Brasil está perdendo, não houve muito interesse do grupo. O aluno Alex se mostrou o mais engajado em todas as discussões e comentou que “os EUA está dominando os jogos”, comentou que eles estão mais concentrados e focados na competição, não querem só fazer “mídia” como, por exemplo, o futebol do Brasil. A Bia comentou que gosta de ver a natação porque “os caras da natação são muito lindos”.

Comentei que para a aula prática iríamos escolher um esporte olímpico a cada semana e que seria por votação da turma e não poderiam se repetir para que houvesse uma vivência variada dos esportes, e nessa aula foi escolhido pela maioria dos alunos o Basquetebol. Me pediram para eu praticar junto com eles e eu também joguei, atendendo aos pedidos. Durante o jogo percebi uma competição bem acirrada entre os times, um querendo ser melhor que o outro a qualquer custo, os alunos tentavam fazer faltas propositais no Alex porque ele era o mais habilidoso da turma nesse esporte, e no meio dos lances, eu comentava que era somente uma vivência, que não deveria haver desentendimentos entre si por causa do jogo e direcionava os olhares deles para algumas táticas de jogo para se posicionarem melhor na quadra. Ao final, alongamos e fomos embora.

#### **Dia 19/08/16 – Diário 03/SA01/8°A**

No horário da nossa aula estava passando Ginástica Rítmica na TV Globo ao vivo, então fomos assistir, pois a escola já deixa um telão montado para acompanhamento dos Jogos Olímpicos Rio 2016 para quem tiver interesse. Haviam outras turmas lá também assistindo com outros professores. Notei pouco interesse por parte dos alunos, muitos pediam para beber água e ir no banheiro para ficar andando pela escola, muitos só ficavam conversando entre eles, poucos eram os alunos que realmente estavam prestando atenção na Ginástica Rítmica. Esse comportamento dos alunos me incomoda, gostaria que eles aproveitassem essa oportunidade que a escola estava proporcionando de assistir os jogos todos juntos, ainda mais sendo um esporte que não é tão popular. Como estava quase na hora de irmos embora, do final do período na escola, os agentes de organização escolar pediram para que saíssemos com uns quinze minutos de antecedência da sala do telão para eles poderem organizar a sala antes do sinal, então fomos para a sala, eu fiz a chamada, faltaram: Bia (4), Karen (17), Rick (19) e Duda (29).

Fizemos uma discussão sobre as notícias dos Jogos olímpicos dessa semana, o grupo do Voleibol não acompanhou e o do Basquetebol também não. O grupo do Futebol comentou que o time masculino do Brasil ganhou de Honduras por 6 x 0 e vai jogar a final contra a Alemanha. Perguntei qual meio de comunicação estavam acompanhando, o Ryan disse SporTV e o Lucas a Bandeirantes. Também comentaram que viram alguns jogos na TV Globo, escondido durante outras aulas na escola, pelo celular de um colega que tem TV. O grupo do Atletismo comentou sobre as vitórias do Usain Bolt no Atletismo. O João disse que viu pelo facebook o vídeo do Bolt fazendo “chifre” no repórter que estava entrevistando ele e a Bia disse que viu as provas de Atletismo pela TV Globo. Essa turma está muito agitada, tenho muita dificuldade em fazê-los ouvir os colegas, estão sempre conversando e acabam não prestando atenção quando outros grupos estão comentando sobre os Jogos. Frisei que os Jogos estavam acabando e que os grupos deveriam já ir finalizando os registros para entregar os trabalhos na próxima semana, o Zóio se manifestou dizendo que não tinha como acompanhar os Jogos do Rio 2016 porque não via TV, falei para ele pesquisar na internet, ele disse que também não tinha acesso, daí a Emy disse que ele morava na cadeia, por isso não dava, ele concordou, daí lembrei que no ATPC (Atividade de Trabalho Pedagógico Coletivo) foi comentado que tínhamos um aluno nessa turma que era L.A. (Liberdade Assistida). A Emy disse para ele que na escola tinha a sala de informática e que ele poderia usar na escola. Deu o sinal e todos saíram para irmos embora.

Em casa, posteriormente, pesquisei na internet sobre as notícias comentadas pelos alunos:

Bolt zuando repórter: <[https://www.youtube.com/watch?v=RORDh2-i\\_W0](https://www.youtube.com/watch?v=RORDh2-i_W0)>. Acesso em: 28 de ago de 2016.

#### **Dia 26/08/16 – Diário 04/SA01/8º A**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e passei a pauta na lousa (chamada, entrega dos trabalhos, discussão sobre notícias marcantes dos Jogos Olímpicos Rio 2016, aula prática). Comentei sobre os trabalhos dos Jogos e nenhum grupo trouxe, então reforcei que deveriam trazer na próxima aula sem falta. O Gabriel já ficou fazendo pressão para irmos para a quadra e algumas meninas ficavam saindo

sem permissão, fiquei esperando eles se acalmarem para fazer a chamada. Fiz a chamada, faltaram: Gi (11), Rafa (21), Duda (29) e Didi (33).

Iniciamos com discussões sobre o que mais marcou nos Jogos Olímpicos Rio 2016, o Ryan comentou sobre o número de medalhas do Brasil (7 de ouro, 6 de prata e 6 de bronze) e que mais marcou o Brasil ser campeão no futebol masculino, o Rick e as Bias comentaram do Brasil ser campeão no voleibol masculino e o Gabriel comentou do desempenho do Usain Bolt no atletismo, mais ninguém quis se manifestar. Pedi para que trouxessem individualmente para a próxima aula a notícia que mais marcou dos Jogos Olímpicos. Em relação ao currículo do Estado de S.P., fizemos o caderno do aluno 2, páginas 05 até 10, sobre o Zouk. Quando terminamos, vários alunos já foram saindo da sala para ir para a quadra, eu chamei de volta e disse que não havia liberado ainda, que não havia acabado a aula na sala, eles voltaram e sentaram, fizemos uma votação para escolher o esporte olímpico para vivenciar na quadra, ganhou o futebol, ouvi o João comentando que votou no futebol porque não queria jogar mesmo, ele quase nunca participa das aulas práticas, eu sempre peço para ele jogar mas ele reclama, diz que não gosta. Na quadra, enquanto alguns alunos jogavam fiquei conversando com alguns alunos que não queriam jogar, tentando convencê-los da importância das vivências, mas se recusavam dizendo que futebol não iam jogar, não gostavam, e que quando fosse outro esporte que eles gostassem iriam jogar, comentei que iríamos variar toda semana e que deveriam participar de todos, mas não teve jeito, então ficaram observando os colegas jogarem e eu comentando sobre algumas técnicas e táticas do jogo e discutindo com eles. Quando isso acontece, de alunos recusarem a participar da prática, eu fico triste e procuro de alguma forma envolvê-los com a dinâmica da aula. Reforcei que para próxima aula deveriam trazer a notícia que mais marcou dos Jogos Olímpicos Rio 2016 com sua fonte. Deu o sinal e fomos embora.

#### **Dia 02/09/16 – Diário 05/SA01/8ºA**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (chamada, entrega dos trabalhos, roda de conversa e aula prática) e pedi para organizarem a sala em círculo, fiz a chamada, faltaram: Rick (19), Rafa (21), Bia (28), Duda (29) e Zóio (34). Cobrei os trabalhos dos Jogos Olímpicos e as notícias marcantes e ninguém da turma trouxe. Dei um sermão sobre a importância de cumprir

com os compromissos, de fazer trabalhos, perguntei por que isso havia ocorrido, as Bias disseram que eles eram “vagabundos”. Pedi para que não esquecessem de trazer na próxima aula sem falta. Iniciei nossa discussão com o histórico sobre os Jogos Olímpicos, até utilizei um trabalho entregue pela outra sala para citar alguns dados para dar uma motivada na entrega de trabalhos por eles. Quando citei a parte do significado da tocha olímpica, que envolvia a mitologia grega, percebi o João comentando com alguns alunos sobre um jogo de RPG que eles jogam que envolve a temática da mitologia grega e começaram a prestar mais atenção.

Devido à não terem trazido documentado as notícias marcantes com suas fontes como eu solicitei, fui perguntando oralmente as notícias mais marcantes dos Jogos Olímpicos e anotando na lousa, os resultados foram: 7 alunos citaram o ouro inédito do futebol masculino, 6 alunos citaram que foi mais marcante a disputa desse ouro do Brasil contra a Alemanha, os pênaltis, 1 aluno citou a abertura dos Jogos Olímpicos, disse que “foi muito bonito”, 1 aluno citou o ouro brasileiro no voleibol masculino, 1 aluno citou que foi um atleta do basquetebol brasileiro masculino que errou a cesta no final do jogo, era um lance livre, perguntei qual era o jogo e ele disse que acha que era Brasil x França, 1 aluna citou o encerramento dos Jogos Olímpicos, 1 aluno citou que foi o Brasil ganhar de Cuba no boxe, 1 aluno citou que nada o tinha marcado dos jogos, 1 aluna citou o voleibol feminino do Brasil, que “jogou bem” e 1 aluna citou que o que mais a marcou foi um atleta da natação do time dos EUA que “é muito lindo”, perguntei qual era o atleta, a Bia disse que era aquele que era gay, a Emy concordou, eu perguntei como ela sabia que ele era gay, ela disse que viu no facebook. Pedi para que observassem na lousa o que mais marcou de toda a turma, verificamos que foi o ouro inédito do Brasil no futebol masculino, perguntei a opinião deles sobre o porquê daquele resultado, disseram que isso lembrava a derrota do Brasil por 7 x 1 para a Alemanha na Copa do mundo de 2014, disseram que essa notícia teve grande repercussão, o Lucas disse que “o desempenho do Brasil na Copa do mundo foi uma merda”, o Alex disse que “o Brasil precisava se vingar”, foi tipo uma vingança esse resultado nas Olimpíadas. Também comentaram da grande repercussão na mídia de que o futebol feminino estava indo melhor do que o futebol masculino, e que eles acabaram dando a volta por cima. Eu perguntei por que o esporte futebol tinha se sobressaído, responderam que “era porque a sala tem mais meninos e meninos gostam de futebol”, a Ana disse “mas tem meninas que gostam também, eu gosto, a Bia gosta”, e a Bia concordou, perguntei se tinham mais

argumentos, o Gabriel disse “o Brasil é o país do futebol”, comentaram que era “porque a cultura brasileira gosta de futebol”, disseram também “vem do sangue”, o Ryan comentou que “passa de pai para filho”, o Alex disse que era como uma herança, e eu insistia em mais argumentos do por que o futebol se sobressaia no Brasil, disseram também que muita gente enriqueceu com o futebol, por exemplo o Neymar, que era um meio das pessoas pobres melhorarem de vida, o João disse que era porque “é um esporte barato, só precisa de bola”, alguns alunos deram risada dele dizendo que estava falando bobagem, mas o Ryan disse “é verdade mesmo, ele acertou”.

Chamei a atenção para o panorama das argumentações da turma que eu havia registrado na lousa e questionei como poderíamos mudar esse paradigma social, cultural, o Gabriel disse que “o problema do Brasil é a corrupção, a ganância”, eu perguntei o que poderia ser feito para melhorar isso, o Ryan disse “sair do Brasil”, o Gabriel respondeu “ir pra onde?”, o Ryan disse “então cometer suicídio”, eu perguntei para a turma se cometer suicídio era uma saída viável, se iria resolver alguma coisa, responderam que “não, claro que não”. Ouvi comentários que a culpa era do presidente, o Gabriel disse “quem está a frente de tudo tem que usar a cabeça”, eu perguntei se seria só o presidente o responsável, o Gabriel respondeu que “quem tá à frente de tudo é todo mundo, a polícia, professor, político”, ouvi comentários do tipo, “culpa da Dilma”, “é esse PT corrupto”, principalmente do Mago, eu perguntei se era somente o PT o problema da corrupção, e os outros partidos políticos? Disseram que eram todos os partidos, não só o PT, daí o Clark disse “a mídia foca só no PT”, eu perguntei se era uma opinião dele ou se ele tinha ouvido falar em algum lugar, ele disse que ouviu o irmão dele falando isso. Então questionei qual seria a solução então para fechar nosso raciocínio na aula, o Gabriel disse que “a única solução são as crianças” e o Alex disse “estudar”. Depois disso já foram arrumando a sala alvoroçados para irem para a quadra, e o Gabriel veio perto de mim e disse que eu me daria bem em outras matérias, disse “foi legal, muito bom” e saiu. Fiquei feliz porque foi um retorno da aula, que bom que ele gostou.

Fomos para a quadra e eles queriam jogar futebol, eu deixei. Uma aluna comentou comigo sobre as pixações na escola, eu não sabia do ocorrido, ela chamou a atenção de todo mundo dizendo “gente, a professora não sabe”, eu perguntei quando, pois eu só vou duas vezes por semana nessa escola, acho que estava desatualizada dos fatos, ela disse que foi na noite anterior, que alunos do ensino

médio do período da manhã entraram na escola de madrugada e pixaram o nome do grupo deles, eles tem um grupo no whatsapp e combinaram tudo por lá, eu perguntei como ela sabia, ela ficou com receio de contar, disse que ouviu comentários do irmão, mas que ele não tinha nada a ver com o ocorrido, daí foram todos jogar. Deu o sinal e fomos embora.

#### **Dia 09/09/16 – Diário 01/SA02/8º A**

Cheguei, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (chamada, pesquisa na sala de informática sobre Paralimpíadas) e fiz a chamada. Faltaram: Alex (1), Ana (3), Bia (7), Rafa (21), Ryan (24), Bia (28), Duda (29), Gabriel (30) e Didi (33). Perguntei qual evento havia começado no feriado, dia 07 de setembro, e responderam que as Paralimpíadas Rio 2016. Expliquei que iríamos fazer o mesmo esquema que fizemos com os Jogos Olímpicos e que nessa aula eu reservei a sala de informática para pesquisa sobre a origem das Paralimpíadas, significado do símbolo, modalidades esportivas paraolímpicas, etc. Alguns alunos perguntaram se daria tempo de ir para a quadra, eu disse que dependia do rendimento deles na pesquisa para dar tempo. Fomos para a sala de informática, durante a pesquisa alguns alunos queriam assistir vídeos de clipes de música no youtube, mas eu passava e frisava que deveriam se concentrar na pesquisa sobre as Paralimpíadas, orientando-os sobre os itens que deveriam pesquisar, a maioria usava a busca do Google, também indiquei para eles o site oficial dos Jogos ([www.rio2016.com](http://www.rio2016.com)). Pedi para que guardassem os registros da pesquisa para unir posteriormente com outros registros para depois finalizarmos o trabalho sobre as Paralimpíadas Rio 2016. Deu o sinal e fomos embora.

#### **Dia 16/09/16 – Diário 02/SA02/8º A**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (chamada, caderno do aluno 2, pág. 11 até 20, dinâmica de grupo) e fiz a chamada, faltaram: Bia (4), Bia (5), Rafa (21) e a Bia (28) e Duda (29) disseram que foram transferidas, e o Zóio (34) foi reclassificado para outra turma. Sobre o Currículo do Estado de S.P., fizemos as páginas 11 até 20 do caderno do aluno 2, sobre ginástica de academia e influência da mídia. Muitos alunos faziam pressão para ir para a quadra, ficavam saindo e entrando da sala, tive que esperar se acalmarem de novo,



chamar a atenção para a pauta, que agora seria a dinâmica. Enquanto isso fui cortando os papéis, emprestei a régua da Karen, escrevi e fui colando nas costas deles e explicando que ninguém poderia contar o que estava escrito nas costas do colega, todos poderiam ver de todos, menos o que estava nas suas próprias costas. Percebi que alguns alunos estavam contando escondido sobre o que estava escrito, eu fui reforçando que não deviam contar o que estava escrito para os colegas (escrevi tipos de deficiência, adaptando a Dinâmica dos Rótulos). A Emy, foi a mais expressiva, corria para ver o papel de todos e tirava sarro, pedi pra que sentassem para eu explicar o resto da atividade. Dei dois minutos para a turma, deveriam se organizar para atribuir funções para todos com o objetivo de uma festa de formatura, quem iria ser o garçom, o recepcionista, o DJ, o cozinheiro, fotógrafo, etc., e deveriam escrever na lousa os resultados. Muitos alunos já se candidatavam para as funções e iam escrevendo na lousa, outros ficavam quietinhos esperando, eu ia falando, não esqueçam de ninguém, atribuam funções para todos, e eles iam se organizando, vendo quem ainda não tinha função, até que terminaram.

Pedi para que sentassem para iniciar as discussões dos resultados. Perguntei: como vocês se sentiram quando eu coleí o papel nas costas de vocês e os colegas iam ver o que estava escrito e tinham diferentes reações olhando para vocês? A maioria que se manifestou disse que ficaram curiosos, que queriam saber o que estava escrito, somente a Ana disse que foi estranho. Perguntei qual critério que eles usaram para atribuir as funções, disseram que foi de acordo com a deficiência colada nas costas para “zoar”. Por exemplo, o Clark não tinha as mãos e era garçom, o Rick era mudo e era recepcionista, e fomos discutindo sobre as deficiências e atribuições, depois de expormos todas as funções comentei que existem sim pessoas com essas funções que possuem deficiência, comentei que vi um documentário na TV por assinatura sobre fotógrafos cegos, que na abertura das Paralimpíadas uma atriz, atleta e dançarina que não tinha as pernas se apresentou, eles disseram que não assistiram, e a expressão começou a mudar nos rostos deles. Perguntei como concluir nosso raciocínio aqui então? O Didi disse que “as pessoas com deficiência são iguais a nós, até fazem coisas melhores”, a Ana disse que “não devemos julgar as pessoas” e a Bia comentou sobre o poder do querer, da força de vontade, “se elas gostam e querem fazer, elas conseguem”. Daí a Bia disse “agora vamos pra quadra, vamos pra quadra”, muitos alunos saíram correndo, o Didi veio me perguntar se precisava de ajuda para apagar a lousa e arrumar as coisas, eu aceitei a ajuda dele. Fomos para a

quadra, estava no finalzinho da aula, eles jogaram um pouco de basquetebol. Deu o sinal e fomos embora.

Essa sala está muito agitada, muitos professores estão reclamando que está difícil dar aula lá.

### **Dia 23/09/16 – Diário 03/SA02/8º A**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e escrevi a pauta na lousa (chamada, entrega dos trabalhos e roda de conversa sobre notícias das Paralimpíadas Rio 2016), onde o Ryan pediu para me ajudar a apagar a lousa para eu usar e eu aceitei a ajuda. Pedi para que a turma organizasse a sala em círculo para a roda de conversa e fiz a chamada, faltaram: Rafa (21), Bia (28) e Duda (29), os alunos comentaram que elas foram transferidas, preciso verificar depois. Pedi para que entregassem os trabalhos sobre as Paralimpíadas, mas somente um grupo entregou e ninguém trouxe a notícia marcante sobre os jogos que eu havia pedido, frisei que deveriam trazer e que não deveriam esquecer na próxima aula e que iria perguntar oralmente sobre as notícias para dar andamento à aula. Os resultados foram: 7 alunos disseram que nada os marcou sobre os jogos Paralímpicos, pois não acompanharam, 6 alunos citaram os jogos de futebol de 5, frisando o espanto em ver cegos conseguirem jogar futebol, 4 alunos citaram os jogos de basquete em cadeira de rodas, 3 citaram a cerimônia de encerramento das Paralimpíadas, 1 aluna citou o Atletismo (corrida com cadeiras) e 1 aluno citou que foi a cena onde o paratleta Clodoaldo da natação acendeu a pira paralímpica na cerimônia de abertura, achou emocionante as escadas irem virando rampas para ele subir com a cadeira de rodas. Perguntei para a turma por quais meios de comunicação acompanharam e citaram a internet (site g1 e a rede social facebook), o Jornal da Cidade, TV (Globo e SporTV).

Chamei a atenção deles para os resultados na lousa, pois eu havia anotado lá, e perguntei qual notícia havia se destacado de toda a turma, disseram que o nada ganhou, perguntei se eles tinham ideia do porquê disso, a Karen disse que “não passou muito na TV”, o Clark disse que “o que eles tinham que mais dar atenção não deram”, eu perguntei por que deveriam dar mais atenção, ele disse que lá haviam histórias de superação, que era mais difícil para pessoas com deficiência, a Ana disse que depende, perguntei do que dependia, a Ana disse “das modalidades”, o Didi disse “do tipo de deficiência”, o Rick disse “os caras não tem perna e quer jogar bola”, eu

pedi para ele explicar melhor, ele comentou que demora mais para adaptar, eu reforcei que era preciso então um período de adaptação, mas questionei-os a pensar se era somente as pessoas com deficiência que precisavam disso ou todas as pessoas, concluíram que eram todas, fechamos então que a questão essencial era a adaptação as mudanças e que qualquer pessoa passa por isso.

Lembrei os alunos que quando fizemos essa mesma atividade com as Olimpíadas haviam mais variações de notícias do que nas Paralimpíadas, perguntei por que, a Ana disse “porque dão mais importância as Olimpíadas”, perguntei quem dava mais importância, o Gabriel disse “as mídias”, perguntei por que isso ocorria, a maioria disse que não sabia, perguntei se eles sabiam como funcionava a geração de renda dos meios de comunicação, o João disse que vinha do Silvio Santos, eu expliquei que o Silvio Santos era dono de uma emissora de TV, o SBT, mas fui questionando sobre quem era que sustentava financeiramente esses meios de comunicação, o Clark disse “a audiência” e o Didi disse “os patrocinadores”, então eu expliquei que os patrocinadores investiam nos meios de comunicação para divulgação de sua marca e a audiência era o que sustentava isso, no sentido de que os meios que tinham mais audiência era o objeto de desejo dos patrocinadores.

Chamando a atenção para as anotações na lousa sobre nossa discussão, perguntei para a turma como eles, o 8º ano A, poderiam mudar esse panorama a respeito do acesso a informação, o Alex disse que poderíamos ter ido nas Paralimpíadas e gravar imagens, fazer um canal no youtube e divulgar, eu comentei que para isso era necessário dinheiro, até comentei que eu gostaria muito de ter ido mas que não tinha condições financeiras para isso, o João comentou que haviam pessoas que queriam ir nos Jogos no Rio de Janeiro mas não foram por medo de terrorismo, disse que conhecia um cara que ia mas desistiu por isso, comentei que esse medo poderia ser devido à situações atuais que verificaram pelas mídias sobre esse contexto, o Gui falou que poderíamos seguir famosos, que foram nas Paralimpíadas, pelas redes sociais e compartilhar, eu perguntei por quais lugares, ele disse “pelo facebook, instagram e snapchat, por exemplo”. Pedi para que pensassem sobre as possibilidades dentro da escola, o Gabriel disse a sala de informática como havíamos usado para pesquisa, perguntei se eles tinham acesso quando quisessem, disseram que somente vão quando um professor reserva para a aula, mas o Gabriel também disse que na biblioteca tem o Jornal da Cidade, eu lembrei da Emy que havia dito que acompanhou pelo Jornal da Cidade e perguntei se ela havia visto na escola

ou em casa, ela respondeu “na minha casa”. Frisei que haviam vários meios de comunicação para se ter notícias e que depende de nós procurarmos.

Estava quase no final da aula e os alunos pediram para irem um pouco para a quadra para jogar futebol, eu deixei, mas pedi para arrumarem a sala antes de saírem, muitos pegaram os papéis do chão, a funcionária da limpeza entrou e viu, agradeceu os alunos pela ajuda, e fomos para a quadra. Jogaram um pouco de futsal e quando bateu o sinal pedi para que não esquecessem o material para a próxima aula e que faríamos uma avaliação, nos despedimos e fomos embora.

Várias vezes, durante essa aula, tive que parar as discussões para pedir concentração para os alunos, pois o Didi ficava andando pela sala toda hora, e a Emy, Karen e Bia não paravam de conversar paralelamente. Eu chamava a atenção para a importância da roda de conversa e de um falar de cada vez e que era importante ouvir o colega.

Pesquisas feitas por mim, posteriormente em casa:

Acendimento da pira paralímpica:<<https://www.youtube.com/watch?v=MPsIlkSZCjE>>. Acesso em: 24 de set de 2016; <<http://veja.abril.com.br/esporte/acendimento-da-pira-tem-queda-superacao-e-aplausos/>>. Acesso em: 24 de set de 2016.

#### **Dia 07/10/16 – Diário 04/SA02/8°A**

Cheguei na sala e haviam muitos alunos para fora, pedi para que entrassem, cumprimentei os alunos e escrevi a pauta na lousa (vivência = atletismo – corrida com guia e futebol de 5, chamada e avaliação teórica). Expliquei para os alunos como seriam as vivências, que foram escolhidas por serem modalidades de fácil adaptação para prática na escola e fomos para a quadra. Um aluno havia trazido patins na escola e vestiu para andar na quadra, muitos colegas ficaram em cima dele empolgados, pedi para ele guardar, mas demorou, tive que chamar várias vezes para eles virem para iniciarmos a aula.

Alongamos, depois pedi para que se organizassem em duplas, onde um seria cego e o outro o guia. Dei pedaços de TNT coloridos para que vendassem os olhos, depois pedi para que andassem pela quadra para adaptação. Depois nos organizamos na linha para a corrida, onde os guias davam as assistências necessárias e deveriam correr de mãos dadas ao meu sinal do apito, e reforcei que os guias não podiam soltar as mãos, deveriam continuar toda a atividade de mãos

dadas. Apitei e correram até o outro lado da quadra. Depois invertemos, o guia ia ser cego e o cego ia ser o guia e repetimos os mesmos exercícios. Depois distribuí mais vendas para iniciarmos o futebol de 5. Para adaptarmos a atividade à escola, colocamos duas sacolas plásticas na bola para fazer barulho. Deixei os alunos se organizarem referente aos times, sobre as posições, quem iria ser goleiro, guia, etc. Tiramos no par ou ímpar para ver quem iria começar com a bola, mas demoramos para iniciarmos o jogo, muitos alunos não prestavam atenção nas orientações sobre o futebol de 5, ficavam com brincadeiras de trombar de propósito, andar para todos os cantos da quadra, demorou para conseguir reunir todos e iniciar o jogo. Percebi que alguns alunos não respeitavam a regra de olhos vendados durante o jogo, o Gabriel tirava a venda para olhar e os colegas reclamavam dele, eu tinha que pedir a todo momento para ele vendar os olhos, o Pedro acabou fazendo o mesmo que o Gabriel.

A agente de organização escolar veio chamar o Didi por causa do assunto dos patins, ele teve que sair da atividade para ir lá com o pessoal da gestão resolver, nisso algumas alunas aproveitaram e saíram junto, tive que chamar a atenção delas. Voltamos ao jogo de novo, mas logo alguns alunos foram saindo dizendo que estavam cansados, algumas alunas (Bia, Bia, Karen, Emy) saíram de novo da quadra e foram para o pátio sem permissão, acabei terminando o jogo e voltando para a sala. Quando cheguei na sala falei de novo com as alunas e pedi para voltarem para a sala de aula, mas demoraram para voltar.

Quando chegamos na sala, escrevi na lousa as cinco questões da avaliação teórica sobre o conteúdo do caderno do aluno 2 do 3º bimestre do currículo oficial do Estado de SP. Quando terminei de escrever na lousa, fui perguntando para a turma sobre as vivências, o que acharam. A maioria comentou que achou mais difícil o futebol de 5 do que a corrida com guia, já o Mago achou a corrida mais difícil. Perguntei porque a maioria achou o futebol de 5 mais difícil, o Lucas disse “já tem gente que não consegue controlar a bola, imagina cego então”, o João disse “a bola é estranha”, se referindo a nossa adaptação de colocar sacos plásticos na bola para fazer barulho e a Bia disse “dava pra escutar onde a bola tava”. Perguntei se as nossas adaptações de materiais funcionaram e se as atividades atenderam às expectativas deles, responderam que sim. Fiz a chamada enquanto faziam a avaliação, faltou somente a Ju (16). Alguns alunos deixaram o caderno do aluno comigo enquanto estavam fazendo a avaliação para eu corrigir e dar visto, logo devolvi para eles. Fizeram a avaliação, entregaram para mim, deu o sinal, me despedi, terminei de

fechar as notas porque era o último dia para entregar e fui embora. É um desafio para mim conseguir desenvolver as aulas da intervenção para minha pesquisa e também cumprir com as obrigações do currículo oficial do Estado e as cobranças da estrutura escolar sobre atribuir notas para lançar no sistema.

**Dia 14/10/16** – Eu faltei, fui doar sangue.

**Dia 21/10/16 – Diário 01/SA03/8ºA**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, escrevi o resumo do 3º Bimestre na lousa que eu havia feito em casa com base nas nossas discussões em aula e no final escrevi a pauta da nossa aula de hoje, que se baseava no resumo do 3º bimestre, o que já vimos, em que ponto estamos e para onde vamos. Havia um grupinho que estava jogando um jogo de tabuleiro quando cheguei, pedi para que guardassem para iniciarmos a aula e comentei que depois os deixaria jogar na quadra.

Resumo 8ºA:

Aula 01 até aula 05 foram trabalhadas com base nos Jogos Olímpicos, as aulas 06 até 09 foram trabalhadas com base nos Jogos Paralímpicos, seguindo as metodologias de: pesquisas, discussões sobre notícias e vivências. Os resultados das aulas dos jogos olímpicos foram resumidamente: o futebol se destacou, comentaram sobre questões de gênero, sobre a mídia focar na rivalidade entre Brasil x Alemanha, e para concluir sobre mudar esse paradigma, comentaram que é preciso estudar mais e permear sobre assuntos de política, sobre a necessidade de cada cidadão fazer seu papel e não culpar tanto somente os políticos. Os resultados das aulas das Paralimpíadas foram resumidamente: a maioria disse que nada os marcou, comentaram que o futebol de 5 chamou a atenção, dificuldade de ser cego, superação, e concluíram que faltou a mídia dar mais atenção, comentaram sobre preconceito e da importância de variar as mídias e da possibilidade de nós sermos produtores de mídia.

A partir do resumo expliquei no geral que por trás dos eventos sempre tem ideologias, objetivos, criam-se para ter alguma função, retomamos as pesquisas da origem desses eventos, e por fim pedi para que pensassem na situação da nossa escola, na realidade deles e que dessem uma ideia para evento na escola. Pedi para que pegassem uma folha e fizessem uma autoavaliação, que escrevessem no papel

o que ficou para eles do 3º bimestre, qual a ideia de tema gerador que eles tinham para se trabalhar a partir daí, qual seria o evento ideal para atender as necessidades de nossa escola. Alguns tinham dúvidas e entregavam faltando itens, eu explicava de novo, até que todos entregaram como eu pedi. O Vini, que possui deficiência intelectual, teve dificuldades na escrita, mas alguns colegas o auxiliaram, ele falava a palavra que queria escrever e os colegas iam ditando as letras para ele escrever. Alguns alunos estavam alvoroçados porque queriam ir para aula prática. Nesse meio termo, fiz a chamada, ninguém faltou. Comentaram que todos entregaram e que queriam sair, eu fui chamando-os de acordo com as folhas que me haviam entregue para verificar se todos entregaram e então fomos para a quadra, onde o grupinho do jogo de tabuleiro se reuniu na quadra de cima, era Banco imobiliário, e outro grupo jogou futsal na quadra de baixo. Quando estava quase na hora de dar o sinal para irmos embora, esconderam um dos pares de tênis do Lucas, ele havia trocado de tênis para jogar futebol e deixou o outro na arquibancada. Disse que enquanto não acharmos o tênis do Lucas não íamos embora, então todos foram procurar, acharam, era brincadeira de um colega dele que havia escondido. Deu o sinal, nos despedimos e fomos embora.

**Dia 04/11/16** – eu faltei para participar do CONEF 2016.

**Dia 11/11/16 – Diário 02/SA03/8ºA**

Nesse dia havia uma programação especial na escola, então tive que adiar meu planejamento da aula para a próxima. Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, já haviam muitos para fora com a bolsa para irem na apresentação de dança da Professora de história, eu pedi para entrarem para que eu pudesse fazer a chamada para descermos, fiz a chamada e somente faltou o Ryan (24). Descemos para a quadra ver as apresentações depois deu o sinal e fomos embora.

**Dia 18/11/16 – Diário 03/SA03/8ºA**

Cheguei na sala, mas percebi que era outra turma que estava lá, percebi que haviam trocado de sala, uma professora estava passando e eu comentei com ela que haviam trocado de sala e ela explicou que sim, que estava lavando uma sala e

que houve uma reorganização, então fui procurar a turma, estavam no andar de cima, quando estava subindo as escadas já encontrei com alguns alunos que estava na escada e me disseram que estava lá em cima, a Ju pegou meu material e levou até a mesa da sala deles, eu entrei, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (chamada, caderno do aluno 2, páginas 21 até 38 sobre futebol, retorno das autoavaliações e aula prática). Alguns alunos me perguntaram se iria demorar para ir para a quadra, eu respondia que ia depender do andamento da aula, e eles pediam para o pessoal sentar e se concentrar. Essa turma está muito agitada, pedem para ir no banheiro e tomar água a todo momento, os professores estão comentando que estão com dificuldades para dar aula nessa turma. Fiz a chamada, faltaram: Lucas (18), Clark (25), Vini (27) e Didi (33). Comentaram que o Clark havia vindo, mas foi embora porque não estava bem, estava com gripe e como o Vini é irmão dele, foram embora juntos.

Iniciamos a aula com o conteúdo do futebol do caderno do aluno do currículo oficial do Estado de S.P., onde fomos preenchendo as respostas juntos. Depois apaguei a lousa e anotei na lousa alguns dados das autoavaliações para explicar para os alunos. Na visão dos alunos sobre o evento a ser realizado na nossa escola, 15 alunos citaram interclasses, 4 alunos citaram intervalo estendido, 2 alunos curso de desenho, 1 aluno aulas de dança/música e 1 aluno citou feira cultural. Sobre os temas geradores os resultados foram: integração, diversão, interação, respeito, alegria, cultura, convivência, estímulo artístico, ajudar, aprofundamento no esporte e desenvolver melhor. Perguntei se daria para trabalhar com esses temas num interclasses, que era o evento que havia sido mais votado, eles disseram que sim. Comentei que o interclasses estava sendo organizado pelo 9º ano C, pois era um trabalho deles, fazia parte do currículo do Estado de S.P. do 9º ano organizar um campeonato esportivo e perguntei se eles poderiam colaborar com o 9º ano, ajudar se fosse necessário, eles disseram que sim, falei que iria informar o 9º ano para pedirem ajuda para eles. Comentei que o pedido de intervalo estendido já estava sendo atendido em alguns dias, geralmente as sextas-feiras os intervalos estão se prolongando alguns minutinhos a mais, eles concordaram. Comentei que na próxima aula poderíamos tentar acabar o caderno do aluno, depende da turma colaborar, e fomos para a quadra, pedi para que treinassem futsal para o interclasses, mas eles comentaram que não queriam jogar o jogo em si, queriam treinar passes, então aceitei, eles estavam num espaço perto da quadra, então comentei que dentro da



quadra seria melhor, mais espaço, então eles foram para dentro da quadra. Deu o sinal, nos despedimos e fomos embora.

### **Dia 25/11/16 – Diário 04/SA03/8º A**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e escrevi a pauta na lousa (chamada, caderno do aluno 2, páginas 39 até o fim sobre os temas da relação Exercício físico x obesidade e doping, aula prática). Comentei que iríamos acabar o caderno do aluno nessa aula e que na próxima semana poderíamos fazer uma avaliação. Fiz a chamada e faltaram: Alex (1), Bia (4), Lucas (18) e Didi (33). Fomos respondendo as questões do caderno do aluno 2 juntos, os alunos estavam bem agitados, principalmente as meninas, como sempre. Demorou para que elas se sentassem para podermos iniciar o conteúdo do caderno do aluno, os meninos ficavam pedindo para elas se concentrarem na aula. Num momento a Emy até chegou a molhar meu diário de sala com água por brincadeira de tentar jogar água na colega. Continuei com muita paciência a aula, pensei em fazer uma conversa sobre comportamento no final da aula teórica.

Finalizamos o caderno do aluno e eu pedi para que entregassem os cadernos para eu corrigir na próxima semana, no mesmo dia da avaliação, e comecei a conversar com os alunos sobre o comportamento deles dentro da sala de aula, se eles achavam certo o comportamento deles na aula, disseram que não. Perguntei se era somente na minha aula, o Ryan disse que era mais na minha aula, em algumas aulas eles não eram assim, a Emy disse que eram assim em todas as aulas. Comentei que eu estava com dor de garganta e ficava tentando falar na aula e como eles não colaboravam, ficavam com brincadeiras e conversas paralelas, e que isso dificultava a atenção, o entendimento das falas, que havia a necessidade de respeitar quando alguém estivesse falando, senão não daria certo o desenvolvimento da aula. Falei sobre a questão das meninas ficarem pedindo toda hora para irem no banheiro, sei que era só para passear no pátio para oportunidade de ver meninos de outra sala, comentei que eu também passei por isso na minha fase de adolescência, mas que quando era hora da aula eu me concentrava na aula, respeitava o professor, fazia todas as atividades. Comentei que é normal passar por isso, mas que deveriam pensar seriamente no foco, pois depois quando estivessem mais velhos, poderiam precisar desses conteúdos discutidos em aula, que eles não estavam dando valor. Perguntei

se eles sabiam que havia caído questões sobre conteúdos de Educação física no ENEM desse ano, eles comentaram que não ficaram sabendo. Perguntei se na próxima aula seria necessário ter outra conversa com eles sobre comportamento, eles disseram que não, e percebi que estavam chateados pensando no comportamento deles.

Fomos para a quadra para treinar futsal para o interclasses, as meninas queriam a bola de voleibol para praticar os movimentos do voleibol, eu aceitei. Os meninos ficaram na quadra de baixo e as meninas na quadra de cima. Deu o sinal, guardei o material, me despedi e fomos embora. Dar muitas aulas, ainda mais quando a turma está agitada, me deixa muito exausta.

#### **Dia 02/12/16 – Diário 05/SA03/8° A**

Quando estava chegando na sala o pessoal da limpeza pediu para trocarmos de sala para eles fazerem a limpeza, então pedi para os alunos irem para a sala ao lado. Quando todos entraram, cumprimentei os alunos e fiz a chamada, faltaram: Bia (5), Lucas (18), Ryan (24) e Duda (35). Comentaram que a Bia havia ido embora porque ela havia sofrido um acidente de carro e ela não estava bem, perguntei se era aquela batida que havia acontecido na esquina na hora da entrada, disseram que sim, que ela entrou mas logo foi embora porque não estava bem. Escrevi cinco questões na lousa sobre o conteúdo do caderno do aluno 2 do 4º bimestre do currículo oficial do Estado e pedi para que quando acabassem de responder me entregassem e que quando todos acabassem poderíamos sair para a quadra. Alguns alunos já iam acabando e me entregando e queriam sair, eu disse para esperar todos acabarem e que iria conversar com eles antes de sair, perguntei sobre os cadernos dos alunos para eu corrigir, poucos alunos trouxeram e me entregaram, sobre o trabalho de doping que eu havia solicitado na aula anterior, ninguém trouxe, pedi para que me entregassem sem falta na próxima semana, poderiam me levar quando eu tivesse dando aula na outra turma.

Quando todos entregaram a avaliação teórica, eu pedi para que se organizassem em círculo para conversarmos, fazermos uma avaliação final das aulas oralmente. Perguntei o que eles acharam de trabalhar com rodas de conversa, com diálogo, os alunos disseram que acharam melhor trabalhar com roda de conversa, que interage mais, não precisa escrever, a Bia disse que “a gente se sente melhor

conversando do que escrever”, a Emy disse “a gente fica conhecendo todo mundo”, eu complementei frisando que seria a troca de ideias. Perguntei sobre as dificuldades, a maioria disse que não teve nenhuma, a Ana falou do pessoal ficar conversando com os outros, no sentido de atrapalhar a conversa. Disseram que dariam 8 de nota por causa do comportamento dos alunos, que muitas vezes não colaboravam no comportamento. Depois fomos para a quadra para treinar futsal para o interclasses, havia outra turma lá com outro professor que era substituto e deixamos as turmas jogarem juntas, tipo um pré-interclasses, o outro professor e eu ficamos de juizes do jogo. Deu o sinal, fomos embora.

#### **Dia 09/12/16 – Diário 06/SA03/8° A**

Evento = Interclasses.

#### **Dia 16/12/16 – Diário 07/SA03/8° A**

Cheguei na sala e não havia nenhum aluno.

#### **Diário - Prof. Giseli - 8° ano B (aulas duplas na sexta-feira = 3ª e 4ª aulas)**

#### **Dia 05/08/16 - Diário 01/SA01/8°B**

Entrei na sala e cumprimentei os alunos, fiz a chamada e escrevi a pauta na lousa (chamada, trabalho sobre os Jogos olímpicos). Faltaram: Diego (4), Guto (10), Rick (20), Serena (22), Vini (25) e Kami (27). Alguns alunos queriam ir para a quadra e ficavam colocando pressão. Iniciei com um levantamento prévio sobre o que eles sabiam sobre Jogos Olímpicos e se eles haviam ido ver a Tocha Olímpica passar em nossa cidade. Nenhum deles foi e somente um aluno comentou que se iniciou na Grécia. Eu expliquei sobre nosso trabalho relacionado aos Jogos Olímpicos do Rio 2016, que iríamos pesquisar sua origem, significado dos símbolos, modalidades esportivas, etc., a Duda disse que não tinha internet na casa dela e então eu comentei que havia reservado a sala de informática para pesquisa sobre os jogos. Comentei que iríamos acompanhar o andamento dos Jogos Olímpicos Rio 2016 pelas mídias e

perguntei como eles queriam se organizar, dividir em grupos, separar os grupos por mídias (jornal, TV, internet, etc.), ou por modalidades esportivas, entre outros, e o retorno foi que queriam organizar os grupos por modalidades esportivas. As escolhas foram: Futebol masculino, basquetebol, voleibol e ciclismo.

Fomos para a sala de informática. Durante a pesquisa o João comentou que nunca tinha ouvido falar em badminton, pois ele estava vendo que era uma modalidade esportiva presente nos jogos. A maioria usava a busca do Google, também indiquei para eles o site oficial dos Jogos ([www.rio2016.com](http://www.rio2016.com)), comentei também que dava para eles seguirem as notícias durante a semana nas redes sociais, TV, jornal da cidade, etc. Alguns alunos queriam ir para a quadra e pediram para fazermos um acordo de terminar a pesquisa em casa, o João afirmou que o grupo dele poderia se reunir por Skype para pesquisarem, eu acordei dizendo que na próxima aula faríamos as discussões sobre as pesquisas e pedi para ele me informar como foi o encontro pelo Skype, fiquei curiosa se daria certo. Fomos para a quadra onde metade da sala jogou futsal e a outra basquetebol, deixei à escolha deles.

#### **Dia 12/08/16 - Diário 02/SA01/8ºB**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (chamada, discussão sobre os Jogos Olímpicos, aula prática) e fiz a chamada. Faltaram: Loiro (11), Rick (20), Ariel (21), Kami (27) e Gui (28). O Guto havia faltado na aula anterior e veio falar comigo com uma pesquisa feita por ele sobre ciclismo, pois os colegas comentaram com ele sobre nosso trabalho com os Jogos Olímpicos e ele entrou no grupo do Ciclismo. Expliquei melhor o trabalho, dei uma olhada na pesquisa dele e comentei que o que ele tinha feito até aqui era válido, faltando acrescentar na pesquisa a história dos jogos olímpicos e sobre o acompanhamento da modalidade Ciclismo durante os jogos do Rio 2016, que deveríamos continuar acompanhando para finalizar o trabalho futuramente.

Iniciamos com discussões acerca dos acontecimentos ocorridos nas Olimpíadas do Rio 2016 durante a semana. O grupo do futebol foi o primeiro, o Lucas comentou que o futebol masculino está jogando muito mal e que deveriam ter caído fora da competição, mas eles conseguiram se classificar para a próxima fase. O grupo comentou que está acompanhando os jogos pela TV Globo e internet. Em seguida o grupo do Basquetebol foi questionado sobre os acontecimentos da semana, mas

demonstraram desinteresse, não comentaram sobre nenhuma notícia, questionei que eles deveriam acompanhar para trazer discussões para as aulas e perguntei qual meio de comunicação estão pretendendo acompanhar, responderam a TV Globo e internet. O grupo do voleibol também demonstrou desinteresse não tendo trazido notícias para discussão em aula, e quando questionados sobre o meio de comunicação que seguiriam, comentaram TV Globo e Band. O grupo do Ciclismo comentou sobre o acidente que ocorreu com uma ciclista no Ciclismo de estrada feminino durante a competição e que viram pela internet. Comentei que para a aula prática iríamos escolher um esporte olímpico a cada semana e que seria por votação da turma e não poderiam se repetir para que houvesse uma vivência variada dos esportes, e nessa aula foi escolhido pela maioria dos alunos o Futebol.

Em casa, posteriormente, pesquisei na internet sobre as notícias comentadas pelos alunos:

Acidente ciclista: <<http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/07/ciclista-holandesa-e-hospitalizada-apos-queda-de-cabeca-em-prova-da-rio-16.htm>>. Acesso em 23 de ago de 2016.

### **Dia 19/08/16 – Diário 03/SA01/8°B**

No horário da nossa aula estava passando ao vivo na TV Globo o jogo de futebol feminino do Brasil x Canadá, disputando a medalha de bronze dessa modalidade nos jogos olímpicos, então assistimos, pois a escola já deixa um telão montado para acompanhamento dos Jogos olímpicos para quem tiver interesse. Haviam outras turmas lá também assistindo com outros professores. Durante o jogo, alguns alunos da turma não prestaram atenção, só ficaram conversando entre eles, enquanto alguns alunos vibravam a cada lance. Durante o jogo, havia alguns flashes de notícias sobre a prova da marcha atlética que também estava acontecendo e eu ouvi alguns comentários sobre o andar engraçado dos atletas nessa modalidade. Alguns alunos ficaram tristes porque o Brasil perdeu.

Logo após o término do jogo, a programação da TV voltou-se para a Ginástica Rítmica e continuamos assistindo um pouco até o final da aula, um pouco antes de dar o sinal eu fiz a chamada e faltaram: João (13) e Rick (20). Lembrei de perguntar para o João sobre como se organizaram para a pesquisa sobre os jogos olímpicos, se utilizar o Skype como ele disse em outra aula deu certo, ele comentou

que sim, os outros alunos do grupo também balançaram a cabeça que sim. Frisei para a turma para irem finalizando os registros do trabalho dos Jogos para entregar na próxima aula, pois os Jogos iriam terminar logo. Me despedi e fui para a outra sala.

#### **Dia 26/08/16 – Diário 04/SA01/8ºB**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, passei a pauta na lousa (chamada, entrega dos trabalhos, discussão sobre notícias marcantes, aula prática) e alguns alunos já vieram comentar que esqueceram o trabalho, eu disse que poderiam trazer na semana que vem, um grupo disse que o trabalho estava com o Lucas e ele estava doente e tinha faltado, eu disse que tudo bem. Fiz a chamada e faltaram: Gui (9), Lucas (16), Lucas (17), Rick (20), Ariel (21) e Vini (25).

Iniciamos com a discussão sobre os fatos marcantes dos Jogos Olímpicos, o João disse que foi “o cara que quebrou o braço no levantamento de peso”, o José falou “o ouro inédito do Brasil no futebol”, o Loiro falou “o cara que cagou e continuou” e complementei se era na prova da marcha atlética ele concordou, a Dani comentou do atleta que quebrou a perna na ginástica artística, o Gui comentou do Thiago Braz no salto com vara, que pulou 6,03 metros e comentou que ninguém havia tentado pular essa altura, o Diego disse que foi o Brasil ganhar da Alemanha nos pênaltis na final, o Gui comentou também do ouro do Brasil no voleibol masculino e da dupla feminina do vôlei de praia que pegou prata e finalizou com o atletismo comentando sobre as vitórias da Jamaica e do Usan Bolt, disse “corria brincando, imagina se fizesse esforço”. Alguns alunos perguntaram o resultado final do Brasil nas Olimpíadas, eu olhei numa foto que estava no meu celular que eu havia tirado de um jornal sobre o resultado e expliquei para eles que o Brasil ficou em 13º lugar, com 19 medalhas no total, 7 de ouro, 6 de prata e 6 de bronze. Pedi para que todos os alunos trouxessem para a próxima aula a notícia que mais os marcou dos jogos com a fonte. Sobre o currículo oficial do Estado de S.P., fizemos o caderno do aluno 2, as páginas 05 à 10, sobre o Zouk.

Fizemos uma votação para o esporte olímpico que iríamos vivenciar na quadra, ganhou o basquetebol e voleibol, como temos duas quadras, ficou um esporte em cada quadra, eu me revezava para orientar os alunos nas vivências, dando explicações sobre posicionamentos das equipes, mediando conflitos sobre faltas.

Alongamos no final, frisei para trazerem para a próxima aula as notícias mais marcantes dos jogos com a fonte, me despedi e fui para a outra aula com outra turma.

### **Dia 02/09/16 – Diário 05/SA01/8ºB**

Entrei na sala, cumprimentei os alunos, passei a pauta na lousa (chamada, entrega dos trabalhos, roda de conversa, aula prática) e fiz a chamada, só faltou o Rick (20). Organizamos a sala em círculo, cobre os trabalhos sobre os Jogos Olímpicos e as notícias marcantes, a maioria dos alunos esqueceu o trabalho dos jogos e somente o Guto trouxe a notícia marcante, ele até comentou que escolheu uma boa e uma ruim (ouro do Brasil no futebol e o ginasta que quebrou a perna).

Iniciei a roda de conversa lembrando as pesquisas sobre o histórico dos Jogos Olímpicos, quando falamos sobre a tocha olímpica, o Vini comentou sobre os incidentes ocorridos durante a passagem da tocha aqui no Brasil, que em alguns lugares pessoas tentavam apagar a tocha e iam presas, eu perguntei porque estava ocorrendo isso, os alunos disseram que era por causa de protestos que defendiam que o dinheiro gasto com os jogos deviam ser investidos em outros setores como a Saúde e a Educação, eu perguntei se eles eram a favor ou contra, e eles disseram que eram a favor, que o governo devia investir nesses outros setores sim ao invés dos jogos.

Como eles não trouxeram documentado as notícias mais marcantes dos jogos, foi feito oralmente, onde cada aluno dizia sua notícia marcante e eu ia anotando na lousa, ao final, os resultados foram: 8 alunos citaram o ouro do Brasil no futebol masculino, 3 alunos disseram que nada os marcou, 3 alunos citaram o atleta da marcha atlética que passou mal (problemas intestinais), 2 alunos citaram o ouro do voleibol masculino, 2 alunos citaram a performance do Usain Bolt no Atletismo, 2 alunos citaram a performance do Michael Phelps na natação, 1 aluno citou o recorde do atleta brasileiro Thiago Braz no salto com vara, 1 aluna citou que a prova da marcha atlética, que achou engraçada, 1 aluna citou o ouro da judoca brasileira Rafaela e 1 aluno citou um episódio durante um jogo de voleibol masculino onde um atleta entrou de cabeça no glúteo do outro atleta.

Analisamos no geral as notícias e perguntei para a turma por que a notícia do ouro do Brasil no futebol masculino foi tão marcante e se destacou. Responderam que era porque o Brasil nunca havia ganhado ouro no futebol nos Jogos Olímpicos e

porque lembravam da notícia da derrota do Brasil para a Alemanha por 7 x 1 na Copa do mundo de 2014. Perguntei por que se sobressaiu o esporte futebol perante os outros esportes, José respondeu que “futebol tá no sangue brasileiro” e “passa de geração para geração”. Perguntei por que o futebol é mais praticado no Brasil? O Lucas respondeu que “é influência do Estado, do governo, é mais barato”, disseram que realmente só precisa de uma bola para jogar, de fácil acesso. Citei os esportes que foram escolhidos por eles por votação para serem vivenciados durante as aulas (futebol, basquetebol e voleibol) e perguntei por que foram esses os esportes escolhidos, o Lucas respondeu que foi “porque são esportes mais fáceis para praticar na escola e são os esportes mais conhecidos” e o José disse que é “por causa do trabalho em equipe, quebra as panelinhas”. Chamei a atenção da turma sobre o panorama anotado na lousa sobre as nossas discussões e perguntei como poderíamos mudar esse paradigma, o José respondeu “abrindo os olhos da população” e eu perguntei como, o Lucas respondeu “mais acesso à educação”. Daí deu o sinal para o intervalo e na outra aula, depois do intervalo, lembrei os alunos que os Jogos Paralímpicos iriam começar no dia 07/09 e que deveriam acompanhar também para embasar nossas discussões em aula.

Fomos para a quadra onde a turma pediu para vivenciar o basquetebol, eu apoiiei. Percebi que essa turma, que antes a maioria dos alunos só fazia pressão para jogar futebol, estão criando gosto pela prática do basquetebol que era preferência da minoria dos alunos. Ficamos em uma das quadras e revezávamos os alunos, uns assistiam e outros jogavam e vice-versa. Fiquei mediando conflitos sobre faltas e orientando sobre posicionamentos táticos. Alongamos, me despedi e eu fui para a outra sala com outra turma.

### **Dia 09/09/16 – Diário 01/SA02/8ºB**

Cheguei, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (chamada, pesquisa na sala de informática sobre Paralimpíadas) e fiz a chamada. Faltaram: Gabriel (7), Gui (9), Rick (20) e Gui (28). Perguntei qual evento havia começado no feriado, dia 07 de setembro, e responderam que as Paralimpíadas Rio 2016. O João disse “mas já começou?”, responderam que sim. Expliquei que iríamos fazer o mesmo esquema que fizemos com os Jogos Olímpicos e que nessa aula eu reservei a sala de informática para pesquisa sobre a origem das Paralimpíadas, significado do símbolo,



modalidades esportivas paralímpicas, etc. Alguns alunos perguntaram se daria tempo de ir para a quadra, eu disse que dependia do rendimento deles na pesquisa para dar tempo.

A maioria usava a busca do Google, também indiquei para eles o site oficial dos Jogos ([www.rio2016.com](http://www.rio2016.com)). Pedi para que guardassem os registros da pesquisa para unir posteriormente com outros registros para depois finalizarmos o trabalho sobre as Paralimpíadas Rio 2016. Pediram para jogar voleibol no restante final da aula, pois queriam chamar o professor de língua portuguesa da escola para jogar com eles, pois ele havia chego mais cedo e dava tempo de participar da aula antes de ele entrar para dar aula, eu deixei. Fomos para a quadra e, atendendo aos pedidos, eu joguei junto com eles. O professor e eu ficamos orientando os alunos durante o jogo sobre o posicionamento correto na quadra, sobre o rodízio, regras, etc. Deu o sinal, me despedi e fui para outra sala com outra turma.

#### **Dia 16/09/16 – Diário 02/SA02/8°B**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (chamada, caderno do aluno 2, pág. 11 até 20, dinâmica de grupo=rótulos) e fiz a chamada, faltaram: Guto (10), Ju (15), Rick (20), Vini (25). Sobre o currículo do Estado de S.P., fizemos as páginas 11 até 20 do caderno do aluno 2, sobre ginástica de academia e influência da mídia. Depois pedi para o Lucas me ajudar com os papéis da dinâmica dos Rótulos, cortamos os papéis, eu escrevi e o Patrick e ele me ajudou a colar nas costas dos colegas. Reforcei que eles não podiam saber o que estava escrito nos papéis que havíamos colado nas suas costas, somente poderiam olhar nas dos colegas, mas ninguém poderia falar nada (eu escrevi tipos de deficiência). Alguns alunos olhavam nas costas dos colegas e riam, alguns faziam caras de preocupação. Dei dois minutos para a turma, deveriam se organizar para atribuir funções para todos com o objetivo de uma festa de formatura, quem iria ser o garçom, o recepcionista, o DJ, o cozinheiro, fotógrafo, etc., e deveriam escrever na lousa os resultados. Muitos alunos já se candidatavam para as funções e iam escrevendo na lousa, outros ficavam quietinhos esperando, eu ia falando, não esqueçam de ninguém, atribuam funções para todos, e eles iam se organizando, vendo quem ainda não tinha função, até que terminaram. Deu o sinal para a hora do intervalo, pedi para que antes

de sair olhassem o papel de suas costas e poderiam tirar, que depois do intervalo iríamos discutir os resultados.

Quando voltamos, voltei a atenção deles para a lousa para observar a função de todos, e a primeira pergunta que fiz foi: Como vocês se sentiram quando eu coleí o papel nas costas de vocês e os colegas iam ver o que estava escrito e tinham diferentes reações olhando para vocês? Alguns disseram que se sentiram mal, outros estranho, quando a Duda disse que se sentiu mal, o Loiro disse que ela quis bater nele no recreio porque ele tinha tirado sarro dela, ela fez com a cabeça que era verdade e riram. Fui mostrando as atribuições dadas aos colegas e comparando com as suas deficiências, houve comentário do tipo “não dá para ser”, “como ele vai fazer”, muitas risadas, por exemplo, a Bia e o Gabriel iriam ser os dançarinos da festa, mas a Bia não tinha os pés e o Gabriel não tinha uma perna, eram amputados, o Lucas ia ser o fotógrafo mas ele era cego, o Patrick ia ser o segurança, mas era surdo e mudo. Depois de expormos todas as funções comentei que existem sim pessoas com essas funções que possuem deficiência, comentei que vi um documentário na TV por assinatura sobre fotógrafos cegos, que na abertura das Paralimpíadas uma atriz, atleta e dançarina que não tinha as pernas se apresentou, alguns lembraram, outros não assistiram, e a expressão começou a mudar nos rostos deles. Perguntei como concluir nosso raciocínio aqui então? O José disse que temos que dar uma chance para as pessoas, os outros alunos concordaram.

Tirei foto da lousa para registro, faltava um pouquinho para acabar a aula, pediram para jogar um pouco de futebol, haviam até trazido uma bola, eu deixei, quando voltamos para a sala eu comentei que as Paralimpíadas iriam acabar no domingo e qual esporte paralímpico poderíamos fazer na próxima aula, o Lucas disse o futebol de 5, eu perguntei mas como adaptar para nós, ele disse que podemos vendar os olhos, amarrar os braços para jogar, alguns alunos concordaram, ouvi alguém dizer o goalball, eu expliquei sobre o goalball, o José comentou rindo, nesse vou ser excluído, eu sou grande, vou tampar o gol inteiro, e riram, o Lucas disse o vôlei, eu comentei, “o vôlei sentado?”, ele disse “é”. Deu o sinal, disse que na próxima aula comentaríamos sobre as Paralimpíadas, me despedi e fui para a outra sala.

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, brinquei dizendo que “vai chover, o Rick veio na aula hoje”, porque era a primeira aula desse bimestre que ele aparecia, e escrevi a pauta na lousa (chamada, entrega dos trabalhos e roda de conversa sobre as notícias das Paralimpíadas Rio 2016). Somente um grupo entregou o trabalho e dois alunos entregaram a notícia marcante que eu havia pedido. Pedi para que organizassem a sala em círculo e fiz a chamada, faltaram: Gabriel (07), disseram que ele se acidentou de cavalo e que havia quebrado o fêmur e faltou a Kami (27). Percebi que alguns alunos estavam jogando UNO, tive que pedir para guardarem.

Iniciamos a discussão com o trabalho do Lucas, onde ele comentou sobre a origem das Paralimpíadas e o significado do símbolo. Fui perguntando sobre as notícias mais marcantes e fui escrevendo na lousa, o resultado foi: 11 alunos disseram que foi a notícia sobre a morte do ciclista iraniano no ciclismo de rua, 7 alunos disseram que nada os marcou, pois não acompanharam, 4 alunos citaram a abertura das Paralimpíadas, com ênfase na cena de um cadeirante fazendo manobras numa rampa e 2 alunos citaram os recordes do atleta da natação Daniel Dias. Perguntei sobre os meios de comunicação que acompanharam, comentaram que ninguém viu ao vivo como aconteceu nas Olimpíadas, onde até na escola chegaram a assistir, mas viram notícias pela internet e nos noticiários das TVs (Fox e Globo).

Chamei a atenção para os dados na lousa e perguntei por que o acidente do ciclista havia marcado mais, o Lucas disse que “foi a única coisa que aconteceu”, o José disse “única tragédia”, perguntei por que as tragédias chamavam atenção, o João disse “porque o cara já é aleijado e sofre mais uma”, o Patrick disse “não é normal ver um cara morrer num evento assim”, comentei no geral que as vezes acontecem muitas coisas mas não é tudo que a mídia mostra. Chamei atenção sobre a quantidade de votação no “nada”, por que disso, o Lucas e Gui disseram “porque quase ninguém assistiu”, o José disse “porque não tinha jogador que enfatiza tanto como na Olimpíada”, a Ju e a Bia comentaram que não tinha muito interesse em se cobrir as Paralimpíadas, o Lucas comentou que isso é um preconceito, não dar tanta importância as Paralimpíadas, ele comentou que a TV Globo cobriu toda a Olimpíada mas a Paralimpíada não, e voltamos as discussões de que havia interesse, comentaram que não dava lucro, o Loiro até citou que o público quase equiparou com as Olimpíadas, mas eu chamei a atenção de que os valores dos ingressos eram mais acessíveis nas Paralimpíadas do que nas Olimpíadas. O Loiro começou a falar que “dinheiro compra carro, mulher, muitas coisas” e eu comentei que o dinheiro

compra coisas materiais, a Ju se indignou sobre o Loiro dizer que dinheiro compra mulher, que mulher não era objeto, que isso era machismo, o Loiro insistia que dinheiro compra tudo, ia questionando as meninas que se um milionário oferecesse muito dinheiro se elas não iriam, a Bia disse “com certeza não”, e várias concordaram também, o Loiro dizia “duvido”, acredita que o dinheiro compra tudo, o Vini disse que “existem dois tipos de mulheres, de família e objeto” e fui questionando-os sobre como diferenciar, o que seria uma mulher de família? A Bia comentou que uma mulher de família tem seu marido e filha e não faz isso que o Loiro falou, comentei se quando se referiam a mulher objeto queriam se referir as profissionais do sexo, concordaram, comentamos sobre o sexo ser um meio de trabalho para essas mulheres, por ganharem dinheiro com isso, nisso percebi que o Patrick estava mostrando algumas camisinhas, chamou a atenção da turma, e ele ficou meio inibido e disse que não eram dele, eram do Loiro, e guardou na mochila. Eu chamei a atenção da turma que haviam grupos e pessoas com pensamentos diferentes, assim como estava sendo apresentado nessa turma e questionei sobre quais são os fatores que influenciam na formação do indivíduo, citaram a criação dos pais, o psicológico, o fator econômico, e eu fui complementando que a formação do indivíduo envolvia influência de fatores culturais, sociais, econômicos, e que deveríamos levar em conta com relação à diversidade de ideias. Deu o sinal e fomos para o intervalo.

Quando voltamos, chamei a atenção da turma para o panorama da nossa discussão que estava na lousa e pedi para que concluíssemos, comentei a questão de que apesar da falta de acesso às notícias dos jogos, quais seriam as saídas segundo o pensamento do 8º ano B, o José disse “incentivo à leitura”, eu perguntei se os professores da escola não faziam isso, eles disseram que sim, mas que faltava vontade por parte dos alunos, o Lucas comentou sobre ter acesso ao Jornal da Cidade na escola, eu aproveitei para comentar que mesmo a escola disponibilizando o Jornal da Cidade, ele não foi citado por nenhum aluno da sala, que ninguém o procurou para saber sobre notícias dos jogos, percebi uma mudança na feição de alguns alunos, como se tivessem interiorizado que tinham oportunidade mas que deixavam passar. Comentei que na próxima aula iríamos fazer uma avaliação e eles pediram para irem para a quadra um pouco, a aula estava quase no final, eu deixei, fomos para a quadra e jogaram futsal numa quadra e basquetebol na outra. A Ju ficou perto de mim e continuou comentando sobre machismo, que havia falado com a Bia e ela havia dito para ela que era um pouco machista também, a Ju estava meio sem entender, pois a

Bia não havia explicado direito, a Ju ainda não acreditava que haviam pessoas que pensavam como o Loiro, comentei com ela sobre a questão de muitas pessoas pensarem diferente, lembrando das discussões na aula. Deu o sinal, voltamos para a sala, me despedi e fui para a outra sala. Essa aula rendeu muitos temas e acabou me pegando desprevenida, não sabia lidar muito bem com os assuntos mais polêmicos, acabei voltando o direcionamento para a aceitação das diferenças, respeito ao pensamento do colega.

Pesquisas feitas por mim, posteriormente em casa:

Cadeirante descendo megarrampa na abertura das Paralimpíadas: <<https://www.youtube.com/watch?v=EP3rwE8SVVc>>. Acesso em: 24 de set de 2016; <<http://extra.globo.com/esporte/rio-2016/descida-de-atleta-cadeirante-em-megarrampa-destaque-na-abertura-da-paralimpiada-20069551.html>>. Acesso em: 24 de set de 2016.

Morte do ciclista iraniano: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/09/1814372-ciclista-iraniano-morre-apos-acidente-na-prova-de-estrada-da-paraolimpiada.shtml>>. Acesso em: 24 de set de 2016.

### **Dia 07/10/16 – Diário 04/SA02/8°B**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e escrevi a pauta na lousa (vivência = atletismo – corrida com guia e futebol de 5, chamada e avaliação teórica). Expliquei para os alunos como seriam as vivências e fomos para a quadra. Chegando na quadra, alguns alunos (Loiro, Patrick, Ylan, Ariel) foram se pendurar nos cipós da árvore que fica ao lado da grade da quadra, a diretora da escola não gosta que os alunos vão lá, tive que chamar várias vezes para eles virem para iniciarmos a aula.

Alongamos, depois pedi para que se organizassem em duplas, onde um seria cego e o outro o guia. Dei pedaços de TNT coloridos para que vendassem os olhos, depois pedi para que andassem pela quadra para adaptação. Depois nos organizamos na linha para a corrida, onde os guias davam as assistências necessárias e deveriam correr de mãos dadas ao meu sinal do apito, e reforcei que os guias não podiam soltar as mãos, deveriam continuar toda a atividade de mãos dadas. Apitei e correram até o outro lado da quadra. Depois invertemos, o guia ia ser cego e o cego ia ser o guia e repetimos os mesmos exercícios. Depois distribuí mais vendas para iniciarmos o futebol de 5. Para adaptarmos a atividade à escola,

colocamos duas sacolas plásticas na bola para fazer barulho. Deixei os alunos se organizarem referente aos times, sobre as posições, quem iria ser goleiro, guia, etc. Tiramos no par ou ímpar para ver quem iria começar com a bola e iniciamos o jogo. Percebi que a maioria dos alunos estavam atentos tentando andar pela quadra, um pouco inseguros, andando lentamente, mas com o passar da aula, foram se soltando. Deu o sinal para o intervalo e fomos para o pátio, lembrei-os que depois do intervalo seria a avaliação teórica na sala.

Quando voltamos do intervalo e chegamos na sala, escrevi na lousa as cinco questões da avaliação teórica sobre o conteúdo do caderno do aluno 2 do 3º bimestre do currículo oficial do Estado de S.P. Quando terminei de escrever na lousa, fui perguntando para a turma sobre as vivências, o que acharam. A turma comentou que o futebol de 5 foi mais difícil do que a corrida com guia, o Gui disse “trombei com a cara”, o Vini disse “o mais difícil foi ver” e houve vários risos da turma. Perguntei se deu certo as adaptações que fizemos com os materiais, responderam que sim. Perguntei se as atividades atenderam às expectativas deles, responderam que sim, o José disse “até superou um pouquinho”, eu pedi para explicar melhor, ele disse “eu achava que era difícil, mas não tanto”, o Loiro disse “até que eles jogam bem por ser cegos”, se referindo aos paraatletas. Fiz a chamada enquanto faziam a avaliação, faltaram: Dani (3), Gabriel (7), Gui (9), Rick (20) e Kami (27). Alguns alunos deixaram o caderno do aluno comigo enquanto estavam fazendo a avaliação para eu corrigir e dar visto, logo devolvi para eles. Fizeram a avaliação, entregaram para mim, deu o sinal, me despedi e fui para a outra sala.

**Dia 14/10/16** – Eu faltei para doar sangue.

**Dia 21/10/16 – Diário 01/SA03/8ºB**

No caminho para a sala o Ylan me encontrou e pediu para ajudar a levar meu material, eu deixei. Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, escrevi o resumo do 3º Bimestre na lousa que eu havia feito em casa com base nas nossas discussões em aula e no final escrevi a pauta da nossa aula de hoje, que se baseava no resumo do 3º bimestre, o que já vimos, em que ponto estamos e para onde vamos.

Resumo 8ºB:

Aula 01 até aula 05 foram trabalhadas com base nos Jogos Olímpicos, as aulas 06 até 09 foram trabalhadas com base nos Jogos Paralímpicos, seguindo as metodologias de: pesquisas, discussões sobre notícias e vivências. Os resultados das aulas dos jogos olímpicos foram resumidamente: o futebol se destacou, comentaram sobre influência cultural, que era um esporte barato e que achavam necessário mais acesso à informação. Os resultados das aulas das Paralimpíadas foram resumidamente: O que chamou mais a atenção foi a morte do ciclista iraniano, comentaram que tragédias chamam a atenção, que não é normal num evento como esse, que faltou investimento e mais notícias na mídia sobre as Paralimpíadas e concluíram que deveria haver mais incentivo à leitura e variar mais os meios de comunicação.

A partir do resumo expliquei no geral que por trás dos eventos sempre tem ideologias, objetivos, criam-se para ter alguma função, retomamos as pesquisas da origem desses eventos, e por fim pedi para que pensassem na situação da nossa escola, na realidade deles e que dessem uma ideia para evento na escola. Pedi para que pegassem uma folha e fizessem uma autoavaliação, que escrevessem no papel o que ficou para eles do 3º bimestre, qual a ideia de tema gerador que eles tinham para se trabalhar a partir daí, qual seria o evento ideal para atender as necessidades de nossa escola. Alguns tinham dúvidas e entregavam faltando itens, eu explicava de novo, até que todos entregaram como eu pedi. Estavam alvoroçados porque queriam acabar logo para irem para aula prática. Nesse meio termo, fiz a chamada, faltaram: Duda (5), Rick (20), Ariel (21), e os alunos me avisaram que havia uma aluna nova na sala, mas que ela havia faltado, Dana (30). Deu o sinal para o intervalo e saíram, o Lucas me perguntou se era para esperar na quadra depois, eu falei que tinha que verificar se todos entregaram e depois iríamos para a quadra. Mas quando voltei do intervalo, eles já estavam na quadra e o Gui me entregou o registro dizendo que todos haviam acabado, eu fiquei com eles na quadra, eles jogaram futsal na quadra de baixo e basquetebol na quadra de cima, e eu fui verificando com a lista de chamada quem havia entregue, um aluno (Diego) e duas alunas (Dani e Duda) ainda não haviam entregue, então quando voltamos para a sala, pedi para que me entregassem, o Diego ainda não havia acabado e os colegas começaram a auxiliá-lo, explicando melhor para ele. Peguei as autoavaliações, me despedi e fui para a outra sala. O Ylan fez questão de levar meus materiais para a outra sala, eu deixei e agradei depois.

**Dia 04/11/16** – eu faltei para participar do CONEF 2016.

**Dia 11/11/16 – Diário 02/SA03/8°B**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e escrevi a pauta na lousa (chamada, caderno do aluno 2, páginas 21 até 38 referente ao futebol, retorno das autoavaliações e roda de conversa). Fiz a chamada, faltaram: Diego (4), Duda (5), Gabriel (7), Gabriel (8), Gui (9), Rick (20), Serena (23). Iniciamos a aula com o conteúdo do futebol do caderno do aluno do currículo oficial do Estado de S.P., onde fomos preenchendo as respostas juntos. Depois apaguei a lousa e anotei na lousa alguns dados das autoavaliações para explicar para os alunos.

Na visão dos alunos sobre nossa escola, 9 alunos citaram a necessidade de melhoras na escola (pintura, limpeza, merenda, concertos, etc.), 8 alunos queriam interclasses, 5 alunos festa beneficente, 4 alunos passeios, 3 alunos queriam mais tempo de intervalo, 1 aluno citou palestra, 1 citou vivência de esportes paralímpicos e 1 vivência de esportes. Os temas geradores foram: cooperação, convivência, diversão, esforço, respeito, preconceito, melhoria, cultura, vida saudável, bondade, lazer, caridade, variedade, colaboração e alimentação. Perguntei para a turma como trabalhar esses temas geradores focando a necessidade da escola que apontaram, sobre melhorias na escola. Comentei que já havia ocorrido um mutirão de pintura da escola com a participação de alunos e professores num sábado de reposição de aula, então a pintura já foi feita. O José e o Lucas comentaram sobre ajudar na limpeza, não jogar papel no chão, deixar a sala em ordem, mas eu perguntei o que poderia ser feito para atingir todos da escola, não somente pensar na turma da sala, disseram fazer cartazes, e eu perguntei se somente os cartazes colados no pátio iriam dar resultados, responderam que não, que muitos nem vão ler. Fui questionando sobre mais ideias, não tinham mais ideias, nesse meio termo o Loiro comentou que isso deveria ser feito no começo do ano e não agora, eu falei: “antes tarde do que nunca” e eles riram, comentaram que logo vão parar de vir na escola, mas eu disse que as aulas vão até 20 de dezembro, mas eles disseram que só vão vir no máximo na primeira semana de dezembro, eu comentei que os professores vão dar suas avaliações em dezembro, que teria interclasses no dia 09, que eles tinham que participar, que eles deveriam pensar melhor. Voltei sobre o assunto das ideias e a aluna nova Dana e o José falaram de a turma fazer uma música, uma paródia com



base em melhorias na escola, eu perguntei como seria a aplicação, se iriam cantar pra escola, passar de sala em sala, mas eles fecharam em fazer um cartaz com a paródia para colar no pátio. Perguntei se queriam fazer em horário extraclasse ou queriam fazer na nossa próxima aula, o Lucas disse que queriam fazer na aula de Arte para não tomar o tempo da aula de Educação física, mas eu disse que era um projeto nosso, da aula de Educação física, então o João disse “vamos fazer na próxima aula então”.

Deu o sinal para o intervalo, eu queria tirar foto da lousa mas a bateria do meu celular tinha acabado e eu estava com receio de colocar para carregar na sala devido a outro ocorrido anteriormente em outra ocasião, então a Dani se ofereceu para tirar foto com o celular dela e me mandar por whatsapp depois, eu aceitei, fomos para o intervalo. Sobre o ocorrido, já tive problemas com o uso do meu celular na escola, pois sempre registro minhas aulas com fotos e vídeos, por exemplo, gosto de escrever na lousa um resumo sobre as discussões e fotografar para registrar, mas uma agente de organização escolar viu e foi reclamar para a gestão da escola que eu fazia uso de celular na sala de aula, que tinha cartaz pela escola toda que não podia usar celular na escola, que a escola tinha máquina fotográfica e eu não precisava do meu celular. Com esse ocorrido, já tive uma conversa com a direção da escola sobre como eu fazia uso do meu celular, então liberaram para eu usar na sala de aula.

Na volta fomos para a quadra para treinarmos para o interclasses e alguns alunos estavam ansiosos pela apresentação de danças, que haveria logo após nossa aula, da professora de História, queriam saber o horário, eu disse que seria as 17:00 hrs, que daria para acabar nossa aula prática antes do início. Deu o sinal, me despedi e pedi para que fossem para a sala pegar o material para descer para a apresentação. Fui para a outra sala buscar os alunos para descer para a apresentação.

#### **Dia 18/11/16 – Diário 03/SA03/8°B**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e perguntei sobre o andamento da confecção dos cartazes, alguns alunos vieram me entregar e o José veio dizer que faltava cartolina para acabar, eu disse para ele ir verificar com a agente de organização escolar se havia cartolina na escola para poder terminar o trabalho, ele foi e voltou com uma cartolina, enquanto eu escrevi a pauta na lousa (chamada, caderno do aluno 2, páginas 39 até 43 sobre os temas da relação Exercício físico x

obesidade e doping, aula prática) eles foram terminando os cartazes e me entregaram. Fiz a chamada, faltaram: Gabriel (7), Rick (20), Kami (27). A Dani havia me encontrado no pátio antes da aula e me perguntou o porquê do trabalho dos cartazes, eu disse que depois explicava, então lembrei e expliquei que haviam me perguntado sobre os trabalhos, expliquei de novo que era o resultado das discussões na nossa aula anterior, onde a turma decidiu fazer os cartazes para contribuir para motivar uma melhora na escola, no sentido de limpeza, organização, colaboração, etc.

Iniciei o conteúdo da aula com a discussão do texto do caderno do aluno do currículo oficial do Estado de S.P. e respondemos as questões em conjunto, pedi o trabalho sobre doping como estava pedindo no caderno do aluno, para pesquisar em casa e entregar na próxima aula, deixei fazerem o trabalho em grupo e pedi para que não esquecessem de entregar na próxima aula sem falta. No caderno do aluno havia um teste de corrida para fazer, então fomos para a quadra e realizamos o teste. Deu o sinal para o intervalo, na volta jogamos futsal para treinar para o interclasses e eu pedi ajuda de algumas meninas (Ju e Emy) para colar os cartazes no pátio. Colamos em lugares de boa visualização pelos alunos, tirei fotos e voltamos para a quadra. Deu o sinal, pedi para que os alunos fossem no banheiro e tomar água para voltarem para a sala. Chegamos na sala, me despedi e fui para a outra sala. Eu gosto de registrar as aulas tirando fotos com o meu celular.

#### **Dia 25/11/16 – Diário 04/SA03/8ºB**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e escrevi a pauta na lousa (chamada, caderno do aluno 2, páginas 44 até o fim, aula prática). Comentei que iríamos acabar o caderno do aluno nessa aula e que na próxima semana poderíamos fazer uma avaliação. Alguns alunos já vieram me entregar o trabalho sobre doping. Fiz a chamada e faltaram: Gabriel (7), Gui (9), Guto (10), Loiro (11), Ju (15), Rick (20) e Dana (30). Fomos respondendo as questões do caderno do aluno 2 juntos, os alunos estavam bem agitados por causa de uma brincadeira da garrafa que está rolando nas redes sociais e eles estão tentando imitar dentro da escola, de jogar a garrafa para tentar fazer ela cair em pé. Quando cheguei na sala eles estavam brincando disso e durante a aula alguns alunos ainda tentavam continuar, eu ficava tentando chamar a atenção deles para as questões do caderno e dizendo que já estávamos acabando o caderno. Finalizamos o caderno do aluno e eu pedi para que entregassem os

cadernos para eu corrigir, enquanto eu corrigia eu observava também eles brincando daquela brincadeira da garrafa, não falei nada, deixei eles brincando. Não fiz muita questão sobre a brincadeira porque era algo que eles estavam gostando e que estava desenvolvendo habilidades motoras, até me diverti observando-os.

Devolvi os cadernos e comentei que na próxima semana faríamos uma avaliação e pedi para que os alunos que esqueceram o caderno não esquecessem de trazer na próxima aula. Deu o sinal do intervalo. Quando voltamos, fomos para a quadra para treinar para o interclasses, daí na quadra não brincaram mais da atividade da garrafa, se concentraram em praticar o jogo de futsal propriamente dito. Deu o sinal, pedi para que fossem no banheiro e tomar água, voltamos para a sala, me despedi e fui para a outra turma.

#### **Dia 02/12/16 – Diário 05/SA03/8ºB**

Cheguei na sala, conversei um pouco com o professor de geografia que estava saindo sobre datas e fechamento de notas, ele disse que estava quase terminando, eu disse que tinha que fazer avaliação hoje e que depois já iria adiantar o fechamento para entregar, nos despedimos, ele foi para outra turma e eu cumprimentei os alunos e fiz a chamada, faltaram: Duda (5), Gabriel (7), Loiro (11), Rick (20), Serena (23), Vini (25), Bia (29) e Dana (30). Escrevi cinco questões na lousa sobre o conteúdo do caderno do aluno 2 do 4º bimestre do currículo oficial do Estado de S.P. e pedi para que quando acabassem de responder me entregassem e que quando todos acabassem poderíamos sair para a quadra. Alguns alunos já iam acabando e me entregando e queriam sair, eu disse para esperar todos acabarem e que iria conversar com eles antes de sair, perguntaram se iria demorar, eu disse que não. Quando todos entregaram a professora responsável pela biblioteca veio cobrar alguns livros da biblioteca que alguns alunos não haviam devolvido, depois disso, ela foi embora e eu pedi para que se organizassem em círculo para conversarmos, fazermos uma avaliação final das aulas oralmente.

Perguntei o que eles acharam de trabalhar com rodas de conversa, com diálogo, acharam melhor porque não precisa copiar, o José disse “é muito mais interessante”, acharam mais fácil, mais rápido, aprende mais, o José disse “dá uma ideia geral do que todo mundo pensa”. Sobre as discussões das notícias, lembraram sobre a rede Globo não cobrir as Paraolimpíadas como foi nas Olimpíadas, o José

disse “desprezo aos paraolímpicos”, perguntei se eles iriam perceber isso se a gente não tivesse trabalhado com as notícias em aula, o José disse que “ia passar batido”. Fiquei feliz pelo retorno, sentindo que as aulas da intervenção fizeram diferença para dar outro direcionamento para as aulas, chamando a atenção para o cotidiano dos alunos, o que eles vivenciam no seu entorno global. A turma deu nota 10 para nossas aulas. Deu o sinal e fomos para o intervalo. Na volta fomos para a quadra treinar futsal para o interclasses. Deu o sinal, pedi para que fossem no banheiro e tomar água, voltamos para a sala, me despedi e fui para a outra sala.

#### **Dia 09/12/16 – Diário 06/SA03/8°B**

Evento = Interclasses.

#### **Dia 16/12/16 – Diário 07/SA03/8°B**

Cheguei na sala e não havia nenhum aluno.

#### **Diário - Profª Giseli - 9º ano C (aulas duplas na segunda-feira = 1ª e 2ª aulas)**

#### **Dia 08/08/16 - Diário 01/SA01/9°C**

Cheguei cumprimentando os alunos e fiz a chamada (faltaram Iza, Tay, Lê e Angel), depois escrevi a pauta na lousa (chamada, trabalho sobre Jogos Olímpicos Rio 2016). Alguns alunos queriam ir para a quadra e eu disse que tínhamos trabalho a fazer antes, iniciei um levantamento prévio com eles sobre o que eles sabiam sobre os jogos olímpicos e se alguém havia ido ver a tocha passar em nossa cidade, mas nenhum aluno foi e uns dois alunos só comentaram que surgiu na Grécia, mais ninguém se manifestou, eu expliquei sobre nosso trabalho relacionado aos Jogos Olímpicos do Rio 2016, que iríamos pesquisar sua origem, significado dos símbolos, modalidades esportivas, etc. Comentei que iríamos acompanhar o andamento dos jogos pelas mídias e perguntei como eles queriam se organizar, dividir em grupos, separar os grupos por mídias (jornal, TV, internet, etc.), ou por modalidades esportivas, entre outros, e o retorno foi que queriam organizar os grupos por

modalidades esportivas. As escolhas foram: Ginástica artística masculina, natação, voleibol masculino, tênis de campo masculino, basquetebol masculino, atletismo, futebol masculino.

Fomos para a sala de informática. Pesquisaram e eu comentei que na próxima aula iríamos discutir sobre as pesquisas realizadas, que era para guardar os registros das pesquisas para unir com registros futuros. A maioria usava a busca do Google, também indiquei para eles o site oficial dos Jogos ([www.rio2016.com](http://www.rio2016.com)), comentei também que dava para eles seguirem as notícias durante a semana nas redes sociais, jornal da cidade, TV, etc. Fomos para a quadra onde metade da sala jogou futsal e a outra basquetebol, deixei à escolha deles. Fiquei revezando, orientando os alunos sobre posicionamentos táticos e mediando conflitos sobre faltas. Alongamos, me despedi e fui para a outra sala com outra turma.

#### **15/08/16 – Diário 02/SA01/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa e fiz a chamada. Faltaram: Iza (11), Will (28), Lê (29) e Angel (30). A Carol chegou com um trabalho na mão sobre a origem dos jogos olímpicos para entregar, eu comentei que ainda não era para entregar porque os jogos no Rio de Janeiro não haviam terminado, olhei o trabalho e expliquei que somente tinha o conteúdo da origem dos jogos e faltava o relatório sobre os jogos olímpicos do Rio 2016.

Iniciamos a discussão sobre as notícias da semana dos jogos olímpicos do Rio 2016 com grupo da Ginástica Artística, a Bia e a Gi comentaram que não assistiram a prova mas viram no jornal TVTEM (afiliada da Rede Globo) no dia seguinte onde estavam comentando dos medalhistas, mas não prestaram muita atenção. O próximo foi o grupo da natação, onde a Carol comentou que não viu e a Ju viu algumas provas na TV Record, comentou que só falavam do nadador Michael Phelps, eu questionei o porquê e ela respondeu “porque ele é o melhor”. Em seguida foi o grupo do voleibol masculino, o Gabriel comentou que o Brasil ganhou do Canadá e perdeu para a Itália, perguntei por qual meio de comunicação ele estava acompanhando e ele respondeu que assistiu o jogo pela Record. Sobre o Atletismo, o Dezoito comentou que a Jamaica está dominando e eu questionei o porquê, ele respondeu que se prepararam mais para isso, que no país deles tem que correr para sobreviver. Eu pedi para ele explicar melhor e ele disse que a Jamaica é menos

desenvolvido que os EUA. Comentou também que o porte físico do Usan Bolt é melhor. Perguntei por qual meio de comunicação estavam acompanhando e ele disse que está assistindo pelo SporTV.

Sobre o Futebol, o Dezoito e o Luiz falaram que o Brasil voltou com tudo e que o Neymar apanhou, eu perguntei como assim apanhou? O Luiz disse que o time adversário fez revezamento para bater no Neymar, entendi que foi no sentido de faltas no jogo. Perguntei qual meio de comunicação eles estavam acompanhando e eles comentaram que assistiram pelo SporTV. O Luiz complementou que o futebol masculino está melhorando e que o futebol feminino “não tem o que falar”, eu questionei por quê e ele respondeu que “elas estão jogando melhor que o masculino”, questionei perante a sala sobre o porquê disso e o Patrick respondeu que falta atenção e falta comunicação para o time masculino, que “é muita mídia”. O Vitor disse que “é muita mídia em cima, se joga mal critica, e a mídia valoriza muito os jogadores”. O grupo do Tênis de campo comentou que não acompanharam, daí o João comentou que o atleta tenista Djokovic saiu chorando porque perdeu. Patrick comentou que um atleta espanhol foi desclassificado. Perguntei qual meio de comunicação estavam acompanhando e disseram TV Globo. Em relação ao grupo de Basquetebol, a Fofa disse que viu pela internet e o pai dela comentou que o Brasil perdeu. Perguntei onde na internet e ela respondeu que num canal do youtube, que o nome do canal tem a ver com esporte, basquetebol masculino, mas não lembrava ao certo.

Perguntei para toda a sala o que mais chamou a atenção nessa semana nas notícias dos jogos e o Vitor respondeu que o futebol chamou mais a atenção. Fizemos uma votação para escolher qual esporte olímpico iríamos fazer na prática na quadra e foi escolhido pela maioria o Basquetebol. Antes de sairmos para a quadra respondemos as questões da página 05 e 06 do caderno do aluno 2, sobre a diferença de jogo e esporte, do currículo oficial do Estado de S.P. Fomos para a quadra e alguns alunos reclamaram que queriam jogar futebol, mas eu disse que foi escolha da turma, foi votação, que na semana que vem seria outro esporte, não reclamaram mais. Fiquei mediando conflitos sobre faltas e orientando sobre posições táticas na quadra. Alongamos, me despedi e fui para a outra sala com outra turma.

Em casa, posteriormente, pesquisei na internet sobre as notícias comentadas pelos alunos:

Choro do tenista: <<https://www.youtube.com/watch?v=1jMwx2V4jXs>>. Acesso em 20 de ago de 2016; <<http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/07/del-potro->

cala-torcida-e-volta-a-deixar-djokovic-sem-medalha-na-olimpiada.htm>. Acesso em 20 de ago de 2016.

## **22/08/16 – Diário 03/SA01/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e coloquei a pauta na lousa (chamada, discussões sobre os jogos olímpicos, aula prática). Fiz a chamada, faltaram: Gi (08) e Lê (29). Iniciamos as discussões sobre as notícias da semana sobre os Jogos Olímpicos com o grupo da Ginástica Artística, mas ninguém do grupo acompanhou, então fomos para o grupo do Voleibol masculino onde Lucas e Gabriel comentaram que viram o jogo final pela TV, não lembram se era Band ou Record e o João ouviu comentários sobre o jogo na TV Globo. O grupo do atletismo comentou que só viu as provas do Usain Bolt pela TV Record. O Dezoito, Luiz e Will aproveitaram para comentar “o raio caiu 3 vezes num lugar só”, eu fiquei meio sem entender e explicaram que estavam falando do Bolt, perguntei qual o meio de comunicação e disseram que viram pela TV Globo, também comentaram alvoroçados que o Neymar beijou a Marquezini no final do jogo e que viram pelo facebook que o Bolt “pegou uma carioca”. Eles eram o grupo do futebol, então já comentaram em seguida que o Brasil foi ouro, Alemanha prata e Nigéria bronze, o Luiz disse que “a melhor defesa foi do Brasil e o melhor ataque da Alemanha”, perguntei se essa opinião era deles ou das mídias, eles responderam que os dois, perguntei qual meio de comunicação e responderam que viram pela TV e facebook na internet: SporTV e sportinterative.

O grupo da natação não acompanhou a natação, mas Ju comentou que viu o vôlei feminino e que ela estava torcendo para a China, eu perguntei por que, ela disse que gostava muito da China. O grupo do Tênis de campo não acompanharam, mas disseram que vão pesquisar na internet. Quando chamei o grupo do Basquetebol para se manifestar, o Will, que não era do grupo disse “EUA monstro, monstro, monstro...”. O grupo só sabia que o Brasil perdeu para a Croácia porque o pai da Fofa assiste pelo SporTV e comenta com ela. O Dani disse que pesquisou na internet o placar do jogo no Google o basquete feminino e os EUA ganhou da Espanha.

Perguntei o que mais marcou para toda a turma sobre os Jogos Olímpicos, o João disse que foram as vitórias do Brasil no Voleibol, futebol e vôlei de praia, perguntei por que e o Dezoito, Luiz e João responderam “somos brasileiros”. Dezoito e Luiz disseram também “os monstros” e eu perguntei quem eram os monstros,

comentaram que eram os EUA que ganhou praticamente tudo e o Bolt. O Luiz mostrou uma foto no celular dele que ele pegou do facebook, disse que parece que era a chave da Copa do mundo, até comentou “verdadeiro grupo da morte” e ele iria pesquisar se era verdade ou mentira aquela foto que estava rolando no facebook, se a chave era verdadeira. Depois disso, fizemos a página 7 do caderno do aluno 2, sobre a diferença do jogo de taco, base quatro e beisebol, do currículo oficial do Estado de S.P.

Fizemos uma votação para escolher o esporte olímpico que iríamos fazer na prática, ganhou o futebol, e ficamos felizes por ser futebol, só um aluno que veio me pedir que não queria jogar futebol, para eu deixar ele jogar basquetebol, mas eu disse que era votação, e que não poderia repetir o esporte da semana passada, ele compreendeu. Fomos para a quadra, algumas meninas não quiseram jogar futebol, mesmo eu insistindo e tentando convencê-las, não jogaram, só ficaram observando os meninos e outras colegas meninas jogarem. Alongamos, frisei sobre eles trazerem para a próxima aula as notícias marcantes dos Jogos do Rio 2016 com a fonte, me despedi e fui para a outra sala com outra turma.

#### **Dia 29/08/16 – Diário 04/SA01/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, passei a pauta na lousa (chamada, entrega dos trabalhos, roda de conversa, caderno do aluno, aula prática) e fiz chamada, faltaram: Iza (11), Pablo (19) e Lê (29). Os alunos comentaram que o Pablo foi expulso, eu disse “como assim expulso”, daí disseram que ele foi convidado a se retirar da escola porque pixou a parede da sala. Cobrei o trabalho sobre os jogos e as notícias marcantes e somente a Gi trouxe. Dei um sermão sobre a necessidade de cumprir os acordos, de entregar trabalhos, nesse momento chegou uma professora da Sala de Leitura para lembrar a turma que deveriam trazer a pesquisa que ela pediu para usar no dia posterior, que não poderiam esquecer, eu comentei que estava fazendo a mesma coisa, que estava dando um sermão sobre entrega de trabalhos e ela aproveitou e frisou também, os alunos escutaram com atenção. Pedi para que não esquecessem de trazer na próxima aula sem falta. Fizemos o caderno do aluno 2, páginas 08 até 11, sobre a diferença de jogo e esporte, do currículo oficial do Estado de S.P.

Antes de ir para a quadra fizemos a votação para a modalidade esportiva olímpica que iríamos vivenciar na quadra, ganhou o voleibol. Alguns meninos



reclamaram, queriam futsal, se recusaram a jogar, mas ao longo da aula na quadra, observando os colegas jogarem, se enturmaram no jogo e também acabaram jogando. No final ouvi comentários positivos sobre ser legal jogar voleibol. Fiquei feliz porque é esse o resultado que eu espero e muitas vezes não consigo, mesmo o aluno não querendo participar da atividade por não gostar da atividade eu tento convencê-lo a participar, pois ao longo da vivência ele pode mudar de ideia, mas às vezes consigo e às vezes não, muitas vezes fico na dependência do aluno aceitar meu desafio ou não. Alongamos, me despedi e fui para a outra sala com outra turma.

### **Dia 05/09/16 – Diário 05/SA01/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, sentei na mesa e alguns alunos já vieram comentar sobre o trabalho dos jogos olímpicos e as notícias marcantes, alguns esqueceram e alguns entregaram. Falei para não esquecerem de trazer na próxima aula sem falta. Escrevi a pauta na lousa (chamada, entrega dos trabalhos, roda de conversa e aula prática) e fiz a chamada, faltaram: Gabriel (7), Gi (8) e Maicon (18). O aluno Pablo, que os alunos disseram na aula passada que pixou a parede da sala e tinha sido convidado a se retirar estava lá presente, ouvi falar que deram outra chance para ele na escola.

Pedi para que organizassem a sala em círculo. Iniciei as discussões relembando as pesquisas sobre o histórico dos jogos olímpicos, comentando alguns fatos, e quando falamos sobre a questão de alguns esportes serem incorporados nos jogos olímpicos, o Patrick comentou que ouviu falar que o Skate vai ser incorporado nos próximos jogos no Japão, ele comentou que para alguns skatistas isso não é bom, porque dizem que tira a especificidade do esporte, a questão de ser uma prática urbana, criada nas ruas. Perguntei se a turma concordava com isso, o Patrick e o Ciço que são praticantes de skate concordam, mas os outros alunos não concordam, disseram que seria até uma forma de reconhecimento do skate como esporte, que seria bom para a modalidade.

Perguntei sobre as notícias mais marcantes dos jogos olímpicos no Rio 2016, os resultados foram: 8 alunos disseram que foi o ouro inédito do Brasil no futebol masculino, 5 alunos optaram por não escolher nenhuma notícia, dizendo que nada os marcou, que não acompanharam, 1 aluna disse que foi ver o time de vôlei feminino da China jogar, 1 aluno disse que foi o ouro do Thiago Braz no salto com vara, 1 aluno

disse que foi o desempenho do Usain Bolt no Atletismo, 1 aluna citou a beleza da Ginástica Rítmica, 1 aluno citou as três medalhas do Isaquias Queiroz na Canoagem brasileira, 1 aluna citou o racismo sofrido pela judoca brasileira Rafaela, 1 aluna citou ver o jogo de vôlei masculino Brasil x Itália, 1 aluno citou que gostou mais da beleza das atletas tchecas no vôlei feminino, 1 aluno citou o desempenho do Michael Phelps na natação e 1 aluno citou a cena do tenista Djokovic saindo chorando por ter perdido o jogo.

Chamei a atenção da turma para o resultado, a notícia mais citada foi o ouro do Brasil no futebol masculino, perguntei por que essa notícia foi mais marcante, responderam que foi uma reviravolta, que lembrava a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do mundo de 2014. Também foi citado que “os jogadores estavam sendo muito contestados”, eu perguntei por quem, disseram “pela torcida, pelos comentaristas na TV”, entre outros. Questionei a turma do porquê do futebol se sobressair sobre os outros esportes, responderam que “o futebol é o esporte mais conhecido”, que “o Brasil tem mais títulos nesse esporte”, “porque tem Neymar que é muito conhecido”, porque “o Brasil é o país do futebol” e o João disse “não precisa de muita coisa para praticar”. O João disse que “hoje em dia, o que vale é empresário bom, não precisa de muito talento, se tiver dinheiro joga”, o William já contestou que é preciso jogar bem, ter habilidade, mas o João insistiu reforçando que o dinheiro interfere bem. Sobre o futebol ser tão praticado no Brasil, citaram também que “regiões pobres joga mais futebol”, “é cultura do Brasil” e que no Brasil existem muitos projetos sociais relacionados ao futebol. Relembrei os esportes que haviam sido escolhidos pela turma por votação para serem vivenciados nas aulas (basquetebol, futebol e voleibol) e perguntei o porquê dessas escolhas, responderam que era porque são esportes mais conhecidos e mais fáceis de se praticar na escola.

Chamei a atenção da turma para todos os relatos anotados na lousa sobre nossa conversa e os questionei sobre o que poderia ser feito para mudar esse panorama futebolístico, responderam que há a necessidade da mídia focar outros esportes, citaram também que as escolhas pela prática desses esportes sofrem muita influência da família, que passa de geração para geração esse gosto pelo esporte, também citaram a necessidade de mais projetos sociais sobre outros esportes. Fiquei surpreendida com o retorno dos alunos, na verdade, na escola, estamos acostumados a nós, os professores, apontarem caminhos e soluções, e estou gostando muito de atribuir essa função aos alunos.

Fomos para a quadra e como temos duas quadras, uma turma quis jogar basquetebol e outra futebol, eu fiquei me revezando e orientando alguns lances. Quando voltamos para a sala, informei que os Jogos Paralímpicos Rio 2016 iriam começar dia 07/09 e que iríamos acompanhar como fizemos nos Jogos Olímpicos. Me despedi e fui para a outra sala.

#### **Dia 12/09/16 – Diário 01/SA02/9°C**

Cheguei, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (chamada, pesquisa na sala de informática sobre as Paralimpíadas) e fiz a chamada, faltaram: Lucas (16) e Will (28). Expliquei que iríamos fazer o mesmo esquema que fizemos com os Jogos Olímpicos com as Paralimpíadas, e que havia reservado a sala de informática para pesquisa sobre a origem das Paralimpíadas, significado dos símbolos, modalidades esportivas paralímpicas, etc. Alguns alunos queriam ir para a quadra e disseram que isso eles poderiam fazer em casa, mas eu dei o exemplo dos Jogos Olímpicos, que muitos alunos não entregaram o trabalho, que muitos não iriam fazer em casa e que tínhamos que fazer na escola também com minha orientação, então aceitaram.

O Dezoito fez a pesquisa, terminou rápido e ficava fazendo pressão para irmos para a quadra, eu disse que teria que esperar toda a sala, que não podia sair sozinho, ele entendeu e não pediu mais. O Luiz, quando estava pesquisando sobre as modalidades, perguntou “mas como tem futebol para cego, como eles jogam?” e o João disse que tinha sim e que a bola fazia barulho para ajudar, eu expliquei que era o Goalball, que a bola possuía um guizo dentro, o João comentou do futebol de 5 e de 7 também, explicando para o Luiz, pois ele já havia acabado a pesquisa dele e o ajudou. O Luiz ficou surpreso e comentou que deve ser muito difícil jogar sem enxergar. Temos um cadeirante nessa turma, o Dani, e eu percebi que ele ficou bem entusiasmado com o basquete em cadeira de rodas. Terminou o tempo e alguns alunos não terminaram, disseram que iriam terminar em casa. Pedi para que todos guardassem os registros das pesquisas para posteriormente unirmos com os futuros registros. Me despedi e fui para a outra sala.

#### **Dia 19/09/16 – Diário 02/SA02/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e pedi para que abrissem o caderno do aluno 2. Escrevi na lousa a pauta (chamada, caderno do aluno 2 – páginas 14 à 30, dinâmica de grupo: rótulos). Solicitei que entregassem as pesquisas sobre as Paralimpíadas, pois o evento havia acabado no dia anterior, mas somente duas alunas finalizaram, então pedi para que não esquecessem de trazer na próxima aula para fazermos as discussões. Fiz a chamada e faltaram: Pablo (19), Patrick (20) e Lê (29). Expliquei os conteúdos do caderno do aluno sobre beisebol, relativos ao currículo oficial do Estado de S.P., fomos respondendo juntos as questões do caderno do aluno. A maioria dos alunos não trouxe o caderno do aluno, pedi para que sentassem com colegas para acompanharem e que na próxima aula eu iria vistar os cadernos e que deveriam trazer completos com o que nós já tínhamos feito em aula.

Expliquei sobre a dinâmica de grupo e pedi para que o João e o Lucas me ajudassem na preparação. Colamos nas costas dos colegas os “rótulos” (por exemplo: cego, surdo, cadeirante, síndrome de down, etc) e fui explicando que ninguém poderia contar o que estava escrito nas costas do colega, todos poderiam ver de todos, menos o que estava nas suas próprias costas. Alguns alunos olhavam para as costas dos colegas e riam. Dei dois minutos para a turma, deveriam se organizar para atribuir funções para todos com o objetivo de uma festa de formatura, quem iria ser o garçom, o recepcionista, o DJ, o cozinheiro, fotógrafo, etc., e deveriam escrever na lousa os resultados. Muitos alunos já se candidatavam para as funções e iam escrevendo na lousa, outros ficavam quietinhos esperando, eu ia falando, não esqueçam de ninguém, atribuam funções para todos, e eles iam se organizando, vendo quem ainda não tinha função, quando atribuíram a função de fotógrafo para o Brayan que estava sentado esperando, ouvi o João dizendo “não dá, ele é cego”, mas mesmo assim colocaram, fui observando até que terminaram.

Pedi para que sentassem para iniciar as discussões dos resultados. Perguntei: como vocês se sentiram quando eu coleí o papel nas costas de vocês e os colegas iam ver o que estava escrito e tinham diferentes reações olhando para vocês? A Ju comentou ironicamente que se sentiu bem em colegas olharem e rirem dela, a maioria disse que ficou curioso em saber o que era e o porquê da dinâmica. Pedi para que olhassem seus “rótulos” e fomos discutindo sobre as funções e comparando com seus rótulos. Quando comentávamos sobre por exemplo o Brayan ser fotógrafo e cego muitos alunos riram, como também o Dani e Ciço serem cozinheiros amputados, sem mãos ou um braço. Comentei que existem sim pessoas com essas funções que

possuem deficiência, comentei que vi um documentário na TV por assinatura sobre fotógrafos cegos, que na abertura das Paralimpíadas uma atriz, atleta e dançarina que não tinha as pernas se apresentou, e que não deveríamos julgar as pessoas.

Perguntei como poderíamos concluir o raciocínio da nossa dinâmica, a Bia disse “todo mundo consegue fazer o que quiser” e o Will disse “a gente tem que parar de reclamar da vida”. Perguntei se mais alguém queria se manifestar, mas ninguém falou mais nada, alguns queriam ir no banheiro e tomar água porque a aula já estava acabando, eu deixei a turma sair para banheiro e água, quando voltaram expliquei que na próxima aula não deveriam esquecer de trazer os trabalhos, quem ainda não tinha entregue, frisando as notícias marcantes das Paralimpíadas para discussão em aula e pedi para que deixassem em dia o conteúdo do caderno do aluno 2 que já havíamos feito em aula (diferença de jogo e esporte e sobre beisebol) para avaliar o caderno na próxima aula. Me despedi e fui para a outra sala.

#### **Dia 26/09/16 – Diário 03/SA02/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e escrevi a pauta na lousa (chamada, entrega de trabalhos e visto no caderno, roda de conversa sobre Paralimpíadas Rio 2016). O João perguntou se não teria prova, eu disse que na próxima aula faria uma avaliação, que os professores tinham que entregar as notas do 3º bimestre na próxima semana. Fiz a chamada, faltaram: Iza (11) e Pablo (19). O Dezoito não estava se sentindo bem e pediu para sair um pouco, eu deixei, ele estava com uma fisionomia de não estar bem mesmo. O Patrick logo veio pedir para ir com o João, eu perguntei por que, o Patrick disse que ele estava quase chorando, que ele não estava bem por causa de uma menina, “coisas do coração”, e que queria conversar com o amigo, eu deixei e pedi para que voltassem logo. Pedi os trabalhos e as notícias para os alunos mas somente um grupo entregou o trabalho e ninguém trouxe a notícia marcante dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Vistei alguns cadernos de poucos alunos que haviam trazido, enquanto isso pedi para que organizassem a sala em círculo.

Iniciei a roda de conversa com os alunos, lembrei que pedi para que trouxessem a notícia que mais os marcou dos jogos, mas como não trouxeram documentado como eu pedi eu ia perguntando oralmente e escrevendo na lousa. Pedi para o aluno Will chamar os alunos que estavam lá fora para voltarem, logo voltaram.

Os resultados foram: 13 alunos disseram que nada os marcou dos Jogos, 6 alunos citaram o futebol de 5, 4 alunos citaram o desempenho do nadador Daniel Dias e 4 alunos citaram a morte do ciclista iraniano. Perguntei por quais meios de comunicação tiveram acesso às notícias dos jogos, responderam internet (facebook e site do evento) e TV Globo.

Chamei a atenção para os resultados da lousa, lembrei-os que quando fizemos a mesma atividade com as Olimpíadas a lousa ficou cheia de notícias e agora o que se destacou foi o nada, perguntei qual a opinião deles sobre isso, o Ciço, o Vitor e o Will comentaram que foi “porque não teve mídia”, “pouca mídia”, o Luiz disse que “não passou na TV aberta”, eu comentei sobre a TV Brasil que também estava transmitindo alguns jogos ao vivo, mas os alunos não sabiam, também chamei a atenção que a escola disponibiliza o Jornal da Cidade, deixa exposto no pátio para quem quiser ler, mas ninguém citou esse meio de comunicação, perguntei o porquê, o Luiz o comentou “ler o jornal de vez em nunca” e alguns alunos deram risada, chamei a atenção deles para que aproveitassem as oportunidades que a escola disponibilizava. Perguntei por que aquelas notícias haviam chamado a atenção, o Luiz disse “jogador jogou no meio das pernas do goleiro, e o goleiro enxerga”, se referindo ao futebol de 5. O Ciço voltou ao tema de pouca visibilidade das Paralimpíadas comentando que havia desigualdade social, o Vitor disse em seguida “simples motivo: dinheiro”, a Bia citou a palavra “bullying”, concordaram que foi dado menos importância para as Paralimpíadas, discutimos sobre a questão da relação audiência/patrocinadores/mídias.

Chamei a atenção para a nossa discussão anotada na lousa e pedi para que dessem uma saída para as situações verificadas, uma conclusão para nossa roda de conversa. O Ciço fez dois comentários “ter mais mídia” e “deixar questão social de lado”, o Will disse “emissoras maiores, tipo Band, Globo, Record, deveriam dar mais importância”, o Luiz disse “deixar o preconceito de lado”, pedi para explicar melhor, ele explicou sobre nivelar a importância, como por exemplo, o futebol e o futebol de 5. A Bia disse “dar mais importância para os atletas paraolímpicos”. Perguntei para a turma como viabilizar isso que eles apontaram, o Vitor disse “ter mais propaganda, investir em mais divulgação” e o Will disse que se deveria ter a oportunidade de mais experiências, vivências, relacionadas aos esportes paraolímpicos e o Luiz complementou “sentir na pele como é a deficiência”. A contribuição dos alunos superou minhas expectativas e veio ao encontro com o que eu também estava

pensando para desenvolver nas futuras aulas, fiquei feliz. Comentei com eles que eu havia planejado para a próxima aula atividades relacionadas à isso, eles ficaram contentes. Pedi para que estudassem porque na próxima aula iríamos fazer uma avaliação e comentei que seria a última oportunidade de entregar os trabalhos, pedi para que não esquecessem. Deu o sinal e fui para a outra sala.

### **Dia 03/10/16 – Diário 04/SA02/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e escrevi a pauta na lousa (vivência = atletismo – corrida com guia e futebol de 5, chamada e avaliação teórica). Expliquei para os alunos como seriam as vivências e fomos para a quadra. Alongamos, depois pedi para que se organizassem em duplas, onde um seria cego e o outro o guia. Dei pedaços de TNT coloridos para que vendassem os olhos, depois pedi para que andassem pela quadra para adaptação. Depois nos organizamos na linha para a corrida, onde os guias davam as assistências necessárias e deveriam correr de mãos dadas ao meu sinal do apito. Apitei e correram até o outro lado da quadra. Uma dupla acabou soltando a mão e a cega dessa dupla acabou caindo, depois reforcei que os guias não podiam soltar as mãos, deveriam continuar toda a atividade de mãos dadas. Depois invertemos, o guia ia ser cego e o cego ia ser o guia e repetimos os mesmos exercícios. Depois distribuí mais vendas para iniciarmos o futebol de 5.

Para adaptarmos a atividade à escola, colocamos duas sacolas plásticas na bola para fazer barulho. Deixei os alunos se organizarem referente aos times, sobre as posições, quem iria ser goleiro, guia, etc. Tiramos no par ou ímpar para ver quem iria começar com a bola e iniciamos o jogo. Os alunos estavam bem empolgados com o jogo, e percebi que alguns estavam mais preocupados em conseguir se locomover do que em chegar perto da bola. Quando estava quase na hora de dar o sinal para segunda aula, pedi para que tirassem as vendas e guardassem, e fossem no banheiro e tomar água para ir para a sala fazer a avaliação teórica.

Quando chegamos na sala, escrevi na lousa as cinco questões da avaliação teórica sobre o conteúdo do caderno do aluno 2 do 3º bimestre do currículo oficial do Estado de S.P. Quando terminei de escrever na lousa, fiz a chamada e fui perguntando para a turma sobre as vivências, o que acharam. Faltaram: Mago (9), Maicon (18), Pablo (19), Vik (25) e Lê (29). O Dezoito disse que “a corrida foi mais

difícil, deu medo”, o resto da turma achou que o futebol de 5 foi mais difícil que a corrida. A Bia comentou que no final da corrida foi diminuindo a velocidade por medo de trombar. Perguntei se as adaptações dos materiais funcionaram e se as atividades atenderam às expectativas e eles disseram que sim. Fizemos a avaliação, entregamos para mim, deu o sinal, me despedi e fui para a outra sala.

### **Dia 10/10/16 – Diário 01/SA03/9°C**

Cheguei na sala, a diretora estava na porta observando os alunos, cumprimentei a todos, ela saiu, eu entrei e escrevi o resumo do 3º Bimestre na lousa que eu havia feito em casa com base nas nossas discussões em aula e no final escrevi a pauta da nossa aula de hoje, que se baseava no resumo do 3º bimestre, o que já vimos, em que ponto estamos e para onde vamos. Fiz a chamada, faltaram: Mago (9), Maicon (18), Pablo (19), Patrick (20) e Lê (29).

Resumo 9°C:

Aula 01 até aula 05 foram trabalhadas com base nos Jogos Olímpicos, as aulas 06 até 09 foram trabalhadas com base nos Jogos Paralímpicos, seguindo as metodologias de: pesquisas, discussões sobre notícias e vivências. Os resultados das aulas dos jogos olímpicos foram resumidamente: o futebol se destacou entre os alunos, comentaram que é devido a mídia e influências familiares, influência social e cultural, e a proposta da turma foi de mais projetos sociais sobre outros esportes para variar esse contexto. Os resultados das aulas das Paralimpíadas foram resumidamente: a maioria disse que nada os marcou dos jogos, houve falta de interesse da maioria dos alunos, comentaram que a mídia não divulgou como fez com as olimpíadas, faltou investimento e a proposta da turma era que devia investir mais e haver meios de sensibilização, como disponibilizar vivências no contexto das deficiências.

A partir do resumo expliquei no geral que por trás dos eventos sempre tem ideologias, objetivos, criam-se para ter alguma função, e que para atender o currículo do Estado, que agora no 4º bimestre, seria a organização de um evento, eles deveriam pensar em algo para se realizar na escola, atendendo às necessidades específicas do nosso contexto escolar. Pedi para que pegassem uma folha e fizessem uma autoavaliação, que escrevessem no papel o que ficou para eles do 3º bimestre, qual a ideia de tema gerador que eles tinham para se trabalhar a partir daí, qual seria o



evento ideal para colocarmos em prática. Alguns tinham dúvidas e entregavam faltando itens, eu explicava de novo, até que todos entregaram como eu pedi. Comentei que na próxima aula eu daria o retorno das ideias da turma. Estávamos no final da aula e eles queriam jogar um pouco antes de dar o sinal, eu deixei, jogaram futsal numa quadra e basquetebol em outra, mas logo bateu o sinal e voltamos para a sala, me despedi e fui para a outra sala.

### **Dia 17/10/16 – Diário 02/SA03/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, o Luiz me perguntou se eu tinha visto “o cara que entrou na escola”, eu respondi que não. Os alunos estavam comentando que um homem estranho entrou na escola junto com os alunos na hora da entrada e pulou o muro pelo pátio da escola para sair, os agentes de organização escolar foram seguindo ele. Pedi para que entrassem na sala para iniciarmos a aula. Entrei na sala e escrevi na lousa a pauta (chamada, retorno das autoavaliações, caderno do aluno 2, páginas 31 até 38 sobre Organização de festival, aula prática). Fiz a chamada, faltaram: Mago (9) e Lê (29). Anotei na lousa alguns dados das autoavaliações para explicar para os alunos.

Nos registros sobre o evento para realizar na escola, 9 alunos citaram interclasses, 5 alunos citaram vivências relacionadas a esportes, 2 alunos citaram festa, 2 citaram passeio, 1 aluna citou feira cultural, 2 competições de dança e 1 aluno não tinha ideia e não se manifestou sobre escolher um evento. Anotei na lousa as palavras que os alunos registraram como tema gerador: experiência, mudança, caridade, humildade, sensibilização, paz, respeito, educação, relaxar, reconhecimento, curiosidade, honra, valor a vida, felicidade, sagacidade e oportunidade. Perguntei se seria possível trabalhar esses temas num evento, disseram que sim, e estavam empolgados perguntando se realmente iríamos fazer o evento, como a maioria escolheu o interclasses, se eles iriam organizar de verdade, eu disse que sim, que eu iria conversar com a direção da escola e que na próxima aula iríamos nos organizar melhor e iniciei as discussões sobre o conteúdo do caderno do aluno 2 do 4º bimestre, referente ao currículo oficial do Estado, onde se refere a organização de um festival, comentamos sobre as comissões necessárias e sobre as especificidades de um festival. Quando terminei comentei que na próxima aula iríamos dar continuidade ao caderno do aluno sobre organização de um campeonato esportivo

e que iríamos nos organizar em grupos para dar andamento a ideia do evento na escola.

Fomos para a quadra, entrei na sala dos materiais da educação física e quando saí com as bolas percebi que alguns funcionários da escola estavam nos olhando na quadra, duas agentes de organização escolar mandaram a gente voltar para a sala, mas não gostei do jeito que nos abordaram, de uma maneira autoritária, então fui perguntar para a diretora sobre o porquê do ocorrido, pois não foi a primeira vez que fui abordada dessa maneira, no caminho uma das agentes de organização escolar me abordou querendo saber onde eu ia, eu falei que estava indo conversar com a diretora, ela não queria deixar eu passar, mas eu fui mesmo assim e falei com a diretora sobre o que estava havendo, ela também mandou eu voltar para a sala por causa do ocorrido na hora da entrada, sobre um homem estranho entrar na escola e se informaram de que ele estava fugindo da polícia, por isso passou por dentro da escola e pulou o muro, mas que os policiais ainda estava a procura dele, ela mandou eu voltar para a sala e dar alguma atividade teórica para os alunos dentro da sala. Eu argumentei que já havia dado a aula teórica e que o ocorrido foi no horário da entrada da escola, e que eu gostaria de seguir com meu plano de aula prática na segunda aula, comentei que os alunos iriam apresentar resistência em voltar para a sala, mas de uma maneira autoritária também ela me mandou voltar para a sala, então eu obedeci, cheguei na quadra e expliquei para os alunos que tínhamos que voltar para a sala por causa do ocorrido no horário da entrada da escola, eles argumentavam que fazia tempo, que foi na entrada, e por que deveríamos ficar presos na sala por isso, que então também na hora do intervalo não poderíamos sair para fora da sala, eu disse que estava seguindo orientações da direção da escola e que se quisessem poderiam ir lá para conversar com a direção.

Fomos para a sala, eu já estava um pouco nervosa com essa situação pela maneira como fui abordada, logo veio a diretora me pedindo para ir na sala dela conversar sobre o ocorrido, eu fui até lá e expliquei a situação, comentei que não gostei do jeito que fui abordada, que não era a primeira vez, comentei sobre os tons de vozes ao falar, e que eu não achava certo, e como eu era professora e havia planejado as aulas e eles estavam interferindo na minha aula, eu gostaria de boas justificativas e não queria mais ser tratada dessa maneira e, como eu estava nervosa, acabei chorando, demorei para me recuperar, mas nos resolvemos na conversa e a diretora concordou que essa forma de tratamento não deveria mais acontecer. Voltei

para a sala, ainda estava mal, os alunos perceberam e vieram perguntar sobre o ocorrido, eu expliquei que havíamos conversado e que estava tudo resolvido. A diretora foi até a sala e conversou com os alunos, explicando a situação e reforçando que as aulas de educação física seriam teóricas hoje e que a culpa não era da professora, que deveriam seguir as orientações da gestão da escola. Logo deu o sinal, a “aula teórica” só ficou nessas explicações mesmo, sobre o fato que influenciou no andamento da aula, comentei que na próxima aula daríamos andamento no nosso planejamento, me despedi e fui para a outra sala.

### **Dia 24/10/16 – Diário 03/SA03/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (chamada, caderno do aluno 2, pág. 39 até 48 sobre Organização de um evento esportivo, roda de conversa sobre o evento, aula prática) e fiz a chamada, faltaram: Mago (9), Lê (29) e Thay (31). Iniciei o conteúdo do caderno do aluno, referente ao currículo oficial do Estado, lendo e comentando sobre as questões junto com os alunos, vimos a diferença de campeonato e torneio, como montar chaves e sobre as comissões necessárias para um evento esportivo. Depois conversamos sobre a data para o evento de interclasses na escola e as modalidades esportivas, comentei que havia conversado com os professores e que o ideal comentado por eles seria no mês de dezembro, depois do SARESP, e comentei que deveríamos marcar numa sexta, que era o dia que eu estava a tarde toda na escola, olhamos no calendário de minha agenda, e o Will e o João foram os que mais se manifestaram, disseram dia 02 ou 09, o Will disse que seria melhor dia 09 e que seria também um presente para ele, por ser perto de seu aniversário. Perguntei sobre as modalidades que eles achavam interessantes ter no interclasses, disseram que queriam somente o futsal. Concordamos que o ideal seria dia 09 de dezembro, perguntei se toda a sala concordava com o que havíamos resolvido até ali, a maioria disse que sim, algumas alunas não se manifestaram (Thay, Vik, Iza), não estavam demonstrando interesse pela aula. O Ciço e o Patrick também estavam dispersos, não paravam de conversar paralelamente, várias vezes tive que pedir para que se concentrassem nas nossas discussões.

Eu disse que iria comentar com os professores no ATPC sobre o dia escolhido e pedi para que já fossem pensando sobre as comissões, para que

definíssemos as funções de cada um no evento na próxima aula. Como a professora de História havia me pedido anteriormente para ajudar com o ensaio das coreografias, comentei com os alunos e disse que quem fosse apresentar o trabalho da dança de história poderia ensaiar na aula prática e que eu ajudaria com o que precisassem, os demais alunos poderiam treinar para o interclasses. Fomos para a quadra e uma turma ficou ensaiando na quadra de cima, a maioria meninas, e alguns alunos e alunas jogaram futsal na quadra de baixo para treinar para o interclasses. Um pouco antes do sinal, pedi para que fossem no banheiro e tomar água e voltamos para a sala, me despedi e fui para a outra sala.

Como em todos os anos em que eu trabalhei em várias escolas, a questão da aplicação da avaliação externa SARESP sempre recebe uma atenção diferenciada, onde nosso planejamento tem que se adequar ao SARESP, devendo não “atrapalhá-lo”, sempre colocando muita tensão nesse período, como por exemplo, como eu sou da área de educação física, não devemos organizar eventos diferenciados como o interclasses, pois pode tirar o foco do SARESP, etc. Percebo que esse contexto incomoda a todos na escola.

#### **Dia 31/10/16 – Diário 04/SA03/9°C**

Antes de chegar na sala o agente de organização escolar me perguntou sobre a reserva do salão, eu disse que não estava sabendo, ele comentou que algumas alunas do 9°C pediram para reservar o salão para a aula de educação física, e comentou que havia reservado para a 1ª e 2ª aula mas que depois já estava reservada por outro professor, que não daria para eu usar, eu lembrei que as turmas estão ensaiando para a apresentação de dança da aula da professora de História, então comentei com ele que essa reserva poderia ter sido feita com esse fim, para ensaio, que eu iria confirmar com as alunas na aula.

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, a Bia já veio me falar sobre a reserva do salão para o ensaio das coreografias, eu comentei que o agente já havia comentado comigo, eu disse que tudo bem, mas que a primeira aula precisávamos fazer teórica e que na segunda aula poderiam ensaiar, então escrevi a pauta na lousa (chamada, caderno do aluno 2, pág. 49 até o fim, roda de conversa sobre a organização do evento, aula prática) e fiz a chamada, faltou somente a Iza (11). Iniciei com as questões finais do caderno do aluno, referente ao currículo do Estado, fomos

respondendo e eu escrevia na lousa as respostas. A professora de História veio até a sala com a turma que ela estava, o 9º D, e perguntou se eu iria descer logo, eu disse que logo, mas que antes teria que terminar a aula teórica, ela perguntou se poderia usar o espaço da quadra para ensaiar, eu disse que sim, que lá era grande, com duas quadras e que poderia utilizar tranquilamente. Finalizamos o caderno do aluno 2 e eu comentei que deveriam deixar os cadernos em ordem para eu corrigir na próxima aula.

Retomei as discussões da aula anterior sobre o evento, escrevi na lousa dia 09/12 e a modalidade futsal, e perguntei se a turma queria futsal masculino, feminino ou misto. A Bia disse misto, mas o João disse que seria melhor separar, masculino e feminino porque durante o evento alguma menina poderia se machucar em algum lance durante o jogo, a Bia concordou, mas estava preocupada em não conseguir formar um time de meninas da sala, que não iria ter jogadoras suficientes, eu comentei que na outra escola que dou aula, nos interclasses, misturamos as meninas de todas as salas para formar os times, pois também lá não dá time de menina de uma sala somente, então concordaram em fazer assim.

Pedi para que se organizassem em grupos, as comissões, e pedi para que escrevessem num papel para me entregar, reforçando que todos da sala deveriam entrar em alguma comissão. Anotei na lousa as comissões e expliquei novamente qual seria a função de todas. O João disse que não queria, que não iria participar, eu disse que seria um trabalho em conjunto com a sala toda e que todos deveriam participar, que iríamos necessitar da ajuda de todos para o evento, então ele ficou analisando as funções das comissões para escolher uma. Fiquei no aguardo observando a turma, alguns fizeram uma roda em pé perto da lousa onde eu havia escrito, a Bia pegou o caderno e ia anotando os grupos conforme os alunos iam falando para ela. Quando terminaram ela me entregou e saímos para a aula prática. As alunas que iriam ensaiar foram para o salão e o restante para a quadra comigo, onde jogamos futsal para treinar para o interclasses. Logo que cheguei a professora de História logo subiu, disse que ela poderia ficar lá, mas ela disse que iria ensaiar um pouco no quiosque da escola. Deu o sinal, pedi para que fossem no banheiro e tomar água e voltassem para a sala, me despedi e fui para a outra turma.

Me incomodou a escolha das turmas em fazer um evento interclasses somente de futsal, gostaria que eles variassem mais as atividades, mas eu respeitei a escolha deles, e como foi decidido no ATPC, foi definido somente um dia para o evento interclasses na escola, seria pouco tempo para inserir mais modalidades.

**Dia 07/11/16 – Diário 05/SA03/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, e escrevi a pauta na lousa (chamada, correção dos cadernos do aluno 2, roda de conversa sobre o evento e aula prática – treino para interclasses e ensaio coreografia). Fiz a chamada, somente faltou a Iza (11). Fui pedindo os cadernos dos alunos para correção de acordo com a chamada. Muitos alunos não haviam trazido os cadernos, pedi para que não esquecessem de trazer na próxima aula sem falta. Discutimos sobre as preparações para o evento interclasses, perguntei se realmente a turma havia fechado o dia e a modalidade, na esperança de mudarem de ideia sobre somente a modalidade futsal, se conversaram com os professores que dão aula nesse dia, se autorizaram, disseram que haviam esquecido de falar com os professores que dão aula de sexta e que iriam falar nessa semana sem falta. Expliquei que o grupo responsável pela organização teria que registrar o que já havíamos decidido sobre o evento, que na próxima aula eu iria querer um registro, até poderíamos fazer juntos na aula se preferirem.

Fomos para a quadra onde alguns alunos ensaiaram a coreografia para a apresentação da professora de História e outros treinaram futsal para o interclasses, eu fiquei observando o andamento do jogo e dos ensaios. Deu o sinal, pedi para que fossem no banheiro e tomar água para voltarem para a sala, quando retornamos na sala, reforcei que não deveriam esquecer o caderno do aluno na próxima aula, me despedi e fui para a outra sala.

**Dia 14/11/16 – Ponto facultativo.**

**Dia 21/11/16 – Diário 06/SA03/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e escrevi a pauta na lousa (chamada, correção dos cadernos dos alunos, roda de conversa sobre o evento, aula prática). Pedi para que enquanto eu olhasse os cadernos para correção, que arrumassem a sala, as carteiras em círculo. Fiz a chamada, faltaram: Maicon (18) e Patrick (20). Eu iniciei a roda de conversa retomando as funções dos grupos no interclasses e perguntei como estava o andamento. O pessoal da premiação estava com dúvida sobre pedir uma colaboração de R\$10,00 para cada time que iria jogar

para poder comprar medalhas para o evento, eu perguntei para a turma se achavam uma boa ideia, concordaram em pedir colaboração, mas reforcei que era uma colaboração, que não poderia ser cobrado um valor fixo para poderem jogar, só quem pudesse ajudar.

Comentei que ouvi comentários de que eles estavam falando que só haveria futsal masculino e que o combinado entre nós era futsal masculino e feminino, retomei as funções do evento e temas geradores, sobre respeito, colaboração, integração, e perguntei se eles achavam certo excluir as meninas do interclasses, disseram que não, o Will comentou que não haviam muitas meninas que queriam jogar, a Bia disse que os meninos poderiam machucar as meninas na hora do jogo, eu comentei que deveria haver modalidade feminina, que deveriam montar os times com as meninas que queriam jogar, mesmo que tivesse que juntar alunas de outras salas para formar os times femininos, eles concordaram.

Comentei sobre a divulgação do evento, alguns professores comentaram comigo que as alunas que estavam passando para divulgar o interclasses nas salas não estavam tendo uma boa postura, ficavam gritando na sala, não pediam licença, tumultuavam as aulas, então expliquei que se deveria ter um cuidado com isso, ter respeito, pedir licença, não gritar, etc. Perguntei sobre os cartazes, a Bia disse que já estavam quase prontos, estavam lá com ela, só faltava finalizar para colar. Perguntei se tinham mais alguma dúvida, disseram que não, comentei que na próxima aula faríamos uma avaliação teórica sobre o conteúdo do caderno do aluno 2 do currículo.

Fomos para a quadra treinar futsal para o interclasses, pedi licença para os alunos para me ausentar um pouco para passar nas salas com o grupo da divulgação para dar as novas informações sobre o evento para os demais alunos da escola, então passamos de sala em sala dando os avisos finais sobre o evento e sanando algumas dúvidas, depois retornamos a quadra. Deu o sinal, pedi para que fossem tomar água e ir no banheiro e voltar para a sala. Me despedi e fui para a outra turma.

### **Dia 28/11/16 – Diário 07/SA03/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e fiz a chamada, faltaram: Bia (2), Mago (9), Pablo (19), Vik (25), Lê (29) e Bianca (32). Perguntei se alguém havia trazido o caderno do aluno para eu corrigir, alguns alunos me trouxeram, eu corriji e devolvi. A Thay veio me pedir para sair para passar nas salas falando do interclasses de novo,

verificando se alguém havia trazido dinheiro (colaboração para a premiação). Eu disse que depois da avaliação teórica ela poderia fazer isso, ela concordou. Escrevi cinco questões na lousa sobre o conteúdo do caderno do aluno 2 do 4º bimestre, referente ao currículo do Estado, e pedi para que quando acabassem de responder me entregassem e que quando todos acabassem poderíamos sair para a quadra. Alguns alunos já iam acabando e me entregando e queriam sair para se trocar para a aula prática, pedi para que esperassem todos acabarem para então sairmos todos juntos, eles concordaram.

Quando todos entregaram, perguntei como estava o andamento da organização do interclasses, disseram que estava tudo bem, que mandaram fazer escrito nas medalhas, achei legal, comentaram também que o time da sala deles havia mandado fazer camiseta para jogar, eles pareciam bem empolgados, fiquei feliz, comentei que deveriam entregar por escrito para mim a chave dos jogos, perguntei sobre o árbitro, disseram que seria o agente de organização escolar, que também é formado em Educação física. Depois saímos para a quadra para treinar para o interclasses. Deixei-os a vontade para jogar futsal, fiquei observando, jogaram por um tempo e depois começaram a treinar passes e ficaram combinando jogadas para executarem no dia do interclasses. O cuidador do aluno com deficiência física (cadeirante) até comentou comigo que a turma estava levando bem a sério o treino para o interclasses, concordamos que sim, ele estava gostando de ver a empolgação da turma. Deu o sinal, pedi para que fossem no banheiro e tomar água e voltamos para a sala, me despedi e fui para a outra sala.

### **Dia 05/12/16 – Diário 08/SA03/9°C**

Evento = Festa.

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e fiz a chamada, faltaram: Mago (9), Iza (11), Luiz (17), Pablo (19), Ciço (22), Lê (29). Comentei que logo iríamos para a quadra para o evento da festa organizado pelo 9º D para todos os 9º anos (A, B, C e D), mas enquanto não vinham chamar a gente para o evento, eu queria corrigir alguns cadernos dos alunos que ainda não haviam me mostrado. Deixei-os à vontade conversando enquanto eu corrigia alguns cadernos com os alunos. Depois comentei sobre o evento do interclasses, se estava tudo bem, se precisavam de algo, eles disseram para ficar tranquila que estava tudo bem o andamento. Comentei que o



evento organizado pelo 9º D estava com atraso, eles comentaram que no evento deles não haveria atraso e sorriram.

Demorou um pouco para a turma do 9ºD nos chamar, explicaram que a caixa de som que eles haviam reservado com antecedência estava sendo usada em uma palestra com outras turmas, então pegaram o aparelho de som de mão mais simples para iniciar a festa. Fomos para a quadra, haviam cadeiras para todos e estava montado uma mesa com as comidas e bebidas, enfeitaram com bexigas e cartazes. Ficamos à vontade conversando, comendo e bebendo, nesse meio tempo o agente de organização escolar veio trazer a caixa de som, daí trocamos o aparelho. Um grupinho de alunos estava com vergonha de se servir com os salgados e refrigerante, percebi e fui servi-los. No final da festa, a Jhu do 9º D organizou a atividade “dança das cadeiras” para finalizar a festa. Deu o sinal, fomos para o intervalo. Na volta do intervalo, limpamos e organizamos a quadra e cada turma foi para sua respectiva sala.

#### **Dia 12/12/16 – Diário 09/SA03/9°C**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e fiz a chamada, somente vieram a Bia, o Dani, a Gi e o João. Fizemos a avaliação final do evento interclasses e da nossa disciplina. O que mais chamou a minha atenção foi o time do 9°C aparecer no evento com camisetas levando algumas palavras: #Amor, #Atitude, #Igualdade, #Paz, #Humildade, #Respeito, #Alegria. A Bia disse que resolveram fazer as camisetas “pra dar exemplo, pros outros times não brigar”, mas a Bia comentou “acabaram não dando”. Perguntei para o Will, que era um dos alunos que estava com a camiseta no dia do evento, por mensagem pelo facebook, pois ele não havia vindo para a aula, sobre o porquê deles terem feito as camisetas e de quem foi a ideia, ele respondeu por mensagem de voz que “seguinte sora, quando a gente foi fazer a camiseta, a gente teve ideia, antes de fazer o tema gerador, a gente já teve a ideia de fazer a camiseta, só que a gente não sabia que frase que a gente ia colocar, e nisso a gente pensou nas frases, que a gente colocou no papel, a gente colocou, que a gente passava em sala em sala falando que esse era o tema, daí a gente foi lá colocou na camiseta, a ideia foi ainda quando a gente foi no Dezoito, quando eu fui no Dezoito lá chamar ele, aí a gente chegou lá no cara, o cara perguntou assim: sobre o que que é? Interclasses, aí ele falou assim: E se a gente colocar as frases? Aí eu falei: tá bom, vamos colocar

as frases. Eu fui lá e coloquei as frases que eu achava que era, entendeu, parte do negócio”. Em outra mensagem de voz após essa ele disse: “Foi eu, o Dezoito e o Luiz que teve a ideia”. E em outra mensagem de voz ele disse: “Eu, o Dezoito e o Luiz teve a ideia, e nisso a gente passava em cada integrante do time perguntando qual frase ele se identificaria, entendeu, tipo eu quis respeito, o Luiz quis a igualdade, e cada um foi escolhendo a sua”.

Na aula também foi comentado sobre a questão do atraso de iniciar o evento porque estavam cortando a árvore da quadra, faltou um time que não apareceu no dia do evento, comentamos sobre o Dezoito não ter se comportado bem, ele ficou nervoso por estar perdendo e acabou discutindo no evento, querendo arrumar briga, tentamos acalmar o Dezoito, a turma conversou com ele para acalmá-lo, lembraram dos temas geradores, que deveriam dar exemplo, comentaram da premiação, que mesmo que a Bianca, que estava responsável por trazer as medalhas não apareceu, mas o Will trouxe, e no final deu certo, perdemos o cadeado da quadra, procuramos juntos e depois achamos. Comentei que depois do evento, vi comentários nas fotos do evento postadas pelos alunos no facebook, onde eles reconheciam que o time que ganhou jogou melhor, etc.

Perguntei para a turma que nota merecia ser atribuída para o evento, disseram que dariam nota 8 porque houve discussão do Dezoito, faltou um time, por causa da Bianca que era responsável pelas medalhas e não cumpriu sua tarefa, etc. Perguntei sobre a nossa disciplina no geral, as metodologias trabalhadas, qual era a opinião deles, o João disse que “foi meio enrolado mas no fim deu tudo certo”, perguntei se eles acharam melhor trabalhar de forma dialogada em contraposição à seguir a apostila e dar provas, etc., a Bia disse, se referindo a forma dialogada, que gostou mais porque “todo mundo participa, todo mundo dava uma ideia, uma opinião pra fazer, as coisas saíram diferente, mais da hora eu acho”. Questionamos o Dani, que não havia se posicionado sobre nenhuma questão ainda, para ele participar da discussão, o Dani disse que daria 7, concordava com os fatores citados pelo grupo.

Agradei por terem vindo na aula, pois como já estávamos próximo do final do ano letivo, muitos alunos já não estavam vindo mais na aula, fiquei feliz por eles ainda estarem vindo, me despedi e fui para a outra sala.

**Dia 08/08/16- Diário 01/SA01/9°D**

Cheguei cumprimentando os alunos e fiz a chamada, faltou o Ryan (26), e alguns alunos já vieram na minha mesa fazendo pressão para irmos para a quadra, então expliquei que tínhamos trabalho a fazer e coloquei a pauta na lousa (chamada, trabalho sobre Jogos Olímpicos Rio 2016), ouvi reclamação quando escrevi Jogos Olímpicos Rio 2016 na lousa, “não acredito que vamos ver isso na escola também”. Expliquei que era um evento que estava acontecendo em nosso país e iniciei um levantamento prévio sobre o assunto, ninguém havia ido ver a tocha olímpica passar em nossa cidade e um aluno comentou que os jogos tinham sua origem na Grécia e outro comentou sobre o símbolo que as cores representavam países e eu respondi que eram os continentes, e que iríamos pesquisar na sala de informática sobre os símbolos, a origem dos jogos, as modalidades, etc. Comentei que iríamos acompanhar o andamento dos jogos pelas mídias e perguntei como eles queriam se organizar, dividir em grupos, separar os grupos por mídias (jornal, TV, internet, etc.), ou por modalidades esportivas, entre outros, e o retorno foi que queriam organizar os grupos por modalidades esportivas. As escolhas foram: natação, ginástica artística, futebol masculino, nado sincronizado, tênis de campo feminino, judô, voleibol feminino e ginástica rítmica. O Rafa se recusou a escolher uma modalidade, ele possui deficiência intelectual, e mesmo conversando com ele, explicando sobre várias modalidades, ele se recusou.

Alguns alunos foram reclamando e mesmo na sala de informática ficavam reclamando e pedindo para ir para a quadra. Um grupo ficou sem computador, mas eles tinham celular com internet e fizeram a pesquisa por ele. A maioria usava a busca do Google, também indiquei para eles o site oficial dos Jogos ([www.rio2016.com](http://www.rio2016.com)), comentei também que dava para eles seguirem as notícias durante a semana nas redes sociais, jornal da cidade, TV, etc. Num momento da aula, o Lucas se apoiou na mesa por brincadeira dos colegas e ela quebrou fazendo um barulho alto. Os alunos se assustaram e logo deu o sinal para o intervalo, alguns alunos ficaram me ajudando a arrumar a mesa e outros saíram, mas não deu para arrumar, passei o ocorrido para a coordenadora e vice-diretora. Quando voltamos do intervalo a vice pediu para liberar a sala de informática, pois já havia chamado alguém para arrumar, então fomos para a quadra e ficou acordado de terminarem as pesquisas em casa para discutirmos na

próxima aula. Fomos para a quadra onde metade da sala jogou futsal (meninos) e a outra esconde-esconde (meninas), deixei à escolha deles. Eu estava muito chateada com o comportamento de alguns meninos, e por causa da brincadeira deles quebraram a mesa, e como eles estavam sob minha responsabilidade, fiquei preocupada com o retorno da gestão escolar, pois eles exigem muito cuidado com a sala de informática. Voltamos para a sala, me despedi e fui embora.

### **Dia 15/08/16 – Diário 02/SA01/9°D**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (chamada, discussão sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016, vivência prática) e fiz a chamada. Faltaram: Ana (1), João (11), Lucas (15) e Ryan (26). Iniciamos a discussão das notícias dos jogos olímpicos do Rio 2016 com o grupo na natação, o Gui comentou que “o Phelps ganhou todas”, o Brasil não ganhou e os EUA estão liderando. Perguntei qual meio de comunicação estão acompanhando e disseram que assistiram as provas pela TV: SporTV, Globo e Record. O grupo da Ginástica Artística comentou que o Brasil perdeu por equipe e ganhou medalhas no individual e finalizou que os atletas estavam bem preparados. Perguntei por qual meio de comunicação estavam acompanhando, disseram que acompanharam a prova do solo pela TV NBA (Rosa) e Globo (Maria Eduarda).

Em relação ao grupo de Futebol, a Mimi comentou que “as mulheres estão dando o balão nos homens”. O Messias disse que “a Martha é a melhor do mundo”. Perguntei por qual meio de comunicação estão acompanhando e responderam pelo facebook e google, e que as notícias giram em torno da Martha e Neymar, que são mais visados pela mídia. Em relação ao grupo do nado sincronizado, ninguém acompanhou nada. Em relação ao grupo do Tênis de campo, os alunos comentaram que o professor de Geografia levou a turma deles para assistir o jogo de basquetebol masculino e que ao longo do jogo viram alguns lances sobre o tênis de campo na TV Globo. O grupo do Judô comentou que a Rafaela Silva conseguiu medalha de ouro e a Mayra de bronze e que viram pela TV Globo no jornal na sexta à noite.

A Estrela comentou que as mulheres estão mais focadas nos jogos, que estão melhores. O Luka comentou que o futebol masculino sofre muita pressão e a Estrela discordou falando que a pressão é no geral. A Estrela comentou em seguida do vôlei de praia feminino que classificou para outra fase e que viu umas atletas

islâmicas que jogaram com muitas roupas, cobertas e que elas quebraram tabus. Eu perguntei por qual meio de comunicação estavam acompanhando e a Bia disse pela TV Globo, a Estrela pelo SporTV e Programa Fantástico e a Duda pelo facebook. O Fernando corrigiu a Estrela dizendo que o termo correto era “muçulmanas” ao invés de islâmicas. O Gui comentou que o professor de Geografia comentou na aula sobre a questão da mulher não ter poder, e a Estrela disse que esse fato da roupa nos jogos parece que deu poder para as mulheres, e eu complementei comentando que ela queria dizer que houve um empoderamento das mulheres, ela concordou.

Perguntei o que mais marcou até agora nos jogos para a turma e o Gabriel comentou que “foi o Brasil perder no basquete, corre risco de cair fora porque os EUA ganha com certeza”. Algumas meninas comentaram que o que mais marcou foram as medalhas de Ginástica Artística (prata e bronze) do Diego e Arthur. Comentei que na próxima aula iríamos discutir mais sobre os jogos olímpicos do Rio 2016 e então respondemos as questões da página 05 e 06 do caderno do aluno 2, sobre a diferença de jogo e esporte, referentes ao currículo do Estado.

Quando fomos para a quadra, fizemos o alongamento e ao final fizemos uma votação para a escolha de qual esporte olímpico iríamos vivenciar e o futebol ganhou. Como temos duas quadras, ficou uma turma em cada quadra jogando futebol, uma turma até convidou o estagiário de Educação física para jogar também, ele foi. Eu apitei o jogo. Alongamos, levei a turma para a sala, me despedi e fui embora.

Em casa, posteriormente, pesquisei na internet sobre as notícias comentadas pelos alunos:

Vestimentas: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/volei-de-praia/noticia/2016/08/islamismo-veu-e-calca-egipcias-sao-1-dupla-da-historia-do-pais-na-olimpiada.html>>. Acesso em: 20 de ago de 2016;  
<<https://www.youtube.com/watch?v=JZiasmexSb0>>. Acesso em: 20 de ago de 2016.

### **Dia 22/08/16 – Diário 03/SA01/9°D**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (chamada, discussão sobre os jogos olímpicos, aula prática) e fiz a chamada. Faltou somente a Mimi (31). Iniciamos a discussão sobre as notícias dos jogos olímpicos Rio 2016 com o grupo da natação. O João somente citou o nome César Cielo e eu perguntei “o que tem o Cielo?” Ele queria saber como foi nos jogos e eu disse que ele

não havia classificado para poder participar dos Jogos Olímpicos do Rio, o Gui complementou que ele não tinha participado dos jogos, não conseguiu índice. O Gui comentou também que na opinião dele, “quando um atleta chega numa Olimpíada, ele cresce”. O grupo da Ginástica Artística comentou que só ficaram sabendo das medalhas do Diego e Arthur. Em relação ao grupo do Futebol masculino, o Messias comentou sobre a coincidência que era a 5ª vez que o Brasil chega na final e finalmente ganhou o ouro e “o Brasil é a 5ª seleção que conseguiu conquistar ouro em casa”. Perguntei como ele sabia, ele disse que viu na TV, SporTV. O grupo do nado sincronizado não acompanhou. O grupo de Tênis de campo também não acompanhou mas o João, que era de outro grupo, comentou que “a Serena Williams é a melhor do mundo e não conseguiu se classificar para final, faltou força de vontade, parecia que ela estava encarando como simplesmente mais um jogo, como também no salto com vara, o cara de Portugal desfez do brasileiro, falando que era melhor e o brasileiro foi apertar a mão dele e ele virou as costas”, perguntei onde ele tinha visto, ele disse que viu no SporTV e ESPN. O Gui comentou que acha que a Serena quis se poupar, o João disse que “ela não deu tudo de si, deu menos da metade do que poderia dar”. O grupo do Judô disse que depois da medalha de bronze da Mayra não acompanharam mais. O grupo do Vôlei de praia comentou que as meninas ganharam prata e ontem o masculino ganhou ouro, perguntei por qual meio de comunicação estavam acompanhando, a Estrela e a Bia disseram que viram uma parte do jogo pela TV Globo. O João e o Gui comentaram sobre o jogo de voleibol de quadra entre Brasil e China, que foi muito disputado, a China jogou muito bem e o Brasil era o favorito. O grupo da Ginástica Rítmica comentou que assistiram algumas provas na escola pela TV Globo, a Mick disse que uma menina derrubou o aparelho e perdeu ponto e que o negócio parece de boliche, eu expliquei que era a maçã, Mick comentou também de uma loira que numa luta quebrou o nariz, foi enfaixada e continuou lutando. O João falou do atleta que desmaiou na prova de marcha atlética, disse “deu pra ver que se cagou”. Eu perguntei qual era a opinião deles sobre essas questões de continuar ou abandonar a prova, o Gabriel disse “desistir é para os fracos”, o João disse que depende da luta, o Gui disse que “se fosse o braço não ia ter jeito, depende da lesão”, comentou também que numa corrida que o Bolt participou, um outro atleta caiu de cabeça e machucou.

Perguntei o que mais marcou dos Jogos olímpicos para a turma, a Jhu disse que foi o futebol, o Tody disse que “foi o cara que quebrou a perna”, eu complementei

dizendo que era o da Ginástica Artística e ele concordou, a Mick disse que foi “o cara do levantamento de peso que quebrou o braço”. A Jhu comentou que o jogo do Brasil e Honduras que eles assistiram na escola já foi uma gritaria, imagina se tivessem assistido na escola o outro jogo, “o Neymar é demais”. A Serena perguntou da quantidade de medalhas, a Paula respondeu que foram 6 de ouro (pesquisei depois para confirmar e foram 7 medalhas), 19 no total, disse que saiu no Jornal da Cidade hoje, está no pátio. O Gabriel perguntou se o Brasil foi o que menos ganhou medalhas, a turma disse que o Brasil ficou em 13º lugar. Depois disso respondemos as questões da página 7 do caderno do aluno 2, sobre a diferença do jogo de Taco, Base quatro e Beisebol, referentes ao currículo do Estado.

Fomos para a quadra e fizemos a votação de qual esporte olímpico iríamos vivenciar, ganhou o basquetebol. Fiquei mediando alguns conflitos, alguns alunos faziam faltas propositais com o intuito de machucar, tive que parar várias vezes para conversar sobre isso, para orientar sobre posições táticas, etc. Alongamos, levei os alunos até a sala, frisei sobre trazerem para a próxima aula as notícias marcantes dos Jogos Olímpicos Rio 2016 com a fonte, me despedi e fui embora.

OBS: foi a primeira aula que comentaram sobre o Jornal da Cidade, pois a escola deixa o jornal exposto no pátio para fácil acesso pelos alunos.

Em casa, posteriormente, pesquisei na internet sobre as notícias comentadas pelos alunos:

Marcha atlética: <<http://www.folhape.com.br/esportes/2016/8/atleta-frances-passa-mal-na-marcha-atletica-0212.html>>. Acesso em 24 de ago de 2016.

Quebra do nariz na luta: <<http://esportes.estadao.com.br/blogs/bate-pronto/espanhola-quebra-o-nariz-mas-retorna-a-luta/>>. Acesso em 24 de ago de 2016.

Fratura da perna na Ginástica: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/ginastica-artistica/noticia/2016/08/frances-sofre-queda-e-tem-lesao-grave-na-ginastica-artistica.html>>. Acesso em 24 de ago de 2016.

Fratura braço no levantamento de peso: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/levantamento-de-peso/noticia/2016/08/armenio-fratura-braco-em-tentativa-de-levantamento-de-195kg-no-arremesso.html>>. Acesso em 24 de ago de 2016.

Quadro de medalhas: <<http://www.jcnet.com.br/Esportes/2016/08/brasil-fica-em-13o-lugar-no-quadro-de-medalhas.html>>. Acesso em 24 de ago de 2016.

**Dia 29/08/16 – Diário 04/SA01/9ºD**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, passei a pauta na lousa (chamada, entrega dos trabalhos, roda de conversa, caderno do aluno, aula prática) e fiz a chamada, faltaram: Gabriel (6), José (13) e Kaique (32). O Ryan ficava fazendo pressão que queria ir para a quadra jogar futebol. Cobrei os trabalhos e as notícias marcantes, muitos esqueceram os trabalhos e ninguém trouxe a notícia. Dei um sermão sobre a importância de cumprir com a entrega dos trabalhos e que não poderiam esquecer na próxima aula. Fizemos o caderno do aluno 2, páginas 08 até 11, sobre a diferença de jogo e esporte, referentes ao currículo do Estado.

Fizemos a votação para escolher o esporte olímpico que iríamos vivenciar na quadra, ganhou o handebol. O estagiário de Educação física estava na aula, trocamos informações sobre as regras pois eu também tinha dúvidas sobre as regras do handebol, expliquei na quadra sobre as regras para todos e apitei o jogo. Alongamos, levei os alunos para a sala, me despedi e fui embora.

**Dia 05/09/16 – Diário 05/SA01/9ºD**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, coloquei minhas coisas na mesa e lembrei que tinha esquecido o apagador e gizes, então fui emprestar da sala ao lado e voltei, apaguei a lousa e escrevi a pauta da aula (chamada, entrega dos trabalhos, roda de conversa e aula prática) e fiz a chamada, faltou somente o Messias (21). O Ryan ficava fazendo pressão para irmos para a quadra jogar futebol. Cobrei os trabalhos e as notícias marcantes da turma mas a maioria não trouxe.

Iniciei a discussão retomando o histórico dos Jogos Olímpicos até chegar nas notícias mais marcantes dos Jogos Olímpicos, fui marcando na lousa, os resultados foram: 11 alunos citaram a rivalidade dos times Brasil x Alemanha no futebol masculino, 5 alunos citaram a fratura na perna do atleta na Ginástica Artística, 4 alunos citaram o desempenho do Phelps na natação, 3 alunos citaram o ouro inédito do Brasil no futebol masculino, 1 aluno citou o ouro do Brasil no vôlei masculino, 1 aluna citou a Flavinha da Ginástica Artística e 1 aluna citou uma corredora brasileira que não lembra o nome mas viu ela correr no Atletismo.



Chamei a atenção para o resultado da turma na lousa e perguntei o porquê da rivalidade do Brasil e Alemanha chamou tanto a atenção, responderam que lembrava a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do mundo de 2014, o Ryan disse “nada a ver, o time era diferente”, a Paula disse “a Alemanha não jogou com todos os titulares”, o Gui comentou que as regras dos campeonatos são diferentes, que nas Olimpíadas tem limite de idade, por isso o time não é o mesmo da Copa, então concluíram a partir daí que a questão não era quem jogava melhor, porque os jogadores eram diferentes, mas a questão era sobre honrar o nome em si.

Perguntei porque o futebol sobressaiu sobre os outros esportes, Gabriel respondeu que era “porque o Brasil é o país do futebol”, o Gui disse que era “porque o Brasil nunca havia ganhado ouro nas Olimpíadas”, também comentaram que o Brasil tem mais história, mais resultados no esporte futebol, o Luka disse “não tem outra saída”, eu perguntei o porquê disso, ele explicou dizendo que “o brasileiro só tem duas opções, ser campeão de rodeio ou jogador de futebol”, e o Ryan complementou “ou traficante”, a turma ficou alvoroçada e riram, eu perguntei porquê disso, como podemos mudar isso, o Luka disse que “os brasileiros não tem vontade de mudar”. Lembrei dos esportes que a turma escolheu por votação para vivenciarem nas aulas práticas (futebol, basquetebol e handebol) e perguntei o porquê desses esportes serem escolhidos, responderam que “são mais fáceis”, “são mais jogados”, “por causa do espaço”, perguntei se queriam dizer sobre a estrutura da escola, a quadra, concordaram. Comentei que no currículo do Estado de São Paulo haviam esportes como esgrima, boxe, esportes radicais como conteúdos para o Ensino Médio e que quando estivessem no Ensino Médio iriam vivenciar, percebi que alguns ficaram pensativos, outros animados.

Chamei a atenção para as anotações na lousa, sobre os argumentos discutidos e perguntei o que poderia ser feito para mudar esse panorama, o João disse “mudar de país”, eu perguntei se iria resolver alguma coisa, fizeram com a cabeça que não, a Paula disse que deveria ser dado mais oportunidade para os jovens, perguntei em que sentido, ela disse “estudar”, o Gui disse que é necessário mais investimentos do governo, ouvi alguém dizer que “precisava passar por outra ditadura”, perguntei “como assim?”, começaram a criticar o governo, falar de corrupção, eu perguntei se o problema era somente o governo, pensaram e responderam que não, chamei a atenção de que tudo era interligado, se deu para eles visualizarem a influência cultural e social nas escolhas da turma, frisei que tudo é interligado, perguntei se eles

imaginavam que a partir de uma discussão sobre os Jogos Olímpicos iríamos chegar onde chegamos, fizeram com a cabeça que não.

Deu o sinal para o intervalo e todos saíram, depois que acabou o intervalo, voltamos para a sala e finalizamos as discussões, o Ryan ficava fazendo pressão para irmos para a quadra. Perguntei sobre o que poderia ser feito para mudar esse panorama detectado com as falas deles escritos na lousa, responderam “estudar”, “evoluir”, o Lucas finalizou “tentar saber um pouco de tudo”.

Fomos para a quadra e como temos duas quadras, alguns alunos jogaram futebol e outros jogaram basquetebol, me revezava na orientação dos alunos sobre posicionamentos táticos, mediação de conflitos sobre faltas, etc. Quando voltamos para a sala lembrei os alunos que no dia 07/09 iriam começar as Paralimpíadas e que iríamos acompanhar também, como fizemos com os Jogos Olímpicos. Me despedi e fui embora.

#### **Dia 12/09/16 – Diário 01/SA02/9ºD**

Cheguei, cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (chamada, pesquisa na sala de informática sobre as Paralimpíadas) e fiz a chamada, faltaram: Lucas (15), Luka (16), Duda (17), Duda (18), Rafa (24), Ryan (26), Yasmim (30). Ouvi comentários sobre não estar passando as Paralimpíadas na TV, eu expliquei que infelizmente na TV aberta não estava passando como foi os Jogos Olímpicos, alguns alunos comentaram que na SporTV estava passando, TV por assinatura, muitos disseram que não tem, mas eu comentei que uma alternativa seria a internet, o jornal, etc.

Expliquei que iríamos fazer o mesmo esquema que fizemos com os Jogos Olímpicos com as Paralimpíadas, e que havia reservado a sala de informática para pesquisa sobre a origem das Paralimpíadas, significado dos símbolos, modalidades esportivas paralímpicas, etc. A Serena já foi perguntando a resposta para mim, eu disse que era para pesquisar na sala de informática, que eu não iria dar a resposta pronta. Alguns alunos queriam ir para a quadra, insistiam que poderiam fazer em casa, mas eu falei que muitos alunos não entregaram o trabalho anterior, que muitos não iriam fazer em casa e que tínhamos que fazer na escola também com minha orientação, então sossegaram. Ouvi o Tody dizer “é só quebrar uma mesa que acaba com isso”, fiquei chateada mas não falei nada, respirei fundo e fomos para a sala de

informática (lembrando da última aula na sala de informática que quebraram uma mesa e rezando para não acontecer de novo). O Tody, o Messias e o Rick ficavam mexendo em outras coisas que estavam na sala de informática, tipo trabalho de Arte de alunos de outro período, tive que várias vezes chamar a atenção deles, ficavam saindo da sala toda hora, se recusavam a concentrar-se na atividade. Um grupo que ficou sem computador e tinha celular com internet ficou pesquisando na mesa. No final da aula, o João comentou que ficou com dó de mim por causa da atitude dos colegas que estava dando trabalho, infelizmente. Um pouco antes do sinal levei a turma para a sala, me despedi e fui embora.

### **Dia 19/09/16 – Diário 02/SA02/9ºD**

Cheguei na sala, haviam muitos alunos para fora, entrei, cumprimentei os alunos e pedi para que pegassem o caderno do aluno 2, referente ao currículo do Estado. Escrevi na lousa as páginas que iríamos fazer, muitos já reclamaram e queriam ir para a quadra, eu disse que temos trabalho a fazer e que depende do andamento da aula com a turma, que tinham que colaborar. Escrevi na lousa a pauta (chamada, caderno do aluno 2 – páginas 14 a 30, dinâmica de grupo: rótulos). Solicitei que entregassem as pesquisas sobre as Paralimpíadas, pois o evento havia acabado no dia anterior, mas somente dois grupos finalizaram, então pedi para que não esquecessem de trazer na próxima aula para fazermos as discussões. Fiz a chamada e faltaram: Jhu (7), Ryan (26) e Kaique (32). Expliquei os conteúdos do caderno do aluno sobre beisebol, fomos respondendo juntos as questões do caderno do aluno. Muitos alunos não estavam com o caderno do aluno, passei comentando que deveriam trazer material para a escola, me chamou a atenção da Paula dizendo “depois eu pego as respostas na internet”. Deu o sinal, comentei que depois do intervalo iríamos fazer a dinâmica de grupo.

Quando voltamos expliquei como se iniciaria a dinâmica “Rótulos” e pedi para o Gui me ajudar com os materiais, fomos colando nas costas dos colegas os “rótulos”, a Mimi não queria participar, falei que era uma dinâmica educativa, que todos deveriam participar, o Lucas também não queria, mas deixaram colar, o Tody reclamou que iria estragar a camisa dele o durex, não queria, mas consegui convencê-los a participar. Colamos nas costas dos colegas os “rótulos” (por exemplo: cego, surdo, cadeirante, síndrome de down, etc.) e fui explicando que ninguém poderia

contar o que estava escrito nas costas do colega, todos poderiam ver de todos, menos o que estava nas suas próprias costas. Alguns alunos olhavam para as costas dos colegas e riam, percebi que alguns estavam contando para estragar a dinâmica e olhei para esses alunos meio brava. Dei dois minutos para a turma, deveriam se organizar para atribuir funções para todos com o objetivo de uma festa de formatura, quem iria ser o garçom, o recepcionista, o DJ, o cozinheiro, fotógrafo, etc., e deveriam escrever na lousa os resultados. Muitos alunos já se candidatavam para as funções e iam escrevendo na lousa, outros ficavam quietinhos esperando, eu ia falando, não esqueçam de ninguém, atribuam funções para todos, e eles iam se organizando, vendo quem ainda não tinha função.

Como essa turma é muito agitada, conseguiram desencaixar a madeira da lousa onde fica o giz, tivemos que arrumar e continuar a dinâmica. Depois que finalizaram, pedi para que olhassem para seus rótulos colados em suas costas e fomos comentando sobre os resultados, onde o que mais chamou a atenção foi a Mayara ser fotógrafa e cega, a Ana ser DJ e cega, a Rosa ser garçonete e surda, se percebia risos entre os colegas. Comentei que existem pessoas que possuem deficiência e tem diversas funções, comentei que vi um documentário na TV por assinatura sobre fotógrafos cegos, que na abertura das Paralimpíadas uma atriz, atleta e dançarina que não tinha as pernas se apresentou, e que não deveríamos julgar as pessoas. Perguntei como poderíamos concluir o raciocínio da nossa dinâmica, a Ana disse “nada é impossível, se você tem força, você consegue, a Yasmim disse “tudo é possível”, o João disse “o meio de adaptação do ser humano é muito alto” e a Paula disse “deficiência não importa, você só tem que fazer o melhor para atingir seu objetivo”. Como faltava somente cinco minutos para terminar a aula, deixei eles irem no banheiro e tomarem água e quando voltaram frisei para não esquecerem os trabalhos na próxima aula. Me despedi e fui embora.

#### **Dia 26/09/16 – Diário 03/SA02/9°D**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos, haviam muitos alunos para fora, pedi para que entrassem, apaguei a lousa e escrevi a pauta (chamada, entrega dos trabalhos e visto no caderno, roda de conversa sobre as Paralimpíadas Rio 2016). Fiz a chamada e faltaram: Lucas (15), Luka (16). Rick (19) e Ryan (26). Pedi os trabalhos

e as notícias marcantes dos Jogos Paralímpicos, mas somente um grupo entregou o trabalho e ninguém trouxe a notícia marcante documentada.

Iniciei a roda de conversa perguntando sobre as notícias oralmente e marquei na lousa. Os resultados foram: 14 alunos disseram que nada os marcou sobre os jogos, dizendo que não haviam acompanhado, 7 alunos citaram a morte do ciclista iraniano, 2 alunos citaram o desempenho do nadador Daniel Dias e 2 alunos citaram o número de medalhas do Brasil nas Paralimpíadas, que foi mais expressivo do que nas Olimpíadas. Perguntei sobre os meios de comunicação que acompanharam, citaram a TV (SporTV e ESPN) e a internet (facebook e alguns sites que não lembravam o nome).

Chamei a atenção da turma para a lousa e perguntei o porquê desses resultados, sobre a maioria dizer nada. A Jhu disse “porque ninguém assistiu”, a Rosa disse “não passou na televisão”, o Gui complementou “não passou na TV aberta”, a Serena citou a palavra “desinteresse”. Eu comentei que a TV Brasil havia transmitido alguns jogos ao vivo, mas a turma não sabia. O Gui e a Mimi comentaram que a Paralimpíada não foi tão divulgada como a Olimpíada. A Jhu disse “só porque são deficientes, ninguém quer assistir” com um tom de indignação, e o Gabriel comentou que não gostam de “ver pessoas sofrendo, fazendo esforço”, a Serena citou a palavra “preconceito”. Eu comentei que nas Olimpíadas os atletas também sofrem e fazem grandes esforços, assim como nas Paralimpíadas e que muitos paraatletas tiveram resultados melhores do que atletas das Olimpíadas, ouvi alguns alunos concordando, dizendo que era verdade, balançando a cabeça afirmativamente. Comentei sobre a questão da escola disponibilizar o Jornal da Cidade no pátio para os alunos mas ninguém o citou na nossa conversa, perguntei por quê, a Jhu disse “ninguém tem interesse por jornal”. Eu comentei sobre a importância de diferenciar os meios de comunicação, que haviam alguns interesses por trás dos donos de alguns meios de comunicação e que não era interessante focar só em um porque não teriam uma abrangência de ideias, que deveriam diversificar e fechamos na importância de se verificar vários olhares, de ter acesso aos diferentes meios de comunicação.

Chamei a atenção para a nossa discussão anotada na lousa e pedi para que dessem uma saída para as situações verificadas, uma conclusão para nossa roda de conversa. A Jhu disse “temos que ficar mais informados” e disse também “ver mais TV e sair do facebook”, a Mick disse “respeitar os deficientes”, eu comentei que haviam diversas nomenclaturas, “pessoas com necessidades especiais, pessoas com

deficiência” e que existiam diversas deficiências, daí o Gui foi citando algumas “física, visual, mental”, eu disse “intelectual”, então ele disse que o certo era falar então “pessoa com deficiência visual por exemplo”, eu disse sim, que seria o ideal ao invés de dizer “o deficiente”. A Jhu e o Gui comentaram que a Paralimpíada devia ter passado em canais de maior expressão, perguntei quais, responderam “Globo, Record, Band, SBT”, o Gui disse que “deveriam dar mais atenção para pessoas que realmente merecem” e o João disse que se devia “respeitar o estilo de vida de qualquer pessoa”, eu complementei que qualquer pessoa tem potencialidades e dificuldades e a Jhu disse que “não devemos ligar pra opiniões que não levam pra frente”.

Os alunos fizeram uma pressão que como na última aula não havíamos ido para a quadra, que queriam ir um pouco hoje pelo menos, como a aula já estava no final, eu fui um pouco na quadra com eles, onde jogaram futsal na quadra de baixo e basquetebol na quadra de cima. A agente de organização escolar veio buscar o João e o João, pois eles não estavam se sentindo bem e haviam ligado para os responsáveis anteriormente para virem buscá-los na escola para irem embora. Voltamos para a sala e eu reforcei que na próxima aula seria a última oportunidade de entregar os trabalhos e que faríamos uma avaliação. Me despedi e fui embora.

#### **Dia 03/10/16 – Diário 04/SA02/9ºD**

Cheguei na sala, haviam muitos alunos para fora, demoraram para entrar na sala. Cumprimentei os alunos, escrevi a pauta na lousa (vivência = atletismo – corrida com guia e futebol de 5, chamada e avaliação teórica). Expliquei para os alunos como seriam as vivências e fomos para a quadra. Alongamos, depois pedi para que se organizassem em duplas, onde um seria cego e o outro o guia. Dei pedaços de TNT coloridos para que vendassem os olhos, depois pedi para que andassem pela quadra para adaptação. Depois nos organizamos na linha para a corrida, onde os guias davam as assistências necessárias e deveriam correr de mãos dadas ao meu sinal do apito. Comentei que na turma anterior uma dupla caiu porque soltou a mãos, expliquei que não deveriam soltar. Apitei e correram até o outro lado da quadra. Depois invertemos, o guia ia ser cego e o cego ia ser o guia e repetimos os mesmos exercícios. Depois distribuí mais vendas para iniciarmos o futebol de 5. Para adaptarmos a atividade à escola, colocamos duas sacolas plásticas na bola para fazer

barulho. Deixei os alunos se organizarem referente aos times, sobre as posições, quem iria ser goleiro, guia, etc. Tiramos no par ou ímpar para ver quem iria começar com a bola e iniciamos o jogo. Os alunos estavam bem empolgados com o jogo, percebi que não estavam apresentando dificuldades. Porém, durante o jogo, dois alunos trombaram batendo a cabeça no nariz do outro, daí eles sentaram um pouco até melhorarem. Quando estava quase na hora de dar o sinal para o intervalo, o saco plástico da bola rasgou e saiu, então pedi para que tirassem as vendas e guardassem, deixei eles jogarem um pouquinho sem venda e a bola normal, logo deu o sinal e fomos para o intervalo. No caminho para o pátio, a Duda comentou que “é duro ser cego”.

Quando chegamos na sala depois do intervalo, escrevi na lousa as cinco questões da avaliação teórica sobre o conteúdo do caderno do aluno 2 do 3º bimestre do currículo oficial do Estado de S.P. Quando terminei de escrever na lousa, fiz a chamada e fui perguntando para a turma sobre as vivências, o que acharam. Faltaram: Lucas (15), Rick (19), Mayara (20), Messias (21), Mick (22), Ryan (26), Yasmim (29) e Mimi (31). A turma comentou que o futebol de 5 foi mais difícil do que a corrida. A Serena disse “um monte de gente gritando, não escutava a bola, tinha que fazer silêncio”. O Gabriel disse “vão me processar por assédio, relei na bunda de umas par de menina”, mas eu perguntei se foi sem intenção, ele disse que sim, que foi sem querer. A Serena disse “foi ruim, eu tinha a sensação que ia bater na parede”. Perguntei sobre as adaptações dos materiais que fizemos, se havia funcionado, o Kaique disse que não dava para ouvir a bola e o Gui disse que acha que “a sacola foi até melhor que a bola oficial”. Perguntei se as atividades atenderam às expectativas e eles disseram que sim. Fizeram a avaliação, mas durante a aula a professora mediadora veio buscar duas alunas para conversarem com ela, elas foram e ficaram de entregar a avaliação para mim depois que terminarem a conversa, iam colocar no meu armário, os demais alunos entregaram para mim, deu o sinal, me despedi e fui embora para casa.

#### **Dia 10/10/16 – Diário 01/SA03/9ºD**

Cheguei na sala, como sempre muitos para fora, cumprimentei os alunos e escrevi o resumo do 3º Bimestre na lousa que eu havia feito em casa com base nas nossas discussões em aula e no final escrevi a pauta da nossa aula de hoje, que se

baseava no resumo do 3º bimestre, o que já vimos, em que ponto estamos e para onde vamos. Algumas alunas vieram me pedir para ensaiar uma coreografia de dança porque estavam ensaiando para apresentar posteriormente, era trabalho da disciplina de história, eu falei que depois das minhas explicações e atividade que iríamos fazer nessa aula, elas poderiam ensaiar, que no final haveria um tempo. Me avisaram que haviam algumas alunas para fora, eu pedi que uma aluna fosse buscá-las, por favor, para continuarmos a aula. Fiz a chamada, faltaram: Bia (2), Rick (19), Ryan (26), Tody (28) e Yasmim (29).

Resumo 9º D:

Aula 01 até aula 05 foram trabalhadas com base nos Jogos Olímpicos, as aulas 06 até 09 foram trabalhadas com base nos Jogos Paralímpicos, seguindo as metodologias de: pesquisas, discussões sobre notícias e vivências. Os resultados das aulas dos jogos olímpicos foram resumidamente: o futebol se destacou entre os alunos, focando na rivalidade entre Brasil e Alemanha devido a Copa do mundo de 2014. Comentaram que é devido a influência cultural e que a proposta da turma seria estudar mais e variar conteúdos. Os resultados das aulas da Paralimpíada foram resumidamente: a maioria disse que nada os marcou dos jogos, houve falta de interesse da maioria dos alunos, comentaram que a mídia não divulgou como fez com as olimpíadas, citaram a questão do preconceito e o fechamento foi de variar os meios de comunicação e a importância de se trabalhar com o tema respeito.

A partir do resumo expliquei no geral que por trás dos eventos sempre tem ideologias, objetivos, criam-se para ter alguma função, e que para atender o currículo do Estado, que agora no 4º bimestre, seria a organização de um evento, eles deveriam pensar em algo para se realizar na escola, atendendo às necessidades específicas do nosso contexto escolar. Pedi para que pegassem uma folha e fizessem uma autoavaliação, que escrevessem no papel o que ficou para eles do 3º bimestre, qual a ideia de tema gerador que eles tinham para se trabalhar a partir daí, qual seria o evento ideal para colocarmos em prática. Deu o sinal e fomos para o intervalo. Logo que voltamos, alguns tinham dúvidas e entregavam faltando itens, eu explicava de novo, até que todos entregaram como eu pedi. Comentei que na próxima aula eu daria o retorno das ideias da turma. Estávamos no final da aula e eles queriam jogar um pouco antes de dar o sinal, eu deixei, jogaram futsal numa quadra e basquetebol em outra, e as meninas ensaiaram a coreografia que queriam, até me mostraram vídeos no celular que foi de onde elas estavam tirando os passos da dança, fiz alguns



comentários sobre a coreografia, mas logo bateu o sinal e voltamos para a sala, me despedi e fui embora.

### **Dia 17/10/16 – Diário 02/SA03/9ºD**

Cheguei na sala, haviam muitos alunos para fora, pedi para que entrasse, muitos perceberam que eu não estava bem, com o rosto vermelho de chorar, e queriam saber porque. Eu expliquei que devido ao ocorrido na hora da entrada da escola, que um estranho entrou na escola fugindo e pulou o muro, que não poderíamos sair da sala hoje para a quadra (ver Diário 02/SA03/9ºC). Os alunos comentaram que já estavam sabendo disso, e que então na hora do intervalo também não poderiam sair da sala, eu disse que sobre isso não sabia, pedi desculpas por não estar me sentindo bem, mas que iria dar andamento a aula. Escrevi a pauta na lousa (chamada, retorno das autoavaliações, caderno do aluno 2, páginas 31 até 38 sobre Organização de festival) e fiz a chamada, faltaram: Jhu (7), João (11), Messias (21), Ryan (26) e Yasmim (29). Anotei na lousa alguns dados das autoavaliações para explicar para os alunos.

Nos registros sobre o evento para realizar na escola, 9 alunos citaram festa, 6 alunos citaram interclasses, 4 citaram gincanas, 3 passeios, 2 alunos citaram show de rock, 1 aluna citou palestra e 1 aluno citou vivência de hipismo. Anotei na lousa as palavras que os alunos registraram como tema gerador: união, confraternização, diversão, cultura, mudança, diversidades, respeito, felicidade, lazer, fantasia, convivência. Perguntei se seria possível trabalhar esses temas num evento, disseram que sim, e estavam empolgados perguntando se realmente iríamos fazer o evento, como a maioria escolheu uma festa, se eles iriam organizar de verdade, eu disse que sim, que eu iria conversar com a direção da escola e que na próxima aula iríamos nos organizar melhor, mas queria saber como seria essa festa, se era para a escola inteira, se teria comida, música, etc., responderam que queriam fazer só com os 9º anos, com comida e música, pedi para que fossem amadurecendo a ideia ao longo da semana para darmos seguimento a organização do evento na próxima aula e iniciei as discussões sobre o conteúdo do caderno do aluno 2 do 4º bimestre, referente ao currículo do Estado, onde se refere a organização de um festival, comentamos sobre as comissões necessárias e sobre as especificidades de um festival. A professora de História veio na sala e pediu se seria possível eu auxiliar os alunos no ensaio de

coreografias de dança para apresentação do conteúdo de história, eu expliquei para ela sobre o ocorrido, que eu não poderia usar a quadra hoje mas que poderia auxiliar sim, então ela foi pedir autorização da direção da escola para eu sair da sala com os alunos para ensaiar, voltou com a chave do salão da escola, disse que foi autorizado eu usar lá para ensaio com os alunos, eu expliquei que quando terminasse as explicações da minha aula desceria lá. Quando terminei o conteúdo de organização de um festival, comentei que na próxima aula da semana que vem iríamos dar continuidade ao caderno do aluno sobre organização de um campeonato esportivo e que iríamos nos organizar em grupos para dar andamento a ideia do evento na escola. Descemos para o salão ensaiar, mas logo deu o sinal e fomos para o intervalo.

Voltamos do intervalo para o salão para ensaiar, o estagiário de educação física estava lá, percebeu que eu não estava bem e perguntou porque, eu expliquei sobre o ocorrido no início da aula e demos seguimento a aula, seguimos dando umas orientações sobre a postura nos movimentos das danças e trocávamos ideias com os alunos sobre o ensaio. Eu fiquei muito abalada emocionalmente com o problema de comunicação entre a gestão, funcionários e eu, acho que o tom de voz influencia muito e não gosto quando me impõe decisões da gestão, que afetam diretamente o meu planejamento, sem explicações, mas no final dialogamos melhor e foi resolvido, porém sou muito sentimental e os efeitos demoram a passar e não consigo esconder quando não estou bem. Deu o sinal, encaminhei os alunos para retornarem à sala, me despedi e fui embora.

#### **Dia 24/10/16 – Diário 03/SA03/9ºD**

Cheguei na sala, haviam muitos alunos para fora, cumprimentei os alunos, pedi para que entrassem para a aula, escrevi a pauta na lousa (chamada, caderno do aluno 2, pág. 39 até 48 sobre Organização de um evento esportivo, aula prática) e fiz a chamada, faltaram: João (11), Lucas (15), Luka (16), Mick (22) e Ryan (26). Muitas alunas estavam alvoroçadas para ensaiar as coreografias para a aula de História, eu disse que na segunda aula iria deixar, mas que na primeira elas precisavam ficar na aula teórica, elas concordaram. Iniciei o conteúdo do caderno do aluno, referente ao currículo do Estado, lendo e comentando sobre as questões junto com os alunos, vimos a diferença de campeonato e torneio, como montar chaves e sobre as comissões necessárias para um evento esportivo. Comentei que como a turma havia

escolhido como evento uma festa de confraternização, não teríamos na prática a comissão de arbitragem, que seria necessária num evento esportivo.

Essa sala está muito agitada, a maioria não demonstra interesse, não trazem o material escolar e ficam com conversas paralelas, várias vezes eu preciso pedir atenção. As aulas teóricas se alongam mais nessa turma do que no outro 9º ano C, onde acho que a aula vai se desenrolando mais tranquilamente do que nessa sala, que é mais cansativo, muitos alunos ficam pedindo para sair, ir no banheiro, tomar água, conversar com alguém da gestão, é frequente. Como a professora de História havia me pedido anteriormente para ajudar com o ensaio das coreografias, comentei com os alunos e disse que quem fosse apresentar o trabalho da dança da professora de História poderia ensaiar na aula prática e que eu ajudaria com o que precisassem, os demais alunos poderiam treinar para o interclasses. Deu o sinal para o intervalo.

Na volta do intervalo, fomos para a quadra e uma turma ficou ensaiando na quadra de cima, a maioria meninas, e alguns alunos e alunas jogaram futsal na quadra de baixo para treinar para o interclasses. Um pouco antes do sinal, pedi para que fossem no banheiro e tomar água e voltamos para a sala, me despedi e fui embora.

### **Dia 31/10/16 – Diário 04/SA03/9ºD**

Cheguei na sala, haviam muitos alunos para fora, cumprimentei os alunos, pedi para que entrassem para a aula, escrevi a pauta na lousa (chamada, caderno do aluno 2, pág. 49 até o fim, roda de conversa sobre a organização do evento, aula prática) e fiz a chamada, faltaram: Gui (8), João (11) e Ryan (26). Eu brinquei dizendo “hoje vai chover, o Gui não veio na aula”, e todos riram, comentei que ele nunca falta.

Iniciei com as questões finais do caderno do aluno, fomos respondendo e eu escrevia na lousa as respostas. Alguns alunos ainda estavam no corredor conversando (Tody, Messias, Lucas, Rick, João), tive que ir até a porta para pedir que entrassem novamente, demoraram para atender meu pedido e quando entraram não fizeram a atividade do caderno, somente ficaram com conversas paralelas, eu tinha que ficar pedindo atenção para eles. Muitos professores reclamam do comportamento deles. Finalizamos o caderno do aluno 2 e eu comentei que deveriam deixar os cadernos em ordem para eu corrigir na próxima aula.

Retomei as discussões sobre o evento escolhido, escrevi na lousa “Festa” e fui questionando a turma sobre como seria essa festa. A Mick disse que seria

somente para os 9º anos, que seria uma confraternização entre eles, como eles estariam se formando, comentei que havia conversado com os professores, que o 9º ano C iria fazer um interclasses e que os professores sugeriram que fizesse também uma festa no mesmo dia, juntamente com o interclasses, que quem não estivesse jogando ficasse na festa na quadra ao lado, comendo, conversando, se divertindo, dançando, mas a turma reforçou que queriam organizar uma festa somente para os 9º anos e num dia diferente do interclasses, então pedi para que pensassem na data, olhamos no calendário, comentei que o ideal seria em dezembro, depois do SARESP, e seria bom se fosse numa segunda porque eu estou na escola e tenho aula com os 9º anos. Eu comentei que poderia ser dia 5 ou dia 12, disseram que dia 12 não teria mais ninguém na escola, que seria muito tarde, que eles não viriam até o final do calendário escolar, então disseram que teria que ser dia 5. Eu comentei que depois da festa teríamos que fazer a avaliação do evento ainda, e que então poderia ser dia 5, que eu iria verificar com os outros professores sobre a possibilidade de ser nessa data, daí na outra semana, dia 12 faríamos a avaliação do evento. Comentei se queriam que tivesse comida, eles disseram “Claro que sim né” e riram, perguntei sobre música, disseram que sim, comentei que poderiam trazer caixinhas de som, disseram que queriam usar a caixa de som grande da escola, eu disse que quem fosse da comissão técnica teria que se responsabilizar por arrumar o som, os materiais necessários da festa, e então escrevi na lousa sobre as comissões, expliquei sobre as funções e pedi para que a turma toda se organizasse, que se dividissem nas comissões e que todos da sala deveriam ter uma função, e pedi para que escrevessem num papel. A Jhu foi escrevendo, mas não colocou todos os alunos, eu reforcei que todos deveriam participar. Estavam alvoroçados para sair para a quadra, toda hora as meninas ficavam dizendo, “vamos professora, vamos para a quadra”, alguns queriam ensaiar e outros jogar futsal.

Fomos para a quadra, o estagiário ficou com os alunos jogando futsal e eu fiquei conversando um pouco com as meninas sobre as coreografias que estavam ensaiando, dando algumas dicas. Deu o sinal e fomos para o intervalo, a Jhu acabou não entregando o papel das comissões e eu esqueci de cobrar. O intervalo demorou mais do que o usual porque a supervisora estava na escola e conversou conosco no intervalo sobre o Movimento das ocupações escolares, que haviam muitas escolas sendo ocupadas e que a nossa estava na lista das ocupações, juntamente com a gestão da escola, explicaram para os professores que alguns alunos já estavam

comentando e informando que nossa escola seria ocupada, que eles estavam em negociação, e que os professores não deveriam apoiar a ocupação. Quando voltamos do intervalo, fomos para a quadra, já estava quase no final da aula, jogamos um pouco de futsal e logo deu o sinal, voltamos para a sala, me despedi e fui embora.

### **Dia 07/11/16 – Diário 05/SA03/9°D**

Cheguei na sala, haviam muitos alunos para fora, a professora que estava saindo e eu que estava entrando tivemos dificuldades para sair e entrar na sala, tivemos que ficar pedindo licença para passar, cumprimentei os alunos e escrevi a pauta na lousa (chamada, correção dos cadernos do aluno 2, roda de conversa sobre o evento e aula prática – treino para interclasses e ensaio coreografia). Fiz a chamada, faltaram: Rafa (24), Ryan (26), Yasmin (30), Kaique (32). Brinquei com o Gui comentando que estranhei que ele havia faltado na aula anterior, pois ele nunca falta, ele disse que foi ao dentista. Fui pedindo os cadernos dos alunos para correção de acordo com a chamada. Muitos alunos não haviam trazido os cadernos, pedi para que não esquecessem de trazer na próxima aula sem falta.

Comentei que havia esquecido de pegar o papel com os nomes dos grupos (comissões) do evento, a Jhu disse que havia ficado com ela, eu peguei e estavam faltando nomes de alguns alunos da turma, pedi para que terminassem a distribuição dos grupos e me entregassem, dei um tempo para se organizarem e então me entregaram. Discutimos sobre as preparações para o evento, a festa, reforcei o dia e perguntei se haviam conversado com os professores que dão aula nesse dia para informá-los e ver se não haveria problema de ser nesse dia, disseram que ainda não haviam conversado, então pedi para que o fizessem durante esta semana. Expliquei que o grupo responsável pela organização teria que registrar o que já havíamos decidido sobre o evento, que na próxima aula eu iria querer um registro, até poderíamos fazer juntos na aula se preferirem.

Fomos para a quadra onde alguns alunos ensaiaram a coreografia para a apresentação da professora de História e outros treinaram futsal para o interclasses, o estagiário jogou com eles e eu fiquei observando o andamento do jogo e dos ensaios. Deu o sinal, pedi para que fossem no banheiro e tomar água para voltarem para a sala, o Tody chutou a bola de futsal no mato e saiu, quando estavam saindo perguntei sobre a bola para o grupinho do Tody, eles disseram que já haviam colocado

no armário, mas perguntei para o estagiário e ele disse que não haviam devolvido, os alunos do ensaio disseram que estava no mato ainda, que o Tody foi embora e deixou lá, eu o procurei e pedi para que pegasse a bola, por favor, ele retornou para pegar a bola e guardou, eu agradei, e quando retornamos na sala, reforcei que não deveriam esquecer o caderno do aluno na próxima aula, me despedi e fui embora para casa.

**Dia 14/11/16** – Ponto facultativo.

**Dia 21/11/16** – Diário 06/SA03/9ºD

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e escrevi a pauta na lousa (chamada, correção dos cadernos dos alunos, roda de conversa sobre o evento, aula prática). Pedi para que enquanto eu olhasse os cadernos para correção, que arrumassem a sala, as carteiras em círculo. O estagiário de educação física chegou e pediu para eu assinar o documento do estágio dele, eu assinei enquanto ele presenteou os alunos com pirulitos e sentamos em roda. Fiz a chamada, faltaram: Lucas (15), Duda (18), Mayara (20), Ryan (26) e Yasmim (29). Comentaram que a Mayara foi embora porque estava com cólicas e que a Mimi havia ido embora, mas não sabiam pra onde, se tinha mudado de cidade ou de escola, falei que iria verificar depois.

Eu iniciei a roda de conversa retomando as funções dos grupos na festa e perguntei como estava o andamento. Perguntaram sobre a autorização da direção da escola, eu falei que iria conversar sobre isso com a gestão no ATPC e que depois daria o retorno para eles, mas que os professores dos 9º anos já estavam sabendo e que autorizaram, só faltava a direção. Perguntei se tinham mais alguma dúvida, disseram que não, então descemos para a quadra para treinar futsal para o interclasses, na descida a Jhu viu a vice-diretora e me disse que ela estava aí para eu poder falar sobre a festa, eu disse que no intervalo falava com ela. Deu o sinal, fomos para o intervalo.

Eu conversei com a vice-diretora no intervalo sobre a festa com os 9º anos e que era trabalho da minha disciplina, ela autorizou. Na volta do intervalo, comuniquéi a turma sobre a autorização da direção, eles ficaram contentes e já pediram para divulgar nas salas dos 9º anos, eu autorizei, um grupo foi divulgar o evento e eu fiquei na quadra com os alunos que estavam treinando para o interclasses, o estagiário de

E. F. estava jogando com eles também. O grupo da divulgação voltou, perguntei se deu tudo certo, disseram que o 9º A estava fazendo simulado e que não deu para falar com eles, mas que depois que acabassem o simulado eles iriam informar. Conversamos mais um pouco sobre a organização da festa, a Jhu e a Ana comentaram que queriam enfeitar a quadra no dia, eu disse que tudo bem, sobre a comida eu sugeri que cada aluno poderia trazer alguma coisa para contribuir, a Jhu disse que a professora de História havia sugerido de arrecadar um valor em dinheiro de cada aluno e alguém responsável comprar os salgados e trazer no dia, eu falei que talvez alguns alunos não teriam o dinheiro para contribuir, mas que poderiam trazer algo no dia, falei para discutirem com os alunos e ver o que seria o ideal para a turma. Percebi que estavam bem empolgados com a festa. Deu o sinal, pedi para que fossem tomar água e ir no banheiro e voltassem para a sala, me despedi e fui embora.

#### **Dia 28/11/16 – Diário 07/SA03/9ºD**

Cheguei na sala, cumprimentei os alunos e fiz a chamada, faltaram: Ana (1), Gabriel (5), João (12), Duda (18), Mayara (20), Mick (22), Ryan (26), Yasmim (30), Mimi (31) e Kaique (32). A Jhu pediu para passar nas salas dos 9º anos falando sobre a festa do dia 5, tirando dúvidas, explicando melhor, eu deixei e disse para ela voltar logo para fazer a avaliação. Comentei com a Mimi que na aula anterior haviam falado que ela tinha mudado, ela disse que havia ido para São Paulo morar com um parente, que pretendia ficar lá mas que resolveu voltar e terminar o ano na nossa escola. Perguntei se alguém havia trazido o caderno do aluno para eu corrigir, alguns alunos me trouxeram, eu corriji e devolvi. O Kaique chegou e entrou na sala, ele estava fora da sala. O agente de organização escolar e o professor de Matemática vieram na sala e pediram para levar o Kaique, eu autorizei, percebi que ele havia feito algo (depois perguntei e fiquei sabendo que ele havia xingado o professor e o agente, o levaram para a direção).

Conversamos sobre o evento, durante a semana houve divergências nas informações sobre o evento, fiquei sabendo pela professora de História e pela aluna Jhu, que a direção não havia deixado mais fazer no dia 05, que era para fazer na outra semana, e que alguns alunos estavam falando que se alguém não pudesse trazer nada para contribuir não deveria nem vir no dia do evento. Então antes de ir para a sala do 9º ano D, eu já havia conversado com a direção junto com os alunos da

comissão de organização da festa e expliquei que teria que ser no dia 05 porque eu necessitava de mais uma semana para fazer a avaliação e o fechamento de notas, que não era somente uma confraternização, mas que fazia parte de todo um processo de intervenção educacional, então autorizaram manter dia 05. Já passamos falar com a agente de organização escolar para reservar a caixa de som para usar no dia do evento.

Sobre o comportamento, conversei com os alunos e falei que não poderia haver essa fala, de que quem não contribuísse não deveria nem vir, que todos tinham o direito de participar do evento, retomei os temas que havíamos discutido em aula, sobre respeito, interação, convivência, colaboração, etc., e que a função era unir e não separar os alunos, eles entenderam e concordaram. Perguntei se havia mais alguma questão ou se do resto estava tudo bem, disseram que sim.

Escrevi cinco questões na lousa sobre o conteúdo do caderno do aluno 2 do 4º bimestre, referente ao currículo do Estado, e pedi para que quando acabassem de responder me entregassem e que quando todos acabassem poderíamos sair para a quadra. Quando todos entregaram, logo deu o sinal do intervalo. Quando voltamos do intervalo, saímos para a quadra para treinar futsal para o interclasses. Deu o sinal, pedi para que fossem tomar água e ir no banheiro, retornamos para a sala, me despedi e fui embora.

#### **Dia 05/12/16 – Diário 08/SA03/9ºD**

Evento = Festa.

Quando deu o sinal para a aula do 9º D, já estávamos na quadra na festa. Conversei com alguns alunos durante a festa sobre a demora para chamar para iniciar a festa, explicaram que a caixa de som que eles haviam reservado com antecedência estava sendo usada em uma palestra com outras turmas, então pegaram o aparelho de som de mão mais simples para iniciar a festa. Comentei sobre a decoração, elogiei, haviam cadeiras para todos e estava montado uma mesa com as comidas e bebidas, enfeitaram com bexigas e cartazes. O estagiário estava lá e ele comentou que ajudou os alunos com a decoração, carregou a mesa, limparam a quadra, etc. Ficamos à vontade conversando, comendo e bebendo, havia um grupo de alunos que estava no canto, com vergonha, não queriam ir pegar na mesa a comida e bebida, então, às vezes, eu levava para eles alguma coisa, algumas alunas do 9º D também. Uma aluna



de outro 9º ano, não lembro se era o A ou B, que eu não dou aula, é outra professora de educação física, comentou comigo que ajudou o pessoal do 9º D na organização. Comentei que então o evento havia envolvido todos mesmo e rimos. Fiquei feliz que houve essa interação, que repercutiu em outras turmas que eu nem mesmo dava aula. No final da festa, a Jhu do 9º D organizou a atividade “dança das cadeiras” para finalizar a festa. Deu o sinal, alguns alunos não queriam que a festa terminasse, queriam ficar no intervalo lá, mas lembrei que o combinado sobre a festa eram as três primeiras aulas até o intervalo, que tínhamos que cumprir o combinado que foi feito até com a gestão da escola, eles aceitaram. Fomos para o intervalo.

Na volta do intervalo, limpamos e organizamos a quadra e cada turma foi para sua respectiva sala. Quando voltamos para a sala, eu fiz a chamada, Faltaram: Gabriel (5), Gui (18), João (11), João (12), José (13), Lucas (15), Luka (16), Duda (17), Mayara (20), Mick (22), Paula (23), Rafa (24), Ryan (26), Mimi (31) e Kaique (32). Fizemos a avaliação final do evento e de toda a intervenção. Lembramos da função do evento de integração, colaboração. “Deu super certo!” ouvi a Estrela dizer. Perguntei o que eles acharam de trabalhar de uma forma dialogada, a Estrela disse “da hora!”, a Jhu disse “foi legal, foi bem participativo, todo mundo colaborou, barra quase todo mundo ajudou assim a brincar na dança das cadeiras... tem preço? Não tem preço isso, enfim sora, foi muito legal”. Perguntei para eles qual metodologia eles achavam melhor de trabalho, a Jhu disse “trabalhar em equipe”, a Duda disse “em equipe pra gente conversar”, a Jhu disse “comer sora, comer”, perguntei o que teve de positivo, ouvi ao fundo “interagir”. A Estrela pediu para sair para ligar para o pai dela, ela queria ir embora porque não estava se sentindo muito bem, pedi para ela esperar um pouco para terminarmos a avaliação. Perguntei se eles acharam que as aulas contribuíram de alguma forma, a Jhu disse “sim”.

Perguntei sobre as notícias que discutimos nas aulas de Educação Física, se eles iriam ter acesso de outra forma a elas, se iriam chamar a atenção deles, a Jhu disse “não, porque eu acho que esse negócio deveria ser mais aberto, tipo passar na Globo, na Globo acho que deve ter passado, mas em horário de aula, poderia ter passado na Record, que eu acho que é uma das emissoras mais visualizadas hoje em dia, né galera” e os alunos responderam em coro “É”. Em relação ao evento, perguntei se deu tudo certo ou se deixou a desejar, o Gabriel disse “ficou a desejar”, a Jhu disse “ficou bem legal, eu gostei, tava tudo ótimo vai” perguntei o que deu errado, a Jhu disse “tudo, porque quebraram a caixa de som, mentira sora, na verdade

deu tudo certo”. Sobre a caixa de som, quando devolvemos para o agente de organização escolar, ele disse que estava com um pino do cabo quebrado, eu falei que eu tinha um cabo igual em casa e que traria para a escola para substituir o danificado. A Jhu disse que deu tudo certo “tirando que não era quase todo mundo que quis participar das coisas”, “é, o povo respeitou”. Perguntei se o evento cumpriu a função, a Jhu disse “sim, que era reunir todos os nonos anos, um pouco de cada sala ajudou a brincar, comer”, a Estrela disse “que foi uma das melhores tardes”. Perguntei que nota eles dariam, responderam “nota 10, não 9, porque teve alguns alunos que não ajudaram”. Finalizaram comemorando com a frase, a Jhu puxou um coro: “#partiuprimeirão”. Deixei a Estrela sair para ir no banheiro e também ligar para ir embora. Deixei um pendrive meu com a Serena para ela copiar as fotos que a turma tirou do evento, ela disse que depois de copiar ela iria deixar no meu armário na sala dos professores. Agradei por terem vindo, me despedi e fui embora.

#### **Dia 12/12/16 – Diário 09/SA03/9ºD**

Cheguei na sala e não havia nenhum aluno.

## APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa com título provisório de “*Educação pelas mídias à luz da Pedagogia Dialógica de Paulo Freire nas aulas de Educação Física Escolar*”. Justificativa: Nos dias atuais, os diferentes meios de comunicação veiculam inúmeras notícias que permeiam o cotidiano de crianças e adolescentes e, não raro, presenciamos no cotidiano escolar comentários e discussões sobre variadas notícias. Pensando na escola, como um ambiente favorável para estimular discussões sobre esse conteúdo midiático, pensamos numa organização de conteúdos escolares onde se possa partir dessas notícias para estimular uma educação crítica perante elas. Nesse cenário paradoxal, no sentido de favorecer processos de ensino e de aprendizagem significativos e que tenham sentido para os/as educandos/as e suas famílias, bem como, para os demais membros da comunidade escolar, buscamos refletir e fundamentar uma prática pedagógica dialogada nas aulas de educação física tendo como inspiração a Pedagogia Dialógica de Paulo Freire. Objetivo: Desenvolver uma educação crítica partindo das mídias, relatar as experiências de ensinar e de aprender educação física na escola através do uso das mídias, pautadas em uma prática pedagógica dialogada. Metodologia: Esta pesquisa tem, em partes, seu desenrolar nas aulas de Educação Física da Profª Giseli, que é mestrande do Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da FAAC/UNESP/Bauru–SP, sob orientação da Profª Drª Maria da Graça Mello Magnoni. Os registros são sob a forma de fotografias, filmagens e diários de aula. Outras informações: As identificações dos participantes desta pesquisa serão mantidas em sigilo. Explicitamos, ainda, que para a realização deste estudo não se prevê riscos ou desconfortos dos participantes, pretendendo trazer benefícios para a formação de professores/alunos e para o processo educativo escolar. Este Termo de Assentimento é elaborado a partir de texto simples, visando facilitar sua compreensão sobre as atividades desenvolvidas com os alunos para que estes declarem se aceitam ou não participar da presente pesquisa. Utilizaremos para fins educacionais, acadêmicos e de divulgação da pesquisa depoimentos, fotos e filmagens dos participantes envolvidos nesta pesquisa. As imagens e voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final da referida pesquisa, na apresentação audiovisual do mesmo e em publicações e divulgações acadêmicas. Os pesquisadores ficam autorizados a executar a edição das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, outorgando aos pesquisadores o direito de fazer uso dos materiais coletados sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do  
 RG \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, responsável pelo(a) aluno(a)  
 \_\_\_\_\_, autorizo a participação dele(a) na  
 pesquisa descrita acima. Declaro ter recebido as devidas explicações sobre a referida pesquisa e  
 concordo que minha desistência poderá ocorrer em qualquer momento sem que ocorra quaisquer  
 prejuízos. Declaro ainda estar ciente de que a participação é voluntária e que fui devidamente  
 esclarecido(a) quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos através do telefone celular (14)  
 996151130 – Professora Mestranda Giseli Fregolente Patrinhani.

Autorizo,

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do aluno(a)

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do pesquisador(a)